

TEXTOS FILOSOFIA E SAÚDE

1. REPENSANDO O SER E FAZER ENFERMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE.
2. RE-ENCANTANDO A EDUCAÇÃO À LUZ DAS IDÉIAS DE HUMBERTO MATURANA
3. O EU ENTRE O PODER E O ENCONTRO, ENTRE A TÉCNICA E A EMOÇÃO NA ARTE DE CUIDAR DO OUTRO.
4. HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE
5. DILEMAS NO CUIDADO À FAMÍLIA SOB O OLHAR DA FILOSOFIA
6. FISIOTERAPIA, CORPOREIDADE E BIOÉTICA DIANTE DA PELE E DO TOCAR
7. SAÚDE, ENFERMAGEM E CORPO: RESSONÂNCIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.
8. ENVELHECIMENTO HUMANO, CIÊNCIA, CULTURA E ÉTICA
9. CORPOREIDADE E BIOÉTICA: FUNDAMENTOS HUMANOS DA FISIOTERAPIA

ENFERMAGEM – UNIFRA

XI JORNADA INTERNACIONAL DE ENFERMAGEM DA UNIFRA.

TEMA: FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO: REPENSANDO SABERES E INOVANDO PRÁTICAS

PERÍODO: 31.05 – 02.06. 2011

PALESTRA DE ENCERRAMENTO

TEMA: "REPENSANDO O SER E FAZER ENFERMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE".

Data: 02.06.2011.

REPENSANDO O SER E FAZER ENFERMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

Ele (Merleau-Ponty) sabia que o trabalho filosófico não se faz nos fóruns mas na solidão". Palavras de Pontalis in Merleau-Ponty. Filosofia como corpo e existência p.35.

INTRODUÇÃO

O filosofar entende a filosofia, não como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Assim, a filosofia não exercerá função de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates.

As palavras, que anunciam o tema, traçam limites que se assemelham às linhas do horizonte. Cenário que pode provocar reações contraditórias. Para uns pode parecer falta de objetividade e de clareza. São aqueles que pensam dentro os parâmetros da cientificidade, onde todas as premissas da questão devem gozar de objetividade e de univocidade. O seu significado deve ser evidente. Somente assim é possível chegar a uma conclusão final verdadeira. Para outros, entretanto, esta aparente fluidez semântica pode inspirar a imaginação a pensar com liberdade. Pensar com liberdade significa pensar de diferentes maneiras, e admitir que a solução não está numa só resposta. As palavras podem ter diferentes interpretações, os fatos podem oferecer múltiplas compreensões.

Estas observações permitem distinguir dois modelos de construir saberes. Um científico, outro poético. O paradigma científico não necessita apresentações. A escola, em todos os seus graus, está estruturada sobre as práticas e o ensino científicos. A ciência é o único conhecimento que merece credibilidade, e oferece segurança para intervir na realidade, porque ele é a representação objetiva de qualquer objeto ou fato. Esta crença está baseada na adoção de procedimentos corretos de acessá-los, cujo resultado possibilita representá-los idealmente através de conceitos, definições e fórmulas. Conteúdos de ensino/aprendizagem e referências

indispensáveis para aplicação prática. Referente a esta crença, Francisco Varela escreveu: “Nossa tradição ocidental na sua totalidade privilegiou, (obviamente, com algumas variantes), esta idéia que o conhecimento é um espelho da natureza”.¹ Razão pela qual, todos privilegiam os modelos da cientificidade tanto para pensar, tanto para agir. Poucos ousam pensar, menos ainda agir, poeticamente

O paradigma poético, (se assim pode ser chamado), merece uma consideração inicial. O termo poético deve ser entendido no sentido original da tradição grega de “poiesis”, que significa criação, criatividade. Desta maneira o saber preserva a subjetividade, ou a intencionalidade do criador, uma contribuição trazida recentemente à estrutura conceitual daquilo que chamamos de ciências cognitivas.² A rigor, considerando as exigências da cientificidade moderna, todas as ciências humanas podem ser incluídas no paradigma poético. A filosofia, em especial a fenomenologia, certamente, tem lugar cativo na esfera da poética. Heidegger em vários de seus últimos escritos desenvolve reflexões sobre poemas, entre eles merece destaque essa passagem de um poema de Höderlin: “... poeticamente habita o homem...”³ A reflexão heideggeriana gira em torno da idéia central de que o homem vive, atualmente, tecnicamente o mundo, mas é possível vivê-lo poeticamente como propõe o poeta Höderlin. A vivência técnica levou o homem a dominar e explorar o mundo; pela vivência poética o homem comunga da criação.

Para concluir esta introdução, duas palavras sobre a divisão entre ciências exatas ou naturais (Naturwissenschaften), e ciências humanas ou do espírito (Geistwissenschaften). A divisão pertence ao universo epistemológico tendo como base ao processo de produção de conhecimentos, que, por sua vez, atende aos interesses de cada época. Sob o ponto de vista do construtor destes processos não haveria diferença, porque todos eles são obra do ser humano. Novamente, Francisco Varela mostra com muita clareza e autoridade apresenta sua constatação. “Cada época da história da humanidade produz, pelas suas práticas sociais quotidianas e pela sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma parte integrante dessas práticas sociais e as teorias científicas da natureza representam apenas uma dimensão dessa estrutura imaginária”.⁴ Pode-se concluir que o paradigma epistemológico das ciências modernas é resultante da criatividade humana ocidental a partir do século XVII. “É óbvio, conclui Varela, a ciência, sendo uma atividade social, é atravessada por correntes de poder que dão a algumas vozes mais autoridade do que a outras”.⁵

No confronto destes dos tipos de saberes, não resta dúvida que as chamadas ciências humanas, em especial a filosofia, foram relegadas a um segundo plano. Elas não interessam diretamente como base teórica do sistema produtivo, seja em termos econômicos, seja em termos epistemológicos. No primeiro caso elas não visam os bens de mercado. No segundo caso elas não pretendem dar explicações ou apresentar resultados, mas compreender os valores, especialmente éticos, presentes em todo processo de desenvolvimento humano. No que se refere à filosofia fenomenológica e

¹ Varela, F. Connaître: les sciences cognitives tendances et perspectives. P. 92. Título original Cognitive Science. A Cartography of Current Ideas 1988.

² Varela, F. Op. Cit. P.14.

³ Heidegger, M. Essais et Conférences. P.224.

⁴ Varela. F. Op. Cit. P. 9-10..

⁵ Varela, F. Op. Cit. P.12.

hermenêutica, fica claro ao lembrar essas palavras de Heidegger: “O que parece ser aqui uma resposta não é que um sinal que guia o questionamento”.⁶ Esta caminhada fenomenológico-hermenêutica deve tratar, como recomenda Husserl, de descrever a natureza e de identificar os possíveis sentidos que o homem lhe atribui, inclusive os científicos.⁷

Portanto o tema da jornada é de extrema atualidade e representa um desafio, talvez enigma, não tão fácil de decifrar, porque de infinita complexidade. A complexidade uma palavra-chave para designar os esforços na busca de outro paradigma de todas as iniciativas epistemológicas.

O tema desta palestra se torna ainda mais desafiante, pois estabelece o ser e fazer enfermagem, que é uma organização acadêmica e profissionalizante, (o tema central fala em formação profissional do enfermeiro), portanto, num primeiro momento, parece requerer uma fundamentação científica e técnica, em lugar de uma reflexão filosófica, especialmente quando esta é assumida como filosofar, mais que filosofia propriamente dita. O filosofar entende a filosofia, não como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Assim, a filosofia não exercerá função de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates.

O desafio é: **Repensando o ser e o fazer enfermagem na contemporaneidade.**

PELOS CAMINHOS DA HERMENÊUTICA

Na introdução foi dito que as palavras que anunciam o tema desta palestra, oferecem limites de abrangência comparáveis às linhas do horizonte, entretanto elas balizam diferentes possibilidades de descrever a paisagem e identificar o perfil dos personagens sugeridos. A minha tarefa, se bem entendi, deve construir um cenário para que cinco atores, representados pelas palavras-chave, falem para nós e entre si: 1) Repensando; 2) Ser; 3) Fazer; 4) Enfermagem; 5) Contemporaneidade. (Artigos, preposições e conjunções são atores menores, sem serem desconsiderados).

Uma vez conhecidos os atores, é só deixá-los entrar em cena e escutar suas falas. Sim, nos avisa Paul Ricoeur, as palavras falam, antes de serem faladas. Cada uma tem sua voz e a história do acervo de suas significações. E Michel Foucault completa ao afirmar que “antes de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela muito além de qualquer começo. E gostaria me aperceber de que no momento de falar uma voz sem nome me precede desde muito tempo”.⁸ Portanto, a filosofia hermenêutica parte do princípio que as palavras fazem parte de um discurso, um logo discurso, às vezes, com tradição milenar, mas que continuam falando no presente arrastando consigo uma imensa riqueza semântica.

Identificados os atores, e estabelecido o referencial metodológico hermenêutico, falta, apenas, entrar no exercício do diálogo entre as palavras e os

⁶ Heidegger, Martin. *Chemins qui ne mènent nulle part*. Contracapa.

⁷ Husserl, E. *La crise des sciences européennes ET la phénoménologie transcendentale*. P.10-15 e 309.

⁸ Foucault, Michel. *L'Ordre du Discours*. P. 7.

interpretes. Aqui entra em ação, mais ou menos, a subjetividade de cada um. A subjetividade não é arbitrariedade. A subjetividade está enraizada desde a nossa estrutura biológica passando pela formação escolar e acadêmica até o universo cultural ao qual cada falante ou ouvinte pertence. O perfil da subjetividade recebe o desenho original de cada pessoa. Cada sujeito, ser humano, ocupa um lugar social, do qual observa o mundo e anuncia seu discurso.

Neste sentido é bom lembrar que o autor desta reflexão possui uma formação filosófica. A filosofia racionalista predominou no curso de graduação. A opção pessoal foi pela filosofia existencialista. Na pós-graduação, sem abandonar o existencialismo, as pesquisas se concentraram na filosofia da linguagem na perspectiva hermenêutica.

Dito isto como justificção da opção pelo tipo de trabalho e, especialmente, como referência para que cada um possa orientar sua participação no desenvolvimento desta reflexão, chegou o momento de enfrentar o desafio maior, abordar o tema proposto.

Não se pode negar que os termos dos enunciados do tema estabelecem alguns limites de seus horizontes semânticos. A ciência prefere fixar a semântica, unificando-a. A hermenêutica se preocupa com todos os possíveis sentidos da linguagem. Admite a polissemia do discurso.

Portanto, o primeiro passo será buscar na hermenêutica o bilhete, ou o Fio de Ariadne, para ingressar no labirinto da complexidade semântica das palavras e do discurso. Será preciso construir o caminho, talvez, melhor dito fazer a caminhada, já que o caminho dos dicionários não é suficiente.⁹

PRIMEIRO ATOR: REPENSANDO

Para começar duas perguntas: que palavra é repensando? E, o que fala? Todos sabem que repensando é classificado pela gramática como gerúndio do verbo repensar. E o gerúndio é uma das formas nominais de um verbo.¹⁰ E a fala gerúndio anuncia simplesmente um fato, isto é, estar a pensar. Não se pode esquecer que o prefixo 're' traz um componente semântico importante que a tarefa a ser executada por esta reflexão que é repensar o que já foi pensado. Entretanto não seria apenas repensar o que foi pensado, mas, talvez mais importante, como se pensa. Sublinho a distinção entre 'o que' e 'como'.

Antes de prestar atenção ao fenômeno pensar, é importante lembrar que a capacidade de pensar foi colocada como a característica própria do ser humano que o distingue de todos os demais seres vivos. Todos já conhecem a proclamação de René Descartes, "Penso logo existo e Blaise Pascal afirmou que o "homem é um caniço, mas é um caniço pensante."¹¹ Entretanto nenhum se preocupou em explicar que ação é o pensar. Neste sentido é possível relacionar o que diz Edgar Morin referente ao conhecimento: "É impressionante que a educação, que visa transmitir conhecimentos,

⁹ Neste sentido, Martin Heidegger escreveu duas obras > Holzwege (Caminhos da Floresta ou Caminhos que não levam a lugar nenhum), e Der Feldweg (O Camino do Campo - pequeno escrito de sete páginas, 1953)

¹⁰ As outras formas nominais são o infinitivo e o particípio.

¹¹ Descartes, René (159-1650) proclamou: Cogito, ergo sum. E Pascal afirmou: o ser humano é um caniço, mas um caniço pensante.

seja cega quanto ao que é o conhecimento humano, (...) e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer”.¹² Acredito ser correto substituir conhecimento por pensamento e conhecer por pensar. Assim é possível concluir que não há preocupação em fazer pensar o que é pensar.

A tarefa, num primeiro momento, pareceria fácil e simples, pois cada um pensa. Então seria descrever o que acontece ou o que faz quando se pensa. Somos ou não seres pensantes por natureza? Ninguém nega. Freud dedicou seus estudos à atividade de pensar durante o sono. De um lado mostrou que o sono não interrompe o pensar, de outro lado mostrou que o sonho, isto é, o pensamento onírico é portador de sentido. Para isso dedicou sua obra, *Interpretação dos Sonhos*.¹³ Mais recentemente as neurociências, em especial a neurolinguística, conseguiram localizar e descrever a base neuronal do fenômeno de pensar.

Entretanto, é comum afirmar que, em certos momentos, as pessoas agem ou falam sem pensar¹⁴. É, também, crença corrente que as crianças não pensam. Ou a afirmação, quem pensa não casa. Aparentemente haveria contradição entre essas afirmações e o fato comprovado de que o pensar é uma ação contínua, assim como respirar. Uma reflexão pode nos mostrar que afirmar que se age ou fala sem pensar nos aponta para o reconhecimento que há pensares, como há saberes. Em resumo, é possível pensar de diferentes maneiras. Em princípio, pensar pode simplesmente significar, criar idéias, identificar sentidos. Num segundo momento pensar seria pensar obedecendo a determinados modelos de articulação das idéias ou de expressão dos sentidos.

Tratar da questão do pensar sem lembrar Heidegger (1883-1976), para quem estuda a filosofia da linguagem, seria uma exclusão grave. Heidegger, em diversas obras, a principal é *Was Heisst Denken*,¹⁵ reflete sobre a questão: “O que é designado pela palavra pensar?”. A tradução literal seria: o que chama pensar. O verbo *heissen* significa chamar como em *Wie heisst du? Como você se chama?* Na indagação de Heidegger a palavra chave é *Was*, o que.

Esse “o que” não se refere ao objeto do pensar, mas aquilo que revela o ato de pensar. Digamos sua estrutura, seu mecanismo e dinamismo.

O tema desta palestra estabelece o pensar, aquele que construiu e desenhou o ser e fazer enfermagem. Sem a resposta de Heidegger, resta a questão de “como” pensar. Ou estaria a priori determinado? Esse “como” pensar é fundamental para ordenar um modo de pensar que pode ser aceito ou não. A esse respeito parece não haver dúvida que o pensar universalmente válido é o pensar científico inspirado na

¹² Morin, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro*. P.13-14.

¹³ A crença, mantida na antiguidade, de que os sonhos eram enviados pelos deuses a fim de ordenar as ações dos homens, constitui ainda hoje uma convicção forte entre diferentes camadas sociais. É a partir de Freud que o sonho se torna objeto de pesquisa científica. Ele inaugura um novo método de interpretação psicanalítica em seu livro, *O significado dos Sonhos*.

¹⁴ É importante lembrar que criamos em nós estruturas de pensar e conjuntos de idéias que nos acompanham como a sombra. A qualquer momento podem se manifestar. São os automatismos verbais.

¹⁵ *Was heisst Denken?* contém o texto de dois cursos, de uma hora semanal cada um, ministrados por Heidegger na Universidade de Fribourg-em-Brisgau no semestre de inverno de 1951 e no semestre de verão de 1952. A tradução francesa é *Qu'Appelle-t-on penser?* Em *Vorträge und Aufsätze* (Trad. francesa, *Essais et Conférences*. Cap. *Que Veut Dire "Penser"?* p. 151-169 e *Batir Habiter Penser* p.170-193. E em *Kierkegaard vivant. La fin de la philosophie et la tache de la pensée*. P.167-204.

lógica matemática ou, no mínimo, na lógica racional. A primeira visa medir e quantificar, a segunda se contenta em estabelecer relações de causalidade entre causa e efeito.

Para exemplificar vejamos uma narrativa pela ótica de dois tipos de lógica. A história resumida é assim: Um menino Azande tropeçou num pequeno toco que estava no caminho. O corte no dedo incomodava e doía, além disso, era difícil de manter limpo, e inflamou. O menino afirmou que fora efeito de feitiçaria. O antropólogo tentou convencê-lo que fora devido a sua distração. Ele concordou que o fato de o toco estar no caminho não era efeito de feitiçaria, mas ele tropeçara por estar enfeitado. E mais, um corte deste tipo não demoraria sarar. Se ele ficou aberto e inflamou foi porque haveria feitiçaria por atrás de tudo¹⁶. O princípio desta lógica é a feitiçaria. Não serve, nem para a lógica formal, nem para a lógica científica.

É preciso retomar o caminho traçado pelo tema que nos propõe repensar o pensar que construiu o ser e o fazer enfermagem. Duas perguntas. Primeira, esse pensar a ser repensado, como foi construído? Tomando por base a organização dos cursos universitários e profissionalizantes, o ser e o fazer enfermagem foram pensados cientificamente. Segunda, o repensar, necessariamente, deverá ser científico também?

A resposta pode ser dada a partir do tema geral desta Jornada que propõe repensar saberes. Portanto admite que há saberes, e, se há saberes deverá haver concomitantemente pensares. O que leva a admitir a possibilidade de haver saberes e pensares não científicos, válidos para redesenhar o ser e o fazer enfermagem.

SEGUNDO ATOR, O SER

A questão do Ser é o grande enigma surgido na Grécia como a palavra chave para enquadrar todas as coisas. Tudo o que pode ser nomeado, pensado ou percebido é ser. O ser seria um conceito universal a partir do qual se pode falar de todos os seres (entes). A questão do ser é o princípio primordial metafísico de todo pensamento ocidental, filosofia e ciências.

Com o surgimento da filosofia moderna, a partir de Descartes, os filósofos deixaram em segundo plano a questão do ser e se dedicaram às questões epistemológicas. As correntes existencialistas, desde o início do século, voltaram à questão do ser com outro enfoque. Um enfoque antropológico. A figura central desta volta ao passado grego é Martin Heidegger com sua obra, *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, mas com a novidade de que o Ser se revela na linguagem (logos), - a palavra é a casa do ser -, e a linguagem, (logos), é a condição existencial do ser humano (Dasein).¹⁷

As questões lingüísticas da palavra ser são tratadas por Heidegger no livro, *Einführung in die Metaphysik (Introdução à Metafísica)*, especialmente no capítulo, *Sobre a gramática e a etimologia da palavra "ser"* que pode ser resumido nos seguintes pontos. Ser, que palavra é ser? Começando pela gramática, é verbo ou é substantivo? Se for verbo, ser se manifesta no tempo. Se for substantivo, ser é algo que goza de realidade permanente. Como substantivo, o ser, simplesmente, é. Como o verbo o ser

¹⁶ Pritchard, E.Evans. Apud Alves R. Filosofia da Ciência p. 17.

¹⁷ Ao lado de Heidegger podem ser colocados Jean-Paul Sartre com a obra *L'Être et le Neant*, e Gabriel Marcel com a obra *Le Mystère de l'Être*,

se manifesta em situações diferentes. Etimologicamente, na língua alemã, possui três radicais¹⁸. Na língua portuguesa o verbo ser tem duas raízes, Uma, a raiz sânscrita asus, que aparece no infinitivo, ser, e em todas as formações verbais, como sou ... somos; era ... éramos, etc.. significa a vida, o vivente, o que subsiste por si. A outra raiz indo-européia bhü, beu (bê), passa pelo grego fûo que aparece nas formações como fui, fomos, for, etc.. significa o que desabrocha, o que permanece. (demorar-se).

Para Heidegger, ser é verbo. Ele designa o que se manifesta, o que é visível, o que apresenta. As manifestações do ser (verbo) são todos os seres, que em latim são os entes, (dito em português seriam os sendos). Cada ente tem seu modo de ser. O modo de ser do ser humano é Dasein. (Ser-aí)¹⁹. O foco deve ser dirigido ao advérbio DA, (Aí). Significa estar situado, estar presente. Que se manifesta como preocupação, cuidado, (Sorge)²⁰.

Estas observações devem possibilitar uma maneira de repensar o modo de ser do ser que se chama enfermagem. Se todos os seres, de um lado, têm seu próprio modo de ser, entretanto, de outro lado, nem todos os seres pertencem à mesma categoria. – É preciso levar em consideração que no anúncio do tema o termo ser é precedido pelo artigo definido, “o” – De qualquer maneira todo ser é sempre uma organização. Para simplificar e resumir a questão, nada melhor do que recorrer à Humberto Maturana ao distinguir entre sistemas auto-referidas e sistemas alo-referidos, que mais adiante será retomado.

Agora, para completar a hermenêutica das palavras do tema, será preciso escutar os outros atores.

TERCEIRO ATOR, FAZER

Desde as origens do pensamento racional proclamou-se o princípio de que toda a ação é decorrente do modo de ser de cada ser (ente). Os gregos expressaram esse princípio afirmando que cada ser age segundo a sua natureza. Os medievais resumiram esta tese em três palavras: Agitur sequitur esse, isto é, o agir segue o ser. O importante era definir o ser, a essência, de todas as coisas para identificar o seu comportamento ou descobrir a vocação divina.

Entre o declínio da Medievalidade e o surgimento da modernidade, especialmente com as mudanças sociais e econômicas comandadas pelo surgimento das corporações de ofícios,²¹ forma-se a teoria de que “en forgeant on devient forgeron”, tradução da expressão latina “fabricando fit faber”, que, traduzidas para

¹⁸ A raiz mais antiga vem do sânscrito, asus que significa a vida, o vivente . O que subsiste por si.

A segunda raiz é indo-européia é bhü ou beu (bê) ligada ao grego fûo que significa desabrochar, tornar-se visível, presente.

A terceira raiz, que aparece só na flexão do verbo alemão, é wea, do sânscrito. Significa habitar, permanecer.

¹⁹ Na tradução brasileira de Sein und Zeit, Dasein é traduzido por presença.

²⁰ Sorge (cuidado – souci), besorge (preocupação préoccupation), fürsorge (assistência – assistance). Ver em L’être et le temps. Notas p. 121 e texto p.153 assistência.

²¹ As corporações de Ofícios surgiram a partir do século XII para regulamentar o novo processo de produção que, fugindo do controle dos senhores feudais, davam origem à nova classe social dos artesãos, trabalhadores livres e autônomos.

todos nós, significam: batendo o ferro é que se fica ferreiro. A grande mudança se reflete nas convicções de que a “experiência é a mãe da ciência” e, portanto, “a prática é a mestra de todas as coisas”. Fica, assim, inaugurada a idéia de que cada pessoa constrói a si mesma pela sua ação, e não pela herança que vem do berço ou dos desígnios divinos.

A modernidade, sem negar esses princípios, preferiu dedicar-se a garantir que na base de todo o agir está o conhecimento. Em outras palavras toda prática deve estar fundada na teoria. Cada um é o resultado do que faz. A partir deste momento o que importa é adquirir conhecimentos para assegurar o direito de desenvolver determinadas práticas. Por isso precisamos repensar saberes. Michel Foucault em sua aula inaugural no Colégio de França, A ordem do Discurso, trata com muita clareza essa distribuição de conhecimentos específicos que autoriza o seu portador de fazer um determinado discurso e exercer determinadas tarefas²². A isto, Foucault denomina de procedimentos de exclusão, mas, de outro ângulo, poderiam ser procedimentos de inclusão.

Um ponto é inquestionável, ser e fazer andam juntos, seja o ser, enquanto dotado de natureza, seja o ser, enquanto dotado de conhecimentos, possuem em si mesmos a capacidade de agir. Ser e fazer possuem a mesma identidade.

Uma observação necessária, que poderia, talvez, deveria ter sido feita anteriormente, chama atenção sobre o artigo definido, “o”, que precede o termo “ser”, mas não o termo “fazer”. Todos sabem que uma das funções do artigo definido é substantivar o modo infinitivo dos verbos. Portanto ser deve ser tratado como substantivo, mas fazer seria verbo.

Por fim, volto a relacionar o tema desta conferência com o tema da Jornada, título, também, da conferência de abertura, pela utilização da expressão, repensando. Enquanto nesta palestra repensando se refere ao ser e ao fazer, no tema geral se refere apenas aos saberes e, para as práticas, fala em inovando. A palavra é derivada do termo latino innovatio, e se refere a uma idéia, método ou objeto que é criado e que pouco se parece com padrões anteriores. Portanto é muito mais que repensar.

QUARTO ATOR, ENFERMAGEM

Pretender falar de enfermagem para quem faz, pensa e vive enfermagem, é extrema ousadia, por isso, a solução é continuar pelo caminho hermenêutico, ainda que muito resumido, talvez, superficial. Quando usamos a palavra enfermagem, já estamos afirmando seu ser e seu fazer. Basta identificar o que ela significa. Enfermagem faz parte de um conjunto de palavras, enfermo, enfermidade, enfermeira/o e enfermaria que podem nos levar ao caminho do ser e do fazer enfermagem.

A raiz deste conjunto de palavras é o termo latino infirmus, mas não necessariamente significam a mesma coisa.. Infirmus, é o resultou da fusão do prefixo in (negação) + firmus, firme, robusto, saudável. Denota, portanto, debilidade, fraqueza, perda de forças. Enfermidade, em princípio, não caracteriza doença –

²² Foucault, Michel. L'ordre du discours.

sentido mais freqüente entre nós – mas enfraquecimento. Doença tem outra raiz, também latina, *dolen, dolentia*, que aponta uma perturbação em que há dor.

Falar em enfermagem significa tratar de uma face da história da evolução da vida humana, a face em que a vida encontra as adversidades a enfrentar. No código genético dos seres vivos estão inscritas todas as suas possibilidades e limitações. Falta saber qual o lugar da enfermagem no interior do desenvolvimento da engenharia genética de cada pessoa.

Os procedimentos, traçados pela fenomenologia e pela hermenêutica, recomendam que o fio condutor para repensar o que já foi pensando, no presente caso, o ser e o fazer enfermagem, está na história. Trata-se da simples aplicação da tese de Husserl, *zurück zu den Sache selbst*, (a volta à coisa mesma). Um dos procedimentos está na etimologia das palavras, o que nos levaria a recuperar a diversidade da nossa herança lingüística, a começar pela grecolatina. Acima foi dada uma pequena amostra. Mas não se pode esquecer os diferentes saberes, as crenças e as instâncias culturais de cada povo e de cada época.

Neste sentido, apenas para provocar alguma curiosidade, quero lembrar a polivalente americana Barbara G. Walker²³, que escreveu sobre religião, antropologia, espiritualidade e mitologia, quando afirma que o conhecimento mítico-religioso era do domínio exclusivo das mulheres. A elas cabia toda assistência à vida humana. Os homens estavam excluídos. Lentamente, para poder entrar no domínio dos poderes e saberes femininos, precisavam vestir-se como as mulheres.

Para completar, mais como surpresa minha, não podia deixar de citar duas figuras importantes e impressionantes da história contemporânea da enfermagem. Todos já sabem. Trata-se, em nível mundial, Florence Nithingale; e, entre nós, Ana Néri, reconhecida como a pioneira da enfermagem no Brasil²⁴. Ambas constroem um ser e um fazer enfermagem, não propriamente sobre enfermos, mas sobre os mutilados da guerra, num ambiente longe das enfermarias e hospitais convencionais. Pergunto: esse fato tem alguma importância para definir o perfil da enfermagem atual, já que Florence e Ana se tornaram o marco inicial de um projeto modelar para construir a enfermagem moderna?

QUINTO ATOR, CONTEMPORANEIDADE

Quanto ao tempo a tarefa de repensar está circunscrita à nossa época. Sempre que propõe repensar alguma atividade humana, fica evidente que é para atender a situações que não são atendidas pelos saberes e práticas ou pelo ser e fazer que definem a enfermagem vigente.

²³ Barbara G. Walker (1930 - ...) faz parte dos estudiosos que, saindo dos gabinetes fechados de antropologia a exemplo de Levi Straus, se voltaram para as sociedades primitivas a fim de identificar as raízes do desenvolvimento humano, onde ela descreve com muita precisão o papel das mulheres enquanto administradoras dos saberes mítico-sagrados para conduzir a vida humana, o que mostra a importância da presença feminina.

²⁴ Florence Nithingale (1820 – 1910), enfermeira britânica, que fez carreira na Itália a partir, especialmente, do pioneiro e modelar trabalho junto aos feridos na guerra da Criméia. Entre nós, esse trabalho pioneiro, foi realizado pela enfermeira bahiana, Ana Justina Ferreiro (Ana Néri) 1814-1880 na guerra do Paraguai. Todos conhecem sua história, tornada a referência maior de qualquer iniciativa de repensar a enfermagem.

O termo contemporaneidade, no meu entender, abrange uma época, por isso pode ser substituído pelo termo atualidade. Atual designa algo presente, o que está em ato. Que acontece no momento em que se fala. A língua italiana tem expressões muito significativas e originais por referir-se ao dia, e não ao tempo geral: *aggiornarsi* ou *aggiornamento*, palavras mais concordes com o gerúndio, o que está em ação no presente, neste instante, agora..

CONSTITUTIVOS VIGENTES DE SER E DE FAZER ENFERMAGEM

1. Uma observação inicial

O ser e o fazer não podem ser tratados separadamente sem incorrer num dualismo impróprio, senão perverso. Ser não precede o fazer. Também, o fazer não gera o ser. É comum se pensar que o fazer é resultante do ser na perspectiva da causalidade linear. Ser e fazer, desde que surgiu a dialética e, posteriormente, com as correntes existencialistas, que recusam os dualismos, são percebidos numa relação circular em que o ser é ser enquanto é fazer, e o fazer é fazer enquanto é ser. No passado foi entendido como círculo vicioso, a partir de Heidegger, foi assumido como círculo hermenêutico. A separação entre teoria e prática é muito recente. Coube aos gregos inaugurar a distinção entre *technê* e *episthêmê*.²⁵

Francisco Varela, citando M. Heidegger, M. Merleau-Ponty e M. Foucault, afirma que “esses pensadores se preocupam do fenômeno da interpretação inteira, em seu sentido circular da ligação entre ação e saber. (...) Nós nos referimos a esta circularidade total de ação/interpretação pelo termo fazer-emergir”.²⁶

2. Duas perguntas. Quem começou a enfermagem? E, como começou?

A resposta parece óbvia, foi a vida que começou a enfermagem. E a enfermagem começou como um constitutivo da própria vida. O manual de desenvolvimento da vida está inscrito como mensagem no código genético, os mensageiros são os neurônios, cada um teria a capacidade de fazer vinte mil contatos e receber outros tantos.²⁷ Cabe aos genes controlar todo o organismo assim eles comandam o desenvolvimento do ser vivo, nele embutido o sistema imunológico, modelo original de medicina e de enfermagem.

Acredito que aqui, no fenômeno da vida ou, simplesmente, no fenômeno vivo estão as raízes de legitimação de toda atividade humana. Quando a bioética for assumida na sua plenitude, certamente, teremos encontrado a referência primordial dos fundamentos de qualquer intervenção nos organismos vivos em todos os seres vivos.

²⁵ Ver Heidegger, *la question de la technique* in *Essais et Conférences* p.9-48

²⁶ Varela, F. Op. Cit. P. 92.

²⁷ Segundo os biólogos teríamos 86 bilhões de neurônios, mas há cientistas que possam ser 100 bilhões.

3. Enfermeiro – Enfermagem – Enfermidade – Enfermo

Para continuar a tarefa de repensar é preciso sublinhar que a enfermagem deixou de ser uma manifestação espontânea e natural da vida para tornar-se uma instituição planejada a partir de outras instâncias, embora a vida continue sendo o objeto de referência. Historiar essas diferentes fases de ordenação das atividades enfermeiras seria demasiadamente longo e cansativo, embora muito ilustrativo.

O ponto de partida da presente reflexão para identificar os constitutivos da enfermagem é a modernidade, quando o saber científico se torna a referência primeira para definir o profissional, o enfermo, a enfermidade e a institucionalização da enfermagem.

Afirmar que o ser humano é o centro da enfermagem não passa de uma proclamação do óbvio. Então, o primeiro alvo de repensar o ser e o fazer da enfermagem deve ser, obrigatoriamente, o ser humano. E aqui será preciso recorrer, novamente, a Heidegger. Tal recorrência se deve, em primeiro lugar, porque a primeira enfermeira a me procurar solicitando ajuda, veio trazendo a filosofia heideggeriana colada ao tema de sua tese de doutorado²⁸. Posteriormente Heidegger inspirou outras teses e dissertações. Em segundo lugar, porque Heidegger tirou o ser humano das nuvens da metafísica para concretude do tempo e do espaço presentes, isto é, do agora e do aqui. Fenômeno que ele designou pelo termo Dasein, como já foi dito.

Entre os quatro constitutivos da enfermagem, estão presentes dois seres humanos, o enfermeiro e o enfermo. Para filosofia metafísica ambos são um só, porque ambos tem a mesma essência, cuja realidade está representada no conceito homem. Talvez, essa unificação seja aceita pelas ciências no mapeamento do genoma humano. Segundo Heidegger e as correntes existencialistas, estamos diante de dois seres humanos com diferenças irreduzíveis.

É preciso retomar o termo Dasein, ser-ai. E o elemento principal é o advérbio aí (da). Aí nos revela a especificidade de cada um, (enfermeiro e enfermo). O aí é a presença da totalidade de cada um constituída pela biografia (história individual), que não significa isolada. A escrita desta história, conforme nos ensina Heidegger, começa com o nascimento e se encerra com a morte.

Dito isto, certamente, ninguém vai concluir que esses dois indivíduos são iguais. Ao contrário são desiguais ou diferentes. Essas diferenças estão manifestas diante de nossos olhos. É só prestar atenção, não apenas na horizontalidade, mas na verticalidade também, porque as atitudes humanas individuais manifestam a totalidade do agente. É preciso parar aqui, o tempo não permite ir adiante. O importante é que esta compreensão nos possibilite avançar na tarefa de repensar.

Essas diferenças, constatadas desde os primórdios da humanidade, começaram criar dificuldades para estabelecer ordens sociais, e, mais ainda, quando se procurou organizar a capacidade de pensar e de conhecer. Diante das dificuldades de garantir o controle sobre as diversidades o caminho mais fácil foi investir no processo de homogeneização. A realidade externa em nada contribuía para este projeto. O recurso foi construir uma ordem lógica imaginária que proporcionasse o enquadramento de toda a realidade. Novamente aí estão os gregos, com o saber conceitual. Todo

²⁸ Refiro-me à Dra. Ymiracy Pollack, professora da Universidade Federal do Paraná, no momento cursando o doutorado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

conceito é uma representação mental da realidade. O conceito homem abrange toda espécie humana.

4. O pensamento racional

Dando um salto para a modernidade, encontramos as ciências empíricas no exercício de uma lógica matemática enquadrando todos os fenômenos. Evidentemente, respeitando as categorias de fenômenos. A compreensão homogeneizante seria uma questão de tempo, somente ela possibilitaria o controle e funcionalidade das organizações. Assim, a ciência deu mais um passo no processo da homogeneização.

Para melhor compreender tomemos os conceitos como exemplos. O conceito, homem, reúne a totalidade dos humanos. O conceito, aluno, refere-se a todos que estudam numa classe ou numa escola. Pela palavra homem ou aluno, todos passam a pertencer ao respectivo grupo indistintamente.

A homogeneização científica é mais funcional porque ela atribui uma identidade e uma funcionalidade. No caso da enfermagem, a aplicação é simples. As ciências estabelecem quais são os conhecimentos que constituem o ser, chamado enfermagem. A pessoa que se apropria deste conjunto de conhecimentos se torna um profissional da enfermagem, chamado enfermeiro. O indivíduo afetado por perturbações ou desequilíbrios vitais, identificados pelas ciências, é chamado de enfermo. As ciências, diante destes fatos, fundam um conjunto de procedimentos a que vão chamar de enfermagem

O modo de ser do ser enfermagem é científico. – Estou evitando usar a preposição de, como o ser da enfermagem, que indica posse, pois a enfermagem não possui um ser, ela é ser. – Ser científico, expresso nas fórmulas, substitui o ser metafísico, expresso nos conceitos. Ser científico é a garantia de ser, ser, isto é, de ser reconhecido, de fazer parte da verdade. Cada um se reconhece nas representações científicas.

A filosofia racional-metafísica se valeu do rótulo do conceito para enquadrar toda a realidade. A ciência moderna construiu com números e medidas o novo processo de rotulagem. Hoje cada um é o que as ciências dizem que é. Tudo é pensado cientificamente.

5. A cientificidade

Entre tantos aspectos a serem repensados, certamente, o primeiro é o de saber se o paradigma da cientificidade pode ser repensado. A questão, aqui lembrada, na verdade, tem a função de provocar o debate, pois já faz parte das preocupações de um número, cada vez maior, de intelectuais de todas as áreas do saber.

Husserl pode ser aceito como o vanguardeiro deste desconforto da humanidade européia e ocidental diante do avassalador poder das ciências e da sua parceira a técnica. O melhor é repercutir suas palavras. “A maneira exclusiva cuja visão global do Mundo que é aquela do homem moderno se deixou, na segunda metade do século XIX, determinar e cegar pelas ciências positivas e pela “prosperity” que lhe devíamos. (...) Na aflição de nossa vida – o que se ouve em toda parte – esta ciência não tem nada a nos dizer. As questões que ela exclui por princípio são precisamente as

questões que são as mais ardentes à nossa época infeliz para uma humanidade abandonada às reviravoltas do destino: são as questões que levam ao sentido ou à ausência de sentido de toda a existência humana”. E continua: “A simples ciências dos corpos manifestamente nada tem a nos dizer, pois ela faz abstração de tudo o que é subjetivo. (...) A cientificidade rigorosa exige do pesquisador que coloque escrupulosamente fora-do-circuito (*hors-circuit*) toda tomada de posição axiológica, toda questão sobre a razão e demência (*déraison*) da humanidade e das formas de cultura desta humanidade”. E termina com essa pergunta: Podemos nós viver neste mundo cujo evento histórico nada é mais do que um encadeamento incessante de impulsos históricos e de amargas decepções?”.²⁹

Sobre a primeira parte, que trata do homem moderno determinado e cegado pela ciência, muito se poderia falar. Basta lembrar alguns autores mais familiares entre nós como Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos,³⁰ Humberto Maturana, Francisco Varela, Hilton Japiassu, Bruno Latour, John Horgan e tantos outros, para perceber o quanto o humano do ser humano foi reduzido e empobrecido pelos estreitos parâmetros da objetividade científica. Entretanto, quero sublinhar a parte final da citação de Husserl no ponto em que reafirma a importância da historicidade. Cada um tem, talvez, melhor dito é a sua história sob todos os aspectos, biológico, familiar, social, cultural, moral, religioso e o que mais se possa referir.

Portanto, se as ciências excluem tudo isto, conclui-se que o enfermeiro é muito mais que uma construção científica, que o enfermo não pode ser reduzido aos resultados das análises científicas e que a enfermagem devem ultrapassar o isolamento científico e a funcionalidade tecnológica.

A propósito, é bom lembrar o livro *Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do Humano*, de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöllner³¹, porque mostra o quanto podem significar as dissertações e teses, já apresentadas em Programas de Pós-Graduação, sobre o espaço da sensibilidade na formação do profissional enfermeiro, e sobre a terapia do lúdico, embora com a resistência dos defensores da objetividade científica.

É bom lembrar que o lúdico não é sinônimo de prazer e diversão. A ludicidade, no seu sentido original, significa a capacidade e a liberdade de criar, de imaginar mundos. Aqui está o grande mérito do brincar para o desenvolvimento das crianças, responsável pela criação de sinapses. Brincar é uma atividade muito próxima ao pensar, ambos podem ser feitos e refeitos a qualquer momento.

Uma obra de Eugen Fink, pouco conhecida, intitulada *Spiel alls Weltsymbol* (jogo como símbolo do mundo), começa por defender que o jogo (brinquedo) faz parte das questões filosóficas, mostrando que é das possibilidades primordiais do ser humano. Ele chega a imaginar que o Criador do Universo poderia ter agido como um

²⁹ Husserl Edmond. *La crise des sciences européennes ET la phénoménologie transcendental*. P. 10-11

³⁰ Uma obra que mereceria ser lida com atenção é *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente – ‘Um ‘Discurso sobre as ciências’ revisitado*, escrito por mais de três dezenas de autores com a organização de Boaventura de Sousa Santos.

³¹ Maturana, H. *Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do humano*. E no mesmo volume, *O Brincar na Relação Materno-Infantil – Fundamentos biológicos da consciência de si mesmo e da consciência social*

brincador,³² contrariando tanto o que se pesou no tempo das forças mágico-religiosas, em que o criador tinha o poder de transformar suas palavras em realidade, tanto os cientistas modernos que preferiram acreditar num criador com infinitos saberes matemáticos e físicos. Recentemente o astrofísico Stephen Hawking declarou que o universo não necessita de um criador, as leis da física são responsáveis por tudo o que existe.³³

Após essas breves observações sobre os questionamentos dos estudiosos da ciência, fica claro que o repensar não pode resumir-se ao privilegiamento dado às ciências, mas também ao paradigma do seu modo de conhecer, como bem lembrou Edgar Morin.

Em resumo a cientificidade moderna tem seus grandes méritos, que não podem ser menosprezados, mas tem seus limites. Possui também uma metodologia confiável

Outro ponto que deve ser considerado é que pensar ou repensar o ser e fazer enfermagem não pode ser isolado do contexto das ciências e das instituições, especialmente, da área da saúde.

FONTES DE INSPIRAÇÃO PARA REPENSAR O SER E FAZER ENFERMAGEM

Não se trata de produzir receituários ou fórmulas do ser e do fazer enfermagem, mas apenas apontar as possíveis fontes de inspiração que levem a pensar e repensar o ser e o fazer enfermagem.

1. A vida

Para começar, uma ousadia, parodiar a famosa frase de Husserl, Zurück zu den Sache selbst, para Zurück zu den Leben selbst. Volta à coisa mesma para volta à vida mesma. Voltar à vida mesma, ou à própria vida, significa entrar no mundo da vida (Lebenswelt). Há muito tempo optamos para trazer a vida para o mundo da física e para modelos lógicos racionais e matemáticos.

Parece estranho, mas a vida não é a fonte exemplar primeira das epistemologias racionais para compreender o universo e o ser humano. A vida, enquanto organização, continua uma instância ainda não explicada. A pergunta, o que é a vida?, continua sem uma resposta convincente³⁴. Desde Galileu Galilei e Newton a física foi erigida em ciência modelar de todas as ciências. A vida passa a ser tratada como um fato físico. Dizer que o ser vivo é uma organização autopoiética, como nos diz Maturana, é apenas uma maneira de compreender sua estrutura autônoma de desenvolvimento, mas não revela como funciona. As lógicas inventadas até agora, mais que explicar, são afrontas ao dinamismo da vida. As nossas lógicas são

³² Fink, Eugen. (1905-1975) Spiel alls Westsymbol, filósofo alemão, foi discípulo de Husserl e teve Heidegger como orientador de sua tese sobre a questão do ser.

³³ Hawking, Stephen (1942) é astrofísico, um dos cientistas mais importante da nossa época.

³⁴ A pergunta, O que é a vida, é o título de uma obra de Erwin Schrödinger (889-1961), físico austríaco e prêmio Nobel de física de 1933. O professor José Luís Soares (1934) escreveu um livro com o título O Rastro da Vida – Uma pequena história de bilhões de anos. É, como diz o título, uma narrativa do rastro da vida na linha do Evolucionismo. Infelizmente, a resposta do que é a vida não foi apresentada.

dominadoras e controladoras que sustentam pelos sucessos parciais, obtidos neste sentido. Constantemente os fatos mostram que a vida continua resistindo e fugindo das armadilhas das nossas ciências. Falta descobrir a maneira de ler o livro da vida.

Grégory Bateson, em resposta às críticas recebidas pelo tipo de silogismo não aceitável³⁵, que usava para falar da Teoria da Organização do fenômeno biológico, disse: “A vida, provavelmente, nem sempre estará interessada em saber o que é logicamente aceitável. Eu ficaria realmente surpreso se ela estivesse”³⁶. De alguma maneira William Irwin Thompson reforça a tese de Bateson ao declarar: “Na minha opinião, o princípio fundamental que emana desta nova maneira de pensar é que os organismos vivos expressam uma dinâmica, na qual os opostos são inerentes e a oposição é essencial”.³⁷ A mesma preocupação, talvez, pode ser deduzida da atitude de Vesale no século XVI ao querer fazer anatomia em um corpo vivo, pois dizia que na anatomia em cadáveres, falta o principal, a vida³⁸.

Por fim, seria injusto não lembrar Henri Atlan pela defesa da idéia do Sagrado. Conceito que, segundo ele, nada tem a ver com o religioso ou o teológico das religiões, mas com uma dimensão que ultrapassa os nossos modelos de observar o universo. Algumas de suas posições instigantes podem ser percebidas nestas afirmações: “Os tanques servem para lavar roupas, as velas iluminam e os feiticeiros curam, talvez, na mesma proporção que as máquinas de lavar, a luz elétrica e a medicina moderna respectivamente”.³⁹ Atlan propõe o pensamento talmúdico para a análise de questões de ética, de biologia ou de medicina, cuja especificidade é um certo uso do método casuístico.⁴⁰ Nesta toada pode ser colocada obra, O Acaso e a Necessidade de Jacques Monod. “O lógico poderia advertir o biologista de que seus esforços para ‘compreender’ o funcionamento total do cérebro humano estão destinados ao fracasso, pois nenhum sistema lógico seria capaz de descrever integralmente sua estrutura”.⁴¹ Para ele o surgimento da vida, do ser humano e da linguagem simbólica são acontecimentos únicos e beiram ao milagre, dado que considerando as probabilidades a priori se avizinham do zero.

2. A condição humana

Pensar ou repensar o ser e fazer enfermagem, ou qualquer empreendimento humano, o ponto de partida deverá ser o ser humano. Qual é a identidade do ser humano? A resposta, segundo Edgar Morin, deve levar em conta a condição humana que é, a um só tempo, física, biológica, psíquica, cultural, social e histórica, numa

³⁵ O tipo de silogismo, constante da lógica aristotélica, adotado por Bateson está assim expresso: A planta umorre. Os homens morrem. Os homens são plantas,

³⁶ Bateson Gregory, Os Homens são como a Planta. In Gaya – Uma Teoria do Conhecimento p. 42.

³⁷ Thompson, William Irwing, As Implicações Culturais da Nova Biologia. In Gaya – Uma Teoria do Conhecimento p.25. Ele contribuiu para a Programação neurolinguística (PNL).

³⁸ André Vesale (em latim Andreas Vesalius, nome original André Wytinck) (1514 – 1564) foi médico e anatomista, autor a importante obra sobre anatomia, De humanis corporis fabrica (Sobre o funcionamento do corpo humano).

³⁹ Atlan, Henri. Médico e biólogo. Teórico da Auto-Organização (Entrevista) In Pessis-Pasternak, Guitta. Do Caos à Inteligência Artificial. P.81.

⁴⁰ Atlan, H. Idem

⁴¹ Monod, Jacques (19 - O Acaso e a Necessidade p. 164. Prêmio Nobel de fisiologia e medicina 1965

unidade complexa⁴². Na medida em que o nosso conhecimento é analítico – Descartes nos ensinou a apreender separando o todo em partes – ficou difícil apreender o homem na sua totalidade. Então, aqui está o primeiro grande desafio, tentar perceber o ser humano o mais perto de sua totalidade complexa. Não custa, partindo dos cinco elementos referidos acima, reuni-los a partir do princípio de que o homem age sempre como um todo. Essa totalidade começa como corpo, nele estão todas as possibilidades das manifestações humanas. Portanto quando afirmamos que algo é biológico, ou psíquico, ou qualquer outro aspecto, em cada um estão presentes todos os aspectos. Infelizmente a nossa linguagem os nomeia separadamente como se pudessem acontecer autonomamente.

A história da condição humana é demasiadamente longa e divergente para ser tratada aqui. Como a proposta inicial situou esta reflexão no interior da fenomenologia existencialista justifica-se permanecer neste cenário. Inicialmente, com Heidegger, Sartre e outros, o ser humano é descrito como uma consciência presente no mundo assumindo obrigatoriamente esta condição de ter que viver e construir sua própria existência. O segundo passado, dado, entre outros, por Merleau-Ponty, reconhece o ser humano como corpo, isto o modo de ser do ser humano é ser corporal. Fica claro o corpo não é uma parte ao lado da psique ou do espírito, mas a totalidade. Todas as manifestações humanas são manifestações do corpo. Em sua principal obra, *Phénoménologie de la Perception* (Fenomenologia da Percepção) a segunda parte é dedicada ao tema do corpo, e o capítulo VI, O Corpo como Expressão e Fala, é, sem dúvida, o mais emblemático.⁴³

Mais uma vez é preciso trazer Henri Atlan pela simples razão que ele, médico e biólogo, fala a mesma linguagem dos filósofos, acima citados. Em seu volumoso livro, *Les Étincelles de Hasard* (As Centelhas de Acaso),⁴⁴ Atlan aproxima filosofia e ciência às mais antigas mitologia da humanidade. O corpo ocupa um lugar de destaque. Por exemplo, o segundo capítulo faz uma afirmação instigante: “Ninguém sabe o que pode o corpo”. E o primeiro item é surpreendente: “Forma do corpo e corporalidade de Deus”.⁴⁵

Não sei se dá para falar em conclusão, mas é óbvio que todos os atores da enfermagem, fundamentalmente, enfermeiros e enfermos, em sua existência, são muito mais que enfermeiros ou enfermos. O primeiro transcende o profissional, o segundo não se reduz à enfermidade.

3. Os necessitados de enfermagem

É fundamental abrir as portas das enfermarias, sejam coletivas ou individuais, para ver quem está lá. E porque está lá. Sem esquecer de verificar o que se faz lá. E por que não abrir, também, as portas dos asilos, das casas psiquiátricas, dos orfanatos, de

⁴² Morin, E. Op. Cit. P.15.

⁴³ Merleau-Ponty, Maurice. (1908-1961) *Phénoménologie de la Perception*. P. 81-228.

⁴⁴ Observação. A tradução em português, publicada pelo Instituto PIAGET, mereceria uma série de correções partir do título, completamente modificado e mal traduzido assim: O livro do conhecimento – As centelhas do Acaso e a Vida. Em relação ao título deveria ser O livro de Conhecimento, como aparece no capítulo 2. E o sob título deveria ser Centelhas de Acaso. O termo vida foi acrescido ao título sem justificativas. No cap. 1 trata da Fabricação do ser vivo. P. 35.

⁴⁵ Atlan, Henri *Les Étincelles de Hasard* p.93.

todas as instituições que precisam de enfermagem. Cada enfermaria é sempre um mundo misterioso, cheio de segredos, de revelações, de mensagens, de falas e de silêncio a espera de alguém que saiba ver, ler, ouvir e sentir aquilo que nenhum manual pode alcançar. Quantos rostos, quantos olhares, quantas expressões, quantos gestos, quantos sofrimentos, quantas súplicas, quanta esperança ou desesperança, quanta atitude de espera, de carência de atenção, de uma mão, de um olhar, de uma palavra, de um carinho, de uma presença! Este é o mundo que os manuais desconhecem. Estes foram gestados pelas ciências.

As enfermarias não são os únicos lugares dos necessitados, há, também as CTIs, as UTIs, os ambulatórios, as incubadoras, locais de trabalho, domicílios, até, eventos esportivos. Há ainda as dietas alimentares.

O cenário não está completo. Falta observar dois dados. O primeiro diz respeito à diferença de dois grupos de necessitados. Um grupo é formado por aqueles acometidos por doenças ou enfermidades. Aos que pertencem a este grupo a sua história de vida é fundamental. As origens e a evolução da doença se incorporam na dinâmica do seu viver. A história da doença é a história do doente.

Outro grupo é constituído por problemas como lesões, traumatismos, fraturas, queimaduras, ferimentos ou agressões físicas em geral. Neste caso, os males surgem autonomamente ao ritmo da vida. É um acometimento que não tem origem no indivíduo. Não é um desequilíbrio gerado internamente, mas uma agressão externa. Por exemplo, os feridos de guerras, primeiros pacientes das pioneiras Florence e Ana Néri.

Na verdade esses dois grupos não abrangem toda a população necessitada de enfermagem, estes apenas reúnem aqueles que sofreram ataques internos ou externos à normalidade da vida. Há um conjunto de necessitados que mereceriam um tratamento diferenciado, são aqueles atendidos pelas enfermagens adjetivadas como enfermagem obstétrica, pediátrica, geriátrica, psiquiátrica, cirúrgica, do trabalho e, talvez, outras mais.

O segundo dado chama a atenção sobre a relação entre doença e doente. Michel Foucault, em sua obra *Naissance de la Clinique*, faz uma análise detalhada da questão. Começa questionando as ciências que erigiram a doença como uma entidade isolada e autônoma, de tal maneira que pode ser representada e estudada sem o doente. Assim é possível construir um “corpo” da doença que corresponde ao corpo do homem. À cada membro, cada órgão, cada articulação, cada massa óssea ou muscular, em fim, à cada parte do corpo humano corresponde uma categoria de doenças. A doença na ciência é uma abstração que “deve ser considerada como se fosse um todo indivisível da sua origem até o final”.⁴⁶ Por isso, “A coincidência exata do “corpo” da doença e do corpo do homem doente é sem dúvida um dado histórico e transitório”.⁴⁷ O que existe são indivíduos doentes. Não há doença a não ser num elemento visível, esse elemento é o indivíduo.

A contribuição mais significativa de Foucault foi de alertar que toda intervenção terapêutica deve começar pela fusão entre doença e doente, ou, para usar o termo acima cunhado, entre a necessidade e o necessitado. A história da doença, ou da necessidade, está integrada com a história do doente ou do necessitado. É mais que

⁴⁶ Foucault, Michel. *Naissance de la Clinique* p. 95

⁴⁷ Foucault, M, *Op. Cit.* P. 9.

um parasita, faz parte de seu código genético. Basta lembrar a identificação dos genes causadores de determinadas patologias. Ou algumas doenças, definidas como geográficas, por exemplo, o caso da Talassemia, uma forma de anemia que atinge os povos do Mediterrâneo⁴⁸.

Uma crítica, muito presente entre pensadores do século XX, refere-se, exatamente, a esse fenômeno dos dualismos. Na obra, Nascimento da Clínica, a crítica começa apontando as suas raízes ao afirmar que as instituições, as profissões, os cursos de formação estão marcadas sob a ótica da oposição: doença/doente. A enfermagem, como a medicina, vive no ambiente em que a doença está acima e anterior ao doente. Existe antes do doente. Ao doente que chega, apenas, falta receber o carimbo da patologia que lhe corresponde. Assim como na escola todos são carimbados com a marca de aluno ao se matricular.

Feitas essas observações, será correto perguntar se esse conjunto de cenários não formaria o útero receptivo e aconchegante da gestação do ser que vai receber o nome de enfermagem repensada?

4. As instituições hospitalares

Repensar o ser e fazer enfermagem não pode ser feito sem a inserção na realidade dos lugares habituais da enfermagem, atualmente as instituições hospitalares. Um estudo profundo e atual exige pessoas especializadas e muita dedicação. O caminho mais curto e fácil é recorrer a estudos já realizados. Esta foi a opção para continuar a presente reflexão, inclusive, para manter a mesma linha de raciocínio, os estudos de Foucault serão a referência primeira.

Michel Foucault, numa de suas críticas mais contundentes – também polêmicas – descreve as instituições hospitalares, aliás, este é o alvo principal de suas denúncias, como sendo um espaço, à semelhança das prisões e dos asilos, para confinar os indesejados da sociedade, os doentes, os malfeitores e os velhos, respectivamente. Os três grupos oferecem riscos para o bom funcionamento da ordem social. Essa denúncia mereceria mais atenção Mas este é um tema que vai muito além dos limites desta reflexão.

Quanto a organização interna das instituições hospitalares, Foucault é taxativo: “O hospital, como a civilização, é um lugar artificial onde a doença transplantada corre o perigo de perder seu rosto essencial”.⁴⁹ Não é preciso explicar a diferença entre natural e artificial. Uma organização artificial será sempre algo afastado da realidade, portanto o hospital não é o lugar natural da doença. Foucault afirmou “O lugar natural da doença é o lugar natural da vida – a família: doçura de cuidados espontâneos, desejo comum de cura, tudo entra em cumplicidade para ajudar a natureza que luta contra o mal.”⁵⁰ A contestação contra Foucault, levantada especialmente pelos profissionais da área, tem por base a exigência do emprego indispensável de altas tecnologias para atender as situações mais graves, entretanto não neutralizam a crítica

⁴⁸ Talassemia, também conhecida como anemia do Mediterrâneo, é uma doença hereditária trazida para o Brasil principalmente pelos imigrantes italianos. Sua principal característica é a produção anômala de hemoglobina.

⁴⁹ Foucault, M. Op. Cit. P. 15.

⁵⁰ Foucault, M. Op. Cit. P. 16.

de Foucault. Ele não nega a necessidade do recurso a tecnologias, mas mostra que o ambiente hospitalar ainda que necessário, altera profundamente o nicho ecológico da doença e, ainda mais, produz alterações incalculáveis na vivência humana do doente.

Os objetivos das instituições hospitalares são alvo também da crítica foucaultiana. O objetivo manifesto, segundo ele é a cura dos pacientes, mas de fato o objetivo principal é o afastamento de pessoas que atrapalham o cotidiano da sociedade, em especial, do sistema produtivo. Em favor de sua tese, argumenta, no hospital entra muita gente que não está doente. A categoria mais contraditória é das parturientes. Além disso, o hospital pode ser transformado em um laboratório de incubação de vírus e bactérias. Ai está o grave fenômeno da iatrogenese clínica.⁵¹

Outro autor que segue de perto o pensamento de Foucault é Ivan Illich (1926 - . A sua obra principal, *Némésis Médicale – L'expropriation de la santé*, traça uma visão geral de todo o sistema medical englobando a atividade profissional, o predomínio da técnica, os interesses políticos e econômicos, as questões ética e ambientais. Três pequenos trechos desta obra, certamente, são mais elucidativos:

- a) "O desinteresse profissional, a negligência e a pura incompetência são formas de malefícios velhas como o mundo. Com a transformação do médico artesão exercendo sua habilidade em indivíduos conhecidos pessoalmente, em médico técnico aplicando regras científicas a categorias de doentes, os malefícios adquiriram um novo estatuto, anônimo e quase respeitável".⁵²
- b) "Num hospital onde a técnica é complexa, a negligência se torna erro humano aleatório, a insensibilidade, neutralidade científica e a incompetência, falta de equipamentos especializados. A despersonalização do diagnóstico e da terapêutica transferiu as imperfeições do domínio ético para a classe de problema técnico"⁵³.
- c) "O ambiente passa a ser visto como um meio artificial e o profissional da saúde como o burocrata que designa a cada um o seu canto".⁵⁴

Duas observações sobre as obras de Michel Foucault e Ivan Illich. Primeiramente, as duas obras foram publicadas há mais de três décadas⁵⁵. Portanto, podem estar superadas. De lá para cá, muitas mudanças aconteceram, para melhor ou para pior O ponto mais sensível é saber se o aparato científico e tecnológico preserva ou viola a preservação da face humana das pessoas.

Em segundo lugar, não se trata de negar a importância e nem mesmo a necessidade absoluta dos avanços científicos e tecnológicos, mas de saber quem vem em primeiro lugar. A instituição hospitalar deve começar pelo lado humano do doente, ou deve montar uma estrutura para receber os pacientes, a maneira do leito de Procusto. A solução, provavelmente, deverá superar essa oposição construindo uma organização que surge da relação entre os recursos das ciências e as necessidades dos doentes. Para isso será preciso rever os processos de construção dos saberes.

⁵¹ Para reforçar suas idéias Foucault cita José Moscati, médico e cientista italiano, 1880 - 1927: "Observar os doentes ajuda a natureza sem lhes fazer violência e completa com outra citação de Dupont de Némours, economista e político francês, 1739 - 1817: "quem cuida a domicílio adquire em pouco tempo uma verdadeira experiência fundada sobre fenômenos naturais".t

⁵² Illich, Ivan. *Némésis Médicale – L' Expropriation de la Santé*. P. 41.

⁵³ Idem, *ibidem*.

⁵⁴ Illich, Ivan. Op. Cit. P. 62

⁵⁵ *Némésis Médicale* foi publicada em 1975 e *Naissance de la Clinique*, em 1972.

5. Processos de produção dos saberes

Todo repensar do ser e fazer enfermagem depende do saber, enquanto nele está identificado o conjunto de fatores que constituem a enfermagem. Tudo começa pelo saber que se tem do objeto a ser cuidado, e, também, do que é preciso para realizar o cuidado.

Uma questão que cria dificuldades é estabelecer uma distinção clara entre conhecimento e saber. De fato a distinção deveria ser colocada diferentemente, entre conhecer e saber, entre conhecimento e sabedoria, entre cientista e sábio.

Todos concordam que conhecer não tem o mesmo sentido de saber, que conhecimento não é o mesmo que sabedoria e que cientista não é o mesmo que sábio. Diante disto fica claro que saber é, como pensar, um fenômeno que foge às lógicas racionais, porque é uma ação vital. Todos os seres vivos sabem. Para uns o saber tem o nome de tropismo, para outros, o saber é instinto. Para o ser humano é saber que sabe.

A capacidade de saber que sabe do ser humano possibilita criar processos de produção de saberes baseado na fixação de princípios. Por exemplo, o princípio de causalidade. Mas antes dele, havia admitido o princípio da magia.

Hoje o conhecimento científico é o saber válido por ser considerado objetivo, construído sem a influência da subjetividade, por ser uma condicionante particular. Sendo objetivo ele é uma cópia fiel da realidade.

O conhecimento científico é aceito por se bem sucedido no domínio da natureza e na instrumentalização da atividade humana mais eficiente. Os saberes das ciências humanas e das tradições míticas não oferecem a mesma segurança, mas oferecem outras possibilidades de compreender e interpretar o universo e as relações entre todos os seres existentes.

Lembrando os estudiosos da ciência pode-se concluir que o conhecimento racional ou científico é apenas uma forma de saber, baseado num paradigma, o que não exclui outras possibilidades outros paradigmas..

Uma capacidade de construção de saberes é a intuição, banida pela ciência, juntamente com a subjetividade que é uma fonte pessoal de compreender, de pensar e agir. A sensibilidade é maior fonte inesgotável de saber e de renovar saberes. Os sentidos são os que estão sempre em contato com o mundo que nos circunda. Eles captam diretamente as mensagens enviadas de múltiplas maneiras e por muitos emissores. A voz e a escuta dos sentidos, também, foram neutralizadas pela racionalidade, como fontes de ilusões. Assim o nosso contato com o exterior deixou de ser imediato, mas mediatizado pelas lógicas racionais e pelas representações teóricas.

Uma proposta de superação da epistemologia do pensamento racional, que privilegia os objetos ou os conceitos, foi apresentada por Gregory Bateson ao observar que, geralmente, se afirma que a mão tem cinco dedos, mas, ele lembra que se poderia dizer, há quatro relações. Os cinco dedos formam quatro relações⁵⁶. Martin Buber, por sua vez, fala em palavras-princípios. Assim, escreveu ele, “as bases da linguagem não são palavras isoladas, mas duplas de palavras”, o que significa dizer que “as bases da linguagem não são os nomes, mas as relações”.⁵⁷ Seguindo esse roteiro

⁵⁶ Bateson Grégory. Op. Cit. P. 38.

⁵⁷ Buber, Martin, Je et Tu.19.

das relações o que importa não são o enfermeiro e o doente, mas a relação. O saber deveria construir a relação e não o enfermeiro e o doente.

Por fim não seria correto deixar de trazer depoimentos sobre outras formas de saber e de viver, colhidos por antropólogos pesquisadores junto a povos indígenas. Para ser mais fiel ao relato, o mais indicado é transcrever partes do artigo do Prof. José Ribamar: “Wherá Tupá, conhecido como Alcindo Moreira, comemorou seu aniversário de cem anos no dia 25 de janeiro de 2011 – Eu cheguei aos 100 anos, porque tive outra criação, fui educado como um guarani – ele conta. (...) Aprendeu a cuidar do corpo e do espírito com igual atenção. Ainda hoje, acorda com os galos, faz suas orações, conversa e dá conselho aos mais jovens, vai à roça plantar milho, feijão, aipim, batata doce e hortaliças, base de sua alimentação, onde não entra nem sal, nem açúcar.

- As árvores falam. A gente é que desaprendeu e não sabe mais escutar o que elas dizem - afirmou ele. As árvores falam e os guaranis escutam, porque para eles toda a natureza faz parte da sociedade, não está separada da cultura. As plantas, os animais, os acidentes geográficos, os rios, as montanhas, os fenômenos meteorológicos são dotados de humanidade e de consciência.

- Essa terra que pisamos é o nosso irmão, ela tem vida, é uma pessoa, tem alma

- Doença? Não sei o que é isto. Médico fica longe de mim. Me trato com as plantas que cultivo na aldeia, seguindo a sabedoria dos meus antepassados”.⁵⁸

Antes de chegar ao final, já que vai ser um tanto romântica, é importante sublinhar que desenhar o ser e fazer da enfermagem, sob o ponto de vista acadêmica, pode ser fácil porque os procedimentos científicos preferem isolar os fenômenos e o cenário fica idealizado. Entretanto no cenário da vida cotidiana entra em ação um elenco de fatores de diferentes naturezas, seja nas atividades de saúde preventiva ou curativa. Os fatores econômicos e políticos, sem dúvida nenhuma, pontificam esse cenário. Sob o Ponto de vista econômico, há limitados investimentos públicos, de uma parte. Por outro lado há uma forte presença de interesses privados. Quando à questão política, os interesses do Estado voltam-se mais para investimentos lucrativos e de domínio das riquezas existentes no planeta. Fica difícil entender como um país investe mais de um trilhão de dólares para fazer e financiar operações bélicas. Além de não promover a erradicação da pobreza e do analfabetismo contribui enormemente no aumento de feridos, órfãos, mutilados, desequilibrados psíquicos. O ditado dos imperadores romanos, se queres a paz prepara a guerra (si vis pacem para bellum), nunca garantiu a paz, mas mais guerras. Infelizmente, hoje, esse milenar ensinamento, é proclamado, pelos que se arvoram em senhores do mundo, com essa fórmula: às vezes a guerra é necessária para garantir a paz”. Que paz? A dos cemitérios?

CONCLUSÃO

Uma conferência, que tem o sugestivo tema: Repensando o ser e fazer enfermagem na contemporaneidade, não pode declarar a tarefa encerrada. Quando muito ser a última tarefa acadêmica da XI Jornada, mas nunca em relação à vida

⁵⁸ Freire, José Ribamar Bessa. Wherá Tupã: o pajé que fala com árvores. Revista Eletrônica, Terra Magazine. Abril de 2011. O autor é prof. da UERJ e coordena o Programa de Estudos dos Povos Indígenas.

cotidiana e aos compromissos com a enfermagem. O ser humano não é apenas ser vivo, mas um ser vivente. A característica do ser vivo é a vida, a característica do ser vivente, é viver, isto é desenvolver as potencialidades da vida e controlar seus limites de maneira continuada. Em relação ao pensamento, Pascal afirmou que o homem é um ser pensante, isto é, aquele ser cuja especificidade é pensar continuamente.

Então como conclusão, sem concluir, o mais coerente é retomar a opção metodológica, apresentada na introdução, pelo paradigma poético. Por isso, poderá ser mais romântico do que prático, a partir de duas idéias.

Arte

A palavra arte, desde suas origens, é uma criação (poesis) do imaginário, em oposição à ciência (epistheme) que é representação do real. A seguinte definição descritiva reúne arte e ciência: “Enfermagem é a arte de cuidar e a ciência cuja essência e especificidade é o cuidado ao ser humano, individualmente, na família ou em comunidade de modo integral e holístico, desenvolvendo de forma autônoma ou em equipe atividades de promoção, proteção, prevenção, reabilitação e recuperação da saúde. O conhecimento que fundamenta o cuidado de enfermagem deve ser construído na intersecção entre a filosofia, que responde à grande questão existencial do homem, a ciência e tecnologia”

Tudo indica que a arte e a ciência estão unidas respeitando a condição humana. Cada uma tem sua contribuição específica em favor do ser humano.

Uma nova citação em favor da arte. Ryad Younes, médico e docente da USP, fez, num artigo, um depoimento pessoal emotivo do qual foram retiradas curtas passagens. “Mal conseguia esperar para iniciar a arte e o sacerdócio de aliviar as dores e curar as doenças do meu próximo”. (...) “Estou na medicina há trinta e dois anos, mais precisamente cuidando de doentes com câncer (...), neste período, tive contato com a medicina real, e os colegas médicos de carne e osso. A arte e o sacerdócio da medicina continuam lá, mas encontrei poucos, muito poucos, artistas e sacerdotes”.⁵⁹

Uma curta observação sobre a figura de sacerdote. Há algum tempo, não tão distante, se fazia a comparação entre o médico e o sacerdote, um cuidava do corpo, o outro, da alma. Sacerdote, neste caso, mais que oferecer sacrifícios, é aquele que é dotado de lidar com o sagrado, com o mistério, no sentido de Gabriel Marcel, enquanto o médico trabalha com o científico.

Uma idéia, que circula entre os escultores desde muito tempo, revela que: “o escultor não inventa nada. A figura está dentro do bloco de mármore, ele só retira os excessos, aquilo que ao oculta. E Enrico Bianco, discípulo de Portinari, afirmou: “O quadro nunca fica completo, eu poderia continuar ao infinito, paro por conveniência”. Essas duas citações poderiam mostrar que o ser e fazer enfermagem estão no interior das necessidades humanas de saúde, que nunca ficaram completamente definidos, porque surgem novas e diferentes necessidades.

⁵⁹ Riad Younes, artigo Revista Eletrônica Terra Magazine, março de 2011.

Sensibilidade

A sensibilidade em seu sentido original significa experimentar emoções com os outros em todos os domínios da vida humana, inclusive na esfera do trabalho. A sensibilidade torna o ser disponível. Por isso “o ser verdadeiro é participação, é disponibilidade, júbilo, esperança, amor e fidelidade”.⁶⁰

O cuidar, inspirado na sensibilidade, necessita da harmonia entre razão e emoção para que o cuidar do outro, isto é, o atendimento ao paciente, também se torne uma conduta técnica e afetiva. Nenhum paciente dispensa competência científica e técnica do enfermeiro, mas sem dúvida, todos complementaríamos a competência profissional com as cores das emoções.

Entre uma presença robotizada, e uma presença familiar; entre uma mão que se movimenta tecnicamente e a mão que, além disso, é capaz de afagar; entre um rosto fechado, sisudo e distante, e um rosto tranqüilo, iluminado e confiante; entre um olhar severo e autoritário, e um olhar expressivo e comunicativo, todos percebem e, acima de tudo, sentem a diferença.

O saber que vem dessa percepção sensível, Eistein resumiu num um termo de um significado sem correspondente. *Figerspitzengefühl.*, que significa o saber que entra pela ponta dos dedos.

A sensibilidade entra em todos os atos humanos, infelizmente, a educação escolar investe pouco no cultivo da sensibilidade, prefere concentrar-se no desenvolvimento da racionalidade, embora esta também seja uma forma de sensibilidade, mas presa numa lógica intransigente.

A arte é uma das grandes reservas de sensibilidade, seja do artista, seja do admirador. Os fatos revelam mais a sensibilidade do que as explicações. Por exemplo, a fotografia, que se tornou uma atividade mais comercial do que artística, na mão de um fotógrafo como Henri Cartier Bresson se torna uma arte de infinita expressividade. Para isso aconteça, diz Bresson, é preciso encontrar o ponto luminoso. Quem vê o ponto luminoso pode registrá-lo tanto com uma digital, quanto com uma latinha furada de leite Nestlé.

Outro fotógrafo, entre muitos, foi Kevin Carter. Todos se lembram da famosa fotografia registrando um momento trágico da miséria no Sudão. Uma criança, vítima da fome, já encolhida numa posição fetal, a alguns metros, tinha a presença de um urubu pronto a atacá-la. Um triste encontro do ponto luminoso que rendeu o prêmio do jornalismo norte-americano, o Pulitzer, a Carter, que, mais tarde não suportou o peso da depressão, acabou se suicidando..

O caminho do ponto luminoso se alcança, segundo Henri Bresson, quando se compreende que fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração”⁶¹

Perdemos a escuta das árvores e da natureza, segundo nos lembrou o pajé Tupã. Mas podemos ir mais longe nesta perda de sensibilidade. Neste sentido, o título de um pequeno artigo, *Pior que os animais*, chamou a atenção. Começa dizendo que os animais podem ter algum sentido ou qualidade melhor que o ser humano como ou

⁶⁰ Buber, Martin Op. Cit. P. 20

⁶¹ Bresson, Henri Cartier, 1908-2004, fotógrafo francês considerado um dos mais importantes fotógrafos do século XX, conhecido, também, como ‘

audição, visão olfato. Isto não nos inferioriza, porque somos dotados de consciência. Entretanto esta capacidade pode nos piores que os animais ao: “organizar guerras, violência, ter prazer na dor e na morte. Somos o animal que pode ficar louco. Não basta consciência é preciso, sensibilidade e compaixão”.⁶²

Konrad Lorenz em seu livro, *Der Abbau des Menschlichen* (A demolição do humano), afirma que “A capacidade do médico, a arte e a técnica do veterinário (acrescentaria a arte e a técnica da enfermeira), e a mais importante capacidade do ecólogo regional consistem no fato de perceberem, inicialmente de modo não racional, fundando-se puramente na sensação, que ‘algo está errado’ com o sistema. É a esta característica, justamente, que se costuma chamar de ‘o olho clínico’ do médico experiente”. A seguir Lorenz lamenta que este olhar clínico tenha sido relegado a um segundo plano e a nossa percepção possa ser substituída por computadores e análises laboratoriais.⁶³

O paradigma poético, provavelmente, não chegue a uma conclusão clássica, mas deve concluir poeticamente. Concluir poeticamente o que significa repensar, pode ser com

Antônio Machado:⁶⁴

Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.

Caminhante, são teus rastros
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê -se a senda que jamais
se há de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar.

A última palavra para saber como se constrói o ser e fazer enfermagem pode ser aplicar na enfermagem a técnica que Henri Cartier Bresson sugeriu para quem quer fotografar: colocar na mesma linha de mira, a cabeça, o olho e o coração.

Silvino Santin

Santa Maria, 23 de maio de 2011.

⁶² Correio Riograndense, Caxias do Sul, 18.05.2011.p. 20

⁶³ Lorenz, Konrad. *Der Abbau de Menschlichen*. Tradução correta: *A Demolição do Humano. E não a Demolição do Homem*, acrescida o subtítulo, *Crítica à falsa Religião do Progresso*. P.

⁶⁴ Ruiz, Antonio Cipriano José Maria y Francisco de Santa Ana Machado, conhecido como Antonio Machado (1875 – 1939) foi um poeta espanhol dos mais celebrados.

RE-ENCANTANDO A EDUCAÇÃO À LUZ DAS IDÉIAS DE HUMBERTO MATURANA

Introdução

O tema da educação, há muito tempo, está presente entre as preocupações mais desafiadoras da humanidade. Sem dúvida é um dos fenômenos mais complexos surgidos na história do desenvolvimento humano. Isto por que a ela cabe a tarefa de fornecer os subsídios fundamentais da existência do ser humano, tanto como indivíduo, quanto como ser social.

A questão central da educação está na maneira como é formulada. É verdade que a humanidade, durante milênios, não havia estabelecido distinções entre as diferentes tarefas dos indivíduos e da sociedade. Tudo tinha valor a partir das necessidades da vida. Nada era organizado separadamente. Cada particularidade fazia parte da totalidade. Educar consistia em integrar-se à vida coletiva de maneira natural. Desde os gregos quando, no Ocidente, foi estruturada uma ordem social a partir da autonomia dos indivíduos, a educação se tornou uma tarefa institucionalizada com o objetivo de formar o homem perfeito, dos pés à cabeça.

É importante lembrar que o projeto cultural grego passou a teorizar a realidade e toda a ação humana. Essa teorização, que tinha dois objetos básicos, a natureza e o homem, se constituiu no primeiro esforço de explicar todas as coisas a partir de princípios. O principal destes princípios é o de causalidade. Neste contexto surgiram as ciências que, em nossa tradição, identificamos com um simples nome, Filosofia. A filosofia tinha como meta primeira explicar todas as coisas pelas suas causas.

Em nome desse objetivo de construir conhecimentos verdadeiros, surgem, entre tantas outras iniciativas, dois ideais universalmente válidos: a Politéia e a Paidéia. Pela Politéia, os gregos construíram um projeto de uma sociedade ideal, a polis. Pela Paidéia, eles traçaram o ideal pedagógico, capaz de formar o cidadão, o homem da polis.

Depois que os gregos definiram a pedagogia como a arte de conduzir corretamente as novas gerações para se integrarem à ordem social vigente, nós continuamos debater o tema da educação. Ora questionando seu papel, ora questionando a legitimidade de uma ordem social. Para simplificar, eu diria que o nosso maior desafio neste início de século XXI, consiste em saber como formular a questão da educação. Em outras palavras, quais os aspectos a serem priorizados.

Não vou historiar a imensa lista de fórmulas desenhadas para tratar da educação. É certo que esta se estende desde a idéia de uma atividade fechada a cargo

das instituições escolares, comandada pelos adultos em nome da ordem social, até a negação radical que pensa uma sociedade sem escola.

Antes de concluir essa introdução quero chamar a atenção sobre a forma, que me pareceu original, pelo menos, não usual, de apresentar o tema da educação. Refiro-me ao termo re-encantando. É gerúndio do verbo re-encantar. Indica que uma ação que está acontecendo. Não se trata de algo feito, acontecido, mas por construir. E o seu significado está muito longe da idéia de debate, discussão ou crítica. Encantar ou re-encantar, certamente, não pertence ao vocabulário dos estudos científicos, conforme o paradigma defendido pela comunidade científica atual.

De início fiquei surpreso, embora tenha sentido uma emoção muito agradável. Entretanto, acostumado a ouvir os termos sérios da academia fiquei sem saber que rumo tomar. Re-encantar não fazia parte do vocabulário que aprendera para fazer ou orientar uma pesquisa, elaborar uma palestra ou propor um estudo qualquer.

Entretanto, confesso que a situação de estar sem rumo, há algum tempo, depois de me julgar livre das imposições estritamente acadêmicas, tenho certeza que é a melhor maneira de encontrar novos caminhos. Mas onde buscar inspiração? Nesta busca de inspiração, surgiu-me na lembrança a ópera de Mozart, **A flauta encantada**. Ela me fez recordar que a humanidade, desde que descobriu que poderia orientar sua vida fora dos limites estritamente biológicos, foi criando seus pontos de referência ou de direcionamento. Podia ser o sol, a lua ou uma estrela qualquer; um animal, uma planta ou uma rocha; o assovio do vento, as entranhas das aves, as cores do arco-íris. Podia ser o canto dos pássaros, o tempo da sementeira, da colheita ou do desabrochar das flores. Podia ser, também, um Deus invisível, mas presente no trovão, na chuva, no vento ou no alto das montanhas. Isto aconteceu no tempo do encantamento. Depois vieram as lógicas, a racionalidade, as ciências, a tecnologia, o mercado, e o encantamento ficou coisa do passado. Símbolo de ignorância e de primitivismo.

Agora, neste cenário de lógicas, ciências e tecnologias, só nos resta falar em re-encantamento, mesmo com o risco de ouvirmos os risos zombeteiros, não da empregada como no caso do filósofo grego Tales, mas dos cientistas de plantão. Digo de plantão, porque os cientistas do passado tinham outros paradigmas e, provavelmente, os do futuro terão outros. O mal está em pensar que chegaram à cientificidade perfeita e última. Fora deste paradigma não há conhecimento, somente crenças.

A humanidade sofrida precisa de re-encantamento. Esta é uma recomendação de Thomas Mann, o autor da *Montanha Mágica*, ao propor a leitura de Friedrich Schiller (1759-1805), o pensador da ludicidade e da sensibilidade, para que a cultura alemã se libertasse do excesso de racionalidade. E a obra de Schiller é, exatamente, *Cartas para a educação Estética do Homem*. (Über die Ästhetische Erziehung des Menschen. In einer Reihe von Briefen. Ele visava denunciar o “monopólio das escolas” praticado pelos objetos metafísicos. Nós podemos denunciar o monopólio dos saberes científicos. Seguindo essa recomendação, talvez, o começo seja mesmo, re-encantando a educação.

Falta saber se a educação deve ser re-encantada, ou se a educação deve re-encantar. A solução, no meu entender, mais adequada está no princípio da reversibilidade, proposto por Maurice Merleau-Ponty, ao observar que a mão que toca é, ao mesmo tempo, tocada. Em outras palavras, a mão é tocante e tocada. Ou então no koan do mestre Zen, citado por Fritjof Capra, “Você pode produzir o som de duas

mãos batendo uma na outra. Mas qual é o som de uma das mãos?”. Assim, encantar é educar, e educar é encantar.

Pensar em re-encantar a educação, provavelmente, pode buscar inspiração em diferentes pensadores, filósofos ou poetas. Entre todos, entretanto, as idéias de Humberto Ramezin Maturana, acredito serem as mais apropriadas. Esta afirmação está respaldada na socióloga Aurora Rabelo ao afirmar que o século XXI poderia ser o século de Humberto Maturana. Por isso, quero parabenizar a quem teve a feliz idéia de propor o re-encantamento da educação a partir de Maturana.

1. Humberto Maturana, o biólogo re-encantante

Humberto Maturana, Neurobiólogo chileno nascido em 1928, desde os tempos universitários, no final da década de 1940, era imbuído do sentimento de justiça social. Para ele, alcançar a formação universitária exigia uma retribuição à sociedade que lhe proporcionava tal privilégio. Neste sentido sustentava, com outros colegas, a idéia de que era preciso encontrar uma forma de devolver ao país o que estavam recebendo dele.

Quase meio século depois, falando sobre educação aos estudantes chilenos, Maturana lembra esta preocupação dos universitários de seu tempo, e constata que as preocupações dos universitários haviam mudado. Esta mudança estava marcada pelo dilema de escolher entre preparar-se para o mercado de trabalho, e o compromisso de lutar pelas mudanças da ordem político-cultural, geradora de excessivas desigualdades sociais. Talvez, não seja exagero afirmar que, no momento presente, até o dilema desapareceu, só restou o ideal profissionalizante para a competição no mercado de trabalho.

Diante deste quadro, Maturana inicia sua palestra com a pergunta: Para que serve a educação? Esta pergunta foi desdobrada em várias outras. Entre elas eu optei por uma, porque, ele mesmo diz que está no fundo da primeira, e, no meu entender, está diretamente relacionada com nosso tema. A pergunta é: O que queremos com a educação? A resposta, acredito, todos já sabem. Nós queremos re-encantar. E haveria outra resposta possível? Pelo menos não dentro do contexto desta palestra.

Re-encantar a educação, num primeiro momento, significa buscar uma pedagogia alternativa às pedagogias cognitivistas. Isto não significa negar a história da educação, mas simplesmente apresenta-la sob outras óticas. É o que podemos fazer seguindo os passos de Humberto Maturana, realizados no interior da biologia e da neurobiologia.

Maturana nos ensinou, inicialmente, que a busca por novos caminhos pode durar longos anos. O importante é não desistir, enquanto não se encontrou a resposta da questão.

Essa primeira atitude, como biólogo, está vinculada à sua insatisfação diante da explicação do ser-vivo, adotada pela biologia. Os biólogos tradicionais reduzem os organismos vivos a uma máquina, ainda que com a ressalva de ser uma máquina viva, regida por três princípios: morfogênese autônoma, teleonomia e invariância reprodutiva, segundo Jacques Monod. Para ele, contudo, esta teoria não atingia o âmago da questão. Queria encontrar uma explicação que, de fato, contemplasse a organização do vivo, como vivente e não como máquina.

Apenas como informação. Essa preocupação de Maturana, na verdade, se tornou mais aguda em 1960. Voltando ao Chile, já com seu Phd em biologia pela Universidade de Harvard, ao término de uma aula, um aluno lhe diz: “Professor, o senhor diz que a vida se originou na terra faz mais ou menos três mil e quinhentos milhões de anos. Que aconteceu quando se originou a vida? O que aconteceu a iniciar a vida, de maneira que o senhor possa dizer agora que a vida começou neste instante?” Maturana confessou que não podia responder, porque ele não se havia formulado a questão nestes termos. A resposta veio 20 anos depois. E surgiu sem o auxílio de uma metodologia científica. Numa conversa informal com um amigo, o filósofo José Maria Bulnes, Maturana, ao ouvir a palavra grega *poyesis*, percebeu que a palavra de que necessitava era *autopoiese*. Ela lhe dava a base fundamental para explicar a organização do ser vivo.

A etimologia do termo grego, *poyesis*, não significa apenas poesia, como nós a traduzimos hoje, mas significa, originalmente, criação. Assim a idéia anterior de Maturana para falar do ser-vivo como uma organização circular, foi substituída pela palavra *autopoiese*, isto é, auto-criação. Os seres vivos constituem um espetáculo auto-organizável

A auto-organização criativa não é um fenômeno submisso às leis da física, mas oferecido ao imaginário poético, isto é, o imaginário criador. Surge uma nova utopia, porque, como escreveu a socióloga Aurora Rabelo, “permite aos seres humanos se reencontrarem consigo próprios reencontrando-se entre si”. (Prefácio em *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*, p.9).

2. A autopoiese, fonte de encantamento

O desenvolvimento do ser vivo, humano ou não, conduzido pelas ciências, nos transforma em objeto de manipulação. A idéia de *autopoiese*, certamente, nos leva a reconhecer as possibilidades do encantamento. Todas as tradições, em qualquer cultura, que se referem às origens do universo, nunca falam de operações mecânicas ou lógicas, mas de forças encantadoras, sagradas ou mágicas. Esses fenômenos de encantamento não produzem destruição, nem dominação, apenas atraem as energias benévolas e protegem das malévolas. Tudo precisa conviver em equilíbrio e harmonia.

Essa visão sagrada ou mágica sobrevive até nas recentes teorias dos Buracos Negros ou do Big Bang. Elas são recursos pouco científicos, mas não inconsistentes.. O biólogo e médico, Henri Atlan, entre outros cientistas atuais, confirma a idéia de que o universo pode ser explicado como uma organização sagrada e divina. O sagrado e divino, bem entendido, não no sentido das teologias, mas como referência a aquilo que escapa ao controle de racionalidades lógicas. Neste sentido ele sustenta a possibilidade de duas metodologias. A dos procedimentos científicos atuais, e a da tradição talmúdica, ligada à tradição bíblica, rabínica e cabalista. Ambas têm por objetivo o conhecimento da estrutura do universo.

A *autopoiese*, para ser entendida no interior do pensamento de Maturana, precisa ser vista como a concretização da autonomia dos seres vivos. Tal autonomia, que não pode ser interpretada como isolamento, se fundamenta no fato de que os seres vivos são sistemas auto-referidos. Sistemas auto-referidos, como define Maturana, “são sistemas nos quais seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos. A definição se torna mais clara quando comparada com os sistemas,

identificados como “sistemas alo-referidos”. Esses sistemas possuem uma organização que faz sentido somente em relação a um produto ou algo distinto deles. Eles dependem de um fabricante. São conhecidos como objetos artificiais. Dependem de um artífice.

Um sistema auto-referido, a organização própria dos seres vivos, como é autônomo no seu operar, ele é resultante de uma auto-criação, isto é, ele é um sistema autopoietico. Os sistemas autopoieticos, alerta Maturana, podem ser de diferentes ordens, segundo o domínio onde se efetuam. As células constituem a primeira ordem porque eles existem como sistemas autopoieticos moleculares. Os organismos, entre eles nós humanos, pertencem à segunda ordem, por serem constituídos como agregados celulares. Assim, define Maturana, “nós, os seres vivos, somos sistemas autopoieticos moleculares”, e conclui, “ser vivo e sistema autopoietico são o mesmo”. Uma família, uma ordem social, mesmo uma colméia, formam os sistemas autopoieticos de terceira ordem, porque são formados por um agregado de organismos.

O aspecto fundamental destas três ordens de sistemas autopoieticos está no fato de que eles se concretizam através da realização da autopoiese de seus componentes. Ninguém nega que a evolução da vida é surpreendente. Ela escapa do controle das ciências. Neste sentido, recorro a Grégory Bateson. Ele foi criticado pelos seus pares, porque em suas pesquisas usou um raciocínio lógico diferenciado ao dos outros cientistas. A base da crítica está no fato de lógica de Bateson, privilegiando os predicados e não os substantivos, serve para fazer poesia e não ciência. Ele se defendeu dizendo que a vida se desenvolveu até os atuais estágios sem se preocupar com as lógicas dos cientistas, aliás, diz ele, “ficaria surpreso se ela se tivesse preocupado”.

Não posso entrar na explicação biológica da autopoiese dada por Maturana, simplesmente porque não tenho o domínio dos conhecimentos em biologia e, também, porque não é o objetivo imediato desta palestra.

O que me levou a trazer aqui essas noções é porque, acredito eu, nelas se enraízam as possibilidades de se falar em re-encantar a educação.

Quando um indivíduo se reconhece como um sistema auto-referido, precisa iniciar por admitir que o seu processo de realização está nele mesmo. Evidentemente que esse reconhecimento não se dá de forma racional, ou à maneira de identificar um personagem através de uma fotografia ou por um exame de DNA. O processo é lento. Vai se dando à medida que se vive. A psicologia da infância mostra o processo deste auto-reconhecimento. Apenas quero lembrar que se dá pela experiência corporal. Lentamente o bebê vai identificando o que ele é. Em geral, as falas daqueles que o rodeiam referem-se ao que é dele. Desde o nascimento nascemos tendo corpo, e não sendo corpo. Assim crescemos guiados pela idéia de que o corpo pertence a alguém, nunca o corpo é esse alguém, dono de si mesmo.

Neste sentido vou fazer uma digressão pouco séria, mas muito real e expressiva. Tenho certeza que todos já observaram os comentários, talvez, os tenham feito, ao redor do berço de um bebê. “Olha o narizinho dele/a, é igual ao da mãe”. “E o furinho no queixo, é parecido com Kirk Douglas”. “A boca puxou ao pai”. “Os cabelinhos são os da Xuxa”. “Os olhos são os da tia”. Há, também, os comentários desabonadores. Esses, como são feitos longe do berço, deixo para a memória de cada um.

Concluída a digressão, preciso dizer para que serviu. Serviu para dizer que já nos primeiros comentários que ouvimos somos desenhados como resultado de componentes de outros corpos. E nas conversas entre amigos descrevemos essa nova criatura, portadora dos olhos da tia, da boca do pai, etc. Ela não é reconhecida como uma nova e original realidade corporal. Neste ambiente a idéia de um sistema auto-referido, cede lugar à idéia de um sistema alo-referido.

Os nove meses de gestação garantiram a formação de um corpo (organismo) vivente, dentro da tese de Maturana, como um sistema auto-referido, isto é, autopoietico. Portanto ele é original enquanto processo de auto-realização. O ovo humano contém, inscritas em si, todas as suas possibilidades de desenvolvimento. Para isso é suficiente que tenham os recursos e o ambiente favoráveis. É, exatamente, assim que começa a autopoiese.

Depois do nascimento, lentamente, esta obra autopoietica tem continuidade pela aceitação de si mesmo, enquanto presença corporal. Mas como fazer isto se crescemos num ambiente em que nos construímos de fora. Aprendemos, muito cedo, que somos uma racionalidade, uma consciência, um eu transcendente como entidades supra-corporais. Essas entidades são os verdadeiros proprietários do corpo. Esse modelo, criado pelos gregos, foi adotado literalmente pelo Ocidente. E ele tem o seu preço e suas leis.

Provavelmente vou exagerar mas, no meu entender, esta situação pode ser muito bem compreendida através do simbolismo mitológico. Os manuais de psicologia geral narravam a lenda de Procusto. Procusto era um tipo de São Bernardo mitológico. Ele acolhia os peregrinos, que passassem pela sua cabana, situada no alto das montanhas. O acolhimento era caloroso, mas à noite, na hora de dormir, surgia uma surpresa. Na choupana havia só um tamanho de leito e havia uma norma que exigia que as medidas do hóspede deviam corresponder às do leito. Desta forma o “bondoso” hospedeiro, de quem excedesse as medidas, amputava-lhe uma parte, e de quem fossem insuficientes, espichava-o até preencher toda a extensão. Levei tempo para entender toda a dimensão desta lenda e sua atualidade. A nossa cultura tem muito desta psicologia de Procusto. Talvez, tenham mudado apenas as formas de mutilação. Hoje os que apresentam medidas em excesso ou em carência a mutilação se dá por exclusão. Os mutilados de hoje são os excluídos. Mutilados porque não se encaixam nos leitos da sociedade.

E, depois de ler Maturana, talvez, cometa mais um exagero, mas cheguei a pensar que não há mais necessidade do falso São Bernardo, pois nós mesmos nos submetemos às dimensões dos leitos científicos, atléticos ou estéticos.

A racionalidade nos torna iguais, porque ela se compõe de modelos de pensar e de agir que podem ser reproduzidos por cada pessoa. As emoções, ao contrário, se manifestam de diferentes maneiras, tanto entre os indivíduos como em cada um, seja em situações idênticas, seja em situações diversas.

O reencontro com a corporeidade se torna possível e inevitável quando cada um se reconhece como um sistema auto-referido. O reencontro consigo mesmo, diz Maturana, se inicia com a aceitação de que “nossa corporeidade nos constitui, e que o corpo não nos limita, mas, ao contrário, ele nos possibilita”. (Emoções e Linguagem na Educação e na Política p.53). O corpo, de fato, é o conjunto de todas as nossas possibilidades. A idéia de limites nasce quando surge a comparação com o mundo exterior.

Finalmente, é preciso lembrar que a aceitação, ou a recusa, do corpo, como fonte de todos os nossos recursos de auto-realização, não se dá sob o comando da razão, mas pela paixão das emoções.

3. As emoções do encantamento

Por que as emoções seriam responsáveis pelas nossas decisões frente à aceitação ou recusa do corpo? A resposta é simples, porque a própria racionalidade é uma escolha emocional. Mas vejamos por que nos causa tanta estranheza esse privilégio, dado às emoções, no pensamento de Maturana.

Para começar vamos ver como Maturana define as emoções. Em primeiro lugar ele avisa que “as emoções não são o que corretamente chamamos de sentimento”. A compreensão da emoção, ou do emocionar-se, não é colocada por Maturana na esfera do psíquico, mas do biológico. Assim “as emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos”. Desta maneira conclui-se que toda mudança de emoção corresponde a uma mudança de domínio de ação.

Em segundo lugar, Maturana afirma que a capacidade de emocionar é um fenômeno que pertence a todo reino animal. “Todos nós, os animais, temos emoções”. Quando o ambiente, em que estamos, é alterado, o nosso comportamento é afetado. E o será tanto mais, quanto maior for a alteração. Esta reação pertence ao domínio do emocional, pois atinge não somente a ação, mas também a razão. (Emoções e Linguagem na Educação e na Política p. 16).

Por fim, insiste Maturana, “todo sistema racional se constitui no operar com premissas aceitas, a partir de uma emoção”. Portanto, “não é razão o que nos leva à ação, mas a emoção”. Neste sentido “o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional”. Quando agimos racionalmente justificamos nossas ações através de argumentos coerentes, supondo que estes não têm nenhum fundamento emocional, pois acreditamos que tal condição seria uma limitação à nossa identidade racional. (idem p.15-23).

Em nome desta identidade racional, as pedagogias ocidentais construíram os modelos educacionais formais como acesso à cultura e à vida social. Esta racionalidade fundante foi se restringindo até se reduzir aos conhecimentos científicos.

E neste contexto racionalizante o perfil educacional, escolar ou não, está marcado pela oposição excludente entre o racional e o emocional. Nesta oposição, a racionalidade, sempre que se trata de manifestações públicas, deve controlar todo nosso agir. Uma atitude emocional será sempre interpretada como um gesto de desequilíbrio. A emocionalidade encontra guarida na vida privada. A emoção somente será legítima sob o controle da racionalidade. O sistema racional é definido como uma construção coerente graças a um conjunto de princípios lógicos, a partir dos quais desenvolvemos nosso raciocínio e nosso agir.

Humberto Maturana, com base na própria biologia, mostra que a racionalidade não é nem contrária nem contraditória à emocionalidade, porque possui um fundamento emocional. A crença generalizada de que é a razão que identifica e distingue a espécie humana, além de nos cegar diante da emoção, também a coloca no nível dos irracionais e como negação do racional. O fato de nossa identificação como seres racionais nos impede de ver o entrelaçamento entre razão e emoção. A nossa

vida é tecida de fios de racionalidade e de emocionalidade. Basta observar em base de que tomamos as nossas decisões. Portanto, a escolha da razão, ou da racionalidade, como característica primeira do ser humano, é feita com base não-racional. Aceitamos a racionalidade porque nos agrada, nos interessa ou nos dá previsibilidade. E acima de tudo nos confere poder. Foi assim que privilegiamos a racionalidade e excluimos o emocional. Por isso, observa Maturana, “pertencemos a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente, e ao que provém de nossas emoções, um caráter arbitrário”. (Emoções e Linguagem na Educação e na Política p. 52).

Para o pensamento corrente, especialmente no mundo intelectualizado, a emoção nos aproxima do caos da irracionalidade. Deste modo nós, dificilmente, admitiremos a idéia que o racional nada mais é que uma opção emocional. Ela poderá tornar-se palatável, mesmo para os racionalistas radicais, quando se reconhecer que o fundamento emocional do racional não é uma limitação.

Não se trata agora, em nome do encantamento, de eliminar a racionalidade, mas apenas de reconhecê-la como uma manifestação emocional, que nos dá muito poder de dominação e controle. Querer controlar e dominar são formas de manifestação emocional. Controle e dominação são desejos de submeter à nossa vontade o mundo que nos cerca.

Uma conclusão parece ser, sob a ótica de Maturana, incontestável, a de que para encantar ou re-encantar a educação há um único caminho, o caminho das emoções. E no caminho das emoções há uma luz de uma emoção maior, a emoção do amor. O amor encanta a vida e inspira a pedagogia encantada e encantante.

4. A pedagogia re-encantante

A pedagogia encantante é aquela que encanta. E para encantar a pedagogia precisa estar fundada na emoção que funda o modo de ser do ser humano. “A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor”, é o que proclama Maturana. E isto seria suficiente para rever os fundamentos de nossas pedagogias cognitivistas. Mais uma vez, Maturana adverte que ele está falando em nome da biologia, mas que afirma com toda a convicção que, infelizmente, “a palavra amor foi desvirtuada, e que a emoção que ela conota perdeu sua vitalidade, de tanto dizer que o amor é algo especial e difícil. O amor é o fundamento da vida humana, mas não é nada especial”. (idem p. 23)

O amor inspira duas aceitações. A primeira é a aceitação de si mesmo. Aceitar a si mesmo significa amar-se. Do amor de si mesmo depende o reconhecimento de ser um sistema auto-referido que cada um é. Do amor de si mesmo depende a aceitação de si mesmo como decisão primeira para o processo de auto-realização. Da aceitação e do respeito de si mesmo depende a aceitação e o respeito para com os outros e a natureza.

A educação encantante tem como primeira preocupação oferecer condições para que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se em seu ser. E isto é fundamental para todo processo educacional, pois sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro.

Neste sentido nada melhor do que ouvir as palavras do próprio Maturana: “O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a

aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto.” (idem p. 25)

A história da educação ocidental nos mostra quanto nos distanciamos da pedagogia do encantamento. Se esta constatação não fosse verdadeira, não estaríamos aqui fazendo o que foi chamado, re-encantando a educação.

Não é necessário, mas julgo importante, trazer aqui alguns aspectos da denúncia, feita por Maturana, a respeito da educação atual.

Vejam os pontos mais fortes desta denúncia. Hoje, educar significa transmitir conhecimentos que dão poder para competir no mercado de trabalho. O grande ideal é tornar-se um grande competidor. Assim a competição profissional é exaltada como o fim último da formação acadêmica. A vida estudantil é dominada pela teria do mercado livre e da sadia competição. O livre mercado encontra seus fundamentos nas leis supremas da oferta e da procura. A sadia competição é a dinâmica que faz funcionar corretamente o mercado.

Frente a esse modo de pensar mercantilista, Maturana faz quatro afirmações contundentes. a) A competição sadia não existe. b) A competição não é nem pode ser sadia. c) A competição é um fenômeno cultural, e não constitutivo biológico. d) A competição, como fenômeno humano, é a negação do outro. (Idem p. 12-13).

Seguem alguns argumentos que mostram a perversidade da competição. Não é preciso fazer referência às guerras. Ou a imaginação belicosa na invenção de armas mortíferas. Os cenários que presenciamos, via mídia televisiva, são a demonstração de que a vida não tem nenhum valor. E os mandantes viajam e se reúnem sorridentes como representantes de democracias que impedem um terço da humanidade a ter uma vida digna. O homem matando impiedosamente seus semelhantes. Esse comportamento somente é possível na espécie humana. É a manifestação suprema da competição.

Alguns poderão dizer que no reino da natureza acontecem também mortes. Por exemplo, os carnívoros fazem suas vítimas entre os animais. Os herbívoros se alimentam de vegetais. Maturana, não nega esse fato, mas observa que as vidas interrompidas, como alimentação, ocorrem para continuar a vida. Entre nós, humanos, as vidas são suprimidas em defesa da propriedade ou da ambição de poder. Por isto a propriedade acaba por ser o maior atrativo para os competidores. Ela é uma entidade jurídica acima dos direitos das pessoas terem uma vida digna. Ela se tornou a legítima intermediária dos humanos entre si e com a natureza. E tudo indica entre eu e meu corpo.

Vamos deixar de lado as atrocidades da competição guerreira e as injustiças da propriedade, para observar outros cenários competitivos, embora pouco questionados e, geralmente, exaltados. Refiro-me às práticas esportivas. Fenômeno que Maturana não esquece. A esse respeito ele diz: “Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro”. (Idem p. 13). Além disso, para um observador mais atento, é possível caracterizar a linguagem, dita esportiva, com uma linguagem de guerra, de luta, de agressão e de defesa.

Diante de uma cultura com esses valores tão enraizados, podemos perguntar, haverá alguma saída? Haverá lugar para sonhar com o re-encantamento da educação? A receita simples de Maturana é a seguinte: “Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social”. E aponta o exemplo que vem da natureza. Ela construiu redes de participação, de inclusão, de colaboração, de compreensão, de acordo, de respeito e co-inspiração. Seguindo essas redes, ela, a natureza, chegou até aos humanos. Portanto, voltando a repetir as palavras de Maturana: “Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhece-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive”. (Idem.34). Para completar esta proposta de recuperação ele nos convida a lembrar o grande mestre de Nazaré. “Jesus era um grande biólogo. Quando ele fala de viver no reino de Deus, fala de viver na harmonia que traz consigo o conhecimento e o respeito pelo mundo natural que nos sustenta, e que permite viver sem abusá-lo, nem destruí-lo.” (emoções p. 35)

Conclusão

Poderia, talvez, deveria terminar aqui, mas não posso deixar de voltar ao início, quando revelei minha simpatia pela idéia de re-encantar a educação. E fiquei convencido que é urgente essa tarefa de re-encantamento, pois a nossa educação, concentrada no conhecimento científico que dá poder, está completamente enclausurada pela e na racionalidade, sem emoções e sem encanto. Além disso, somos transformados em objetos de nós mesmos, seja pelo paradigma epistemológico, calcado sobre o dualismo sujeito/objeto, seja pela inclusão do corpo como um objeto de posse e de mercado.

Mas o mais assustador é ouvir pessoas, que ocupam cargos de decisão neste mundo globalizado, afirmarem com toda tranqüilidade que as guerras fazem parte da natureza humana, ou admitir que existem males necessários como a tortura, a violência, as agressões, as prostituições.

A criança, pergunta Maturana, como poderia olhar para si mesma se o que vê não é aceitável, se o que faz está errado, se o que fala não tem valor? Assim, somente pode concluir que o bom, o certo, o correto e o aceitável estão situados fora dela. Ela precisa copiar, repetir, reproduzir e ser o que os outros dizem que ela deva fazer e ser.

Neste cenário, em que somos estranhos a nós mesmos, proibidos de toda emocionalidade, despojados de toda vontade acabamos por não assumir nossa condição de sistemas auto-referidos para adotarmos o sistema alo-referido. Aderimos inconscientemente aos outros na construção externa de nós mesmos. Em lugar de sermos uma obra autopoética, preferimos, forçosamente, adotar o modelo de artefato, desenhado por mão alheia. Aceitamos ser máquina de pensar, de produzir, de consumir e, até, de amar. Aqui cabe lembrar a obra de Maturana e da Gerda Verden-Zöllner, Amar e Brincar, Fundamentos esquecidos do humano.

O auto-desenvolvimento não é uma tarefa simples, porque cada um deve assumir a condição de artista, de poeta da obra de arte, que é ele mesmo. Mas será sempre gratificante quando é executada pela emoção, o amor.

Num processo de auto-desenvolvimento, certamente, a maior dificuldade está em elaborar os procedimentos mais adequados. Saber o que deve ser feito para que ele ocorra respeitando suas possibilidades. Para expressar essa dificuldade foi parodiar Hipócrates, o pai da medicina, ao afirmar que “Se nós tivéssemos condições de estabelecer a quantidade exata de alimentos para cada indivíduo, e determinar o nível necessário de exercícios, nem em excesso, nem pouco, teríamos encontrado o caminho certo para a saúde.” Eu substituiria apenas a palavra saúde por autopoiese.

Antes de terminar vou tentar apelar para a mitologia, nem que cometa um crime ou uma heresia para os psicanalistas. Acredito que a lenda de Narciso, o herói que se encanta com a própria imagem, poderia ser re-interpretado. Não o Narciso que se fecha em sua própria imagem, mas que, ao encantar-se com sua imagem, possa encantar-se com a imagem dos outros.

Finalmente, ainda que de maneira poética e ingênua, entre os manuais científicos e de metodologias e o tempo de falar de ciências, nós, professores, poderíamos reservar um espaço e um momento para ouvir as melodias de uma nova Flauta Encantada.

Prof. Dr. Silvino Santin

SEMANA DE ENFERMAGEM DO GRUPO HOSPITALAR CONCEIÇÃO
5 DE NOVEMBRO DE 1998
TEMA DO EVENTO: **CUIDAR DO EU PARA CUIDAR DO OUTRO**

TEMA DA PALESTRA:

O EU ENTRE O PODER E O ENCONTRO, ENTRE A TÉCNICA E A EMOÇÃO NA ARTE DE CUIDAR O OUTRO

1. INTRODUÇÃO
2. O EU O OUTRO E O CUIDAR
3. POR QUE ENTRE O PODER E O ENCONTRO?
4. POR QUE ENTRE A TÉCNICA E A EMOÇÃO?
5. POR QUE ARTE DE CUIDAR DO OUTRO?
6. CONCLUSÃO

O EU ENTRE O PODER E O ENCONTRO, ENTRE A TÉCNICA E A EMOÇÃO NA ARTE DE CUIDAR O OUTRO

1. INTRODUÇÃO

O tema do encontro, Cuidar do eu para cuidar do outro, deixou-me numa situação curiosa. Esta situação curiosa tem dois sentidos. O primeiro sentido vem de curiosidade mesmo. Fiquei me perguntando o que se quer dizer com essa expressão cuidar do eu para cuidar do outro? E o que seria possível dizer sobre esse tema? E ainda, onde, eu, pessoalmente um estranho ao mundo da enfermagem, poderia encontrar inspiração e, talvez, coragem para desenvolver esse assunto? Apesar das palavras serem conhecidas, não conseguia ver claramente o que poderia dizer.

O segundo sentido desta situação curiosa é manifesto por um sentimento, diria, de admiração. Poucas vezes há uma manifestação explícita da preocupação com o indivíduo que deve realizar uma tarefa. O que se exige dele é apenas o exercício de sua função, raramente, há um gesto em direção a sua pessoa. Portanto, não é frequente dirigir uma atenção personalizada ao indivíduo que deve assumir uma função. Dificilmente se estabelece uma relação direta com os personagens que constituem o mundo de uma ação profissional. Essa relação é sempre mediada pela função exercida. João não é João, Maria não é Maria. Um é enfermeiro, outra é enfermeira. Mostrar que é fundamental dar atenção, não só ao processo de formação, mas à compreensão mais ampla do sujeito responsável por uma ação junto a outras pessoas, me parece ser o grande mérito do tema proposto neste encontro de enfermagem.

O tema aponta com muita clareza que na enfermagem, antes de se pensar cuidar do outro, há a necessidade de cuidar daquele ou daquela que deverá ser o responsável

pelo outro. Há portanto um cuidar, não sei se só anterior, mas seguramente diferenciado, ao cuidar propriamente da enfermagem. E isto, no meu entender, assume um significado especial na enfermagem, porque, geralmente, quando se fala das obrigações da enfermeira, inevitavelmente, tudo é reduzido ao cuidar do paciente, isto é, do outro enquanto objeto de assistência terapêutica e, quase sempre, hospitalar. Cuidar em enfermagem é dedicar-se ao outro. Raramente se pensa que esse cuidar precisa ser antecedido por um outro cuidar, o cuidar que centra a atenção sobre aquele que deve exercer a função de cuidar. E, acima de tudo, há uma relação entre esses dois momentos na vida das pessoas. Talvez a redução das atividades humanas da era industrial a meras funcionalidades tenha contribuído para que não se pensasse nas preocupações com o sujeito das atividades de enfermagem. O profissional é planejado longe de seu futuro mundo de atuação. Esse profissional pré-moldado tem apenas um frágil, talvez, suspeito estágio para familiarizar-se com o mundo que é a razão de sua profissão. Ele foi desenhado segundo um projeto, provavelmente científico, de enfermagem. Aliás como qualquer outro sistema de formação profissional.

Torna-se fundamental pensar o cuidar do eu muito além dos limites de sua eficiência profissional. Foi assim que busquei persistentemente uma maneira de articular os três termos Eu, Outro e Cuidar que possibilitasse pensar mais profundamente toda a extensão de uma das ações mais humanas, a de dedicar-se às pessoas doentes. Nenhuma invenção humana supera em grandeza e mérito às ações de dar e preservar a vida, o maior bem que existe sobre o planeta Terra. Se gerar novas vidas é um momento de encantamento supremo, cuidar das vidas ameaçadas pelas doenças é um gesto de dedicação, de doação, de solidariedade e de gratuidade incomparável.

Uma articulação entre Eu, Outro e Cuidar deve começar por uma compreensão do significado destes termos. Sem saber a quem se refere o Eu, sem saber quem é o outro e sem definir que tipo de ação é o cuidar, torna-se impossível falar sobre as relações que se estabelecem entre eles. Deve-se, também, observar que há um cuidar do eu e um cuidar do outro. Portanto é preciso descobrir em que consiste o cuidar do eu que vai se desenhando enquanto se desenha simultaneamente o cuidar do outro. Uma vez realizado o cuidar do Eu, ele torna-se automaticamente responsável pelo cuidar do outro. Fica claro que os dois “cuidar”, do eu e do outro, nascem e crescem juntos. Um não surge antes do outro.

O primeiro esforço deve ser dirigido para identificar os personagens que são designados pelos dois pronomes Eu e Outro, o que garantirá a compreensão do duplo cuidar. Para realizar essa articulação entre Eu, Outro e Cuidar optei por definir minha abordagem desta forma: O eu entre o poder e o encontro, entre a técnica e a emoção na arte de cuidar o outro. Não sei se isto esclarece, mas foi a maneira que eu encontrei para desenvolver um tema que não faz parte nem da minha formação acadêmica e nem da minha experiência cotidiana.

O poder e o encontro, a técnica e a emoção foram as idéias que, no meu entender, poderiam fornecer-me um acesso para refletir sobre a paisagem constituída por dois personagens, o Eu e o Outro, envolvidos e definidos por ações que a palavra Cuidar anuncia. Por isso vou iniciar esta minha reflexão buscando entender os termos Eu, Outro e Cuidar.

2. O EU, O OUTRO E O CUIDAR

Inicialmente, como entender o eu e o outro? A quem se referem? Muito fácil, todos dirão. O eu, é o enfermeiro. Assim, obviamente, o outro deverá ser o doente ou o paciente. Se assim fosse, por que não disseram então, cuidar do enfermeiro para cuidar do paciente? Teria ficado mais claro. Mas, não, o enunciado diz: cuidar do eu para cuidar do outro. Sem dúvida deve haver nesta formulação do tema alguma intenção, pelo menos assim eu vejo. O eu e o outro são termos que não nos obrigam a traduzi-los, respectivamente, por enfermeiro ou paciente. É apenas o contexto deste encontro de enfermagem que asseguraria tal tradução. O enfermeiro antes de ser enfermeiro é um eu. Ou em outras palavras, o enfermeiro é um eu transformado em enfermeiro graças a um cuidar especial por ele praticado. Portanto, a questão seria: como fazer com que esse eu possa ser um eu, antes de vir a ser um enfermeiro? O outro, também, não é automaticamente um paciente. Ele é um outro eu simplesmente, antes de se tornar alguém necessitado do cuidar da enfermagem.

Há ainda a questão do verbo cuidar. Aparentemente todos diriam que se trata de uma palavra repetida. De fato, não há repetição. Estamos diante de um caso em que a palavra tem dois sentidos. Dois sentidos bem diferentes. O cuidar referente ao Eu não é o mesmo que o cuidar referido ao Outro. O Eu recebe uma forma de cuidar que o torne capaz de exercer o cuidar do Outro. Parece um jogo diletante de palavras, mas não é. Pode ser um jogo, mas neste jogo está a essência do perfil da enfermagem. E diria mais, nele pode estar uma nova filosofia da formação do enfermeiro e da forma de pensar aqueles que necessitam da enfermagem.

Não quereria resolver essas questões apenas através de um discurso acadêmico. Trabalhar com conceitos abstratos significa contentar-se com representações mentais da realidade, dos fatos ou das pessoas. Mas como poderia eu fugir dos discursos conceituais sem ter a vivência do mundo que esses três termos constróem todos os dias? E ainda mais grave, como falar a quem vive diuturnamente neste mundo, e não só vive, mas é um dos criadores deste mundo?

Gostaria poder acompanhar esses personagens no seu dia a dia. Entrar no seu mundo. Ver um eu e um outro em carne e osso. Gostaria ver pessoas, não conceitos. Contar a história do que acontece no interior da enfermagem. Gostaria descrever o dia a dia da vida de um Eu e de um Outro. O eu é o cuidador ou o cuidante, que recebe o nome de enfermeira, mas o eu, na verdade não desaparece atrás do enfermeiro, ele tem uma identidade pessoal, tem um nome chama-se Carla, Rafaela, Marlene, Ana. De vez em quando aparece um Paulo, um Marcos, um Ivo. O outro, também, recebe um nome genérico de cliente ou paciente (termo questionado, mas que eu prefiro, porque designa aquele que sofre, que padece, que sente) ou, às vezes, a designação genérica de doente ou específica da doença que o acomete. Mas ele também tem um nome próprio, uma história e uma vida. Seus nomes são contados aos milhares. Gostaria falar destes eus e destes outros encarnados, vivos e visíveis.

E por fim, como descrever o cuidar? Não podemos esquecer, temos dois tipos diferentes de cuidar. Quero também falar do cuidar como um fato, uma ação que acontece num lugar e num momento. O cuidar enquanto revela atitudes de pessoas. Mas onde encontrar esses dois tipos de cuidar? Certamente eles, pelo menos em parte, devem acontecer em lugares e tempos diferentes.

O primeiro cuidar, o do eu. Onde acontece? Creio que não estaria errado se dissesse que é o que acontece na escola, nos cursos de graduação, nos estágios, nos cursos de especialização, de pós-graduação. Portanto seria o cuidar monitorado pelos professores, pelos supervisores, pelos orientadores. Trata-se de um cuidar planejado, preestabelecido oficializado e extensivo a todos, aquele que transforma um eu num profissional, no caso, num enfermeiro. Este cuidar do eu na enfermagem é uma ação anterior que forja o eu para se apresentar como o ator principal e, talvez, único do cuidar do outro. Esse cuidar é externo, quantificável, conduzido, controlado e avaliado por outros, mas gostaria referir-me de um outro cuidar do eu, aquele que não se vê porque acontece no íntimo de cada um. É o cuidar que cada um, em qualquer profissão, desenvolve no cultivo de si mesmo. Está sustentado nos valores que ele incorpora em seu ideal de vida. Esse cuidar que não está nos manuais, nem nas salas de aula, mas no projeto interior que se confunde com a identidade da pessoa, é o cuidar que faz com que a pessoa não seja uma função, mas uma vivência.

Quanto ao cuidar do outro parece mais simples porque acontece num lugar conhecido, os hospitais, as casas de saúde, as salas de parto, os pronto atendimento, nas UTI e CTI, ambulatórios, salas cirúrgicas, enfermarias, etc.

Vou pedir licença para complicar um pouco mais a fim de mostrar o quanto é complexo o tema. Quero lembrar que essas formas de cuidar, tanto no primeiro sentido quanto no segundo, estão vinculadas à medicina curativa. E se fosse a medicina preventiva, como seria? Certamente tudo deveria ser repensado.

Na medicina curativa o outro é o enfermo, o doente, aquele que precisa de socorro, de livrar-se da doença. O eu é um salvador, o bom samaritano, o encarregado de debelar a doença, de exorcizar o mal. O carregador de prontuários medicamentosos. É em nome dessa função que o cuidar, ao qual ele deve se submeter, é pensado. O cuidar tanto do eu quanto do outro são orientados pela idéia da doença.

Na medicina preventiva o referencial é a vida. O que muda todo o cenário, mas não posso dele me ocupar.

O tema cuidar do eu para cuidar do outro nos remete para uma verdadeira ontogênese do eu e do outro. A ontogênese, aqui, implica em gerar o modo de ser do eu, enquanto enfermeiro, e do outro, enquanto paciente. O cuidar é a energia geradora. Precisamos saber em que consiste o cuidar para garantir a identidade do eu e do outro. O projeto de cuidar é o que fecunda e gera o modo de ser do eu e do outro.

Para mim esta ontogênese, isto é, gerar o ser do eu e do outro, depende dos fundamentos sobre os quais se constrói o duplo processo de cuidar.

3. POR QUE ENTRE O PODER E O ENCONTRO?

A pergunta, por que entre o poder e o encontro?, remete para duas fontes que inspiram o cuidar referente ao eu. Daqui para a frente vou substituir o pronome eu pela termo enfermeiro. O cuidar, por sua vez, passa designar o processo de formação do enfermeiro. Assim, haveria duas dimensões na maneira de formar o enfermeiro. Uma, reveste o enfermeiro de poder. Outra, busca capacitá-lo a efetuar encontros.

Não se trata de uma visão dualista da formação do enfermeiro. Uma dimensão não exclui a outra. Deveriam ser complementares.

Desde a era da sociedade industrial, instalada no Ocidente desde o século XIX, a formação das pessoas tem a marca da profissionalização. O que importa num profissional é a eficiência produtiva, calculada em resultados e rendimentos. A formação desses trabalhadores produtivos deve basear-se em conhecimentos e técnicas. Quanto maior for a inserção do sistema produtivo industrial maior sua capacitação intelectual e maior sua aplicação tecnológica. Nenhum setor das atividades humanas escapou da ideologia da era moderna industrial e, conseqüentemente, ao processo de adaptação científica e tecnológica. A área da saúde também viu-se envolvida por esse ideal de avanço científico e tecnológico.

Não pretendo debater as vantagens ou desvantagens ocorridas na área da saúde graças às ciências e à técnica, nem questionar a visão empresarial como sistema de administração das instituições e organizações responsáveis pela saúde individual e coletiva. Com isto não quero dar a entender que concorde. Quero apenas pontuar, dentro do projeto profissionalizante, a questão dos valores priorizados pelo processo de formação, não só do enfermeiro, mas de todo trabalhador.

A ciência tornou-se o grande fundamento da era moderna industrial. Assim toda educação desenvolvida em nossas escolas encontrou na transmissão de conhecimentos o seu maior objetivo. Um profissional é identificado pelo conjunto de conhecimentos científicos que adquiriu e de técnicas que domina. Senhor desses conhecimentos e dessas técnicas recebe um poder correspondente para atuar na realidade. Ele passa a ser a autoridade legitimada para definir o que e como se deve proceder. por exemplo, em relação à saúde.

O saber científico e o domínio tecnológico são aceitos como os únicos capazes de legitimar a ação humana. Tudo o que não for avalizado pela ciência e pela técnica, é secundário, dispensável e, mesmo, inútil e improcedente. Neste contexto o cuidar a que o eu (enfermeiro) deve se submeter é o que está estabelecido pelos conhecimentos e pelas técnicas que o habilitem a atuar na enfermagem, porque ela também já está determinada pela ciência e pela tecnologia. A enfermagem é o território limitado onde o enfermeiro (o eu cientificizado e tecnologizado) pode exercer seus plenos poderes em nome da ciência e da técnica. É importante lembrar que a ciência moderna se desenvolveu sob o princípio de que **saber é poder**. Quem detém o saber também detém o poder.

Infelizmente a ciência esqueceu-se, ou não tem condições, de preocupar-se com o vivido do homem. Diz Henri Atlan que o cientista "precisaria desdobrar-se para elaborar algo de 'reprodutível', 'mensurável', 'objetivável', excluindo assim de seu campo de investigação tudo o que é 'subjetivo', e que funda justamente boa parte do vivido". (Do Caos à Inteligência Artificial p. 63). Formar um profissional, sob o aspecto do trabalho produtivo, é apenas uma meia formação do eu. A educação precisa formar o eu (homem) inteiro, já diziam os gregos em seu projeto pedagógico. Mas como a era industrial somente pensou na produtividade, o restante não interessou.

É na esfera do subjetivo, do vivido, do pessoal que se daria a outra dimensão da formação do enfermeiro. Se for possível falar em começo, sem dúvida, deve-se dizer que este se dá no encontro consigo mesmo. Uma tarefa estritamente pessoal. Encontrar-se consigo mesmo significa viver a si mesmo ou viver-se. Aquele que sabe encontrar-se consigo mesmo e viver a si mesmo, é capaz de encontrar-se e conviver

com os outros. O encontro, a vivência e a convivência acontecem sem mediações. São fenômenos que se dão de maneira direta imediata, sem intermediários. A ciência nos oferece representações da realidade, através das quais acabamos por olhar o mundo. O conhecimento científico é uma representação mental das coisas. É através dele que nós acreditamos ter contato com as coisas. Da mesma maneira as ciências nos oferecem conhecimentos de nós mesmos, e nós pensamos que é através deles que nos encontramos conosco mesmos.

Para reforçar essas idéias vou apelar para Humberto Maturana. E o faço por duas razões. Primeiramente porque ele é atualmente uma das grandes autoridades mundiais em biologia, especialmente enquanto ela estuda a vida, não apenas os seres vivos, mas vida como uma forma de organização. Em segundo lugar, a minha invocação de Maturana, deve-se ao fato de que ele, para mergulhar na complexidade da vida e do viver, não importa animal ou humano, freqüentemente apela para elementos que ultrapassam as dimensões de qualquer laboratório de biologia geral ou especializada. No meu entender, a passagem seguinte coloca de maneira muito contundente nossa predileção pelo conhecimento como forma de definir o nosso modo de agir. Diz Maturana: "Temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia em nosso "que fazer" e em nossas relações com outros seres humanos e com a natureza toda, e temos nos equivocado". Observando a maneira como nós definimos a formação profissionalizante, fica claro que o grande formador do eu-enfermeiro é o conhecimento. Mas é bom ouvir mais um pouco Maturana ao contrapor o amor ao conhecimento. "Amor e conhecimento não são alternativas; o amor é um fundamento, enquanto o conhecimento é um instrumento. Além disso, o amor é o fundamento do viver humano". (De Máquinas e Seres Vivos p.33).

O profissional formado pelo conhecimento torna-se um premoldado para uma determinada função. Sua tarefa é aplicar seus conhecimentos e utilizar sua técnica. Ele vai exercer um mandato em nome da autoridade do diploma, garantia de domínio do saber correspondente, que lhe confere tal poder. O encontro, embora não dispense o conhecimento, dele não faz o fundamento, o seu fundamento está baseado na ética do amor. Novamente recorro a Maturana ao dizer que "os seres humanos como seres vivos existimos no fluir recursivo do conviver (...) e configuramos o mundo que vivemos como um conviver que surge na convivência em cada instante segundo como somos nesse instante"... (idem p. 32)

O cuidar científica e tecnologicamente definido ele já é preestabelecido. O indivíduo dele se apodera e passa a usá-lo como instrumento de atuação no mundo do trabalho que lhe é reservado. Com a predefinição do enfermeiro fica também predefinido o cuidar do paciente. Porque junto com o cuidar de si mesmo ele aprender como deve ser o cuidar do outro. O encontro entre o eu-enfermeiro e outro-paciente torna-se mero ritual científico e tecnológico. Tudo está previsto e preestabelecido.

Na realidade todos sabem que não há correspondência entre o conhecimento e o encontro, mas é mais cômodo fixar-se na suposta segurança do conhecimento do que aventurar-se na imprevisibilidade do encontrar-se.

É por isto que, no meu entender, a formação do enfermeiro se encontra entre o poder de determinar todos os procedimentos, e o encontro que o levaria por começar inteirar-se da situação que se lhe apresenta para ver até que ponto o poder de seus conhecimentos e de sua tecnologia tem condições de definir uma estratégia de intervenção.

Para concluir essa primeira parte, diria que o poder somente será eficaz quando receber a confirmação do encontro. Seguindo o pensamento de Maturana ousaria afirmar que o poder do saber somente será legitimado quando for vitalizado pelo amor do encontro.

Assim, acredito que o enfermeiro que sente, na fase de sua formação (cuidar do eu), o dilema entre o poder e o encontro, vai viver outro conflito, o de estar entre a técnica e a emoção na prática de sua atividade de enfermagem

4. POR QUE ENTRE A TÉCNICA E A EMOÇÃO?

A situação de ver-se entre a técnica e a emoção é uma conseqüência lógica decorrente do conflito ao defrontar-se com a necessidade e imposição de adquirir conhecimentos, e, ao mesmo tempo, de saber que a relação com pessoas somente acontece mediante o encontro. Assim, os conhecimentos devem ser completados pela aquisição de habilidades técnicas, para garantir procedimentos corretos nas atividades da enfermagem. Porém, a comunicação, a convivência com os outros acontecem pelo caminho das emoções. Os conhecimentos e a habilidade técnica lhe dão base e condições para executar sua tarefa, mas o gosto, o amor pelo seu trabalho está cheio de emoções. Assim não são os conhecimentos que nos garantem o amor pela vida. O que nos faz amar a vida é o sentimento, é a paixão, é a emoção. O mesmo poderia dizer a respeito do trabalho.

Novamente não se trata de colocar técnica e emoção como alternativas opostas, mas apenas mostrar que alguém pode contentar-se em adquirir conhecimentos e técnicas, outros preferem ir mais além, e buscar na energia emocional o ingrediente complementar de sua vida pessoal e de sua tarefa profissional.

Acredito que a eficiência maior de uma ação, a correção de uma decisão e a dedicação a uma causa dependem muito mais do potencial emocional do que dos cálculos e raciocínios da razão. "Na vida cotidiana, escreve Maturana, distinguimos as diferentes emoções olhando as ações e as posturas ou atitudes corporais do outro, que pode ser um de nós mesmos, pessoa ou animal não-humano. Além disso sabemos também que na vida cotidiana cada emoção implica em que somente certas ações são possíveis para pessoa ou animal que as exibem. Por isso afirmo que aquilo que distinguimos como emoções são disposições corporais que especificam a cada instante o domínio de ações em que se encontra um animal (humano ou não), e que o emocionar, como o fluir de uma emoção a outra, é o fluir de um domínio de ações a outro. A barata que cruza lentamente a cozinha, e começa a correr precipitadamente para um lugar escuro quando entramos acendendo a luz e fazendo barulho, teve uma mudança emocional, e no seu fluir emocional passou de um domínio de ações a outro. De fato, reconhecemos isso também na vida cotidiana, ao dizermos que a barata passou da tranqüilidade para o medo. Nesse caso, a usar os mesmos termos que usamos para nos referirmos ao emocionar humano (...) estamos reconhecendo que o emocionar é um aspecto fundamental do operar animal que nós também exibimos (...) A existência humana se realiza na linguagem e no racional partindo do emocional. (A Ontologia da realidade p. 170)

Esta citação de Maturana, me parece, mostra com muita clareza o que pode acontecer no universo da enfermagem. A nossa presença junto aos outros se constitui a partir de emoções. Ninguém, por mais racionalizado que esteja, tem o comportamento de um robô. Todo esforço para apagar a emocionalidade em nossas tarefas profissionais torna-se inútil, porque o operar do ser vivo tem sua origem no emocionar. O emocionar dos animais pode ser instintivo, no homem ele pode ser controlado e guiado, jamais eliminado. Ao trazer o exemplo da barata, Maturana nos mostra a relação entre a mudança do operar e a mudança emocional. No mesmo fato se dá também uma mudança do operar de quem entra na cozinha porque se dá uma mudança emocional. É fácil perceber isto, basta lembrar as reações conhecidas em nosso ambiente familiar.

Passando destas considerações e exemplos para o contexto da enfermagem, fica fácil imaginar o que pode acontecer. O operar de uma seringa pela enfermeira não está apenas controlado pela sua habilidade técnica, sem dúvida há uma influência do fluir emocional. O manejo de uma seringa nunca será o mesmo, ainda que aparentemente sob o ponto de vista técnico possa ser uma repetição constante. O gesto técnico pode ser o mesmo mas ele tem sempre um aspecto novo, o da emoção diante de uma situação nova. A emoção não pode ser vista como um empecilho para o bom desempenho do gesto técnico, ao contrário, ela deve aperfeiçoá-lo, daí a necessidade de um aprendizado para agir emocionalmente. Mas, também, pode prejudicá-lo.

Imaginemos, agora, em lugar da cozinha e da barata, uma enfermaria ou um apartamento de hospital visitados por uma enfermeira para executar sua tarefa. As mudanças não são de ordem científica ou técnica, esta já está estabelecida, tornou-se rotina. As mudanças são de ordem emocional. Talvez, para o cumprimento do ritual, do horário e das normas estabelecidas, prefere-se desconhecer esse fluir emocional, mas ele acontece, porque, nos diz Maturana "somos obrigados a reconhecer que as emoções são disposições corporais que especificam domínios de ações, e que as diferentes emoções se distinguem precisamente porque especificam domínios de ações distintos, por isso, seguindo o pensamento de Maturana, todas as ações humanas se fundam no emocional, e, a cada mudança de situação, o emocionar altera-se. Ninguém pode ausentar-se de sua corporeidade, sede do racional e do emocional. Podemos privilegiar a racionalidade, mas a emocionalidade está sempre presente, inclusive na própria atitude de privilegiar o racional. (A Ontologia da Realidade p. 170)

Para Maturana todo ser humano vive e se educa envolvido, primeiramente, pelo emocionar da mãe, e, depois de todas as pessoas que formam o ambiente de sua convivência. Da mesma maneira como adquirimos o linguajar e os comportamentos de nosso ambiente, assim também incorporamos o emocionar. Da mesma maneira como estamos imersos nas palavras, nas expressões do nosso ambiente familiar, assim, também, o nosso emocionar é fruto de um aprendizado do emocionar do nosso ambiente humano. Infelizmente, quando entramos na esfera da formação racional e das condutas racionais, bases de nossa educação profissional, somos forçados a anular nossas capacidades de emocionar. Somos convencidos que atender a emoção significa estarmos sujeitos a muitos riscos, desequilíbrios e erros. Aprendemos a negar a emoção e a impedir o fluir emocional. Esta atitude de negar o emocional é resultado da milenar tentativa ocidental de dar um fundamento racional a todas as relações e ações, o que nos desumanizou e nos tornou cegos a nós mesmos e aos outros. (Cf. De

Máquinas e Seres Vivos p. 33). Parece que atualmente o emocional está deixando de ser uma ameaça para o equilíbrio pessoal, e, até, é visto como uma restauração do humano.

5. A ARTE DE CUIDAR O OUTRO

Diante do exposto como pensar o cuidar do outro? Aqui também seria possível dizer que o outro, que será traduzido pelo termo paciente, poderá receber dois tipos de cuidar. Um que é definido pelo poder dos conhecimentos científicos adquiridos, e executado segundo as normas técnicas por um profissional que mantém o rosto inalterado do equilíbrio racional. O segundo, que, sem dispensar seus conhecimentos e sua tecnologia, prefere construir o cuidar a partir do encontro com o paciente, e aceitar inspirações de seu fluir emocional. No primeiro caso o paciente é um alvo passivo e submisso aos procedimentos tecno-científicos determinados pelo profissional de plantão. No segundo caso o cuidar é resultante de uma convivência entre duas pessoas que, embora em situações diferentes, realizam uma ação participativa, ainda que os procedimentos terapêuticos em nada mudem. O grande diferencial é dado pelos laços emocionais que unem personagens que vivem afetivamente um momento existencial.

Aprofundando um pouco mais a questão, diria que há um cuidar do outro preestabelecido por um profissional que, por sua vez, recebeu um cuidar científico e tecnológico conferindo-lhe o poder de decidir sobre como deve ser o cuidar do paciente (outro). Assim estamos diante da ciência e da técnica do cuidar. Há, também um cuidar do outro diferente proveniente de quem vai ao encontro de um chamado, de um apelo para, primeiro, escutar, depois, responder. Os seus procedimentos surgem desse encontro fecundados e gerados pelos seu saber e pela sensibilidade emocional. A isto eu chamei a arte de cuidar. O artista se opõe ao cientista, não na preocupação com a eficiência da ação, mas pela maneira como a realiza. Os dois, cientista e artista, têm o mesmo objetivo, alcançar um resultado. O que os diferencia é a maneira como realizam a mesma tarefa. O artista se coloca num plano mais psicológico onde se privilegia os estados singulares, captados pela intuição, o que suscita nele sentimentos estéticos. O cientista guia-se pelo raciocínio lógico, pelas medidas justas do que deve ser feito a partir do geral. Enquanto o cientista se contenta com as orientações da ciência e da técnica, o artista procura ir além buscando inspiração nas suas emoções.

Uso a palavra arte para dizer que é preciso criar, inventar. Entramos numa enfermaria, num hospital não como um mecânico, um técnico, um engenheiro, mas como um artista. Nas oficinas, nas fábricas, nas indústrias entra-se para confeccionar produtos. O artista entra no seu atelier para criar com os materiais existentes e com a força de sua inspiração. Assim poderia fazer o enfermeiro. Um técnico e um artista. O somente técnico sabe o que faz e como fazer. O também artista sabe que quer fazer, precisa fazer alguma coisa, mas o que e como fazer vai depender de sua criatividade, dos recursos de que dispõe e da situação que tem pela frente.

O outro, isto é o paciente, não está antecipadamente rotulado pela nomenclatura das doenças registradas nos manuais. Ele é singular. É o ponto de partida para começar a ação criativa. No primeiro momento ele não passa de um apelo, de um chamamento. Somente a escuta deste apelo será possível traçar uma resposta. E a

cada dia que passa surge um novo dia, que exige uma conduta relacional renovada. O artista não produz quadros em séries. Cada quadro é uma nova criação, mesmo que retrate situações semelhantes.

Essa reflexão poderia estender-se indefinidamente, mas gostaria de deixar bem claro que cientista e artista podem andar juntos, porque poder e encontro, técnica e emoção não se excluem, são simplesmente, dimensões complementares, depende da aceitação de que a arte tem técnica como a ciência tem criatividade. Assim, pode-se dizer que o cuidar o outro, o paciente, não pode ser uma ação de poder ou um gesto técnico somente, mas também um encontro e uma convivência emocional. Portanto o cuidar como arte quer dizer que é preciso construir o cuidar em nome do conhecimento científico e em nome da sensibilidade emocional.

6. CONCLUSÃO

Por fim gostaria de dizer que tanto o cuidar do eu, quanto o cuidar do outro, podem ser traçados diariamente seguindo procedimentos científicos e aceitando as inspirações do fluir emocional. O homem das ciências, já foi dito por Henri Atlan, não sabe tratar do vivido, não se preocupa com juízos de valor, não reconhece o significado do emocionar, pouco respeita princípios éticos. Ele está enclausurado no pensamento lógico. Ora a enfermagem é essencialmente um lugar privilegiado da vida. E a vida enquanto está em situação delicada que, além das ciências, clama por um gesto de emoção. Parece, por pesquisas recentes, que a conduta emotiva pode trazer resultados terapêuticos que a conduta técnica por si só, não consegue alcançar. Conhecimentos apenas não são suficientes para o cuidar, seja do eu seja do outro, ele precisa ser irrigado pelos fluídos que emanam de um gesto afetivo.

O cuidar do eu, isto é, a formação do enfermeiro necessita da harmonia entre razão e sensibilidade para que o cuidar do outro, isto é, o atendimento ao paciente, também se torne uma conduta técnica e afetiva. Nenhum paciente dispensa competência científica e técnica do enfermeiro, mas sem dúvida, todos complementariam a competência profissional com as cores das emoções. Entre o professor que despeja conteúdos e aplica avaliações rigorosas, e o professor que ensina, mas escuta e se emociona com os alunos, todos sentem a diferença. Entre uma presença robotizada, e uma presença familiar; entre uma mão que se movimenta tecnicamente e a mão que, além disso, é capaz de afagar; entre um rosto fechado, sisudo e distante, e um rosto tranqüilo, iluminado e confiante; entre um olhar severo e autoritário, e um olhar expressivo e comunicativo, todos percebem e, acima de tudo, sentem a diferença. O mais importante não é perceber e sentir a diferença mas estar convencido de que cabe a cada um ser uma dessas presenças, uma dessas mãos, um desses rostos e um desses olhares.

Prof. Silvino Santin

Santa Maria, 04 de novembro de 1998.

SEMANA DE ENFERMAGEM
17 - 19 DE JUNHO DE 1998
ABEn - Santa Maria - RS

HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE: um novo olhar na enfermagem: Perspectivas para o novo milênio

INTRODUÇÃO

1. HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE: CONCEITOS E FATOS
2. O PRINCÍPIO DA HUMANIZAÇÃO
3. A RACIONALIDADE, PRINCÍPIO DA HUMANIZAÇÃO OCIDENTAL
4. UM PRINCÍPIO PRIMORDIAL
5. A SENSIBILIDADE, A MATRIZ ORIGINAL DA HUMANIZAÇÃO
 - 5.1 A fenomenologia da sensibilidade
 - 5.2 As moradas da sensibilidade

CONCLUSÃO

HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE

Um novo olhar na enfermagem: perspectivas para o novo milênio

INTRODUÇÃO

O tema central deste evento propõe, num primeiro momento, um novo olhar que deve acontecer na enfermagem para, num segundo momento, garantir perspectivas com vistas ao novo milênio. Fica evidente que o tema Humanização e Sensibilidade deve contribuir para que o novo olhar e as perspectivas possam realizar-se.

De imediato, duas questões me parecem fundamentais. A primeira indaga sobre o significado de um novo olhar. O termo chave é novo. O que pretendemos ao dizer novo? Havia uma maneira, um tipo de olhar. Novo indicaria para trocar essa maneira ou esse tipo de olhar. A idéia de novo seria mudar de olhar. Portanto teríamos um outro olhar, diferente daquele que vem acontecendo até agora. Não se trata de uma mera substituição. Como se trocássemos um objeto usado por outro novo, por exemplo, uma seringa. Novo pode significar, também, o que aparece pela primeira vez. Inédito, inovador, original, desconhecido, não habitual.

O olhar, em primeiro lugar, não é um objeto. O que impossibilita a transferência do olhar de um para o outro. O olhar é uma atitude que precisa ser construída pela pessoa. Ele será novo se houver mudança naquele que olha. O meu olhar muda quando mudo a maneira de ser. Conclui-se que o novo olhar, para ser um outro e diferente olhar, exige uma alteração do sujeito que olha. Vou recorrer a um exemplo. Tomemos o elemento água. O olhar do químico vê os elementos que compõem a água. O místico vê a força purificadora da água. O poeta vê a beleza da água. A água é a possibilidade de saciar as pessoas sedentas.

Quero observar, ainda, que o vocábulo, novo, que adjectiva o olhar, e o novo que adjectiva milênio, certamente não têm o mesmo sentido. Ao falarmos em novo milênio, em termos cronológicos, significa que acabamos uma série de mil anos e vamos para outra série de mil anos. Portanto, cronologicamente falando, substituímos uma série de anos por outra série idêntica. Isto não ocorre quando dizemos novo olhar. Aqui novo significa um outro e diferente olhar. A mudança deve acontecer naquele que olha.

A segunda questão refere-se às possibilidades de como a humanização e a sensibilidade podem contribuir para que o novo olhar, de fato, possa ser outro tipo de olhar. DE que maneira podem gerar o novo. Que subsídios encontramos nela para termos um novo olhar.

Humanização e sensibilidade são duas palavras conhecidas e, portanto, já estão enquadradas dentro de um discurso e de um olhar. Humanização e sensibilidade já definiram a nossa maneira de olhar. Elas já fazem parte de nosso olhar. Elas precisam ser olhadas diferentemente. O novo olhar, visto segundo o olhar da humanização e sensibilidade atuais pode ser que nada de novo signifique. Possivelmente o novo olhar deva começar pela mudança de olhar a humanização e a sensibilidade fora das compreensões habituais.

Humanização e sensibilidade são dois conceitos que possuem um lugar cativo no interior de um projeto cultural que nos domina desde a fixação do pensamento racional. Além de pertencerem a uma categoria de conceitos, humanização e sensibilidade referem-se a dois fatos fundamentais na história da humanidade. Esses fatos colocam-se anteriormente aos conceitos. Eles acompanham o homem desde sua origem. Habitados a pensar através de conceitos perdemos de vista os fatos aos quais estes se referem.

Não será, no meu entender, trabalhando com os conceitos que será possível encontrar um novo olhar na enfermagem e construir perspectivas para o novo milênio, mas ultrapassando o nível das palavras. De alguma maneira daria para adotar o preceito fundamental da Fenomenologia de Husserl, que anuncia a necessidade de "voltar às coisas mesmas". Aqui, será preciso entender a sensibilidade como uma atitude, um comportamento e um valor, bem como, encontrar a humanização como um fato, um processo e um projeto de realização da humanidade.

1. HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE: CONCEITOS E FATOS

A questão da humanização é apenas um capítulo da evolução da vida. Houve um momento que, no cenário dos seres vivos, surge o homem. Não sei se este é o mais importante, mas, certamente, refere-se ao momento mais recente da grande aventura da espécie humana que, segundo as teorias evolucionistas, teria iniciado há 4 milhões de anos. Fazemos parte do reino da vida, por isso mantemos, sob o ponto de vista da biologia, um certo parentesco com todos os seres vivos. Os nossos ancestrais, portanto, há milhões de anos, começaram a caminhada do homem em direção a um ideal de humanização. Um ideal que, tudo indica, não está claramente definido porque continuamos a procurá-lo e a redefini-lo constantemente.

No momento em que o homem passou a ter a liberdade de auto-construir-se e auto-organizar-se, não apenas em nome de um determinismo biológico, mas do

poder de deliberar sobre seu destino, estabelecendo os valores e os critérios de sua auto-realização, tudo mudou. O homem pode traçar os rumos de sua vida e, lentamente, ao mesmo tempo que modificava seu modo de viver, foi transformando o mundo que o envolvia. Durante milhões de anos a

humanidade foi exercitando sua capacidade criativa. Desde os machados de pedra lascada e das armadilhas de caça, da confecção de seu vestuário; passando pela navegação dos rios e dos mares, pelo domínio do fogo, pela invenção do ferro, pela domesticação de animais, pela construção de moradias, de templos e de pirâmides, castelos e palácios; até a elaboração do conhecimento científico, a descoberta da energia atômica, a navegação dos espaços e a construção de robôs; tudo testemunha o esforço de realizar o ideal de humanidade.

Esses são os fatos que constituem o processo de humanização. Uma simples observação dos fatos que marcam o desenvolvimento da humanidade revela a enorme diversidade de culturas, de costumes, de instituições e de organizações em todas as instâncias da vida humana, seja individual, seja coletiva. No meio deste universo de diferenças, como entender a humanização? Haveria um único processo verdadeiro de humanização? A resposta, provavelmente, se partirmos da história, tende a dizer que, até o momento, não há um único ideal. Os fatos mostram uma pluralidade de ideais de humanização. O certo é que não há sintonia, nem sincronia entre o conceito de humanização e os fatos. Teoricamente é possível estabelecer um conceito de humanização, mas na prática os acontecimentos mostram o contrário. Cada cultura estabelece uma antropologia que, em geral, é tomada como sendo a base teórica de uma ideal verdadeiro de humanização, expresso pelo conceito de humanismo. Novamente nos encontramos diante de diferentes humanismos. E diante disto ocorre que algumas formas de humanização passam a ser entendidas como desumanização, e certos humanismos são definidos como de anti-humanismos.

As grandes questões ficam no ar. Qual seria o verdadeiro ideal de humanização? E, caso seja possível se pensar num único humanismo, qual seria seu fundamento universal? Ainda, deve-se perseguir a homogeneidade cultural do homem? A história do desenvolvimento real uma infinidade de culturas e civilizações com características muito diversas. Umas ainda em pleno vigor e desenvolvimento, outras já desaparecidas, das quais temos apenas o testemunho de suas ruínas em monumentos, pinturas, resíduos de atividades domésticas ou, simplesmente, partes de esqueletos. Estariam todas essas culturas perseguindo um ideal universal de humanidade? Ou representariam caminhos diferenciados mas que, no fundo, todos convergiram para um mesmo final?

A solução destes enigmas estaria na possibilidade de se estabelecer o princípio da humanização, isto é, o elemento que garanta estabelecer a fórmula ideal dos procedimentos que leva todo homem a tornar-se humano.

Diante do exposto, acredito que o caminho mais seguro é aquele que nos leva aos fatos. A linguagem conceitual é uma representação do real, ela pode nos fazer perder o contato com os fatos. Nas memórias de Simone de Beauvoir encontramos um exemplo muito esclarecedor. Conta ela que, juntamente com Sartre, viu, pela primeira vez, um operário, por ocasião dos comícios que participavam na resistência espanhola. Os dois pensadores franceses, defensores de um socialismo radical, dedicavam-se a construir uma teoria defensora da classe operária, sem nunca ter visto um operário em

carne e osso. O trabalhador que eles descreviam como a força revolucionária, não passa de um conceito, de uma abstração mental. Nunca um homem de carne e osso.

Fica claro, no meu entender, que será preciso substituir a ordem dos conceitos pela ordem dos fatos que fazem acontecer a humanização e a sensibilidade.

2. O PRINCÍPIO DA HUMANIZAÇÃO

Falar em princípio de humanização exige, inicialmente, um pré-compreensão do fenômeno da humanização. O homem se humaniza quando realiza seu modo de ser. Humanizar-se significa tornar-se humano. O desafio é saber quais são os fatos, os comportamentos e as relações que garantem o estatus de humano. Ainda, sem descer ao concreto, seriam aqueles que correspondem ao princípio que gera o surgimento do homem. Então o primeiro passo é identificar esse princípio.

É o princípio que faz o homem humanizar-se. Mas o que significa princípio? Princípio deve ser tomado no sentido etimológico grego de arquê. Não significa só o início, o começo de algum fenômeno, de um processo ou de um movimento. Aquilo que se coloca na origem. O ponto de partida em oposição ao ponto de chegada, ao fim. No sentido etimológico, princípio é o que está presente, como responsável primeiro, desde a origem até o fim de qualquer fenômeno. O princípio é o que sustenta toda a evolução de um ser. Assim, o princípio de humanização é o que realiza o modo de ser do homem.

Vou recorrer a alguns exemplos, ainda que habitualmente não se fale desta maneira, mas julgo um bom recurso didático. Todo ser vivo possui um princípio que o leva a desenvolver plenamente seu ser. Esse princípio poderia ser identificado numa linguagem contemporânea, como sendo o código genético. Toda semente tem inscrito em si mesma todos os conhecimentos necessários para desenvolver-se no vegetal correspondente. Todas as partes de uma planta garantem o processo de realização do seu ser, ou simplesmente dizer, por exemplo, para o pinheiro, pinheirizar-se; para o eucalipto, eucaliptizar-se; para a roseira, roseirizar-se. E no caso dos animais. Por exemplo, para o boi, bovinizar-se; para o cavalo, eqüinizar-se; para o orangotango, orangotangonizar-se. E assim por diante. Tudo acontece dentro dos limites já traçados pela engenharia genética de cada espécie, vegetal ou animal.

Em relação ao homem, as coisas mudam porque nos deparamos com duas instâncias. A instância biológica que nos autorizaria falar em hominizar-se. Estaríamos diante do fenômeno do homem como mero ser vivo, obedecendo às regras da biologia como qualquer outro ser vivo. E a instância cultural, que introduz o fato da humanização. É o momento que o homem passa a definir seu modo de viver. No fato da hominização, o princípio é de ordem biológica; no fato da humanização, o princípio ultrapassa os limites do biológico. O importante é saber qual é esse princípio que desencadeia a humanização e seu desenvolvimento até a plenitude.

Antes de continuar esta busca do princípio da humanização, quero lembrar que no homem, desde o momento em que se romperam os limites do puro princípio biológico, hominização e humanização não são separáveis, biológico e cultural são inseparáveis. É verdade que a filosofia moral tentou estabelecer uma distinção entre o ato do homem - *actus homini* - que engloba todos os atos naturais, e o ato humano - *actus humanus* - que é voluntário e deliberado. Esta distinção poderá valer quando se trata de responsabilidade, mas, em termos de manifestação humana, torna-se

insustentável. A respiração, por exemplo pode ser vista como um ato meramente natural mas, de fato, cada indivíduo sabe que pode agir sobre ela de diferentes formas e intencionalidades. A sexualidade pode parecer uma mera função biológica mas, sob a inspiração do amor humano, ela se transforma numa infinidade de valores, significações e funcionalidades.

A questão do princípio da humanização, ainda não está esclarecida. Até agora, me parece, dá para concluir que cabe ao homem definir seu projeto de humanização. O drama maior é saber em nome de que ou de quem, e sob a inspiração de que valores poderá estabelecer os caminhos da humanização. No Ocidente muito se fala em processo civilizatório como sendo a caminhada do homem para humanizar-se. Os gregos tinham seu ideal de homem, inspirado na natureza - Physis. Humanizar-se significava desenvolver a natureza presente em cada um. A ordem social humana verdadeira era aquela que realizasse plenamente as características de cada natureza individual. O Cristianismo o ideal humano devia corresponder ao ideal traçado por Deus Criador. A humanização confundia-se com o ideal de espiritualização. O ideal último da humanização é a transcendência, uma vida que se estende após a morte junto de Deus.

Com a modernidade a humanização passou a ser entendida como um projeto elaborado pelo próprio homem para si mesmo, inspirado em ideais de desenvolvimento. Foi assim que se instalou, desde o século passado, o conflito entre diversos projetos de humanismo, isto é, de ideais de humanização. Até a era moderna, o princípio da humanização ou era a Natureza, segundo os gregos; ou era a Divindade, segundo a tradição judaico-cristã. Na modernidade a humanização o princípio é o próprio homem. Ele assume seu próprio destino, busca definir o princípio de toda a realização humana. Foi assim que a racionalidade foi proposta como o princípio único de uma humanização universal.

3. A RACIONALIDADE COMO PRINCÍPIO DA HUMANIZAÇÃO OCIDENTAL

O homem dotado de razão é a suprema crença que domina todo processo de humanização no Ocidente. A definição oficial, o homem é um animal racional, tornou-se a identidade inquestionável do ser humano. Pela razão o homem se distingue de todos os demais seres vivos. Ela é a grande guia do destino da humanidade. Adotada como o princípio indiscutível de humanização universal. O único caminho da manifestação plena e verdadeira do humano.

Suas raízes remontam à inauguração do pensamento racional pelos gregos. A racionalidade, além de ser o diferencial entre homens e animais, é, também, a que distingue o homem humanizado do homem da barbárie. O exercício da racionalidade se traduz como raciocínio e reflexão, condições fundamentais para, de um lado, o acesso ao conhecimento verdadeiro; de outro lado, para o arbítrio entre o bem e o mal. Portanto, a racionalidade é aliada da verdade e da justiça, fonte da ciência e da moral.

Ser homem significa ser racional, mas a humanização é o desenvolvimento desta racionalidade. No fundo o grande legado dos gregos para o Ocidente é esta confiança no poder da razão para guiar todos os homens porque ela está presente em todos. A filosofia como filha primogênita da racionalidade. A reflexão filosófica tornou-

se a permanente busca do conhecimento verdadeiro, fundamento primeiro para garantir toda e qualquer ordem justa. Se os homens, segundo propunham os gregos, por natureza, aspiram a verdade, a felicidade e a justiça, encontram na filosofia os ensinamentos para alcançá-las. Descartes consagrou definitivamente este ideal grego proclamando a natureza específica do homem como ser pensante. E Kant continua o mesmo discurso dizendo que as disposições naturais do homem, a única criatura racional da terra, sendo conduzidas pelo uso de sua razão, garantem a tendência da humanidade progredir em direção ao melhor". (Pedagogia p. 20)

Confiante na razão, o homem ocidental acabou entregando-se totalmente aos seus encantos. A ordem, para ser humana, precisa ser racional. Tudo deve passar pelo crivo da racionalidade. O conhecimento, a justiça, o bem e mesmo a felicidade dependem do uso correto da razão. Ela foi transformada na guardiã segura para impedir que as pessoas agissem cegamente e, ao contrário, se guiassem por valores que dão sentido a sua vida, ao mundo e a tudo o que acontece.

O princípio de razão foi instituído como princípio fundamental para explicar toda realidade e para justificar toda ação. Sua formulação é simples, apenas quatro palavras: Nada é sem razão. Isto significa dizer que nada acontece, nada existe, nada se faz sem que haja uma causa, um porque, uma razão. É o centro em torno do qual se desenha a órbita da racionalidade. Neste sentido a filosofia, como a primeira articulação do pensamento racional, apresentou-se como a busca da causa de todas as coisas.

É bom lembrar que o princípio de razão significa toda a dinâmica do pensamento, mas não é o único, ele se desdobra em outros princípios, como o de razão suficiente, o de identidade, etc. Tais princípios dinamizam-se por um jogo binário que pode ser mostrado como verdadeiro/falso, certo/errado, bem/mal. Pensar racionalmente exige, portanto, observar determinadas regras que possibilitam desenvolver certas atividades mentais como analisar, planejar, calcular, prever, demonstrar, comparar, concluir.

O pensamento racional sustenta a idéia de que a natureza é regida por leis necessárias e universais e que podem ser conhecidas pela razão humana. O nosso pensamento também opera obedecendo a leis e regras universais. Por isso todos podem conhecer o universo e, ao mesmo tempo, transmitir aos outros seus conhecimentos. Somente as ações humanas dependem da vontade livre, mas esta deve ser comandada pela razão para que possa deliberar justa e corretamente.

Depois de assumir a racionalidade como guia do desenvolvimento humano foi fácil optar pelo conhecimento científico como o fundamento de toda ação. O importante era desenvolver a ciência como sendo a teoria da realidade, e, como teoria do real, torna-se o fundamento da técnica que define o modo de intervir no real. Assim o conhecimento científico, na medida que busca a verdade do mundo, encontra na técnica sua extensão e complementação.

Como conseqüência imediata o desenvolvimento humano foi confundido com o progresso científico e tecnológico. Em outras palavras, a humanização acaba atrelada à ciência e à tecnologia. As sociedades mais desenvolvidas científica e tecnicamente são também identificadas como as mais desenvolvidas humanamente. É verdade que Kant já dizia que o progresso humano não devia dar-se na esfera do material nem do intelectual, mas do moral, porque este garante que os homens se comportem cada vez melhor. (Pedagogia p. 21)

O passo definitivo do desenvolvimento racionalista foi privilegiar o conhecimento científico como o único guia do operar humano. Assim a ciência e a técnica foram erigidas em referenciais de humanização. E a educação reduziu-se ao ensino teórico de conteúdos cognitivos.

O uso da razão garante o grau de humanização. Husserl afirmou que "o sentido da história coincide com a realização da razão, o que significa dizer que esta é o específico do homem, enquanto essência, que plasma sua vida em atividades e hábitos pessoais". (p. 51) Quanto mais desenvolvida a racionalidade tanto mais elevado o estágio de humanidade. O mais alto grau de desenvolvimento racional corresponde à perfeição humana. Os indivíduos são reconhecidos pela lucidez de seu raciocínio. A consciência tornou-se uma consciência racional. Quanto maior a presença da razão, maior seria o nível de consciência. A razão, além de conhecer o mundo, podia conhecer-se a si mesma. Pela razão o homem tinha acesso ao conhecimento da realidade externa e a sua interioridade. A inteligência, como a capacidade de conhecer, tornou-se a grande aliada da razão na tarefa de definir a verdade e o bem.

Na seqüência destes passos dados pelo avanço do domínio da racionalidade sobre os homens chegou-se ao princípio do progresso. Um progresso contínuo e ilimitado. A ciência e a técnica, os dois grandes produtos da razão, são responsáveis pelas engenharias deste projeto. O resultado, conhecido de todos é a civilização da ciência e da técnica que se construi a partir do século XIX, o tempo das grandes invenções, e atingiu, talvez, seu último estágio neste século, com o fenômeno da globalização. Vivemos uma humanização definida por uma ciência e uma técnica globalizadas.

Essa presença avassaladora do progresso científico e tecnológico fez surgir um contraponto, capaz de provocar mudanças radicais. Mais do que acreditar na continuidade do progresso ilimitado, surgem indícios de que ele está em fase de declínio. Porque o homem percebe sua exclusão como sujeito do processo e sente-se um mero objeto. Talvez, por isso, surgem preocupações em buscar um novo olhar e sonhar com outras perspectivas para futuro; ou pensar temas como humanização e sensibilidade.

Parece que chegou a hora de suspeitar e acreditar que há um princípio primordial, anterior ao princípio da racionalidade, como fundamento originário da humanização. Somente a crença na existência de um princípio primordial pode fazer rever a humanização e indicar os caminhos de reencontro com a sensibilidade.

4. O PRINCÍPIO PRIMORDIAL

O princípio primordial seria aquele elemento, talvez, organização, que deu aos homínídeos o poder de romper a ordem animal e conseguir auto-organizar-se até o presente momento do processo de humanização da humanidade. Conforme esta crença no princípio primordial, ou das origens, a racionalidade representaria apenas uma opção e um momento da humanização.

A busca do princípio primordial tem dois movimentos que, a cada dia que passa, tornam-se mais vigorosos devido ao número crescente de adesões, provenientes das mais variadas categorias de pessoas. Além disso, os dois movimentos mostram-se complementares, o que faz com um seja reforçado pelo

outro. Quanto mais um movimento se avoluma, mais espaço abre para que o outro assuma credibilidade.

O primeiro movimento caracteriza-se por sentimentos de desconfiança e de desencanto diante da racionalidade. A primeira fonte desta desconfiança está nas múltiplas contradições geradas no interior da própria ordem racional. A primeira contradição acontece no interior do próprio homem. A razão criou uma oposição brutal entre a razão e o coração, entre o pensamento e a emoção. Ninguém dúvida que o homem é um ser pensante. Autor de um pensar reflexivo. Mas o que se tornou questionável foi a atitude de reduzir o ato de pensar numa única forma válida de pensar, o pensamento lógico. Não se pode dizer que o poeta não pensa. Não se pode negar que o homem dominado pela emoção pense. Também, não se pode deixar de reconhecer que a criança, assim como o louco, possam pensar. Entretanto, todos esses personagens, poetas, apaixonados, crianças ou loucos são excluídos do pensamento lógico, do modelo padrão e oficializado de pensar.

Portanto o homem pensa, mas pensa de múltiplas formas. Ele não é apenas um cérebro pensante, mas é também um cérebro sentimental, apaixonado, sonhador e conspirador. Sua primeira conspiração, seu primeiro sonho, sua primeira paixão, seu primeiro sentimento geraram o primeiro gesto de ruptura com a ordem biológica e garantiram a unidade de uma nova organização viva, a auto-organização da vida humana. A cisão do homem em dois não corresponde à unidade que a vida constrói.

As contradições mais perceptíveis são aquelas que afetam a vida coletiva da humanidade porque estão sempre presentes. Neste sentido é bom lembrar a segunda parte da frase de Pascal (1623-1662 ao dizer que "o coração tem razões que a razão desconhece: pode-se perceber em milhares". Hoje, mais do que no tempo de Pascal, podemos constatar que as razões do coração, que a razão desconhece, são cada vez mais evidentes e manifestas em incontáveis e diferentes fatos e circunstâncias. Tanto na vida pessoal quanto nas relações sociais é impossível calcular as dimensões de tudo o que ocorre à margem das regras e do controle da razão. Aumenta cada vez mais o número daqueles que admitem que a razão criou um modelo ideal de humanização marcado por hierarquizações, categorizações e exclusões intermináveis afetando a vida individual e coletiva. Tais fatos foram sempre reconhecidos, às vezes, denunciados por pessoas que viam na racionalidade um ideal nascido, não do homem, mas de um projeto de desenvolvimento que tinha como valores básicos o controle e a dominação de todas as coisas pelo conhecimento científico e pela técnica. O que importava era o projeto, não as possibilidades e as necessidades dos homens todos.

As contradições da humanização racional tornaram-se mais agressivas a partir do século XIX com as grandes invenções e a implantação das revoluções industriais. A ordem social instalada devia ser a libertação do homem de todas as opressões, para poder viver na plenitude sua vida.

Descrever essa civilização da ciência e da técnica e suas desumanidades seria cair num lugar comum. A veracidade do que está acontecendo pode estar ao alcance da observação e das vivências de cada um de nós. E, acredito, um dos lugares mais eloqüente das desumanidades do tempo da ciência e da técnica pode ser aquele que circunda o mundo da saúde. Um mundo marcado por contradições que pode começar com o desespero de doentes abandonados, consolidar-se com os interesses da indústria dos medicamentos e completar-se com o esforço impotente daqueles que lutam em favor dos sofredores e contra tantas injustiças. Esta paisagem faz parte da

vida de vocês. Seria o momento de cada narrar tantas histórias que nunca vão ser contadas. Vou apenas recorrer a alguns depoimentos, talvez, já conhecidos, mas que muito bem podem reativar nossa esperança e nossas forças para continuar acreditando que a humanização pode ter outras cores e outros sabores. As cores e os sabores da vida.

Estou convencido que nada é mais estimulante na vida de quem sonhar, do que saber que há outros sonhadores, e acreditar que sonhar depende do romantismo de cada um. Esses sonhadores estão em toda parte, pertencem a todas as camadas sociais e podem ser encontrados em todas as culturas. Tais sonhos, em geral, e, talvez, por isto sejam sonhos, emergem no centro de uma civilização que se apresenta como destruidora do humano do homem. Sonhar é pensar o diferente, o quase impossível, dentro da ordem existente. É assim que encontramos uma literatura fazendo fortes críticas à civilização fratricida que vigora neste final de século e de milênio. As vozes denunciadoras elevaram sua tonalidade, particularmente, depois da segunda guerra mundial. Mas, já antes, Husserl fez uma dramática conferência sobre a crise da Humanidade Européia, dizendo "as nações européias estão enfermas". (p.60).

Seguindo nesta direção vou lembrar algumas obras de filósofos, cientistas e poetas que compõem o coro dos que clamam por uma nova humanização. Heidegger escreve, em tom de nostalgia, que o homem habita o mundo tecnicamente, o mais condizente com a natureza humana, seria habitá-lo poeticamente. Gabriel Marcel, em sua obra *Os Homens contra o Humano*, refere-se às liberdades perdidas e às técnicas de aviltamento; Merleau-Ponty escreveu *Humanismo e Terror* para questionar as lutas, ditas revolucionárias, em favor ou não de uma nova humanidade, e para analisar a questão de que os "poderes tem sempre razão", não importando os regimes políticos. Konrad Lorenz publicou dois livros, "Os oito pecados mortais da humanidade civilizada" (*Die acht Todsünden der zivilisierten Menschheit*) e *A Demolição do Humano* (*Der Abbau des Menschlichen*), carregados por uma vigorosa denúncia à civilização da ciência, mas também, cheios de esperança por uma restauração dos valores da sensibilidade humanizadora.

Na tentativa de resumir estas descrições vou lembrar o que diz Paolo Rossi, na introdução de seu livro *A ciência e a Filosofia dos Modernos*. "Por culpa da ciência o mundo em que os homens tinham acreditado viver, rico de cores, de sons e de perfumes, pleno de alegria, de amor e de beleza, onde tudo falava dos fins últimos e de harmonia. Esse mundo a ciência substituiu por um mundo duro, frio, incolor, silencioso, um mundo da quantidade e do movimento matematicamente calculável. O homem universal do Renascimento ficou em pedaços: 'A arte perdeu sua inspiração mitológica, a ciência a sua inspiração mística e o homem tornou-se surdo à harmonia das esferas.'" A ciência nasce dessa 'progressiva dissecação do espírito'; é ao mesmo tempo o signo e a causa de um 'refluxo espiritual sem precedentes'. (p. 20). E para completar eu diria que a sensibilidade pode fornecer a luz que nos faz reconhecer os traços aparentemente invisíveis e mascarados de uma rosto que nós é tão conhecido e, ao mesmo tempo, tão desconhecido, a ciência.

O segundo movimento em direção ao princípio primordial caracteriza-se por uma nostalgia de um paraíso perdido, pela consciência de um errância ou desvio de rota que requer uma volta às origens. Trata-se de uma atitude semelhante à do filho pródigo dos Evangelhos. Este, depois de haver esbanjado sua herança, lembra-se da casa paterna, o lugar do acolhimento, do aconchego, do perdão e do bem-estar. O

homem da razão, pode-se dizer, é um filho pródigo que busca reencontrar a sua terra natal, a sua habitação, a sua casa, a sua intimidade. Esse reencontro penso poder resumi-lo nos movimentos ecológicos. É a ecologia que fala na casa do homem, a natureza, a terra, o universo, exatamente aquilo que está sendo destruindo pelo esbanjamento da herança racional.

Vou recorrer a duas descrições que me parecem emblemáticas para retratar essa situação de errância racionalista. Segundo escreve Heidegger, "Depois de Copérnico não há mais o nascer do sol e nem o por do sol, tais coisas são erros de sentido. (Qua'appelle-t-on penser p. 101.) O sol nascer e por-se é a verdade do homem. Para a ciência são apenas pontos de um movimento circular. E a esfera não tem nem começo, nem fim. É eternamente contínua. É o poder do olhar humano que lhe dá um nascente e um poente. Como o olhar humano não conta mais, mas é o olhar da ciência que conta, então não há mais nem nascer, nem por do sol. Sempre a mesma monotonia universal dos movimentos físicos.

Georges Gusdorf usa uma linguagem mais direta e agressiva. Diante do que ele julga tratar-se de uma decomposição do mundo humano escreve: "As linguagens da força, da energia, do aproveitamento, da programação, que constituem as formas da racionalidade triunfante afastam tudo o que, na existência dos indivíduos, não é compatível com sua exigência. A terra dos homens dá lugar a um domínio neutralizado, tudo deve seguir um projeto traçado por engenheiros de ciências físicas e sociais. (...) Pode-se dizer que o novo meio está desnaturado, que perdeu sua face humana e se definiu agora conforme as normas da racionalidade técnica".(Agonia da Nossa Civilização p.47-48)

O antídoto desta mundo desumanizado só tem uma possibilidade de ser descoberto, a vontade do homem. É certo que se a razão outorgou-se o monopólio da interpretação do real, foi por obra do homem. Se o cientista mais ouvido e tem mais crédito do que o poeta, se a razão é mais confiável do que o coração, foi por opção do homem. É, também certo, que a racionalidade e a sensibilidade estão enraizadas na vida humana. Na verdade o cientista e o poeta, ambos fazem parte da aventura humana em busca da felicidade.

A solução destes dramas, portanto, está no próprio homem. Einstein, o homem mergulhado nas questões das ciências físicas, não perdeu a crença de que é o homem que deve traçar seus caminhos dizendo que "é a pessoa humana, livre, criadora e sensível que modela o belo e exalta o sublime" (Como Vejo o Mundo p. 12) Goethe, por sua vez, em plena modernidade, não se intimidou em anunciar o esgotamento da ordem cultural inspirada na razão proclamando que, verdadeiramente, "o sentimento é tudo" (Gefühl ist alles). Reforçava sua tese propondo que se deveria relativizar os poderes conferidos à razão e, em contrapartida, valorizar e exaltar a importância da "intuição sensível". (Maffesoli. A Transfiguração do Político p. 147).

Heidegger, em seu estudo sobre o Princípio de Razão, apresenta-o como o fundamento de toda racionalidade e responsável pela surgimento da crença universal que trata tudo de um modo uniforme, cuja atitude acanhada e simplista introduz o pensamento de via única. Desta maneira tudo é reduzido à "unicidade de significação nos conceitos e designações". Diante deste espetáculo uniformizante do pensar em via única, Heidegger encontra a contestação nos seguintes versos do poeta medieval, Angelus Silésius: A rosa é sem porque, floresce porque floresce, Não tem preocupação

com sigilo mesma, nem deseja ser vista. A razão sempre age em nome razões, que sustentem suas decisões; e de finalidades que justifiquem seu operar. A atitude racional sustenta-se sobre dois pontos a causalidade e a utilidade de todo seu agir. Nada começa sem uma razão suficiente e nada pode acabar sem um objetivo a alcançar.

Para completar a descrição desta uniformidade e utilidade do pensar em via única, quero lembrar o que o prof. Eduardo Prado de Mendonça diz a respeito do valor da inutilidade através de um depoimento, narrado em seu livro *O mundo precisa de Filosofia*. Conta o professor Eduardo que, por ocasião da visita a uma Hidrelétrica em construção, ele e mais outros colegas, passando pelo leito seco do rio desviado, colheram uma porção de "pedrinhas bonitas". Num dado momento observaram o espanto dos trabalhadores, que passavam por eles com um certo sorriso de ironia. Eles sabiam que as pedras não eram preciosas e nada valiam. Eram, para eles, pedras, apenas pedras. Mas, escreve ele, "eram bonitas, e para nós valiam por isto apenas". E operários e professores, ao se cruzarem, sorriam-se mutuamente, talvez com a mesma ironia, mas por valores diferentes.

Resta-nos ir à busca do florescer sem razão da rosa e da beleza inútil das pedrinhas, talvez, aí esteja desenhada a matriz original de uma outra humanização.

5. A SENSIBILIDADE, A MATRIZ ORIGINAL DA HUMANIZAÇÃO

Ao se propor o tema de humanização e sensibilidade num evento que tem como preocupação maior um novo olhar na enfermagem, fica evidenciado que, no mínimo, acreditamos haver algo entre humanização e sensibilidade. Talvez, até, tenhamos uma firme convicção de que a sensibilidade é sabedoria humanizadora. Ela seria o princípio, tomado no sentido grego, do processo do homem tornar-se humano.

A racionalidade, o conhecimento e as ciências não podem ser excluídas do processo de humanização e, simplesmente serem substituídas pela sensibilidade, pelos sentimentos e pela intuição. Octavio Paz constatava, pouco tempo antes de sua morte, diante da globalização que o mercado nos governa mas, cuidado, ele não tem coração. Tomando como referencial essas palavras do pensador mexicano, eu diria há mais de dois milênios somos controlados pela racionalidade, mas precisamos reagir porque ela nos distanciou de tudo o que se refere ao coração.

A razão surgiu com a preocupação fundamental de manter o equilíbrio o controle sobre o agir humano; de garantir a unidade da ação e do pensamento pela uniformidade; e assegurar com os seus cálculos a previsibilidade do futuro. Hoje, constatamos que esse projeto foi mortal para os sentimentos, para as emoções, para a imaginação e para a intuição sensível. Por aí conseguiu-se fugir do perigo de formar um homem desequilibrado e descontrolado, mas não se conseguiu evitar a formação do homem embrutecido pela neutralidade científica e pela eficiência tecnológica.

Ainda hoje, apesar de tantos males e contradições na civilização das ciências, boa parte dos cientistas relutam, diz Capra, em assumir certas atitudes com pavor de que possam parecer anticientíficos. Quando surgem os temas da sensibilidade e da intuição sensível não raro, respondem com ares de desdém. Pode-se dizer que a atitude do cientista, neste caso, é semelhante ao homem racional que não podia chorar para não perder sua masculinidade.

Seja como for, o certo é que, nestas circunstâncias, a sensibilidade passa a ser uma alternativa de humanização que, no mínimo, gera uma área de turbulência e, certamente, entra em choque com a humanização racional.

Para apressar o acesso ao cerne da questão, é bom lembrar que a sensibilidade não é uma coisa dada, um instrumento ou algo definido ao qual se recorre para construir uma nova humanização. Sensibilidade e humanização vão se auto-construindo mutua e simultaneamente. Assim também a racionalidade não foi um achado pronto, um modelo estabelecido, que fez surgir a humanização ocidental. A racionalidade, à medida que foi se consolidando como forma de pensar e de agir, foi, também, construindo uma civilização correspondente, até alcançar o estágio de uma humanização mundializada.

Podemos dizer que, depois de milhares de anos, a humanidade não tem a garantia dos critérios a adotar para traçar os rumos de seu destino, ou de sua história. É a dinâmica da própria vida? Parece que sim. Mas essa vida deve ser tomada no tempo entre o nascimento e a morte? Ou haverá uma sobre vida? O que fazer durante a vida? A resposta parece clara, promover a vida. Ou, simplesmente, viver por viver, como diz Edgar Morin. Assim mesmo precisamos saber que valores dão sentido ao viver por viver, já que não se trata de um fenômeno vegetativo, mas simbólico e, portanto, ético.

A razão, em última instância, devemos reconhecer para sermos honestos, procurou dar respostas a essas questões. Tais respostas nos desagradam ou desagradam a grande parte da humanidade que está excluída de seus benefícios. Pensamos numa matriz mais original, responsável, inclusive, pelo modelo racional. Seria a intuição sensível ou, simplesmente, a sensibilidade.

a) A fenomenologia da sensibilidade

Definir ou conceituar a sensibilidade é uma tarefa impossível. A única coisa que se pode fazer é descrever o seu acontecer, o seu manifestar-se. Sempre que falamos da sensibilidade via definições ou conceitos acabamos por tratá-la com os métodos da racionalidade. Sempre que tratamos um objeto de estudo precisamos ser científicos. Mas, afinal o que é ser científico? Seria garantir-se dentro de um modelo de conhecimento? Submeter-se aos rigores de uma metodologia? Será que ser científico não seria estar mais próximo da realidade? E quem me coloca em contato com a realidade? A sensibilidade vivenciando o real? Ou a racionalidade construindo conceitos que são representações do real?

Para reforçar meu raciocínio vou recorrer a autoridade de Unamuno. As ciências nos deram um homem "que não é nem daqui nem dali, nem desta época nem de outra, que não tem sexo, nem pátria, ele é uma idéia apenas." A essa idéia de homem, de um homem unificado, contrapõe outro homem, "aquele de carne e osso; eu, tu, todos os que pisamos a terra .. ou aquele que "nasce, vive e morre, aquele que bebe e joga e dorme e pensa e quer, o homem que se vê e a quem se houve, o irmão, o verdadeiro irmão".

Esse outro homem, descrito por Unamuno, e que é cada um de nós não pode estar circunscrito aos limites de um conceito, já denunciava no final do século passado Bergson (1859-1941), o filósofo defensor da intuição como a possibilidade de entrar no

interior de uma coisa por uma espécie de simpatia divinatória, análoga ao sentido artístico. Exclui qualquer intermédio de conceito, Há para ele uma coincidência entre conhecente e conhecido.

A fenomenologia da sensibilidade não se refere a um fato que, uma vez descrito, pode tornar-se o modelo para outros fatos análogos. O que importa é poder mergulhar no acontecer da sensibilidade que habitas cada um de nós. Não se trata de seguir a idéia de sensibilidade, expressa pelos outros, mas acompanhar a manifestação que ocorre quotidianamente e de cuja experiência somente nós somos depositários.

Vou limitar-me a descrever os esforços para entrar no interior da sensibilidade, aquela que faz parte do meu, do teu, do nosso viver. Para isso nada melhor do que acompanhar os mestres que, apesar de sua herança racionalista, traçaram rumos para se chegar à sensibilidade sem as opressões da racionalidade.

Desde o momento que os existencialistas e, em particular Martin Heidegger, colocaram a imagem de homem como o ser-no-mundo, as portas para a sensibilidade ficaram abertas. O homem deixou de ser visto como um ser pensante para ser visto como um ser de compreensão, no caso de Heidegger ser-no-mundo, um ser encarnado para Gabriel Marcel e um ser que sente para Merleau-Ponty. Diante destas posturas filosóficas não se podia deixar de reconhecer a corporeidade humana como o modo efetivo de ser-no-mundo, de ser encarnado e de ser que sente. Maurice Merleau-Ponty exprime com muita clareza esta antropologia corporal dizendo que "O corpo está no mundo como o coração no organismo: ele mentem constantemente vivo o espetáculo visível, ele forma com ele um sistema. Percebe-se com o corpo, o corpo é um eu natural. E o sentir é a fusão com o mundo. Neste sentido nada melhor do que ouvir as palavras de Merleau-Ponty:

"Dizer que eu tenho um campo visual, é dizer que pela posição tenho o acesso e a abertura a um sistema de seres, os seres visuais, que eles estão à disposição de meu olhar em virtude de uma espécie de contrato primordial e por um dom da natureza, sem nenhum esforço de minha parte; ela, por isso, é sempre limitada, e que há ao redor de minha visão atual um horizonte de coisas não vistas e mesmo não visíveis ... quando digo que tenho sentidos e que me fazem acessar o mundo, significa que sou capaz, por uma conaturalidade, de encontrar um sentido para certos aspectos do ser, sem que eu mesmo o tenha dado a eles por uma operação constituinte". (Phénoménologie p. 251).

A condição de ser um ser pensante, dominante desde Descartes, passou para um segundo plano. Os fenômenos da percepção, da sensação e da intuição sensível tornaram-se o centro das preocupações filosóficas para interpretar a vida humana. Em lugar de se definir o processo do conhecimento, tão caro às filosofias intelectualistas, procura-se descrever a existência humana que começa pela corporeidade e pelas suas capacidades naturais. Antes de desenvolver a inteligência, dentro dos parâmetros do pensamento lógico, a humanidade desenvolveu seus dotes naturais guiados pela sensibilidade. A sensibilidade não é privilégio exclusivo dos seres humanos. Todo ser vivo é dotado de sensibilidade. Esta pode ser entendida como uma espécie de "inteligência natural" que compreende, interpreta o meio circundante e dirige o desenvolvimento de todo organismo. A semente, por exemplo, graças a sua sensibilidade de perceber e sentir consegue acionar seus mecanismos de germinação e buscar os recursos necessários a seu crescimento. No animal a sensibilidade atinge um grau mais elevado de complexidade mas, segundo pensamos, ficaria restrita aos

limites do determinismo biológico. No homem, a sensibilidade alcança os foros da liberdade. Além de herdar os conhecimentos inscritos na ordem biológica, consegue construir novas formas de compreender, interpretar e sentir o mundo.

A sensibilidade, sem dúvida, é a primeira forma de perceber o mundo. Esta percepção vem impressa na sensação, pois esta é, segundo Merleau-Ponty, "uma de nossas superfícies de contato com o ser". (256) Desta forma, segundo o filósofo, o corpo não é somente um objeto entre os outros objetos, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa por todos os sons, vibra por todas as cores e que fornece às palavras seu significado primordial pela maneira como ele as acolhe". (273) O intelectualismo, defensor do homem pensante, alijou a sensação para o plano inferior de fornecedora de impressões materiais, que devem ser refletidas pelo intelecto para gerar um conhecimento, que assegure a univocidade de contato com o mundo. Cada sensação, ao contrário, ainda ouvindo Merleau-Ponty, é a "rigor a primeira, a última e a única de sua espécie; é um nascimento e uma morte".(250) Por isto, conclui-se que se as sensações não se repetem, também, não se repete nosso contato com o mundo. Há sempre uma originalidade em cada sensação. Assim, nada é mais contrário à sensibilidade do que a eterna univocidade dos conceitos impostos pela racionalidade. As essências abstratas só existem para as linguagens metafísicas.

A sensação não vem por geração espontânea, ela está radicada na corporeidade de cada uma. Não funciona da mesma maneira. Não cria uma uniformidade de sentir. Cada um tem sensações próprias, diferentes e, até, contraditórias diante dos mesmos objetos. O sentir é uma maneira de ser no mundo que se propõe a nós de um espaço físico ou de um lugar cultural.

A sensibilidade é a coisa primeira, por isso a sensação depende de uma sensibilidade que a precede e a ela sobreviverá, pelo fato de ser a responsável de todas as sensações. É ela que constrói o encontro sensível, numa fusão daquele que sente e do sensível que não se colocam um diante do outro como dois termos exteriores. Mais, a sensação não é uma invasão do sensível naquele que sente, nem o domínio daquele que sente sobre o objeto sentido. "Entre o sujeito da sensação e o sensível não se pode dizer que um aja e que o outro padeça, que um dê o sentido ao outro. (La Phénoménologie P.247-248) A sensação se dá como coexistência e como comunhão. Diz Merleau-Ponty, "pela sensação reporto-me a um ser exterior, seja para abrir-me seja para fechar-me a ele. As qualidades irradiam em torno de si um certo modo de existência, se elas tem um odor de encantamento é porque o sujeito que sente não as põe como objetos, mas simpatiza com elas, as faz suas e encontra nelas a sua lei momentânea." A sensação faz nascer ao mesmo tempo o sensível e aquele que sente.

O ser humano, como sujeito que sente está dotado de "poderes naturais" que constituem a sensibilidade. Como já foi lembrado, presentes em todos os organismos vivos, vegetais e animais. No ser humano há uma consciência sensível. Há um saber do sentir, e há um alargamento dos poderes naturais, os sentidos, pela invenção de novas formas de sentir. Assim, voltando a Merleau-Ponty, eu vejo o azul, o verde ou vermelho porque sou sensível às cores. São esses poderes naturais que me fundem com o mundo colorido. Há uma predisposição de ver cores, ainda que nunca possa garantir que o colorido do azul que eu vejo coincida com o dos outros. Em contrapartida se há uma sensação da cor por força de uma sensibilidade natural, o

mesmo não se pode dizer dos conteúdos inteligíveis, por isso, afirma Merleau-Ponty, "eu sou matemático porque decidi sê-lo".(Phénoménologie p. 249).

O intelectualismo ocidental criou as representações mentais como um intermediário entre o sujeito conhecente e o objeto conhecido, Assim o eu pensante entra em contato com o mundo através de uma rede conceitual, eliminando o contato imediato característica do eu que sente.

A sensibilidade, portanto não reside nos enclausuramentos dos conceitos das filosofias racionalistas e das construções científicas; ela faz suas moradas em outras paragens. Resta-nos bater às portas destas moradas.

b) As moradas da sensibilidade

A primeira morada da sensibilidade é a vida. Não precisamos de nenhum tipo de laboratório, de nenhuma metodologia científica, de nenhum raciocínio lógico para perceber a sensibilidade presente em qualquer organismo vivo. Desde os fios mais tenros da relva até as mais grandiosas árvores da floresta, desde o inseto mais minúsculo até os enormes animais das reservas ecológicas mostram os poderes de sua sensibilidade como sabedoria para manutenção de suas vidas. Costumamos dizer, às crianças que as flores, as plantas e os animais choram quando maltratados ou pisados. É uma pensa que os adultos não acreditem nesta verdade.

Sem dúvida a vida é a grande morada da sensibilidade, não só para vegetais e animais, mas também para o homem. Não me refiro apenas aos cinco sentidos que são aqueles que nos colocam em contato direto com o mundo e nos dão o conhecimento de nós mesmos, mas de toda sensibilidade que deles decorre quando ela se orienta por valores decorrentes da ampliação da sensibilidade original. Refiro a uma sensibilidade ética e estética. A sensibilidade ética nos ensina recriarmos e redefinirmos nossos atitudes diante dos outros segundo os apelos que nos são dirigidos; pela sensibilidade estética podemos valorizar tudo pelo princípio de beleza.

Diria que a sensibilidade humana está alojada na intimidade de cada um. É daí que ela responde aos chamados vindos do mundo exterior; é dali que ela transmite suas mensagens orientadoras dos gestos humanos. Deve ficar claro, entretanto, que a sensibilidade, como a vida precisa ser educada, desenvolvida e cultuada. Faz parte do processo de auto-organização do organismo vivo. A sensibilidade auditiva precisa ser aperfeiçoada. O tactilidade, a visão necessitam de educação. Nada nasce pronto. Tudo, na vida, está em evolução e crescimento. É a própria sensibilidade, em seu diálogo permanente com o mundo através das sensações, que sente a legitimidade de sua ação. Os sentimentos que ecoam na interioridade de cada um garantem o grau de verdade e de bondade da sensibilidade que nos domina. Assim, pode-se falar em sentimentos de aprovação ou de desaprovção. É a repercussão interior o parâmetro de julgamento. Da mesma maneira que ao ingerirmos um alimento impróprio, não precisa ser um veneno, o organismo reage por manifestações de desequilíbrios em suas funções orgânicas. Se os alimentos forem corretos, as reações são correspondentes. É a sensibilidade orgânica agindo naturalmente. No caso da sensibilidade ética e estética se dá o mesmo fenômeno. Os nossos sentimentos são o sinal do agrado ou do desagrado da sensibilidade. Os sentimentos de alegria, de conforto, de satisfação, de alívio correspondem à harmonia de nossas atitudes. Os

sentimentos de culpa, de remorso, de revolta revelam desarmonias em nossas relações internas e externas. Outros sentimentos, de raiva, de angústia, de desespero, de ansiedade, de dúvida revelam a instabilidade de nossa sensibilidade frente ao que devemos fazer.

O importante é sabermos conviver com estes sentimentos, pois são eles que nos colocam em contato direto com a realidade. A racionalidade preferiu apagar esses sentimentos julgando que eles só atrapalham. Mas eles são sintomas de que alguma coisa pede atenção. Infelizmente, a racionalidade criou ciências para tudo, menos uma ciência que cultivasse nossos sentimentos. A razão adota sempre a mesma atitude diante dos fenômenos que a atrapalham porque não consegue dominá-los, despreza-os como anomalias. O que pode ser observado em toda parte.

Não se pode deixar de observar que a sensibilidade pode sofrer de males que a impedem de atuar. Seja por razões orgânicas, como a surdez, cegueira; seja por razões éticas, como agressões, violências. A sensibilidade precisa ouvir-se a si mesma, mas para isso é fundamental adquirir o hábito de auto-escuta.

A segunda morada da sensibilidade é a casa paterna. A simbologia da casa paterna é muito antiga, mas adquiriu um destaque decisivo depois da parábola do Filho pródigo. A casa paterna é lugar do aconchego, da acolhida, da compreensão, do perdão, do bem-estar, da paz, do reencontro, da restauração, do descanso, porque tais atitudes são as características do lugar onde a sensibilidade vigora. A casa paterna é o lugar onde se cultiva a vida, onde se vive a infância, onde se sonha o mundo. A casa paterna é o lugar das reuniões festivas, das comemorações, das lembranças, da saudade, dos fatos marcantes de cada indivíduo. A casa paterna era também o lugar natural para o nascimento, hoje a maternidade desmontou essa peça importante da vida doméstica. É na casa paterna que se cuidava dos doentes e dos velhos. Hoje os hospitais e os asilos retiraram os doentes e os idosos de sua casa. A casa paterna é, sem dúvida, o lugar onde a sensibilidade encontra seu terreno fértil de crescimento e de fortalecimento.

Não quero deixar de lembrar, que a casa paterna é o lugar onde se desenham os rostos da mãe, do pai, dos irmãos, das irmãs; e, com certo romantismo, num tempo não muito longínquo, também, as figuras carinhosas do avô, da avó e dos netos.

Quando se fala em casa paterna surge à mente uma construção sólida, situada numa paisagem bucólica ou ao longo de avenidas e ruas iluminadas e arborizadas, sempre cercada de jardins. Mas como falar de casa paterna quando foi reduzida a apartamentos empilhados e superpostos ao longo de um corredor vertical percorrido, diuturnamente, por um elevador incansável e anônimo que, em muitos casos, foram transformados em meros dormitórios, às vezes, refeitórios, com uma sala de programas televisivos. E como falar de casa paterna, para as favelas de papelão e plástico que num descuido, em poucos minutos, podem virar em algumas labaredas momentâneas, porque nem cinzas podem deixar.

É, portanto, com muita tristeza que é preciso lamentar a ausência da casa paterna. Quantos filhos pródigos, especialmente aqueles devorados pelas drogas, poderiam pensar numa festa de regresso à casa paterna com a figura do pai acolhedor. Os fatos parecem mostrar que a demolição da casa paterna é responsável pela anemia da sensibilidade, quando não pela sua total negação. Sem casa paterna a sensibilidade

pode ser atacada pelas mais virais patologias, o que a nossa ordem social comprova à saciedade.

Uma terceira morada é a terra-natal. Como a casa paterna é o lugar natural da vida humana, a terra-natal é o seu prolongamento. Casa paterna e terra-natal são duas referências fundamentais de todas as pessoas. À terra-natal nos unimos por sentimentos, pelo afetivo. É o lugar dos amigos e das amizades. A terra-natal é o lugar onde se abriam os horizontes da sensibilidade num encontro maior, mais diversificado, mais colorido, mais enriquecedor. É o lugar para o doméstico encontrar sua ampliação no social. A terra-natal é o lugar das novidades, dos planos futuros, da busca de autonomia, da afirmação pessoal. A terra-natal é também o lugar das recordações passadas. Acima de tudo a terra-natal é o referencial para toda e qualquer nova terra a ser "conquista" na vida. Tudo o que acontece, tudo o que se encontra passam por uma comparação com a terra-natal. A consciência de sua importância cresce à medida que dela nos distanciamos, seja pelo espaço geográfico, seja pela distância cronológica.

Como aconteceu com a casa paterna, a terra-natal está entrando num estágio de extinção devido ao processo de industrialização e pelo avanço tecnológico, responsáveis por um certo nomadismo urbano. Edgar Morin fala na perda da terra-natal. Maffesoli refere-se ao homem despatriado. O homem perdeu as raízes da terra, da paisagem do mundo, fontes da seiva da sensibilidade.

A quarta morada da sensibilidade, e a última nesta classificação, é o mundo da criança. A vida infantil, não é preciso dizer, é uma referência universal do lugar mais natural da sensibilidade humana. É onde começa, quando se apresenta com toda sua espontaneidade. Os esquemas racionais ainda não a atingiram. As astúcias dos interesses adultos apenas ficam rondando esperando o momento de invadi-la.

A idéia da espontaneidade, da ingenuidade, da sinceridade e, particularmente a entrega total aos princípios da ludicidade. O brinquedo é o sinônimo de organização infantil. A dedicação da criança ao brinquedo nasce, segundo Friedrich Schiller, do impulso lúdico aliado do impulso sensível, cuja dinâmica segue a criatividade do imaginário fecundado pela sensibilidade. E Nietzsche diz que "no verdadeiro homem se esconde uma criança que quer brincar" (Os oito Pecados p. 65). Hoje, a indústria do brinquedo cerca a criança com artefatos que acabam destruindo sua sensibilidade lúdica original e substituindo-a pela ludicidade do adulto.

O homem adulto recorre constantemente à figura da criança como símbolo da ausência de maldades e hipocrisias. Jesus Cristo afirmou que para entrar no reino dos céus era preciso tornar-se como crianças. Freud, por sua vez, defendeu o papel fundamental da primeira infância para a vida dos indivíduos. Gusdorf, baseado em Freud, lembra o elogio da espontaneidade criadora das crianças como um dos lugares comuns de nossa época. As crianças, diz ele, "possuem naturalmente um gênio, todo impregnado de liberdade, que se perde à medida que a opressão social as submete às disciplinas da uniformidade. A criança é um poeta, a criança é um artista, enquanto que o adulto, decaído dessa ingenuidade, não representa mais do que uma aparência melancólica do conformismo." (Agonia ... p. 174).

O ponto mais significativo e, ainda preservado, da sensibilidade infantil pode ser observado pela maneira como ela vai reconhecendo a si mesmo. É pelo tato, pelo

toque, pela epiderme que ela sente a si mesmo e tudo o que a envolve. A puericultura moderna criminosamente separou o recém-nascido do contato da mãe. A incubadora e o berçário interpuseram-se entre o neonato e a mãe. Hoje, felizmente, o erro foi reconhecido e volta-se a reaproximar mãe e filho.

Diante de tanta exaltação dos valores da infância não entendo por que o adulto se esforça sistematicamente em transformar toda criança, o mais cedo possível, num adulto. Parece que o primeiro gesto do adulto é revestir seus filhos com seus vestuários racionalizantes. Além de destruir a infância o adulto denigre sua identidade. Basta analisar o vocabulário inspirado na vida infantil, é todo ele negativo. É, infantilidade, criancice, infantiloide, brincadeira, pueril, sem contar as múltiplas expressões que dão um tom pejorativo aos comportamentos das crianças, como 'não seja infantil', 'deixe de brincadeira', 'isto é uma criancice'.

Acredito que está na hora de encaminhar o meu estudo para algumas conclusões, sem serem conclusivas, mas apenas complementares.

CONCLUSÃO

Inicialmente, nesta tentativa de concluir, devo pedir-lhes desculpas por não ter conseguido explicar cientificamente, nem ter definido filosoficamente, nem ter tido a inspiração suficiente para descrever poeticamente humanização e sensibilidade, um tema tão decisivo para poder sonhar com novos olhares o novo milênio. Só consegui falar do que senti, do que vivi, do que sonhei diante destas duas palavras, ora musas ora esfinges, a humanização e a sensibilidade. Achei que trabalhar com conceitos, definições ou estabelecer um projeto onde humanização e sensibilidade perderia o contato com a realidade dos fatos. Não queria cair na armadilha da falsa crença de que uma coisa definida, é questão resolvida. Estou convencido de que humanização e sensibilidade são modos de viver. O meu grau de humanização e de sensibilidade manifesta-se no viver, nas relações com os outros, com o mundo. Não são coisas adquiridas, mas modos renovados, ou perdidos, a cada instante conforme as minhas atitudes. Por isso a única atitude era tentar identificar os lugares, os rostos coloridos pela sensibilidade, porque aí, necessariamente, estava a humanidade do homem.

Não seu se é possível traçar os caminhos da humanização inspirada pela sensibilidade para uma humanidade uniformizada há muitos séculos pela racionalidade. Fica difícil para um portador de deficiência visual entender essa orientação: "olhe aquela retransmissora de televisão sobre a montanha lá adiante, fica a uns sete quilômetros daqui, e siga nesta direção". Não menos incompreensível deve ser para um lógico cientista e tecnicista compreender expressões desta natureza: "sabes, não há direção, não há caminhos; é preciso inventar a direção, e caminhar é o caminho". Ninguém acreditou em Pascal, já no século XVII, quando disse que o coração tem razões que a razão desconhece. Certamente poucos sabem, e caso saibam, não darão crédito, que Wittgenstein, à sombra de seu **Tractatus Lógico-philosophicus**, disse que "Hoje em dia as pessoas pensam que os cientistas existem para as instruir; que os poetas, os músicos, artistas existem para lhes proporcionar prazer. A idéia de que estes tenham algo para lhes ensinar não lhes ocorre. (p. 61, Cultura e valor).

Assim, é preciso acreditar num certo romantismo para anunciar a humanização em nome da sensibilidade, para dizer que o homem é, originalmente, um ser que sente,

um ser afetivo e não racional; tornou-se, isso sim, historicamente racional, mas sempre foi sensível, porque essa é sua identidade.

A racionalidade não garantiu que o homem se tenha humanizado. Pode tê-lo tornado mais esperto, mais forte, mais empreendedor, mais dominador, mais seguro de si, mais produtivo, mais organizado; pode tê-lo protegido contra os desequilíbrios e descontroles das emoções, dos sentimentos e das paixões. É certo também que congelou suas lágrimas, enrijeceu os músculos de seu sorriso, deu-lhe uma face mumificada, imparcial, sombria, plastificada. Ensinou-lhe altas tecnologias para ocupar o tempo, para trabalhar, usar a vida; mas esqueceu de dizer-lhe como viver. Ofereceu-lhe uma multiplicidade de linguagens técnicas, mas tirou-lhe o direito à fala. A racionalidade capacitou os homens a dialogar, apenas, com seus iguais. A sensibilidade é capaz falar, indistintamente com todos, porque sua fala se faz no convívio, responde às circunstâncias, escuta o outro.

A sensibilidade é uma espécie de simpatia pela qual nos transportamos na interioridade dos outros, ao mesmo tempo que abrimos nossa interioridade ao acesso do outro para coincidir com o que há de único em nós e, portanto, inexprimível, mas pode ser sentido, vivido. A sensibilidade é de certa forma a coincidência e uma reversibilidade daquele que sente com o que é sentido ou sensível. Isto só pode acontecer por um contato direto, sem intermediários. Esta coincidência da sensibilidade é capaz de oferecer um novo olhar, embora tão antigo quanto a humanidade, para se fazer enfermagem e para encarar a vida. As ciências nos encheram de mediadores conceituais e teóricos para vermos o mundo, os outros e a nós mesmos. A sensibilidade me faz ver diretamente o doente, porque ela olha para este doente, sem as mediações das doenças, dos manuais, das teorias. Como aprendemos a língua da racionalidade científica e aprendemos os gestos da técnica, temos dificuldades, talvez, medo de falar e agir em nome da intuição sensível.

Diante disto acredito que seria inútil dizer como é a humanização pela sensibilidade. Ela não existe em algum lugar já desenhada, porque ela se faz ou desfaz em cada instante. É humano quando a resposta dada é adequada à pergunta feita ou ao desafio proposto. Vou recorrer mais uma vez a alguma metáfora.

Quando veja à minha volta flores, muitas flores, de todos os tamanhos e cores; folhagens, plantas, canteiros, relva, borboletas, beija-flores; percebo que estou num jardim. Quando vejo casas abandonadas, florestas devastadas, terra crestada e ressequida, plantações destruídas, leitos secos de rios percebo que estou numa região castigada pelas intempéries. Supor que alguém seja incapaz de ver as diferenças, seria ridículo.

Quando vejo ao meu redor pessoas felizes, rostos sorridentes, crianças, jovens, adultos; pretos, brancos; pobres, ricos vivendo em total harmonia, tenho certeza que há um alto grau de sensibilidade. Quando vejo pessoas descontentes, exploradoras, agressivas, dominadoras. Pobres, abandonados, doentes abandonados, velhos desprezados, concluo que a sensibilidade anda longe dali.

Infelizmente essa última cena é mais freqüente do que a primeira. Não precisamos ir longe, nem sair de casa. É só ler um jornal qualquer. Acompanhar os noticiários televisivos, por não lembrar alguns trechos da conferência da abertura da Professora Tamara, para termos a certeza de que a humanização da racionalidade não passa de um discurso hipócrita. Por longo tempo fomos iludidos pelo discurso político das falsas democracias, quando ainda se conseguia oferecer pão e circo em

meio a frases de efeito demagógico. Hoje, dominados pelo discurso econômico, não é mais possível mascarar, porque a miséria, a fome, a falta de saúde, o abandono da educação não se esconde com discursos ilusórios. A máscara caiu e o lucro sepultou a sensibilidade. Talvez por isso, estejamos tão saudosos de voltar à casa paterna, para rever a terra natal, para recuperar a inocência infantil, o que pode ser reencontrado sentindo a nossa intimidade.

E finalmente, já que não posso dar-lhes a receita da humanização pela sensibilidade vou recorrer, como já é um hábito muito comum, à sabedoria orientar. Talvez aí tenhamos a uma idéia de como nos tornamos humanos tornando-nos sensíveis. Podemos ler na obra, *Analectas*, 2,4, o seguinte ensinamento de Confúcio: "O mestre disse: 'Aos 15 anos, orientei meu coração para aprender; aos 30 anos, plantei meus pés firmemente no chão; aos 40, não sofria mais perplexidades; aos 50, sabia quais eram os preceitos do céu; aos 60, eu os ouvia com ouvidos dóceis; aos 70, podia seguir as indicações do meu coração porque o que desejava não excedia as fronteiras da justiça'."

De minha parte, ciente de que este ensinamento indica o caminho da humanização pela sensibilidade, estou tentando descobrir sob os vernizes e as tintas da racionalidade, a cor original da sensibilidade, aquela que se identifica com a vida, portanto, a sensibilidade que tem a mesma cor e o mesmo sabor do viver.

Prof. Dr. Silvino Santin
Santa Maria, 18 de junho de 1998.

COMPREENDENDO E CUIDANDO A FAMÍLIA

2o. ENCONTRO LEIFAMS DA REGIÃO SUL

Leifams: Laboratório de estudos interdisciplinares sobre famílias

PORTO ALEGRE - 29 DE SETEMBRO DE 2000 14,00 HORAS

HOSPITAL DE CLÍNICAS

Mesa Redonda:

DILEMAS NO CUIDADO À FAMÍLIA SOB O OLHAR DA ENFERMAGEM, DA FILOSOFIA, DA BIOÉTICA, DA PSICOLOGIA, DO SERVIÇO SOCIAL

Conferência:

DILEMAS NO CUIDADO À FAMÍLIA SOB O OLHAR DA FILOSOFIA

INTRODUÇÃO: O OLHAR FILOSÓFICO

1. COMPREENDER A FAMÍLIA

2. CUIDAR A FAMÍLIA

CONCLUSÃO: A SENSIBILIDADE PARÂMETRO DE HARMONIA

DILEMAS NO CUIDADO À FAMÍLIA SOB O OLHAR DA FILOSOFIA

INTRODUÇÃO: O OLHAR FILOSÓFICO

Acredito que, entre os cinco olhares propostos, caberia a mim falar do olhar da filosofia. O tema, como foi expresso, deixa muita liberdade, o que é bom; mas torna difícil estabelecer um ponto preciso do qual a filosofia lança seu olhar, especialmente sabendo que não há uma filosofia, mas muitas filosofias, portanto, não há um só olhar.

Na tentativa de delimitar um olhar filosófico, vou iniciar essa minha exposição enfocando três pontos que, no meu entender, estabelecem as condições mínimas para descrever como a filosofia poderia tratar dos dilemas no cuidado à família.

No primeiro ponto pretendo assumir uma atitude própria da área da saúde. Imagino as palavras que formulam o tema como se estivesse diante de um paciente a ser diagnosticado. Preciso interpretar o que dizem as palavras para poder definir o tipo de procedimentos a serem adotados. A dificuldade maior deste meu diagnóstico foi a de compreender corretamente a palavra dilema. Pela forma como está expresso o tema, existiriam concretamente dilemas no cuidado à família. Mas eu não sei exatamente quais são esses dilemas. A filosofia deveria olhar para esses dilemas, que não são seus, mas pertencem a outras áreas. E como falar de dilemas sem conhecê-los? Além disso, qual o significado de dilema? Para não me delongar em torno dos possíveis significados do termo dilema, devo dizer que o tomei no sentido de impasse, dificuldade, embaraço, desafio.

Pelo segundo ponto tive a impressão que, supostamente, a filosofia teria um olhar sobre o cuidado à família, como tem a enfermagem, a assistência social, a psicologia. Assim, minha tarefa não apresentaria dificuldades, consistiria em apresentar esse olhar. Confesso, não encontrei esse olhar no universo de meus conhecimentos filosóficos. Inicialmente, busquei na lembrança nos meus estudos acadêmicos, desde a graduação até hoje, e nada me lembrava que esse tema fosse objeto da filosofia. Procurei, na história da filosofia, algum filósofo que tivesse falado de cuidado. Heidegger fala de **sorge** (que pode ser traduzido como cuidado), mas não tem o significado do cuidado na área da saúde, mas nele pode estar incluído. Para Heidegger, o homem é um ser de preocupação. Idéia que pode ser aplicada à área da saúde.

A respeito de família também não consegui melhor sucesso. É verdade que alguns pensadores pós-modernos, particularmente Maffesoli, falam de uma socialidade doméstica, não precisamente no sentido da família, mas como um novo cimento que une uma comunidade ou grupo tribal, enquanto resistência e alternativa à socialidade das sociedades da era industrial.

Depois de percorrer inutilmente o mundo filosófico, concluí que a própria natureza do pensar filosófico não abre espaço para esse tipo de temas. Aliás, o filósofo, enquanto criador do pensamento racional, preocupou-se em distanciar-se do mundo físico, das coisas particulares e dos indivíduos concretos para refugiar-se nas realidades abstratas, metafísicas e universais. Buscou olhar para além das aparências, das coisas transitórias e sensíveis. Pretendeu ver as essências ocultas, as realidades inteligíveis. Em lugar dos indivíduos humanos, pensou o homem universal. Em lugar das verdades humanas, sonhou com as verdades transcendentais. Portanto, para a filosofia, o homem seria sempre o mesmo, no tempo ou fora do tempo.

O primeiro momento, na história da filosofia ocidental, em que o homem aparece, não mais como pura essência, mas como existência é com o existencialismo. É verdade que Marx (1818-1883), anteriormente, já havia pensado o homem como um ser histórico, mas o que importava era a consciência histórica. Também, na mesma época, Kierkegaard (1813-1855), apontado como o precursor do existencialismo, tratou de temas profundamente existenciais como a angústia, o desespero e o temor, particularmente, em sua obra *O Desespero Humano* (Doença até à morte). Entretanto a filosofia kierkegaardiana é vista como resultante de uma educação rigorosa segundo os princípios da religiosidade do luteranismo.

Por fim o terceiro ponto levou-me a concluir que a única coisa que eu poderia fazer era tentar, a partir da filosofia, descrever uma possível compreensão do que seriam dilemas no cuidado à família. Para desenvolver essa minha reflexão voltei-me para o título geral deste segundo encontro LEIFAMS, **COMPREENDENDO E CUIDANDO A FAMÍLIA**. Primeiro passo, portanto, será compreender a família para depois pensar o cuidado.

1. Compreender a família

A compreensão da família começa por saber a sua constituição. A história nos mostra que a família, no ocidente, não é a mesma. A referência básica é a família cristã tendo como princípio fundamental a indissolubilidade do casamento e tendo como membros um casal e seus filhos. Toda a vida girava em torno da comunidade familiar.

A figura familiar dominante é da domus latina que englobava um conjunto amplo formado pelos membros efetivos da família, pelas habitações, os animais, as propriedades, os trabalhos, os escravos, os servos, em fim tudo o que se relacionava à organização familiar.

A família deve ser tomada como uma instituição num contexto maior formado por outras instituições sociais. Desde a antigüidade greco-romana a família era a base da ordem social. O indivíduo, como referência, de cidadania e socialidade, só acontece na era moderna, especificamente na era industrial com o surgimento das repúblicas e dos governos democráticos.

A família deixa de ser a referência da ordem social para dar lugar ao indivíduo. O indivíduo é a partícula menor da socialidade. A família é a primeira escola de socialização. A sociedade acaba sendo, de alguma maneira, uma geradora de valores e interesses que entram em choque com a ordem familiar. Acontece que na esfera social surge o conflito entre o interesse do indivíduo e o bem comum. Parece que se desenha uma nítida oposição entre a casa & a rua, no dizer de Roberto Da Matta. Tornou-se fundamental garantir a intimidade num reduto circunscrito às paredes da casa, como o lugar protegido contra as invasões da privacidade.

A sociedade da era industrial foi assumindo lentamente a maior parte das atividades da vida familiar. Antes da sociedade moderna, o indivíduo nascia, crescia, educava-se, aprendia tarefas, trabalhava, adoecia, era cuidado e morria nos limites do território doméstico. Em poucas palavras, a vida toda desenvolvia-se como vida doméstica. Os serviços de estranhos eram executados na família. Vou ater-me aos serviços vinculados à saúde ou à doença. A parteira atendia nas casas. O atendimento médico era feito pelo médico de família, Não raro essas pessoas tornavam-se membros adotivos do conjunto familiar. A parteira e o médico eram tratados como familiares, muitas vezes conhecedores de segredos que nem todos os membros da família conheciam.

A sociedade, que passa das características rurais para as urbanas, devido ao processo de industrialização, organiza instituições específicas para liberar as famílias de certos compromissos, já que os membros da família deviam trabalhar fora de Casa, nas empresas industriais ou comerciais, da construção ou da administração pública. Assim criam-se escolas para educar e ensinar as novas gerações, que cada vez mais cedo retiram a criança de casa através das creches, dos jardins e da pré-escola. A vida passa a acontecer fora de casa, desde o nascimento na maternidade, depois da creche à universidade, depois no trabalho em empresas, por fim e não raramente, acaba-se num asilo ou casa de saúde. Isto dito para as pessoas em condições favoráveis. A vida dos habitantes de ruas, dos moradores em favelas, a situação é bem outra.

Voltemos ao tema das mudanças da vida familiar. Chega o momento em que a mãe vai dar à luz no hospital, a instituição criada para tratar os doentes. Assim, a mãe grávida vai para a maternidade e o doente, também, passa a ser internado numa casa de saúde. O trabalho produtivo era, antes quase todo feito no círculo do doméstico, passa a ser feito longe de casa. Neste processo, a vida doméstica ficou limitada entre algumas divisórias sobrepostas num edifício de muitos andares. Mesmo aí viu-se esvaziada pela invasão dos meios de comunicação de massa. Todo dia circulam dezenas, talvez, centenas de pessoas falando constantemente monólogos que nos exigem escuta e atenção. Acabamos de perder a fala e, particularmente, o diálogo com os de casa.

Estariamos diante de uma família, ou de um resíduo de família? Se eu lembrar a família, na qual eu nasci, cresci e tornei-me adulto, não tenho dúvidas em dizer que, estou diante de retalhos da família da minha infância. Seria este modelo residual de família que devo cuidar? Ou deveria pensar em restaurar a vida doméstica, não a do passado, mas aquela que, adaptando-se ao momento histórico, consegue preservar um modelo de família como referência central da vida dos indivíduos?

Falei acima da **domus** latina como um conjunto amplo da ordem familiar. Essa idéia corresponde à **Oikos** grega, inspiradora dos movimentos ecológicos. A ecologia nos mostra que precisamos proteger a natureza, o meio ambiente, tudo aquilo que garante um viver saudável. Destruir o mundo em que vivemos representa um suicídio lento. A família poderá ser uma parte da ecologia humana que assegura uma vida saudável, diria, feliz. Todos os seres vivos podem ser saudáveis, apenas, os seres humanos são felizes. Por isso diria que a felicidade é a marca infalível do viver saudável.

É importante lembrar que todo organismo vivo é um processo de crescimento que implica numa sucessão de desgastes e de restaurações. Assim, a família, devido ao progresso da humanidade, precisa adaptar-se às exigências de cada época, para isso precisa desfazer-se de alguma coisa e restaurar-se. Não se pode esquecer que a vida familiar é regida pelo princípio do amor. A vida social ficou dominada pelas relações funcionais e pelos princípios da racionalidade profissional e do trabalho produtivo.

Fiz essa breve descrição, não para definir uma nova família, mas para dizer que a ordem familiar, ela, em primeiro lugar, necessita de cuidado. O desafio (dilema?) é maior, pois não se trata em retirar o doente do hospital ou a grávida para tratá-la em casa, em família, é preciso refazer a vida e o espaço do doméstico. Como ele será não sei. Sei, com toda certeza, que precisamos inventá-lo. Ele começa pela capacidade de resistir aos invasores da intimidade, e continua pela denúncia à vida cientificizada e tecnologicizada. Duas atitudes que poderão começar pela desejo de voltar a comer alimentos e não ingerir números de calorias, vitaminas ou proteínas; ou de acreditar que as medicinas alternativas merecem crédito.

Se o primeiro passo, seguindo o título geral deste encontro, foi compreender a família, o segundo passo, não poderia ser outro, senão o de pensar o cuidado enquanto um retorno ao universo da família.

2. Cuidar a família

A preocupação em cuidar a família não é um ato isolado, faz parte de todo um contexto de revisão do nosso projeto científico e tecnológico responsável pela socialidade moderna. E quando falo em socialidade quero referir-me aos princípios que determinaram o modelo da sociedade da era industrial tendo o indivíduo como referência maior. A idéia geral de modernidade parece estar esgotando sua potencialidade para solucionar os dramas da vida humana, fato que levou muitos intelectuais a buscar novas alternativas, exatamente aquelas que o homem moderno marginalizou.

A redescoberta do social doméstico, como possibilidade de redefinição de uma nova ordem social, abriu caminho para rever o significado da família na vida individual. Esse reencontro com a família, especialmente na área da saúde, trouxe uma série de

exigências que acabou gerando alguns transtornos (dilemas?) mais ou menos profundos.

Seguindo os mesmos procedimentos, traçados desde o início, de descrever o que a filosofia poderia dizer sobre esse reencontro com a família através do cuidado médico ou de enfermagem, vou apontar dois aspectos que, no meu entender, devem estar entre as preocupações para que essa nossa busca de relações sociais mais humanas tenha o sucesso esperado. Não tenho a pretensão de dar lições, apenas quero juntar o esforço de quem julga fundamental essa tentativa de reunir todos os olhares sobre a família, não só para o cuidado, mas como alternativa para um nova mentalidade de ordenação social.

Em primeiro lugar, quero chamar a atenção sobre a diferença fundamental entre os princípios que regem a instituição familiar e a instituição hospitalar. A família e o hospital apresentam múltiplas e profundas diferenças, que começam desde seu ato fundador até as atividades rotineiras do cotidiano. Não vou traçar um paralelo entre família e hospital, pretendo ater-me apenas ao princípio básico que as funda e sustenta.

A ordem familiar nasce de um gesto de amor nascido da sensibilidade afetiva. Sobre a dinâmica do amor ela continua crescendo e se fortalecendo. Quando essa aura amorosa desaparece a família interiormente morre, poderá sobreviver como conveniência e formalmente, mas não mais como vida. A família, gerida pela dinâmica do amor, encontra um poderoso aliado com a gestação de novos membros, os filhos, que podem ser adotivos. A ordem relacional doméstica manifesta-se como afetividade e sensibilidade. Tudo o que aí acontece não pode ter outro interesse senão o bem-estar e a felicidade de todos. As dificuldades, os atritos, as divergências encontram, na sensibilidade, a solução correta. É importante lembrar que os laços da sensibilidade amorosa são os que alcançam o grau mais elevado de perfeição humana. Desde os gregos ouve-se dizer que o amor (Eros) é responsável pela união perfeita entre os homens.

Não importa, aqui, lembrar toda uma literatura que declara o amor como a forma mais perfeita, e para Maturana a única verdadeira, de socialidade. O que não se pode esquecer que a família que não é alimentada pelo amor necessita de cuidado, um cuidado que, no fundo, só pode dizer aos membros da família que eles precisam reencontrar-se. Não só o remédio está com eles, mas também o laboratório e o laboratorista. A família é como um organismo vivo, ela é uma auto-organização. E, no dizer de Maturana, um sistema auto-organizacional é aquele cujo operar somente faz sentido em relação a si mesmos, nele está o dinamismo de crescimento e de restauração. (De Máquinas e Seres Vivos p. 14)

A família, portanto, é o lugar da plenitude da vida humana. Ali vivemos por inteiro. A vida humana é sempre a fusão do biológico e do afetivo, ou seja, há uma reversibilidade entre eles, o biológico é afetivo e o afetivo é biológico. As ciências separaram essa manifestação complexa com a intenção de simplificar, porque, para elas, a simplificação é o caminho da compreensão. E, hoje se sabe, não o é. Está mais para a falsificação do que para a compreensão.

Não se pode esquecer as dimensões da família, em qualquer circunstância, à luz da domus latina. A família engloba o conjunto de seus contornos. Hoje, com o enclausuramento nos apartamentos, no caso dos mais abastados, precisamos olhar para a higiene, para a alimentação, para os hábitos, para a poluição, para o

sedentarismo, etc. No caso das favelas, a situação da domus latina, é muito mais complexa. O cuidado à família requer a contribuição de outras esferas do saber e de profissionais como sanitaristas, nutricionistas, urbanistas, etc. As relações interpessoais e o meio ambiente fazem parte da instituição e das pessoas, são inseparáveis.

A instituição hospitalar nasce com outro fundamento e com outros objetivos. Quem cria a sociedade é o Estado, supostamente, em nome de maior eficiência, creditada às especialidades e aos recursos científicos e técnicos. Foucault diria que os hospitais nasceram como forma de isolar os improdutivos da ordem social, e como forma de controle do poder público.

Vou limitar-me a apontar a dinâmica interna das instituições hospitalares. Evidentemente, o que funda a ordem hospitalar é o conhecimento científico e os instrumentos técnicos. Assim, o princípio central que rege a vida hospitalar é a racionalidade científico-tecnológica e a racionalidade da eficiência profissional. O hospital é caracterizado como um centro de excelência em conhecimentos e em tecnologias. Os profissionais da saúde são identificados como dominadores de conhecimentos especializados e como possuidores de tecnologias de alta funcionalidade. Laboratórios de tecnologia de ponta, aparelhos de última geração, medicamentos resultantes de recentes experimentos credenciam um hospital como o mais apto a cuidar dos doentes. As UTIs e as CTIs tornaram-se a última batalha entre a vida e a morte, por isso, aí impera a mais refinada racionalidade científica e tecnológica. Paredes de vidro isolam os visitantes, vestimentas a prova de ataques de contágios garantem a imunidade, instrumentos monitorados a distância garantem o contato invisível com o paciente. Tudo se transforma num cenário de ordem mecânica, nenhuma lágrima, nenhum sorriso, nem gesto de carinho, nenhuma palavra de afeto; tudo é gesto milimetrado e controlado na frieza de quem executa operações quase sobrenaturais.

Desculpem, mas agora vou exagerar. Os internados no hospital e os agentes da saúde são humanos comandados e crentes nos poderes e na eficiência das máquinas. A vida foi reduzida a uma ação mecânica. Todos esqueceram a sua humanidade. Permitam-me fazer uma comparação, inspirada no momento que vivemos, o mesmo acontece nas Olimpíadas, os atletas transformaram-se em máquinas de correr, de nadar, de saltar, de bater, de remar; os narradores usam um discurso mecanicista e guerreiro; os espectadores aplaudem números, medidas, tempos, distâncias, alturas. Todos parecem esquecer que são humanos.

Em segundo lugar quero referir-me à formação dos agentes de saúde, isto é os cuidadores ou cuidantes, a quem está afeto a atividade de cuidar. Não vou dizer novidades. A educação moderna, desde que dominou a escola, reduziu a ação pedagógica ao ensino/aprendizagem. O que interessa é a transmitir conteúdos intelectivos com base nos conhecimentos científicos. Um profissional competente é definido pelo seus conhecimentos e pelas suas habilidades técnicas. O que importa é possuir conhecimentos e saber aplicá-los na prática.

Para completar e enriquecer a minha reflexão vou valer-me de três pesquisas desenvolvidas em programas de mestrado e doutorado na área da enfermagem. A primeira destas pesquisas trata diretamente da questão da formação do profissional da enfermagem. O título é O Espaço da sensibilidade na Formação do Enfermeiro da enfermeira mestre Marlene Gomes Terra. Nela é feita a análise do currículo e uma

série de entrevistas com os alunos do curso. A conclusão mostra uma unanimidade sobre o predomínio científico e tecnológico da formação acadêmica, e a ausência de atividades docentes que tratem da questão da sensibilidade e do emocional. A segunda, intitulada Processo de cuidar: Uma aproximação à questão existencial da enfermagem, da enfermeira Dra. Maria Da Graça Crossetti. A autora diz: "A mecanização do homem conduz a uma abordagem técnica da saúde, na qual, a doença é reduzida a uma avaria mecânica e a terapia a uma manipulação técnica". Como alternativa ao tecno-científico ela busca em Heidegger uma alternativa que aproxime existencialmente, isto é, afetivamente as pessoas. Por fim, a terceira pesquisa, da enfermeira Dra. Maria da Graça Corso da Motta, tem como tema **O ser doente no tríplice mundo da criança, família e hospital**, com o expressivo subtítulo, Uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais. Sim, não são mudanças científicas ou técnicas, mas mudanças existenciais, aquelas que dizem respeito ao modo de viver e de se relacionar das três categorias de pessoas, doentes, familiares e agentes de saúde, envolvidas pelo surgimento da doença. Parece claro que a formação acadêmica dos profissionais da saúde e, por que não dizer, de todos os profissionais, é marcada pela predominância dos conteúdos tecno-científicos. Esta formação está perfeitamente de acordo com as instituições hospitalares existentes. Tal fato, a meu ver, deve criar momentos de ansiedade para aquelas enfermeiras que queiram trabalhar com a família, uma instituição, cujo fundamento é diverso, do da instituição hospitalar, como tentei mostrar acima. A família é a instituição que surge e se mantém na fertilidade da mais alta expressão da sensibilidade, o amor. O cuidado à família, sem desprezar os recursos das ciências e das tecnologias, somente poderá ser pensando à luz dos princípios da vida familiar, isto é, a sensibilidade e o amor. A esse respeito Maturana vai mais longe e de forma radical: "A emoção que funda o social como a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como um legítimo outro na convivência é o amor. Relações humanas que não estão fundadas no amor - eu digo - não são relações sociais". (Maturana - Emoções e Linguagem na Educação e na Política p. 26).

Isso constatado e aceito conclui que é preciso buscar outras formas de relacionamento, no cuidado à família, mas é dizer o óbvio. Eu diria que essa minha descrição tem como objetivo construir o mirante de um novo olhar para todos aqueles que tem a ousadia de ver com seus próprios olhos. E, depois de ver com os próprios olhos, ter a coragem de criar com liberdade um cuidado à família pelo qual eles mesmos passam a integrar a família. O sinal indiscutível que seu cuidado está no caminho correto.

Conclusão

A minha exposição percorreu um caminho não tanto animador porque seguiu os traços dos dilemas, dificuldades, impasses, obstáculos. O programa, no seu geral, oferece temas muito mais animadores como a) O processo criativo e o lúdico na arte de cuidar; b) pesquisando a família; c) Relatos de experiência com famílias; d) A família e seu cotidiano; e) Vivências e convivências de familiares de crianças soropositivas; f) Famílias de crianças e adolescentes: lidando com momentos de crise. São estudos e

trabalhos feitos que servem de exemplo, e o exemplo é estimulante. Seus autores mostram que é possível fazer.

Permitam-me, para concluir, valer-me de um tema, parte do programa, que mostra uma das situações mais triste da família e da sociedade contemporâneas, Família e Violência. Olhando a natureza observamos que há muitos momentos de violência causando catástrofes, pelo menos, sob a ótica dos homens. Penso no vento. Como o vento, em forma de aragem, é poético, é agradável, é refrescante. As águas do mar devem aos ventos sua salubridade. Se não houvesse vento que movimentasse as águas do mar, elas estagnariam, nelas não haveria peixes. Mas uma tempestade pode afundar os barcos dos pescadores.

A vida humana, também, necessita de movimentos. Os movimentos limitados à ordem da vida biológica não são suficientes, eles precisam se transformar em movimentos de emoção, de sensibilidade, de amor, de racionalidade. Mas esses movimentos podem alcançar intensidades perigosas, ameaçadoras e, até, mortais. A quem cabe controlar? Ao próprio homem, certamente. E neste momento a humanidade ocidental, parece ter escolhido o árbitro errado. Ouso dizer que o mal da humanidade foi confiar à razão a capacidade de estabelecer o equilíbrio. A experiência nos mostra que ela não é capaz de exercer essa função. Há os que afirmam que ela promove mais guerras do que paz.

Parece que, na vida cotidiana, a única capaz de estabelecer harmonia é a sensibilidade. É a sensibilidade do ouvido que faz perceber as harmonias e as desarmonias de uma melodia. É a sensibilidade que avisa quando há excesso, seja emocional, seja racional. A sensibilidade anda junto com a intuição. Duas capacidades que a racionalidade filosófica e científica desprezou. O artista percebe intuitivamente a harmonia de sua obra de arte; o músico sente a harmonia de sua canção; o amante vive a harmonia de suas convivências.

Para reforçar o que acabo de dizer busco nas palavras de um cientista biólogo, já que o mundo acadêmico deposita neles maior confiança, ele se chama Humberto Maturana Romesín, e diz: "Temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia em nossos empreendimentos e em nossas relações com outros seres humanos e com a natureza toda, e temos nos equivocado. Amor e conhecimento não são alternativas; o amor é um fundamento, enquanto o conhecimento é um instrumento. Além disso, o amor é o fundamento do viver humano, não como uma virtude, mas como a emoção que no geral funda o social. ... E ao negá-lo, na tentativa de dar um fundamento racional a todas as nossas relações e ações, nos desumanizamos, tornando-nos cegos a nós mesmos e aos outros". (De Máquinas e Seres Vivos p. 33)

Prof. Silvino Santin
Santa Maria, 26 de setembro de 2000.

FISIOTERAPIA, CORPOREIDADE E BIOÉTICA

Diante da pele e do tocar

A fisioterapia encontra na corporeidade e na bioética os elementos necessários para definir o seu ser e o seu modo de fazer. A corporeidade é responsável pela sua invenção. Foram os apelos da fenomenologia corporal que inspiraram a criação da fisioterapia. A bioética nasce junto com a fisioterapia, como exigência primeira, para estabelecer os critérios e as maneiras de atendimento desses apelos. Se, de uma parte, a fisioterapia se constitui na intervenção mais adequada sobre as funções do corpo humano, a bioética, de outra parte, se apresenta como guia protetor dos valores humanos.

O olhar reflexivo sobre a pele e o tocar começa, necessariamente, por uma descrição sobre a fisioterapia, sua história, sua semântica, suas bases epistemológicas e seus fundamentos éticos. Esses aspectos, provavelmente, para muitos profissionais da saúde, já são conhecidos, mas se tornam indispensáveis para traçar os caminhos desta abordagem reflexiva.

– A história da fisioterapia oferece uma preciosa riqueza antropológica, cultural e de diversidades de práticas e de saberes. Todos os relatos históricos asseguram que desde alguns milênios antes da era cristã a fisioterapia era prática comum. As culturas orientais, certamente, são aquelas que mantiveram, até hoje, práticas fisioterápicas sem perder suas raízes históricas. No Ocidente, por força de sucessivas rupturas paradigmáticas, a fisioterapia foi alterando sua identidade em relação às suas origens vindas dos egípcios, dos gregos e dos essênios.

Não se trata, aqui, de lembrar todos os períodos desta história, mas apenas sublinhar dois pontos. O primeiro, mais formal, refere-se aos processos de instituição e legalização da fisioterapia. Por exemplo, no Brasil, a fisioterapia tem uma história difícil para alcançar a sua autonomia, tanto acadêmica, tanto profissional. Estudiosos do caso, como o Prof. Lopez Sanchez, mostram como a fisioterapia foi mantida sob a tutela da classe médica. O fisioterapeuta foi definido como auxiliar médico. Estava explícito que a ele competia a realização apenas de tarefas de caráter terapêutico (ou seja, incapaz de avaliar o paciente); e que a execução das mesmas tarefas devia ser precedida de uma prescrição médica. A maioria da fisioterapia, diz o Prof. Sanchez, precisou ser confirmada na justiça. Este aspecto mereceria mais atenção, entretanto, não está no roteiro desta reflexão¹. E a maioria significa ter autonomia para decidir sobre todo o ato fisioterapêutico.²

O segundo ponto, objeto importante para aprofundar o tema, busca identificar alguns elementos históricos que podem promover e provocar debates sobre a identidade atual da fisioterapia, sob o ponto de vista da formação acadêmica e sob o ponto de vista das práticas terapêuticas.

¹ Rev. Fisioter. Univ., São Paulo, 1(1)Jul./dez. 1994.

² O inciso 1.1.2 da Atribuições Gerais diz: Elaborar o Diagnóstico Cinesiológico Funcional, prescrever, planejar, ordenar, analisar, supervisionar e avaliar projetos fisioterapêuticos, a sua eficácia, sua resolatividade e as condições de alta do cliente a estas práticas da saúde.

– A semântica, que trata do significado da palavra fisioterapia, pode começar pela sua etimologia. A etimologia, em palavras simples, faz o rastreamento do sentido de uma palavra desde suas origens mais remotas. A palavra etimologicamente é composta de dois étimos³ (raízes) da língua grega: Physis, cuja tradução mais correta é natureza, ainda que a mais utilizada seja física; e therapéia, que se traduz por terapia, cujo significado habitual é cuidado e cura de doenças.

Essas informações etimológicas, aparentemente, teriam resolvido a questão do sentido de fisioterapia, entretanto uma escuta mais atenta da palavra nos mostra uma série de outros aspectos que ficam ocultos para quem não lhe presta maior atenção. Neste sentido, a tradução de Physis por natureza, ainda que não reflita toda a abrangência da semântica grega, é possível perceber que natureza diz muito mais que física. Natureza abrange o universo de todos os seres. Para os gregos, Physis, além de englobar todos os seres, ela é também a energia primordial da qual se originam todos os seres. Assim, os seres são manifestações da natureza. Mais, a physis, como princípio de tudo o que existe, não está apenas no início de cada ser, mas o acompanha durante toda sua duração ou existência. Ela dá origem e acompanha a manifestação (fenômeno) até o final

Da mesma maneira, therapéia, antes de ser definida como cuidado ou cura, ela significa “Servir a Deus”. Terapia seria, portanto, o serviço prestado à obra da Physis, como manifestação do sagrado ou divino. A fisioterapia tinha, para os gregos, a tarefa de conciliar a ligação entre o homem e a natureza. Para eles, as deficiências físicas eram conflitos com a natureza, que deveriam ser corrigidos por práticas fisioterápicas. Já na Idade Média, esses distúrbios eram atribuídos a forças malignas que deveriam ser exorcizadas.

A leitura etimológica nos revela ainda que, para os gregos, inclusive para outros povos ancestrais, a fisioterapia não tinha como objeto primeiro o movimento, os exercícios físicos e as funções dos órgãos. A fisioterapia era, em primeiro lugar, um conjunto de atividades que se valia dos recursos da natureza para curar, reabilitar e fortalecer o organismo. O poder de cura vinha da natureza, presente nesses elementos, pois existia, nas civilizações antigas, toda uma mística que atribuía muita importância aos fenômenos naturais, às energias cósmicas, aos animais, aos minerais, às plantas, às flores, aos perfumes, etc.

Com o advento da fisioterapia científica, tais práticas fazem parte daquilo que se poderia classificar como a pré-história da fisioterapia.

– A epistemologia trata da questão da produção do conhecimento. Um dos debates epistemológicos mais significativos, na atualidade, concentra-se sobre a questão dos paradigmas, suas construções e transformações no decorrer da história das ciências⁴.

Segundo Francisco Varela, “Chaque époque de l’histoire de l’humanité produit, par ses pratiques sociales quotidiennes et son langage une structure imaginaire. La

³ Na língua grega, o radical étimos significa “verdadeiro”. Assim ele oferece o sentido verdadeiro ou autêntico das palavras. Esse sentido, pelo uso da palavra, pode se desviar ou, mesmo, perder o sentido original.

⁴ Kuhn, Thomas s. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo. Editora Perspectiva. 1987. p. 9-10.

science est une section de ces pratiques sociales ... est une dimension de cette structure imaginaire.”⁵

Com base nesta teoria e alargando o significado de ciência para além do conceito moderno, pode-se admitir que todos os saberes humanos têm como função determinar a totalidade da vida humana, individual e coletiva. Nestas científicidades, em sentido amplo, entram as mitologias. As mitologias, tanto quanto as ciências modernas, são frutos da imaginação humana. A diferença está no paradigma proposto para compreender e explicar o universo. O comportamento humano, as organizações sociais, o sistema de produção as instâncias de poder, enfim tudo o que diz respeito a um povo, somente podem ser entendidos fielmente a partir do paradigma de conhecimento (epistemológico) adotado. Na era das mitologias, conhecida pelos filhos do pensamento racional e científico como a pré-história da humanidade e da ciência, o paradigma “epistemológico” foi construído sobre a idéia de que o mundo era governado por forças sagradas ou divinas, que se manifestavam nos raios, nos trovões, nos astros, nos sonhos, nas entranhas dos animais, etc., e possíveis de serem controladas por rituais, estes executados por pessoas privilegiadas. No caso da saúde, encontramos os curandeiros. Assim se pode entender porque a fisioterapia era centrada na utilização de recursos naturais, transmissores das energias sagradas.

A fonte destas energias vitais, para os gregos e outros povos antigos, estava na natureza. Com o surgimento das religiões institucionalizadas, a fonte da vida e da sabedoria passou para os livros revelados por Deus. E com as ciências modernas tudo isto ficou esquecido.

Neste momento, cabe uma digressão para lembrar que a idéia do sagrado ou do divino continua presente no pensamento de alguns cientistas de renome. Entre tantos outros, pode-se lembrar o médico e biólogo Henri Atlan ao afirmar que “Também podem ser consideradas ‘racionais’ descrições tradicionais daquilo que é traduzido aproximadamente como “Deus”, e não estou falando de Teologia”⁶ No conjunto de seu pensamento, esta afirmação não significa que a terra do Divino possa substituir o científico. Para ele, não substitui, nem se funde, mas anda paralela. Ao seu lado estão a arte, a poesia, a intuição e a sensibilidade. A seguinte passagem mostra bem as diferenças e os espaços próprios de cada dimensão: “Os tanques servem para lavar roupa, as velas iluminam e os feiticeros curam, talvez, na mesma proporção que as máquinas de lavar, a luz elétrica e a medicina moderna, respectivamente. E, em certas circunstâncias que exigem maior intimidade, pode ser mais apropriado organizar uma iluminação à vela do que ligar poderosos holofotes elétricos, mas isso não significa que nos veremos melhor, mesmo em nosso interior, se renunciarmos ao uso da eletricidade”.⁷

Na mesma trilha, talvez com maior força, aparece Grerory Bateson, (antropólogo, biólogo e filósofo, 1904-1980) especialmente com sua obra, *Uma Unidade Sagrada*, na qual, como anuncia o título, expõe a necessidade de restauração

⁵ Varela Francisco J, *Connaître: les sciences cognitives tendances et perspectives*. Paris, Seuil. 1988. Trad. Cada época da história da humanidade produz, por suas práticas sociais quotidianas e sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma seção destas práticas sociais ... é uma dimensão desta estrutura imaginária.

⁶ Atlan, Henri. In Pessis-Pasternak, Guitta. *Do Caos à Inteligência Artificial*. São Paulo. Editora da Unesp. 1993. p.69.

⁷ Idem. P. 81.

da unidade cósmica e antropológica, abalada, desde os gregos, pela criação do pensamento analítico, e pela supremacia do modelo lógico-matemático da modernidade.⁸ A unidade sagrada, segundo ele, não encontra, certamente, correspondência nas representações das ciências, nem mesmo das teologias, estas são criações do imaginário humano para dizer o que é a natureza, o que é Deus. Ele compara: “o mapa não é o território, e o nome não é a coisa nomeada”.⁹

– Fundamentos éticos, em qualquer tempo e em qualquer sociedade, são fornecidos pelo paradigma sobre o qual se constrói o conhecimento. Na era mítica, a ética estava relacionada ao mito fundador. O mito fundador é o que dá origem e identidade a um povo, ou de movimento histórico e cultural. E cada povo tem seu próprio mito fundador. As sociedades teocêntricas têm seu mito fundador na ação criadora de Deus. Muitas vezes, o próprio criador define explicitamente as bases éticas, como é no caso dos hebreus. Ou por um profeta, o que fala em nome de Deus, no caso do Islamismo.

Com os gregos a ética passa a ser expressa pela palavra (logos) enquanto define a natureza de que cada ser. Assim todo ser vivente deve se comportar segundo sua natureza. Isso vale para os homens, como para os animais. Com o Cristianismo há uma aproximação entre os mandamentos divinos (a revelação) e os princípios racionais (a filosofia). O fundador primeiro e incontestado da ética será sempre Deus. O homem, pela sua racionalidade, apenas confirma.

A modernidade, de alguma maneira, rompe com as duas tradições. O homem passa a ser o fundador da ética em nome de um antropocentrismo absoluto, como se ele tivesse o poder de decidir sobre todo o universo. O mito da ciência lhe daria esses poderes. Não se trata, aqui, de aprofundar o que o homem fez e está fazendo, agindo cientificamente, com o planeta e consigo mesmo, mas de identificar os esforços para fundar a ética da racionalidade. As tentativas foram muitas. Vejamos três. Baruch Spinoza (1632-1677) tentou traçar as linhas gerais de uma ética totalmente racional segundo os estritos princípios da lógica matemática. Sua obra principal é, justamente, *Ethica ordine geométrico demonstrata*, isto é, a Ética demonstrada segundo a ordem geométrica ou, como outros traduzem, segundo o costume dos geômetras. Emanuel Kant (1724-1804), certamente, é o filósofo que apresentou uma proposta mais significativa, pelo menos de caráter filosófico, o “imperativo categórico”.¹⁰ Embora não tenha chegado à resposta definitiva, pelo menos proporcionou o surgimento de escolas filosóficas neo-kantianas, especialmente a de Frankfurt, que desenvolveram reflexões importantes sobre a necessidade e a viabilidade de se pensar uma ética laica universal. O pensador mais influente e lembrado é Jürgen Habermas que propõe a ética do discurso, possível de ser viabilizada pela consciência moral e o agir comunicativo.¹¹

Todas as tentativas para definir uma fonte universal da ética, se pode dizer que, no plano teórico, alcançaram um relativo sucesso, pelo menos como estímulo para

⁸ Bateson, Gregory. *Una Unidad Sagrada. Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente*. Barcelona, Espanha. Editorial Gedisa. 1993.

⁹ Bateson, G. *Natureza e Espírito: Uma Unidade Necessária*. Lisboa. Publicações D. Quixote. 1987. p. 33.

¹⁰ Kant, Emmanuel. *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*. São Paulo. Abril Cultural. 1980. (Os pensadores)

¹¹ Habermas, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro Tempo Brasileiro. 1989.

manter viva a preocupação com a questão ética. Entretanto, em termos práticos, pouco ou nada significaram. Estudos recentes mostram que essas éticas cognitivistas, como foram classificadas, já teriam esgotado suas possibilidades de solução¹².

Diante destes fatos, provavelmente, seja permitido afirmar que a ética se transforme em bioética, ou seja, a ética da vida. O que significa dizer que o referencial maior, para se pensar uma eticidade universal, seria a vida. Entretanto, isto não resolve o problema, pois é necessário partir de uma compreensão do que é a vida.

Fica pressuposto que, nos limites desta reflexão e pela complexidade da questão, o tema da vida será abordado apenas no interior da corporeidade humana.

O ser humano um ser corporal

Se o tema do corpo, mais precisamente da corporeidade, foi inscrito no centro de uma antropologia filosófica, fez com que ele penetrasse outras áreas científicas, técnicas e, até, estéticas. O tema da corporeidade, desde que foi vinculado ao modo ser do ser humano, trouxe à tona duas contribuições importantes. A primeira e mais significativa, baseada especialmente no pensamento de Maurice Merleau-Ponty, é a idéia de que o corpo é, realmente, a totalidade do ser humano, não uma parte. Dizer totalidade significa afirmar unidade plena. O corpo é um sistema único e indivisível, que não suporta uma unificação de partes separadas. A corporeidade é a natureza do ser humano, origem de todas as suas manifestações, de qualquer ordem. O corpo humano é um ser vivo na plenitude de sua vida.

Além disso, o corpo humano é um organismo que pertence ao conjunto dos seres vivos. Portanto, é um ser vivo e, como tal, fica incluído nesta descrição de Maturana: “seres vivos são sistemas auto-referidos, nos quais seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos, o que os diferencia dos sistemas que elaboramos nós, os seres humanos, que, por seu desempenho, fazem sentido somente em relação a um outro produto ou algo distinto deles, aos quais denominei de ‘sistemas alo-referidos’”.¹³

A segunda contribuição é de corrente da primeira que se traduz no questionamento, talvez, negação dos modelos mecanicistas e dualistas. A definição do homem-máquina de La Métrie fica literalmente excluída, por ser reducionista, ainda que possa inspirar um processo de fortalecimento e aumento das potencialidades mecânicas para múltiplos fins.

A corporeidade, como entidade específica de cada ser humano, precisa se entendida a partir da dinâmica da vida, e não mais a partir da máquina. Como consequência suas bases científicas passam da física e da mecânica para a biologia, a genética e as neurociências.

¹² Freitag, Bárbara. Itinerários de Antígona: A questão da Moralidade. Campinas, SP. Papirus. 1992.

¹³ Maturana, Umberto. De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese – a Organização do Vivo. Porto Alegre, Artes Médicas. 1997. p. 24.

Fundamentos da bioética

As filosofias racionalistas não conseguiram estabelecer um valor sobre o qual se construiria toda uma teoria ética universal. Pressuposto indispensável para se formular qualquer código de ética. Fica óbvio que, para garantir a legitimidade das éticas regionais, somente será possível a partir de uma ética universal. A superação do dilema, tudo indica, não estaria tão próxima. Ou estaria? O caminho próximo da solução poderia estar na adoção da vida, em todas as suas manifestações, como a única fonte real de eticidade. O surgimento da Bioética, a ampliação, cada vez maior, de sua abrangência, e a adesão crescente de pensadores de todas as áreas apontam para que a Bioética seja adotada como o novo espaço para se traçar as linhas gerais de uma outra eticidade. Ter-se-ia uma ética inspirada no próprio movimento da vida e não num modelo do imaginário racional. Essa seria a hipótese sonhada. O desafio é como chegar lá.

A história da bioética, apenas para lembrar, começaria em 1971 com o emprego do termo bioética, pela primeira vez, pelo Professor norte-americano Van Rensselaer Potter, para se referir às normas a serem observadas nas relações entre médico e paciente. Em pouco tempo, apesar da resistência da Europa continental, o neologismo 'Bioética' passou a designar o conjunto de novas questões, cujo ponto central é o valor do homem em sua corporeidade frente aos desenvolvimentos biomédicos e das biotecnologias. Neste vasto cenário entraram em ação reflexões, não apenas da medicina e da ética, mas também da biologia, do direito, da filosofia, da psicologia, da economia e da política¹⁴.

O termo, bioética, entendido a partir da etimologia, como a ética da vida, não deixa dúvidas. A vida deve determinar a eticidade. A pergunta imediata que se faz é, como saber o que a vida determina. Quando se coloca Deus como o fundador da ética, para o crente, não há dúvida, os fundamentos devem ser procurados nos livros sagrados, e, quando houver dúvidas, as autoridades religiosas, legitimamente constituídas, dirimem o impasse em nome da Divindade. Para os cientistas, e não poderia ser diferente, as ciências estabelecem o que fazer e como se deve proceder. Mas não haveria outro caminho, sem negar os acima mencionados?

A resposta pode ser positiva diante de três propostas. A primeira seria escutar a linguagem da vida. Os poetas, os artistas, os místicos, bem antes das filosofias e das ciências, ouviram a natureza falar. Antes deles estão os povos aborígenes que, hoje, alguns estudiosos, reconhecem a sua sabedoria, ainda que exijam que passe pelo crivo da ciência. E o discurso mais eloqüente sempre foi o da vida, presente em todos os seres vivos.

A história da vida começou a ser escrita há milhões de anos. Desde os micro-organismos até nós, os seres humanos. E, certamente, nós não seremos o último capítulo. A dificuldade está em decifrar a escrita da vida. As ciências nos ajudaram a entrar nos seus segredos, especialmente através da biologia molecular, a genética e as neurociências. Hoje, parece inquestionável que o ser vivo não é regido por um modelo físico mecânico, mas por um sistema comunicacional. Os genes agem conforme as informações impressas em sua estrutura. O DNA é o melhor exemplo.

¹⁴ Cf. Andorno, Roberto. La bioéthique et la dignité de la personne. Paris. PUF, 1997. p.4.

Neste sentido, o paradigma da máquina fica profundamente prejudicado, ainda que se sustente em certos casos. Se a vida não se desenvolve como um processo físico-mecânico, e sim como um transmissor-receptor de mensagens, é preciso construir uma outra hermenêutica do universo vital.

A segunda proposta vai em direção ao mundo da comunicação. A questão central consiste em identificar os comandos que emitem as mensagens para todo organismo, e, ao mesmo tempo, recebem as informações necessárias para elaborar tais mensagens. Por exemplo, quando somos picados por um inseto, uma mensagem é enviada ao cérebro, e este emite uma mensagem que aciona um membro para acudir o lugar da agressão. O mesmo se pode falar de situações mais complexas em relação às funções internas. O mundo neural, tudo indica, esconde a gráfica, ou a grafia, bem como a gramática e a sintaxe destas mensagens. Provavelmente isto obriga sair dos modelos das teorias mecânicas e ingressar no sistema de signos da semiologia e da semiótica. Evidente, não se trata de signos lingüísticos no sentido estrito da palavra.

A terceira proposta sugere uma leitura diferencial por faculdades 'cognitivas' não racionais, o que não significa irracionais. O primeiro gesto pode ser prestar atenção à noção de "obstáculo epistemológico", sugerido por Bachelard, pelo qual se reconhece que os conhecimentos que se tem podem impedir novos conhecimentos. Para ele, "Um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não discutido. Hábitos intelectuais que foram úteis e salutares podem, com o tempo, entravar a pesquisa"¹⁵. Em geral, isto acontece quando se tem a crença de que uma pergunta deve ter uma única e definitiva resposta científica. Crença que é ironizada por Umberto Eco, em *O Nome da Rosa*, através deste diálogo entre Adso e Guillaume:

- Então não tendes uma única resposta para vossas perguntas?
- Adso, se a tivesse ensinaria teologia em Paris.
- Em Paris eles têm sempre a resposta verdadeira?
- Nunca, disse Guillaume, mas são muito seguros de seus erros¹⁶.

Na esteira desta maneira de pensar, Michel Maffesoli escreveu um livro com um título muito representativo de um modo diferente de pensar e de perceber a realidade, *O Elogio da Razão Sensível*. O apresentador (anônimo) da obra escreveu: "Elogio da Razão Sensível é um verdadeiro tratado de decifragem do mundo contemporâneo, que opõe, às razões da Razão racionalizante, as intuições e fulgurâncias da Razão sensível (...) Uma maneira de levantar a topografia do imprevisível e do incerto"¹⁷. Embora Maffesoli concentre sua reflexão sobre a ordem social, fica evidente que ele faz parte de um grupo de intelectuais, (como Umberto Eco, Edgar Morin, Boaventura de Souza Santos, Bruno Latour) que questionam o monopólio da razão racionalizante. Esta racionalidade é apenas uma forma de estruturar a razão cognitiva do ser humano.

Para se romper com essa racionalidade há dois recursos complementares. Um reconhece a legitimidade dos conhecimentos de natureza sensível. A sensibilidade é capaz de reconhecer, com mais fidelidade, aqueles aspectos que escapam às lógicas racionais. Esses conhecimentos sensíveis foram identificados e resumidos por Einstein

¹⁵ Bachelard, Gastão. *Epistemologia*, Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1977. P.148.

¹⁶ Eco, Umberto. Apud Maffesoli, *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis. Editora Vozes, 1995. p. 25

¹⁷ Apud Maffesoli, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, Editora Vozes. 1998. apresentação.

numa simples palavra, *fingerspitzengefühl* que o dicionário traduz por tato, sensibilidade, mas que, no pensamento de Einstein, significa um conhecimento que nasce (nascido) das pontas dos dedos¹⁸. Provavelmente, pode ser aproximado do conceito de “Olho Clínico” médico, isto é, o conhecimento que nasce do “olho no olho”. É neste cenário que a intuição se manifesta.

A intuição é o recurso que complementa a razão sensível. “Com a intuição, escreve Maffesoli, coloca-se em jogo uma ‘visão central’ que, justamente, não é indireta mas, antes, enraíza-se profundamente na própria coisa, dela se nutre e, portanto, dela frui”. Para isso, acrescenta ele, “é necessário apelar para os poetas, os artistas, os místicos, ou para a experiência do senso comum que saiba aderir àquilo que é, viver e fruir daquilo que é”. Por fim, para completar, “Assim, ao contrário da objetividade moderna, a intuição romântica,, isto é, a intuição da globalidade, pode ser um ato de conhecimento”. Isto faz lembrar, seguindo seu pensamento, que o conhecimento etimologicamente remete para o “nascido com” (*nascere-cum*) e que, portanto, implica uma forma de convivência entre o que se convencionou chamar de sujeito e objeto, e não uma oposição: dominante/dominado¹⁹.

Pela distinção entre Razão sensível e Razão Racionalizante pode-se perceber a possibilidade de lógicas diferenciadas. Não custa repetir que a lógica das ciências empíricas seguem a linearidade causal, isto é, se A produz B e sempre produz B; B será sempre produto de A. Concretamente: se os seres humanos geram sempre seres humanos, os gerados pelos humanos serão sempre humanos.

Entretanto, o processo evolutivo da vida não seguiu essa lógica. Uma simples observação das pesquisas em biologia e genética mostra que os organismos conseguiram se organizar em sua embriologia, há milhares de anos, sem a existência destas lógicas lineares. “A vida, escreveu Bateson, provavelmente, nem sempre estará interessada em saber o que é logicamente aceitável”²⁰. Ela chegou até aqui, está em todos os seres vivos, seguindo sua lógica própria e, constantemente, burlando a vigilância das lógicas científicas.

A fisioterapia

Inicialmente é fundamental que não existe um conceito único de fisioterapia. Talvez os modelos científicos tradicionais tentem estabelecer a univocidade semântica da palavra fisioterapia, a científica. As outras seriam pseudo-fisioterapias. Fazendo um levantamento das diferentes definições, chega-se à conclusão de que os estudiosos da fisioterapia não pensam da mesma maneira. Para não entrar numa seara pouco criativa, aqui foi adotada uma definição aquela que está melhor afinada com esta reflexão. O critério, provavelmente pode se questionado. Certamente não é científico.

A definição adotada foi retirada dos escritos de H. T. Heidelberg: “Os métodos da terapia física se caracterizam por ativar o corpo. No aspecto biológico, todo tratamento físico constitui uma terapêutica de reação. Os procedimentos de terapia física não servem unicamente para o desencadeamento imediato de uma reação

¹⁸ *Fingerspitzengefühl*: finger=dedo,; spitzzen= ponta; fühlen= sentir; (ge) fühlen=sentido

¹⁹ Maffesoli, Michel. Elogio da Razão sensível. Petrópolis. Editora Vozes, 1998. p. 130-133.

²⁰ Bateson, Gregory.. Gaia: Uma Teoria do Conhecimento (Org. Willian Irwin, Thompson. São Paulo, Gaia. 1990. p. 43.

determinada, mas também constituem um apoio geral à tendência de cura do próprio organismo”. Embora a definição tenha uma referência explícita aos métodos, uma leitura atenta permite, através deles, identificar o conteúdo.

Quatro elementos da definição revelam as bases das atividades da fisioterapia:

1. Ativar o corpo. Ativar não significa apenas impulsionar o corpo a agir, mas, também, a fortalecer suas capacidades de ação. Uma atitude que, obrigatoriamente, respeita a idéia de que o corpo, ser vivo, é um sistema auto-referido, isto é, seu operar, lembrando mais uma vez Maturana, somente faz sentido em relação a si mesmo.

2. Uma terapia da reação. Este segundo elemento completa o primeiro. Trata-se de uma terapia que ativa o corpo na forma reagir. E reagir significa aceitar o estímulo, o apelo para a ação. Portanto, cabe ao corpo assumir o comando do processo de ativação de si mesmo.

3. Tendência de cura do próprio organismo. “Nós, os seres vivos, escreveu Maturana, somos sistemas autopoieticos moleculares”. O que significa dizer que todos os fenômenos biológicos resultam do operar da estrutura dos seres vivos. E como fenômenos biológicos estão incluídos, também, as operações mentais. Maturana e Varela explicam mais: “A característica do ser vivo, pela sua organização, é tal que seu único produto são eles mesmos, inexistindo separação entre produtor e produto. O ser e o fazer de uma unidade autopoietica são inseparáveis, e esse constitui seu modo específico de organização”.²¹ Na condição de autônomos e de autopoieticos, os seres vivos gozam das capacidades de auto-organização, de auto-criação e de auto-defesa.

Neste contexto, a definição da fisioterapia, acima expressa, contempla, exatamente, essas três capacidades que, sem dúvida, são fundamentos e raízes do ser e do fazer fisioterapêuticos. Na seqüência desta reflexão serão considerados dois fatores fundamentais e decisivos, a pele e o tocar, não para isolá-los do todo corporal humano, mas para salientar seu significado antropológico e fisioterapêutico. Não há, aqui, a pretensão de fazer um tratado sobre o tema, mas, apenas, apontar sua relevância para a Fisioterapia.

A pele

A pele, durante muito tempo, não passou de um simples invólucro do corpo humano. Uma leitura superficial da história da antropologia, pelo menos nas culturas ocidentais, o fator mais importante da pele foi a cor, enquanto critério para definir os grupos raciais, brancos, negros e amarelos. Posteriormente, com o avanço das ciências biológicas, surgiram outros critérios com essa finalidade, ainda que sem criar um consenso.

O ponto, tudo está a demonstrar, que a pele não mereceu muita atenção, parecia um aspecto do corpo humano secundário. Não era valorizada, salvo raras exceções, como objeto de estudos. Sob o ponto de vista antropológico, a pele recebeu, por parte das sociedades civilizadas, uma sobre-pele, o vestuário. Uma análise desta sobre-pele, não era tanto para ocultar a pele ou as partes “pudicas”, ou como proteção, mas como um artifício para criar categorias sociais. O vestuário assegurava as diferenças entre nobres e plebeus, entre soberanos e súbditos, entre pobres e ricos.

²¹ Maturana, U. Varela, F. A árvore do conhecimento. Campinas, SP. Editorial Psy II. 1985. p. 89.

A pele, na sua nudez, revela, apenas, a cor, o gênero, o estado físico e a idade. Elementos que dificultam estabelecer classes sociais.

Hoje, os avanços das ciências biológicas garantem uma compreensão mais detalhada da pele, tanto em suas funções, quanto em sua composição. Mas para que se chegasse a estes resultados foi preciso enfrentar uma barreira ética medieval que impedia ultrapassar os limites da pele. Em nome dessa norma era proibida a dissecação de cadáveres. Vesale, (Andréas Vesalius, 1515-1564), considerado pai da anatomia, apesar das condenações da Inquisição praticava dissecações de corpos humanos. Inclusive, chegou a propor a necessidade de dissecar corpos vivos, pois nos cadáveres falta o elemento principal. Mas este é outro assunto.

Este tema, o da anatomia, apesar de seu significado para a fisioterapia, foge aos objetivos desta reflexão. O aspecto, que chama atenção nas atitudes de Vesale, está ligado ao aparente descaso pelo significado da pele. Pelas informações à disposição, ele encarou a pele como uma simples cortina que escondia os segredos do interior do corpo.

As pesquisas biológicas, particularmente na área da genética, desenvolveram pesquisas inovadoras que alteraram profundamente as representações antropológicas e científicas da pele. Tais mudanças biológicas provocaram pesquisas mais profundas das ciências neurobiológicas, e mobilizaram, também, outras áreas, aparentemente não afins, como a filosofia, a sociologia, a educação, a psicologia e a psicanálise.

Antônio Damásio, (chefe do departamento de neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Iowa), trouxe, além de resultados que revolucionaram as relações corpo e mente, preciosas informações sobre a pele. Seguem aqui, resumidamente, alguns pontos, considerados mais representativos para se pensar e fazer fisioterapia.

Uma observação inicial de Antônio Damásio, muito próxima ao senso comum, diz o seguinte: “A primeira idéia que ocorre quando pensamos na pele é a de uma extensa camada sensorial, voltada para o exterior, pronta a ajudar-nos a construir a forma, a superfície, a textura e a temperatura de objetos externos pelo sentido do tato”. Esta idéia, portanto não é inovadora, mas serve para realçar a diferença ao afirmar que “a pele é muito mais do que isso, ela é uma peça-chave controlada por sinais neurais autônomos do cérebro e por informações químicas de diversas proveniências”.²² A afirmação mais significativa e inovadora está na vinculação neural da pele com o cérebro. O que acentua a relação das funções da pele ao sistema nervoso central. A pele, de fato, resumido o pensamento de Damásio, é a entrada e a saída de muitas informações ou representações que seriam coordenadas por conexões neuronais. É neste particular que Damásio classifica a pele entre as vísceras. Um lembrete de dicionário: Viscera é todo órgão contido nas cavidades craniana, torácica e abdominal. Portanto a pele estaria, pela definição de dicionário, desclassificada da categoria de víscera. E cada víscera tem suas funções específicas, todas voltadas para a conservação do equilíbrio do ser vivo. Para Damásio o que identifica a víscera não é o critério da localização, mas o da funcionalidade. Por isto, na continuidade de sua explanação acrescenta que no organismo acontece um conjunto de representações como regulação bioquímica, dos órgãos internos, estrutura músculo-esquelética,

²² Damásio Antônio R. O Erro de Descartes – Emoção, Razão e cérebro humano. São Paulo. Companhia das Letras, 1996. p. 261.

massa muscular e movimento potencial que precisam ser coordenadas. “Suspeito, diz ele, que a representação da pele desempenha um papel importante para assegurar essa coordenação”.²³

Além de sua função visceral e da relação neuronal com o cérebro, a pele recebe, do olhar atento de Damásio, esta dupla dimensão: “A meu ver, o complexo somatossensorial do cérebro, em especial o do hemisfério direito nos seres humanos, representa nossa estrutura orgânica tendo por referência um esquema corporal onde existem partes intermediárias. (...) A representação da pele poderia ser o meio natural de estabelecer a fronteira do corpo porque está voltada tanto para o interior do organismo como para o meio ambiente com que o organismo interage”.²⁴ É, justamente, essa dupla ligação interna/externa operada simultaneamente através de informações recíprocas que a pele, sem sobras de dúvida, adquire um significado primordial para a fisioterapia.

Por que essa dupla função da pele, a encarnação com o interior do corpo e o contato direto com o exterior, se torna fundamental para a fisioterapia? Muito simples. Foi lembrando, anteriormente, que os anatomistas enfrentaram barreiras éticas para ultrapassar os limites da pele. A pele era o limite, segundo os moralistas da época, era o limite intransponível estabelecido pelo criador para não violar o santuário de sua criação. Um ponto deve ser sublinhado, os anatomistas dissecadores precisaram romper a pele, no sentido mais restrito da palavra. Ela era um empecilho para olhar o que havia e acontecia do lado de dentro da pele. Esta não tinha outro significado do que ser o invólucro do corpo. Na fisioterapia, entretanto, não há rompimento nem agressões à pele. Ela se constitui no laboratório ou atelier onde o tocar se opera como um comunicador que consegue aliar, ao mesmo tempo, o interior e o exterior num sistema informativo, através de gestos, que funciona no esquema de codificação/decodificação ou codificador/decodificador. Esse sistema de informação, sempre que segue a lógica da vida, tem como objetivos, voltando à definição adotada de fisioterapia, ativar o corpo a reagir e despertar a tendência de cura do próprio organismo.

Tocar

O segundo fator, apontado como fundamental nesta reflexão, é tocar. Tocar desencadeia reações e manifestações tanto na pele visceral, tanto na pele, definida como sensor do tato. Portanto tocar e pele são fatores inseparáveis na fenomenologia do tato. Muito bem expresso por Lionel Tayler: “O maior sentido do nosso corpo é o tato. Provavelmente, é o mais importante dos sentidos para os processos de dormir e acordar; informa-nos sobre a profundidade, a espessura e a forma; sentimos, amamos e odiamos, somos suscetíveis e tocados em virtude dos corpúsculos táteis de nossa pele”.²⁵ Tocar não é um ato físico somente – talvez nunca seja – mas também um ato psíquico, aliás, considerando a unidade corporal de Meerleau-Ponty, essa distinção nem deveria ser lembrada, pois tudo o que é físico, é, também, psíquico, e vice versa.

²³ Damásio, A. R. Op. Cit. P 261.

²⁴ Damásio, A. R. Op. Cit. P. 263.

²⁵ Tayler, Lionel J. Apud Montagu, Ashley. Tocar: O Significado Humano da Pele. São paulo: Summus editorial, 1988. p. 21.

Uma observação, um tanto à margem desta reflexão, para justificar o emprego do infinitivo tocar em lugar de toque. O verbo sempre sugere movimento, atividades acontecendo, enquanto o substantivo é, de certa maneira, o congelamento de um momento do movimento. Heidegger, em sua obra *Introduction a la Métaphysique* no capítulo que trata da gramática e etimologia do termo “ser”, chega à conclusão de que ser, na filosofia grega, não é substantivo, mas verbo, Portanto ser significa aquilo que se torna presente, aquilo que se manifesta e aparece na seqüência dos seres (entes)²⁶. Neste sentido, tocar significaria uma cadeia ilimitada e contínua de toques tocantes. Depois desta observação, retorna o discurso interrompido.

O tocar se desenvolve na pele, não apenas na sua superfície, mas em toda sua complexa constituição. Depois das descobertas da complexidade da pele, hoje ficou claro que a pele se tornou a grande paisagem percorrida pelo tocar fisioterapêutico. Esse tocar pode ser entendido e praticado como uma ação mecânica, conduzida pelos princípios da física, da biomecânica e da fisiologia científica. Talvez, essa seja a compreensão habitual.

Há outra, talvez, mais de uma forma de compreender o tocar. Em primeiro lugar a mão que toca pode ser considerada como a mão que toca um instrumento musical. Os dedos dedilham as cordas sensoriais da pele, ou digitam um teclado imaginário em ritmos de sinfonias, de operas ou de sonatas. Os dedos podem desenvolver movimentos ritmados da dança. O importante é acionar as funções viscerais da pele. Seria isto um simples delírio poético? Mas por que somente se acredita e confia nos movimentos mecanistas?

Ashley Montagu, em sua obra, já clássica, *Tocar: O Significado Humano da pele*, além de não usar o substantivo toque, ele mostra a total fusão entre a pele e tocar. Não há dúvida de que tocar somente pode ser pensado e descrito como uma ação conjunta com a pele. É bom lembrar que, em relação à pele, Montagu não possuía as contribuições mais recentes dos avanços da genética e da neurobiologia, mas já vincula a pele ao sistema nervo central, e, no primeiro capítulo trata do tema, “a mente da pele”.²⁷

O objetivo principal de Montagu é demonstrar o significado e a importância de tocar a pele, de diferentes maneiras e intenções, como fator fundamental para o equilíbrio do corpo humano. Tocar não é algo separado da pele, por isso, é possível afirmar que é a pele que dá sentido ao tocar.

Uma leitura, nem tanto profunda, da obra de Montagu, possibilita sublinhar três contribuições para complementar esta reflexão sobre a fisioterapia.

A primeira contribuição é um alerta sobre a pouca atenção generalizada a respeito da pele, o que impede reconhecer a importância do tocar. A esse respeito ele afirmou: “A maioria das pessoas considera a pele como algo que não merece atenção específica exceto quando queima e descasca ou fica coberta de espinhas”.²⁸ E hoje, a situação mudou muito? Ou a mentalidade vigente continua, mais ou menos, a mesma? A resposta mais adequada parece confirmar que apenas mudaram algumas variáveis estéticas, comandadas pelo culto ao bronzamento e ao rejuvenescimento.

²⁶ Heidegger Martin, *Introduction a la Métaphysique*. Paris: Gallimard, 1958. p. 80-83.

²⁷ Montagu, Ashley. *Tocar: O Significado Humano da Pele*. Paris: Gallimard, 1958. p. 21-60.

²⁸ Idem, p. 30.

A segunda contribuição, provavelmente a mais significativa, está contida na ampla descrição dos fatores positivos do tocar a pele, seja em forma de contato, de carícia, de pegar ou de proximidade relacional para o bom e sadio desenvolvimento do ser humano, desde o nascimento, (ou talvez antes), até o fim da vida. O que é confirmado por estas palavras: “A estimulação táctil parece ser a experiência fundamentalmente necessária ao desenvolvimento comportamental saudável do indivíduo”.²⁹ E isto porque, resumindo essa contribuição de Montagu, todos os procedimentos de tocar, em especial, nos recém-nascidos e durante a infância – sem excluir a vida adulta – contribuem para a atividade saudável de todas as funções viscerais.

Por fim, a terceira contribuição relaciona o tocar à ação curativa, um aspecto, certamente, significativo para a fisioterapia. Inicialmente se pode transferir para o fisioterapeuta o que Montagu diz do médico. “O que o paciente espera do ‘fisioterapeuta’ é um toque humano e um efeito curativo. O toque sempre intensifica as habilidades terapêuticas e a potencialidade de recuperação do paciente”.³⁰ Neste sentido, ele cita o exemplo de uma pessoa com problemas respiratórios graves, e encaminhada por ele a uma clínica de fisioterapia em Londres, onde devia ser massageada por um especialista. O resultado foi altamente positivo.³¹

Já no final do livro, como apêndice, Montagu traz uma rápida referência ao ‘toque terapêutico’. No início do primeiro parágrafo ele esclarece: “Nos últimos anos, vem se desenvolvendo a partir da prática da ‘imposição das mãos’ o que passou a ser chamado de ‘toque terapêutico’”.³² Pela breve descrição do fenômeno, apresentada por Montagu, parece que não se trata de um procedimento científico, mas com características mais psíquicas e místicas. Isto por que o ato de curar, citando Krieger, “implicaria na canalização do fluxo de energia vital pelo curador para o bem-estar da pessoa doente”.³³ Fica a interrogação, esse “toque terapêutico”, não tão científico, poderia ser incorporado pelo fisioterapeuta, ou seria apenas uma atividade pouco confiável do curandeirismo? Há outra pergunta, talvez mais instigante, será que o “toque terapêutico” não estaria afinado com a lógica da vida, à qual Bateson se refere?

Depois de tudo o que foi dito até aqui, estaria na hora de apresentar algumas conclusões sobre o que determinaria a bioética no relacionamento entre fisiologia e corporeidade no cenário da pele e do tocar, entretanto o espírito desta reflexão não leva a concluir, mas pretende apontar caminhos para onde se pode continuar a refletir. Assim nada melhor do que invocar essa interrogação desafiante que intitula a coleção francesa-belga, *La Pensée et les Hommes*, numa de suas edições, *Bioéthique: Jusqu’ou peut-on aller?*³⁴ (Bioética: Até onde se pode ir?). Uma pergunta, sem dúvida nenhuma, muito difícil de responder. O dia que a resposta for formulada, estará achada a chave de, senão todas, pelo menos grande parte das questões bioéticas; Por enquanto, os bioeticistas reconhecem que há um conflito entre o respeito pelo ser vivo, seu direito de viver e viver dignamente, e os interesses que colocam em primeiro lugar o produto

²⁹ Montagu, . Op. Cit. P. 273.

³⁰ Idem. P. 270.

³¹ Idem. P. 271-273.

³² Idem p. 381.

³³ Idem. P.382.

³⁴ Col. *La Pensée et les Hommes*. Bioéthique: Jusqu’ou Peut’on Aller? 39 année. Nouvelle série ,31. Bruxelles, Éditions de l’Université swe Bruxelles, 1996.

ou o resultado a qualquer custo, sem preocupação com a vida. E isto vale tanto para a vida humana como para qualquer outra forma de vida. Não é possível aqui tratar da superação os limites humanos perseguida em muitas atividades humanas, mas as práticas esportivas, certamente, são as mais paradigmáticas. Por exemplo, correr é uma modalidade de locomoção humana natural. Agora, correr cem metros em menos de dez segundos, talvez, não seja tão humano. As inúmeras seqüelas estão aí para comprovar. Trabalho para a medicina e os fisioterapeutas. E a vida animal como fica?³⁵

Hipócrates já estabeleceu o primeiro grande marco referencial de agir com a vida e os seres vivos: **Primum Non Nocere** (Primeiro não fazer o mal). Esse primeiro mandamento, aparentemente, soa negativamente mas, de fato, ele é o começo de toda a positividade benéfica, porque exclui a possibilidade de malefício. Seguindo com o pai de medicina, aparece o juramento socrático, cujo resumo significa fazer o bem.

Outro referencial importante pode ser construído a partir da distinção entre “eu sou corpo” e “eu tenho corpo”. Em outras palavras, “o corpo que sou” e “o corpo que tenho” O corpo que sou me constitui, ele é eu ou eu sou ele. O corpo que tenho supõe que a um sujeito proprietário e um objeto de propriedade. No primeiro caso, o corpo vivo, aquele que sou, deve ser o ponto inspirador do modo de viver. Não se pode esquecer que a consciência, a razão, as emoções fazem parte deste corpo vivo, elas são manifestações do mesmo. Assim, cada um deveria respeitar o corpo que é, e respeitar o outro no corpo que é. Esse princípio deveria reger todas as relações humanas.

No segundo caso, o corpo que tenho remete à idéia de há um ente extra-corporal que detém a propriedade do objeto corpo. O conceito de propriedade remete a uma relação de posse, de uso e de instrumento. Seu valor está diretamente relacionado ao resultado e à produtividade. Mais uma vez, o exemplo pode ser o esporte de alto rendimento.

Mais um referencial pode ser elaborada através transferindo para a bioética uma idéia de Piere-Marie Brinetti:. Então teríamos uma boa bioética não seria aquela que nos orienta para a dominação tecnológica da vida, mas para a compreensão e o respeito de sua lógica.

Por fim, pelo menos nos limites desta reflexão, é importante que a bioética, regente das relações entre fisioterapia e corporeidade na complexidade da pele e do tocar, não pode estar enclausurada em códigos de ética, embora não os dispense, mas precisa um certos grau de liberdade para inventar soluções fisioterapêuticas de acordo com os apelos da vida manifesta na corporeidade de quem busca os favores do fisioterapeuta. Liberdade que exige capacidade inventiva. E para alcançar esta inventividade é conveniente seguir esse ensinamento de Ernst Jünger: “Não se é

³⁵ Um exemplo de exploração da vida em nome do resultado. “O gado que antes levava três anos para crescer e engordar, agora está pronto para o abate 18 meses. Da mesma forma, galetos que antes levavam 12 semanas para atingir o peso de mercado, hoje estão no ponto em seis semanas. A vaca em cativeiro, que antes produzia 4.000 litros de leite por ano, hoje dá 10.000litros, dez vezes acima do que sua natureza permitira se criada em liberdade. O ritmo das galinhas poedeiras foi alterado para que produzam, cada qual, 300 ovos por ano, quando o normal seria algumas dezenas. A qualidade desses produtos, tanto em paladar quanto em nutrientes, está cada vez pior. (Resultados apresentados em abril de 2003)

inventor por decisão; é encontrando a posição do inventor que nos tornaremos um deles”.³⁶

S. Santin

Santa Maria, março de 2010.

³⁶ Jünger, Ernst, *Le Coeur Aventureux*. Cit. s.r.

56º CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM

Gramado 24 a 29 de outubro de 2004.

Tema Oficial:

ENFERMAGEM HOJE – CORAGEM DE EXPERIMENTAR MUITOS MODOS DE SERPalestra: Saúde, enfermagem e corpo: ressonância na formação profissional.

INTRODUÇÃO

PENSAR OS MODOS DE PENSAR

MODOS DE PENSAR O TEMA

DISCURSO E PODER

PACIENTE E DIREITOS SOBRE O CORPO

ENSINAR E CUIDAR O CORPO

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

CONCLUSÃO

Saúde, enfermagem e corpo: ressonância na formação profissional

INTRODUÇÃO

Vou desenvolver o tema, sempre com o máximo esforço de me manter dentro do roteiro proposto, baseado na minha formação acadêmica e nas minhas atividades docentes. Não poderia, nem que o quisesse, falar como enfermeiro, biólogo, cientista. Minha formação é filosófica. Toda minha atividade docente sempre buscou pensar filosoficamente, embora não tenha muita certeza do que exatamente seja filosófico.

Após esta primeira observação quero lembrar um fato ocorrido com o filósofo da ciência, Gastão Bachelard (1884-1962). No fim da sua vida foi entrevistado por um jornalista. Passados alguns minutos da entrevista, Bachelard, subitamente, diz ao seu entrevistador: “O senhor, manifestamente, vive em um apartamento e não em uma casa”. O jornalista, um tanto surpreso, retruca: “Como assim? O que o senhor quer dizer com isso?” Bachelard lhe explica que a diferença entre uma casa e um apartamento é que a primeira possui, além do espaço da morada, um porão e um sótão. E acrescenta: isto faz com que se possa descer ao porão e subir ao sótão. Ao contrário do apartamento que se fica sempre na área da habitação.

Com essa distinção Bachelard quis dizer que a descida ao porão implica em olhar o que se passa no subsolo, nas raízes e nos fundamentos psicológicos, sociais ou ideológicos de nossa existência e com isto poder compreender os condicionamentos que nos oprimem ou libertam. A subida ao sótão nos leva à busca das dimensões poéticas, artísticas, místicas do imaginário e das utopias.

Quem habita em apartamento está limitado ao espaço da morada, isto é, vê somente o presente, o cotidiano e o imediato da existência.

Com este fato quero justificar o começo desta minha fala exatamente a partir do sub-tema **Modos de Pensar Enfermagem**, ao qual está vinculado o assunto desta mesa-redonda, **Saúde, enfermagem e corpo: Ressonâncias na formação profissional**.

Os seis subtítulos da minha reflexão filosófica foram inspirados pelo roteiro oferecido pela Comissão Organizadora do Evento.

Pensar os modos de Pensar

Apenas como lembrete, certamente, ninguém duvida da possibilidade de pensar, entretanto, parece que muitos renunciam ao direito de pensar. Diante disto eu me perguntei o que significa pensar? Que tipo de ato é o meu pensar? Se cada um se perguntasse o que faz quando diz que pensa, e se lembrasse quantas expressões conhece que contêm a palavra pensar, talvez, ficaria surpreso pela pouca atenção que damos ao fenômeno de pensar.

Quero ir um pouco mais longe perguntando, será que não seria necessário, antes de falar dos modos de pensar a enfermagem, iniciar pela questão: **pensar os modos de pensar**. Em outras palavras, pensar o pensar. Neste sentido faço uma alusão ao conhecer o conhecer de Edgar Morin, e ao observar o observar do observador de Humberto Maturana. Preocupações que nos obrigam a uma descida ao porão.

Nós aceitamos, talvez esteja enganado, o ato de pensar como um fato plenamente conhecido, claro e objetivo. O pensar seria a distância que nos separa dos animais. Pascal nos definiu como um ser pensante. Disse ele: o homem podia ser um frágil caniço que se verga ao mínimo sopro de vento, mas é um caniço pensante. Os neurobiólogos, hoje, confirmam o que já se dizia que pensamos continuamente. Nunca deixamos de pensar. Porque seria uma função neuronal.

Não vou me deter nestas questões ou em outras desta natureza, ainda que desafiadoras, como: que ato é pensar? Quando se pensa e quando não se pensa? Posso ficar sem pensar? Entretanto não poderia deixar de lembrar Martin Heidegger (1889-1976). Pela minha leitura, ele foi o primeiro a se debruçar sobre o ato de pensar através de um curso semanal com duração de um ano letivo. (1951, semestre de inverno; 1952, semestre de verão). Posteriormente foi publicado com o título *Was heisst Denken?*, que os franceses traduziram por *Qu'appelle t-on-penser ?* Numa tradução literal eu diria: Como se chama pensar? Ou, qual o nome de pensar, ou, simplesmente, que significa pensar? Entretanto traduzir heisen por significar, pode ser mais compreensível, mas não mantêm a fidelidade semântica, pois a língua alemã tem o verbo *bedeuten* para dizer significar.

Esta digressão que me levou ao porão, acredito, me traz de volta ao espaço da morada com maiores recursos para redimensionar a minha reflexão.

Nós, no Ocidente, entramos num modo único de pensar. O pensar racional. Que deu origem a um modo correspondente de discurso. Talvez, esse modo oficial de pensar, pelo que nos diz Edgar Morin, seria a negação do pensar, pois, segundo ele, “a possibilidade de pensar e o direito ao pensamento são recusados pelo próprio princípio de organização disciplinar dos conhecimentos científicos e pelo fechamento da filosofia sobre si mesma” (Morin Terra-Pátria p. 162).

Dizendo isto estou me aproximando do tema da mesa-redonda. Como já afirmei, vou tentar seguir o roteiro. E vou tentar seguir o roteiro proposto, sem renunciar à liberdade de pensar, isto é, de ordenar o meu discurso.

Meu primeiro compromisso consiste em pensar como articular três fenômenos expressos pelas palavras: **Saúde, Enfermagem e Corpo** para, a seguir, compreender as **Ressonâncias na Formação Profissional**.

Como pensar o tema?

Inicialmente devo reafirmar-lhes que, diante de minha formação acadêmica, da graduação ao doutorado, é filosófica com acentuação nos temas da filosofia da linguagem. E penso a filosofia, não como ciência, mas como processo de desconstrução, para usar a expressão de Derrida (falecido recentemente). Ou como diz o Frei Betto: “pensar é desmascarar o saber travestido de pensamento”. (C. Riograndense 13.10.2004). Portanto, no meu entender, a filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida, não apenas aos conhecimentos, mas e especialmente, à condição humana e aos grandes temas da vida em todas as suas formas de organização, dos microorganismos aos macroorganismos. Dizendo isto fica claro que não pretendo seguir os paradigmas científicos do tipo lógico-matemáticos.

Neste sentido, na minha reflexão filosófica, pensar significa criar e recriar idéias e mundos. Pensar é reconhecer que a vida humana é uma aventura que exige sempre novas respostas, novas atitudes e novos compromissos. Vou recorrer mais uma vez a Martin Heidegger em sua obra: *Holzwege* (traduzido para o francês com o título, *Chemins qui ne mènent nulle part*. Caminhos que não levam a nenhum lugar, mas poderia significar, também, caminhos que levam a todos os lugares. Eu traduzo simplesmente como caminhos da floresta. Contém seis textos de Heidegger sobre arte, poetas e ditos de Hegel, Nietzsche e Anaximandro).

No *Holzwege* surgem duas figuras familiarizadas com a floresta, o lenhador e o guarda florestal. Só eles sabem o que significa engajar-se num caminho da floresta.

Nos caminhos da floresta não há caminhos, eles se fazem caminhando. A cada dia, cada um, lenhador e guarda florestal, independentemente, precisam traçar seu caminho para cumprir suas tarefas. Um vai em busca de lenha, onde estiver; outro protege a floresta de qualquer perigo, seja em que ponto for. Ambos, ao entrar na floresta, seguem os caminhos do próprio caminhar, orientados pelos seus objetivos.

O lenhador e o guarda florestal são metáforas do pensador. O pensador se aventura pelos labirintos do imaginário, impulsionado pela sua força criativa. Sai na perseguição de utopias, de sonhos, de modos de ser e de formas de viver ainda desconhecidos.

Saúde, enfermagem e corpo, na vida real, são realidades que não falam a linguagem das ciências, elas dialogam com o pensador, com o poeta e com quem brinca. Elas não estão num lugar predeterminado, mas emergem da história pessoal de cada paciente e de cada profissional.

A enfermeira e a enfermagem, por que não, poderiam encontrar na floresta, no lenhador e no guarda florestal, três metáforas de sua identidade.

Neste momento, julgo fundamental recordar o tema central deste congresso, **Enfermagem hoje: Coragem de experimentar muitos modos de ser**, para sublinhar a

palavra **coragem**. Certamente, para experimentar muitos modos de ser num universo em que o único modo de ser da enfermagem é ditado pela cientificidade moderna não basta ter simplesmente coragem, é fundamental ter **muita** coragem. Não me refiro à coragem que vem da força ou do saber, mas a que vem da sensibilidade, do compromisso e do respeito ao outro. As raízes desta coragem estão no coração, muito bem definidas nestas palavras de Heidegger e em perfeita sintonia com o tema deste congresso: “Toda coragem do coração é a ressonância ao apelo do Ser, que reúne nosso pensar no jogo do mundo”. Assim, “A coragem de pensar germina da exigência do Ser, da qual surge a linguagem do destino” (Heidegger, Da Experiência do Pensar p. 41 e 33)

Nesta dimensão do coração, o pensador se identifica com o poeta, com o bailarino e com o brincador. Helena Katz diz que a dança é o pensamento do corpo. “No corpo que aprende a dançar existe um salto entre a repetição de movimentos e a sua transformação em dança”. (In Adauto de Novais, O Homem-Máquina p. 261). Para um chefe tribal iroquês, saber dançar fazia parte do ritual da cura do doente. Assim, pensar é aquilo que surge depois de conhecer. Pensar, poetar, dançar e brincar se alimentam da mesma força criativa, e gozam do mesmo estatuto de liberdade.

Vou dar mais um passo, ainda com Heidegger, agora em seu pequeno texto intitulado Der Feldweg (o caminho do campo) para fazer o contraponto. Os caminhos do campo, conhecidos de todos, são aqueles que nos levam de um lugar a outro, e nos trazem de volta. Eles têm começo e fim, ida e volta. Esses seriam os caminhos da ciência, do pensamento racional, lógico e geométrico.

Na continuidade da minha reflexão faço um convite a cada um para traçar seu próprio caminho pensante na floresta nascida da fecundidade das palavras que anunciaram a mesa-redonda: **Saúde, Enfermagem e Corpo: Ressonâncias na formação profissional**.

Discurso e poder

O primeiro item da súmula orientadora da Comissão Organizadora fala dos discursos da saúde e seu poder regulador, normatizador e instaurador de saberes produtores de verdades sobre o corpo.

Em princípio, os discursos não têm poder em si mesmos. Eles são investidos de um poder delegado. Eles precisam de uma fonte de poder. Se os discursos gozassem de autonomia de poder, qualquer um poderia se apropriar dos mesmos e praticá-los. Por exemplo, na área jurídica, uma sentença somente é válida se pronunciada por um juiz dentro de sua jurisdição. Aqui, pode-se lembrar o “ato médico”. Por isso todo discurso precisa de um ato fundante.

Desde a antiguidade o discurso depende de três instâncias: a do saber como ato fundante; a do sujeito, isto é, a pessoa investida do discurso deste saber; e a da circunstância que limita o espaço onde o sujeito pode praticar o discurso.

Vejamos alguns pontos. A primeira instância que confere poder ao discurso é o saber. Na esfera mito-teológica o saber vem de Deus. A segunda instância acontece na consagração da pessoa que poderá praticar o discurso segundo um ritual. A terceira instância é a do local apropriado, onde o discurso pode ser pronunciado.

Na era moderna, as ciências se constituem no ato fundador do poder do discurso. Esse discurso Marilena Chauí chama de Discurso Competente. “O discurso

competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro”. Na verdade o discurso competente, atualmente, em todas as instituições de ensino é o discurso científico. Mais especificamente segundo os modelos da cientificidade das ciências empíricas. Essa exigência do discurso competente ser científico impõe uma série de restrições, o que significa dizer que não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância. Michel Foucault, em sua aula inaugural no Colégio de França, *A Ordem do discurso*, faz um diagnóstico perfeito sobre os procedimentos a respeito da produção do discurso, que é, segundo ele, ao mesmo tempo controlado, selecionado, organizado e distribuído por um conjunto de normas, cujos objetivos, entre outros, são o de conjurar os poderes e os perigos e de dominar os acontecimentos aleatórios. Na seqüência Foucault aborda os procedimentos de exclusão a começar pelo de interdição que pode atingir seja o sujeito falante, seja o objeto a ser falado. Um segundo procedimento de exclusão é a oposição entre razão e loucura. Desde a Idade Média, o discurso do louco não pode circular como o dos outros. Por fim, ele aponta a oposição entre o verdadeiro e o falso.

Este terceiro procedimento de exclusão, certamente, é o mais legitimado entre nós. Isto porque quem instaura a verdade e elimina a falsidade é a ciência. Criou-se assim o maniqueísmo científico, ou é verdadeiro ou é falso. Não há meio termo. Impossível imaginar que seja verdadeiro e falso ao mesmo. A nossa ciência consagrou o “ou” e eliminou o “e”. Entretanto por vezes usa o “e” aproximando coisas excludentes.

Em nossa formação profissional, em qualquer modalidade, somos iniciados na aquisição e manuseio do discurso competente. O contato com a realidade acaba sendo dispensado porque se estabeleceu que o discurso competente, portanto científico, é a representação fiel da realidade. No centro dela, no caso da enfermagem, o corpo.

O sujeito do discurso científico emerge na formatura. O diploma é sua garantia. O local da prática do mesmo está circunscrito ao espaço que lhe foi reservado no mercado de trabalho. Mais do que geográfico, o espaço é social.

É bom lembrar que o corpo, encontrado no discurso competente para a enfermagem, foi reduzido, graças às ciências, a um objeto inerte, frio, despersonalizado, sem história e sem nome. Ou a modelos estéticos com forte carga de consumo, prazer e sedução. Não vou entrar neste território porque os meus colegas de mesa, pelos resumos que recebi, vão tratar com qualidade tais temas. Neste sentido, apenas como fonte bibliográfica e como tantas leituras possíveis de fácil acesso, cito a recente publicação, *O Homem-Máquina: A ciência manipula o corpo*, organizada por Adauto de Novaes.

O discurso científico sobre o corpo, e, por extensão, o único legitimado para o curso de enfermagem, fez com que, “na sociedade industrial, quando se deseja um profissional, prefere-se que ele não reflita demais sobre as implicações de seu trabalho: tudo o que lhe é pedido é executar o que lhe dizem para fazer”. (Gérard Fourez, *A Construção das Ciências* p. 101).

Parece-me, também, interessante neste momento, fazer uma referência a uma hierarquização dos discursos competentes, não só na área da saúde, mas em todas as ciências. Francisco Varela escreveu: A ciência faz parte das práticas sociais de uma determinada época, e, como atividade social, ela “é atravessada por correntes de poder que dão a algumas das suas vozes (discursos) mais autoridade do que a outras”.

(Francisco Varela - Conhecer p. 10-11). Acredito não cometer nenhuma leviandade se colocar, neste contexto, as divergências sobre o “**Privilegiado Ato Médico**”.

Paciente e direitos sobre o corpo

Na seqüência das orientações da súmula encontro duas idéias: a transformação do indivíduo em paciente e a falta de direitos sobre o próprio corpo. Duas questões para um longo debate, tanto no caso do paciente, quanto no caso dos direitos sobre o corpo.

Vou começar pela questão do paciente. Peço licença para discordar do medo da palavra paciente muito presente na área da saúde, especialmente entre aqueles que buscam pensar o doente como sujeito. Esse medo, salvo engano meu, está vinculado ao sentido de passividade e de submissão.

Para fundamentar minha discordância, preciso da permissão para descer mais uma vez ao porão, aonde, neste caso, irei à procura do setor das raízes etimológicas.

Então vejamos, a raiz grega do termo paciente ou paciência é **pathos** cujo significado primeiro é ser afetado por uma paixão ou, simplesmente, ter paixão. Neste sentido pode-se falar da paixão do poeta. Significa, também, sofrer, mas não apenas no sentido de sofrimento, mas de ser afetado por impulsos criativos. Sofrer de uma paixão. Ainda, **pathos** pode significar tranqüilidade, resignação, perseverança, constância, etc. Pode-se falar em enfermeira paciente, aquela que entende, que espera o momento de agir e que ouve atentamente os outros. O sentido de passivo, passividade ou submissão faz parte do nosso uso atual da palavra. É interessante, apenas para lembrar, que a grafia confirma essa distinção. Paciência e paciente se escrevem com a letra c, e passivo e passividade com dois s.

Quanto à segunda idéia, que se refere aos direitos sobre o corpo, me resta apenas fazer uma alusão à complexidade do tema. Para tratar dos direitos sobre o corpo seria preciso entrar nas complexas, por vezes, polêmicas, questões da ética e da bioética. A literatura sobre o assunto já é bastante ampla. Gostaria, apenas, inverter a questão. Neste sentido falaria dos direitos do corpo, seja frente aos profissionais da saúde, seja frente ao doente ou paciente, que pode não ser doente. O corpo, sem dúvida, não é um objeto frio diante da enfermeira, nem uma propriedade da pessoa, seja de uso individual, seja como mercadoria vendável. Tema tratado com muita propriedade nas obras de Roberto Andorno, *La Bioéthique et la dignité de la personne*; de Dominique Memmi, *Les Gardiens du Corps*; e de Giovanni Berlinguer e Volnei Garrafa, *O Mercado Humano – Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo*. Novamente volto a remeter os ouvintes às falas dos meus colegas de mesa.

As ciências, desde a primeira até a última, baseadas no modelo racional ou no modelo lógico-matemático inspiraram uma multiplicidade de discursos sobre o corpo. Esses discursos são aceitos como a representação do corpo, a partir dos quais foram elaboradas sofisticadas técnicas de intervenção no corpo. A tecnologia, segundo meu modo de pensar, não produz discursos, ela produz práticas, técnicas de ação. Neste sentido se exige de todo conhecimento uma aplicação prática. O discurso científico, por sua natureza objetiva, exclui a multiplicidade de leitura do corpo, e por sua finalidade concreta, estabelece uma uniformidade técnica. Tanto o discurso científico, quanto a intervenção técnica acabam por se tornar sistemas fechados. Quem não

pensa cientificamente e não age tecnicamente poderá incorrer em desvio de conduta profissional com consequências jurídicas.

Aqui, novamente, eu faria uma inversão. Não se trata de substituir um pólo pelo outro, mas falar do discurso, talvez mais precisamente, dos discursos do corpo. Nós tratamos os discursos sobre o corpo como se fossem discursos do corpo. Desde Merleau-Ponty, na *Phénoménologie de la Perception*, particularmente no capítulo *Le corps comme expressivité et la parole*, ficou claro que o corpo é falante. De acordo com o pensamento racional, a começar com a filosofia grega e culminando com as ciências empíricas, os filósofos e cientistas se preocuparam em atribuir um discurso homogeneizado ao universo. O racionalismo grego acreditou que tudo se reduzia ao princípio de causalidade. Todo fenômeno se manifestaria na relação causa e efeito. A revolução científica moderna, com Galileu e companhia, estabeleceu, sem abandonar o princípio de causalidade, que o universo é um livro escrito com caracteres matemáticos e figuras geométricas. Hoje se sabe que os dois discursos não são do universo, mas fruto da imaginação dos homens como denuncia, entre outros, Varela: “Cada época da história da humanidade produz, pelas suas práticas sociais quotidianas e pela sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma parte integrante dessas práticas sociais e as teorias científicas da natureza representam apenas uma dimensão dessa estrutura imaginária”. (Op. Cit. P. 9).

Acredito que não precisamos de muitos depoimentos para entender que os discursos das ciências e as astúcias tecnológicas não conseguem controlar a natureza, basta observar as constantes dissonâncias entre os arranjos dos cientistas e dos técnicos, e as melodias dos fatos.

As ciências construíram monólogos, a natureza exige diálogo. Os profissionais em geral, da enfermagem ou não, foram modelados pelo monólogo científico, o corpo reclama diálogo. Para dialogar não basta falar, é preciso ouvir. Diria mais, a primeira palavra do diálogo deve ser a do corpo ou, se preferirem, do paciente. Enquanto a ciência não for dialógica, provavelmente, a destruição continuará. Enquanto os discursos das ciências da saúde, aqui incluídos os da farmacologia, o fenômeno da rejeição continuará. Um certo grau de cegueira e de surdez parece acompanhar a cientificidade e a racionalidade.

Os discursos das ciências são autoritários e impositivos como consequência do monólogo. O personagem investido do discurso do poder científico fala diante de uma platéia que só lhe cabe escutar. Aqui, talvez, esteja uma raiz do medo da palavra paciente.

O autoritarismo do discurso científico busca o controle sobre todas as instâncias da existência humana, especialmente, quando entra o fator saber. Bruno Latour, em sua obra *A Esperança de Pandora*, fala do medo do governo da massa. Por isso, os que conseguiram entrar no templo das ciências serão os juizes de todos os saberes, mesmo aqueles que não são sua obra. Lembro o caso da acupuntura. Todos sabem que não foi resultado de experimentos de laboratórios ocidentais, muito menos foi construída sobre a compreensão de corpo do homem-máquina. Hoje, ela foi, não só, apropriada pelas instituições da ciência (ou seria da política) médica, mas, também, foi possível excluir seus inventores de pratica-la.

Neste contexto pode-se claramente antever como se desenrolam o ensinar e o cuidar do corpo na formação dos profissionais da saúde em geral.

Ensinar e cuidar o corpo

Evidentemente neste contexto o corpo que se torna objeto de trabalho, tanto como conteúdo de ensino, tanto como alvo da ação de cuidar precisa passar pelos filtros da cientificidade oficial. É importante lembrar que os cientistas, através das ciências, nos propõem uma estranha invenção de um mundo, supostamente, idêntico ao mundo em que vivemos. Para ver este mundo inventado, precisamos dele nos distanciar como se dele não fizessemos parte. Uma vez separados do mundo em que vivemos somos convidados a ele retornar através das teorias científicas. Aí sim estaríamos de posse da realidade verdadeira. O mesmo acontece com o corpo. De fato, as ciências nos colocam diante da invenção de um corpo, que não é nem o nosso, nem de ninguém. É o corpo científico, presente nas teorias.

Somente quem tiver passado pelos critérios de avaliação das instituições de ensino da invenção do corpo terá as credenciais de cuidar o corpo vivo.

Quero aprofundar um pouco mais essa estranha invenção de um mundo exterior proveniente do imaginário dos cientistas, magistralmente apresentada por Bruno Latour em seu livro *A Esperança de Pandora* (p. 16 e ss.). Resumidamente, para se conhecer o mundo é preciso colocar-se fora do mundo. O observador científico adquire credibilidade em suas pesquisas quando consegue imunizar-se de qualquer contaminação da realidade em estudo. A maior tentativa, depois de Descartes, para essa saída da realidade foi proposta por Husserl com suas epokés ou reduções fenomenológicas. Isto garantiria a existência de um cérebro extirpado da realidade, que, de um pedestal erguido no vazio, consegue ver os objetos absolutamente reais.

Hoje, esta ambição de ver as coisas de nenhum lugar ou de todos os lugares está completamente desmascarada. Ninguém mais duvida, graças às neurociências, que o cérebro é parte indissolúvel do corpo e que o corpo pertence à ecologia do planeta.

Para aprofundar um pouco essa questão vou recorrer a uma distinção entre o familiar e o científico na compreensão de realidades apresentada por François Jacob (1920), médico e biólogo e prêmio Nobel de fisiologia e medicina. Podemos começar pelo exemplo da mesa. Há a mesa “familiar”. É um móvel de madeira com uma superfície plana e quatro pernas. Sobre ela colocamos os objetos de uso diário, seja para as refeições, seja para escrever ou jogar um carteadado. Há, também, a mesa “científica”. É objeto da física descrito como um vazio onde circulam a toda velocidade partículas variadas, tão estreitamente ligadas entre si que dão a impressão de um todo contínuo. A mesa familiar é a vivida, incorporada aos afazeres domésticos. A mesa científica é uma representação que a física forma enquanto construção teórica e que é ensinada na escola. Assim, muitos conhecem a mesa científica que lhes garante responder questões de vestibular, mas podem não ter, em casa uma mesa, para as tarefas domésticas. E aqueles que a possuem, talvez, não se dão conta que, em princípio, é a mesma mesa. Entretanto uma serve para o vestibular, outra para ser usada em casa.

Vamos a outro exemplo, mais próximo a nós, porque trata de organismos vivos. Assim, pela distinção de François Jacob, encontramos dois cachorrinhos. O primeiro, o “cachorrinho familiar”, é o de estimação, tem um nome, o chamamos com um assvio, o tomamos no colo e o levamos a passear. O segundo, o “cachorrinho biológico”, pode-se dizer que é uma criatura abstrata, construída pelas teorias científicas em

vigor, que podem se alterar com o progresso das ciências biológicas. Hoje, resumidamente, é apresentado como uma coleção de células de tipos variados, muscular, nervoso, glandular, etc.; todas produzidas pela divisão de uma mesma célula inicial, o ovo fecundado. Mais recentemente ele tem sua identidade mais simplificada graças ao DNA. (François Jacob. O rato, a mosca e o homem).

Terceiro exemplo. Agora podemos falar do corpo, melhor, de dois corpos. O corpo familiar, aquele que é cada um de nós. Aquele que nos acompanha ou, melhor, aquele que nós acompanhamos, que nós somos. Conhecido somente de nós mesmos, não como objeto inteligível, mas de vivência. Infelizmente, por não poucos, ele é rejeitado, maltratado, renegado e explorado.

O corpo biológico é aquele que as ciências construíram. O processo de sua construção não se diferencia muito daquela do cachorrinho biológico. Ambos, objetos de laboratório. É só lembrar o que se aprendeu nas diferentes disciplinas de biologia, de anatomia, de fisiologia, de bioquímica, etc. Mais uma vez remeto o aprofundamento às falas dos meus colegas de mesa.

Esse, o corpo biológico ou científico, é o conteúdo do ensino e o objeto a se cuidar, não só pela enfermagem, mas por todas as profissões que cuidam do corpo.

Quero me deter um pouco sobre o cuidar do corpo enfocando a diferença entre o corpo familiar e o corpo biológico.

O corpo biológico, construído pelas ciências, é explicado pela metáfora da máquina. O corpo é uma máquina viva. Não é preciso repetir o que todos sabem desde Descartes. O que é significativo sublinhar é a sua composição por peças, cuja relação é mecânica. Trata-se de partes extra partes, regidas pelo princípio de causalidade. O corpo, ao contrário, é um todo orgânico cuja organização é mantida por uma solidariedade orgânica entre todos os elementos que o compõem. Essa solidariedade se chama vida ou, para Maturana, amor. Acima de tudo o corpo familiar é original e tem sua própria história.

A enfermagem científica foi construída sobre os conhecimentos das ciências que colaboraram para construir o corpo biológico e definiram as técnicas de intervenção. A enfermagem, como arte de cuidar, se faz e se refaz diante de cada corpo familiar. No primeiro caso, a enfermagem já está estabelecida, ela é o caminho do campo, resta apenas seguir os receituários e os prontuários, pois o corpo é uma máquina, ainda que viva. No segundo caso, é preciso recomeçar tudo de novo, porque o corpo é uma pessoa, com sua história, com um rosto.

Novamente, aqui, me parece importante pensar o corpo segundo outros saberes, aqueles das culturas orientais ou dos povos, chamados de primitivos, juntamente com suas práticas de ensino e de cuidar. O ensino é uma transmissão de experiência de pai para filho ou de mestre para discípulo, o cuidar, além de exigir essa delegação, está enraizado em dons naturalmente inscritos na pessoa, diríamos, na sua genética. Neste sentido, sem medo de errar, invoco a tese de Humberto Maturana sobre a biologia do conhecimento. Para ele o observar de cada um está inscrito na estrutura biológica individual, de tal maneira que com a morte do observador morre também o seu observar.

Formação profissional

Por fim, a enfermeira pode ser formada, no sentido mais literal da palavra, isto é, colocada numa forma, através de teorias científicas e de técnicas de trabalho. Não precisa pensar, basta executar tarefas. Ela já sabe o que deve fazer, desde que o paciente tenha sido classificado na nomenclatura hospitalar. A enfermeira não se preocupa com o corpo de tal paciente com nome próprio, pois este já foi enquadrado nas categorias patológicas. Às vezes nem precisa tanto, é suficiente nomear a enfermaria.

Esses procedimentos começam na escola, da primeira série ao último semestre da graduação. Nunca se parte dos alunos para construir as aulas. Essas já estão planejadas. Os alunos, enfermeiros ou não, são homogeneizados pelos conteúdos que já homogeneizaram os futuros pacientes, tanto que podem atender, seguindo os mesmos procedimentos, todos os pacientes acometidos da mesma enfermidade.

Eu diria que o ensino não constrói o olhar da enfermeira, apenas fornece uma lente ou uma luneta. Talvez, transmita um olhar científico ou, provavelmente, como deve ser o olhar científico.

O olhar humano, este tem outras raízes. É o olhar de cada um. Não existe um modelo. Ele faz parte de nossa estrutura genética. Cada um precisa cultivá-lo. O olhar humano, de fato, não é uma atividade que se ensina, mas se constrói enquanto tarefa, no meu entender, exclusivamente pessoal.

Graças a essas diferenças e diversidades podemos perceber uma infinidade de olhares diferenciados. Alguns se destacam pela sua capacidade de integração, de simpatia, de doação. Outros, infelizmente, são dominados pela rotina, pela funcionalidade e pelo tecnicismo.

Para tornar mais compreensível o que estou dizendo recorro ao mundialmente famoso fotógrafo Henri-Cartier Bresson. Como dizem os analistas de sua obra, ele fotografava o “momento decisivo”. E ele conseguia detectar esse momento decisivo, porque “ele sabia ver”. E para saber ver, é preciso que o espectador consiga perceber o momento de se fazer presente. Se deixar ver. Descobrir o “ponto luminoso” de uma realidade opaca. E isto pertence ao poder da intuição. Há aqueles que pensam que, valendo-se de altas tecnologias, podem intervir na realidade, mas lhes falta a capacidade de ver o “momento decisivo” que exige sua presença, seu olhar intuitivo. Cristiano Mascaro, um discípulo brasileiro de Bresson, disse: “Se você vê, você tem a imagem, seja com uma digital, uma analógica ou uma lata de leite ninho furada”. (Entrevista à Carta Capital 11.08.2004 p. 21). Esse, o de Bresson, é o caminho da floresta, esse é o procedimento do lenhador e do guarda florestal.

Conclusão

Para concluir, sem oferecer conclusões, mas apenas como uma provocação para pensar, quero lembrar, com muita emoção, um fato, A seguir, como complemento, vou mostrar um quadro.

O fato aconteceu há pouco mais de meio ano em Santa Maria, envolvendo pai e filho. João o pai, militar reformado, praticante de esportes. Numa dessas partidas de futebol entre amigos, teve uma parada cardíaca e caiu em plena quadra. Pedro o filho, no último semestre de medicina, da arqui bancada, assistia o jogo com a namorada,

também estudante de medicina. Ao ver o que acontecia, em segundos, estava junto ao pai recorrendo aos procedimentos, que havia aprendido, enquanto a ambulância não chegasse. Uma vez no hospital, junto com os médicos especialistas, são aplicados todos os recursos disponíveis. Choques elétricos, massagens, etc. Num determinado momento, e passavam de duas horas, já cansados, tudo mostrava que a luta estava perdida. A medicina e os médicos haviam reconhecido sua impotência. Começaram retirar suas luvas dando por encerrado o esforço profissional científico. Nada mais restava a fazer em nome das ciências. Pedro, o filho, eu imagino, ao ver seus mestres reconhecerem os limites de seus conhecimentos e técnicas, deve ter sentido o amargor de um fracasso – talvez, a palavra seja forte demais e inadequada – justamente na ante-sala de sua formatura. Olhou mais uma vez para o pai com o olhar de seu profundo amor filial, e conseguiu ver uma pulsação na virilha. Aí, tudo recomeçou. E depois de três horas de massagens contínuas e mais de trinta choques, o coração de João voltou a pulsar novamente. E, o que é mais importante, sem seqüelas, a não ser a marcas dos choques, duas costelas fissuradas e uma fraqueza nas pernas. Hoje, tudo superado.

Ao ouvir esse relato, de imediato me surgiu à mente, a figura do famoso fotógrafo Henri-Cartier Bresson. Pedro, como Bresson, soube perceber o “momento decisivo” de estar presente e ver o “ponto luminoso”.

Certamente não se pode dispensar o olhar do saber científico, mas, se for iluminado pelo olhar da sensibilidade e do amor, alcançará um patamar superior de visibilidade.

Para continuar a história devo dizer que a formatura de Pedro ocorreu no dia 08.10.2004. Nas solenidades da formatura e, depois, na aconchegante recepção do jantar festivo, olhando para João e Pedro, eu tentei imaginar que emoções estariam vivendo entre si e com toda a família. A idéia mais significativa, ainda que pouco expressiva que me veio à mente, era a de que estava diante de uma reversibilidade afetiva e biológica: o pai era filho e o filho era pai.

Finalmente, gostaria de salientar que frente ao sucesso cardiológico antecipado do formando em medicina, mesmo com acenos para entrar em famosa equipe de cardiologistas, Pedro não pretende seguir essa especialidade. Sua paixão é a gastroenterologia. Diante disto julgo-me livre para tirar a seguinte conclusão. Seus conhecimentos cardiológicos foram fundamentais para ver a dramaticidade do momento, mas o olhar de seu amor filial foi responsável por uma ressurreição.

Como palavra final desta minha reflexão, vou mostrar uma transparência que, no meu entender, pode ser aceita como um resumo perfeito da possibilidade de se fundir ciência e arte, técnica e paixão, razão e coração, inteligência e intuição, racionalidade e sensibilidade na formação profissional da enfermeira.

Antes preciso lembrar um evento de Enfermagem, ocorrido há alguns anos em Itapema, Santa Catarina. Nele eu tentei fazer uma definição descritiva da enfermeira, imaginando-me alguém que necessitaria de seus préstimos. Resumidamente eu disse que gostaria que ela fosse portadora de conhecimentos e técnicas juntamente com a presença humana e afetiva.



Acredito que a figura da transparência mostra o momento decisivo do encontro dessas duas dimensões produzindo, juntas, o ponto luminoso, que Bresson e Pedro foram capazes de ver.

Silvino Santin
Santa Maria, 15.10.2004.

CORPOREIDADE E BIOÉTICA: FUNDAMENTOS HUMANOS DA FISIOTERAPIA

INTRODUÇÃO

Pensar as diferentes possibilidades de articular a bioética com a fisioterapia, certamente, é uma tarefa indispensável para se fundamentar os conhecimentos e as práticas da fisioterapia. Há muitas maneiras de ordenar esta articulação. E, neste sentido, nada mais adequado do que desenvolver reflexões de diferentes pontos epistemológicos, terapêuticos e pedagógicos. O presente capítulo apresentará o tema sob um olhar filosófico. Entretanto, é preciso sublinhar que esse olhar filosófico não adota a compreensão da filosofia como uma entidade intelectual unívoca, a exemplo do discurso científico, mas como uma atividade plurívoca, livre e renovável. Portanto, em lugar de falar em filosofia, o mais correto seria falar em filosofar. O filosofar entende a filosofia, não como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Assim, a filosofia não exercerá função de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates.

O filosofar, falando heideggerianamente, é uma forma de pensar que se infiltra entre o revelar-se e o ocultar-se do ser. O ser bioético e o ser fisioterapêutico se revelam e se ocultam entre conceitos, definições, procedimentos e normas profissionais. A dinâmica deste filosofar ocupa o espaço entre a ciência e a arte. Ou, em outras palavras, é, ao mesmo tempo, ciência e arte. É ciência, porque elabora seu discurso com uma argumentação construída logicamente. É arte, porque tem a liberdade de olhar ao mesmo tempo em múltiplas direções, preservando a totalidade, e considera as coisas e as palavras como o artista entrelaça traços e formas, e combina cores.

O ponto de partida, aqui, está estabelecido pelas palavras que anunciam o tema. A metodologia começa pela escuta e pelo olhar. A escuta obedece às normas da linguagem escrita. O que exige um determinado espírito de rigor científico. O olhar segue os fluídos da sensibilidade. O que clama por uma inspiração estética.

As filosofias metafísicas e racionalistas consideram as palavras como sendo entes estáticos, fixos, sem vida e sem movimento como garantias de um sentido universal. Entretanto, hoje, as teorias hermenêuticas insistem que as palavras têm vida, movimento e história, porque são símbolos, da mesma maneira que as obras de arte. Escutar uma palavra exige a mesma atitude que olhar um quadro.

Para entender melhor, uma observação pode colaborar. Muitos consideram as obras de arte algo imóvel. Na verdade elas representam apenas um momento de um movimento que tem precedentes e conseqüentes. Dois exemplos. Primeiro, o Moisés de Miguel Ângelo. Geralmente, para grande número de seus admiradores é visto como uma escultura perfeita, acabada e imóvel. Estudiosos mais atentos vêem o Moisés executando um momento de um movimento mais amplo, resultante de gestos anteriores e indicador de gestos futuros. Segundo exemplo, os “Comedores de Batatas” de Van Gog. Não se trata, apenas, de um jantar familiar à luz de um

candeeiro, mas da história de pessoas de um estrato social, narrada em cores, luzes, sombras, pobreza e humildade.¹

O enunciado do tema deste capítulo oferece ao leitor um conjunto de palavras ordenadas entre si segundo regras lingüísticas, como um convite desafiante para pensar. A continuidade desta reflexão filosófica pretende atender ao desafio do convite. E o desafio do convite se manifesta em quatro substantivos e um adjetivo, sendo a corporeidade e a bioética devem se constituir nos fundamentos humanos da fisioterapia.

O primeiro passo será dado em direção ao ser humano, ponto de partida para se pensar em corporeidade e bioética.

1. A GERAÇÃO DO SER HUMANO

A existência do ser humano é uma realidade. A sua origem é, ainda, uma interrogação, embora respondida por duas grandes correntes do pensamento ocidental: o Criacionismo e o Evolucionismo. Aqui, será adotada a teoria evolucionista, inaugurada por Darwin, e explicitada em sua obra, “A Origem das Espécies”.² Fica dispensada a apresentação de justificativas pela opção, diante do fato que as teorias evolucionistas são amplamente conhecidas. Além disso, há uma unanimidade entre os cientistas, biólogos, geneticistas e neurocientistas.

O evolucionismo parte da tese de que todos os seres vivos, de qualquer espécie, humana ou não, são resultantes de uma cadeia evolutiva progressiva, embora não linear. Assim, a natureza seria a criadora e a condutora deste processo evolutivo.

Para melhor compreender tal potencial evolutivo, é importante sublinhar que a palavra natureza, geralmente adotada como tradução e sinônimo da *Physis* grega, ela reduz a abrangência de seu significado. A *Physis* é a origem de todas as coisas, daquelas que são e daquelas que virão a ser. Ela pode significar a realidade física pronta, acabada, estável, e, ao mesmo tempo, ela significa movimento e transformação. Ela é o fundo eterno, imortal, imperecível de onde tudo brota, nasce e se desenvolve. A *Physis*, resumidamente, significa origem e manifestação. Neste sentido, a palavra Gênese expressa o significado original da *Physis* grega. Portanto os seres humanos não foram criados, mas gerados no interior das transformações genéticas conduzidas pela natureza (*Physis*).

Esta compreensão da *Physis* grega, como gênese, é fundamental para entender a geração do ser humano e para identificar as raízes da corporeidade e da bioética.

¹ Na carta a seu irmão Théo, quando se refere a esse trabalho, diz: "Apliquei-me conscientemente em dar a idéia de que estas pessoas que, sob o candeeiro, comem suas batatas com as mãos, que levam ao prato, também lavraram a terra, e meu quadro exalta portanto o trabalho manual e o alimento que eles próprios ganharam tão honestamente". Vemos aqui a consciência do conteúdo social tratado e a preocupação do artista em ser fiel à simplicidade dessas pessoas, não apenas mostrando a pouca comida, mas também a escassez de recursos, tanto na casa como nas roupas simples. Com esse sentimento verdadeiro e nada piegas em relação aos pobres e humildes trabalhadores, Van Gogh nos faz "pensar num modo de vida totalmente diferente do nosso, de gente civilizada".

² Darwin, Charles. A Origem das Espécies. Obra publicada em 1859.

2. REPRESENTAÇÃO MENTAL DO SER HUMANO

A Physis levou centenas de milhares, talvez, milhões de anos, até gerar e criar um tipo de ser vivo, definido como a espécie humana. Como todas as demais espécies de seres vivos, essa nova espécie surgiu como um organismo vivo, cujas propriedades e características o diferenciavam dos demais tipos de seres vivos. Esse novo e original organismo vivo definia a sua presença, e era a fonte de todas as suas manifestações.

A espécie humana, como todas as espécies vivas, pautava sua vida na busca dos recursos necessários à satisfação de suas necessidades, parâmetros primeiros de sobrevivência individual e coletiva. Entretanto ela era dotada de uma capacidade cerebral que lhe dava o poder de planejar, de criar e de organizar sua vida. Tal capacidade foi caracterizada como poder mental, através da qual os humanos passaram a representar idealmente, em imagens, a realidade externa e a si mesmos. Tal fenômeno colocou os humanos num cenário privilegiado no conjunto de todas as espécies vivas.

A espécie humana, tudo indica, não reconheceu no seu organismo vivo, atualmente sintetizado no conceito corpo, como sendo sua identidade específica e sua realidade total. A recusa do reconhecimento de seu organismo, como o modo de ser do ser humano, inspirou a necessidade de buscar para além do corpo um elemento que definiria o especificamente humano.

Tudo começa pelas narrativas míticas. A tradição mítica ocidental guarda, desde seus primórdios, duas matrizes míticas: a grega e a bíblica. A matriz da mitologia grega coloca Prometeu como o responsável pelos seres humanos. As narrativas não são concordes, mas, em geral, conta-se que o mundo era Caos. Um bom deus, talvez, Zeus resolveu por tudo em ordem. No final da ordenação, constatou-se que era necessário criar um ser mais nobre. Prometeu moldou na argila o homem à semelhança dos deuses, entretanto faltava aquele elemento que o tornasse superior a todos os animais. A solução foi recorrer a Zeus. Este, além de não atender o apelo prometeico, tentou destruir a sua obra. Foi então que o protetor dos homens roubou uma centelha de fogo de Zeus e a entregou aos homens, tornando-os superiores a todos os animais e dando-lhe a possibilidade de se desenvolverem graças à capacidade, adquirida com o fogo, de construir conhecimentos. Fica claro que o especificamente humano está para além da ordem corporal. Sua origem está numa outra esfera e pertence a outra hierarquia de seres.

A matriz bíblica está contida nas duas narrativas da criação no livro do Gênesis. Em relação ao homem uma variante do texto diz: “O Senhor Deus formou, pois, o homem do pó da terra, e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo”.³ A interpretação mais freqüente desta passagem bíblica identifica o sopro como sendo o espírito ou alma. Entretanto, uma hermenêutica de todo mito bíblico, com base no paradigma existencialista, entende que no ato da criação, o Criador apenas criou um ser vivo, não necessariamente o ser humano. O ser humano teria alcançado o seu estatuto de humanidade apenas quando acessou o conhecimento do bem e do mal. Fato que lhe daria autonomia e consciência de sua existência. Os castigos recebidos garantiriam essa interpretação, pois eles nada mais são do que componentes da existência humana.

³ Bíblia Sagrada. Stampley Publicações Ltda. São Paulo - SP

Para completar essa busca do humano para além do corpóreo, há uma semelhança com a cultura hindu, enquanto afirma que Purusha é o Deus no interior do homem. A lembrança da tradição védica torna-se significativa, pois a ela está vinculada grande parte das terapias alternativas que nos vem do Oriente, propostas pela Ayurveda, e que cada vez mais encontra acolhida entre os profissionais da saúde que acreditam na eficácia de outros princípios terapêuticos alternativos.⁴

O pensamento racional, desenhado pelos gregos, geralmente lembrado como filosofia, mas que, nada verdade, é o sistema de produção de conhecimentos segundo princípios lógicos, na época, denominado de epistheme. Neste paradigma epistemológico, o ser humano continua separado em duas partes, uma somática ou física; outra psíquica ou mental. Platão, apenas para repetir, foi aquele que traçou com toda clareza a divisão entre o somático e psíquico.

A Modernidade, a exemplo da Idade Média, não superou o dualismo antropológico platônico, talvez, o tenha reforçado. Mas, se tanto não fez, certamente, o reformulou em outros termos. René Descartes (1596-1650), proclamado fundador da filosofia moderna e pai da matemática moderna, foi o responsável pela consolidação do novo dualismo, cuja herança predomina, até hoje, no pensamento ocidental em todas as áreas. Criou-se um jogo binário com tese e antítese, sem síntese. A razão se torna a entidade superior, em substituição à psique e à alma, para garantir a humanidade plena do homem na superação de crenças e mitos. Na Razão, ou Racionalidade, reside a identidade do ser humano. Nunca a definição do homem como um ser racional, foi tão celebrada quanto durante a Era Moderna. A cientificidade de todas as ciências modernas, passa por seu crivo, tanto das exatas ou da natureza (Naturwissenschaften), tanto das humanas ou do espírito (Geistwissenschaften). Cabe às luzes da razão emitir o juízo final sobre a verdadeiro e o falso, e estabelecer os critérios sobre o que é bem e o que é mal. Portanto, a Razão não é apenas a guardiã do saber verdadeiro, mas também dos fundamentos da ética.⁵

Dois pontos precisam ser focados, mais adiante retomados, o de que a razão, para Descartes, age com independência total do corpo. E o corpo, por sua vez, é uma máquina, e deve entregar o controle das ações para alma.

As ciências empíricas assumiram o corpo como um objeto, nada diferente dos demais objetos de suas investigações. Em especial, a física, a mecânica e a biologia estiveram na frente de todas as investidas para penetrar nos segredos do corpo humano. As ciências humanas concentraram suas atenções sobre as faculdades mentais do ser humano. A filosofia, por exemplo, concentrou-se nas capacidades cognitivas; a história fixou-se sobre a ação livre do homem, guiada pela racionalidade e pela consciência; por fim, para resumir, a psicologia clássica privilegiou a psique ou o psiquismo humano, como discernimento sobre questões morais. Coube a Freud (1856-1939), através da psicanálise, em especial o princípio da libido, aproximar intimamente a psique das manifestações corporais.

⁴ Segundo os princípios da antiga medicina hindu, a dieta adequada a cada tipo de constituição é a base da saúde e da harmonia do corpo e da mente. A alimentação é a base dos recursos terapêuticos do Ayurveda, o milenar sistema médico indiano, e a principal condição de sua eficácia, tanto na prevenção como no tratamento de doenças, está na elaboração de uma dieta individualizada, quando se leva em conta a constituição psicofísica de cada pessoa.

⁵ Descartes, René. O Discurso do Método. Col. Pensadores. São Paulo. Abril Cultural. 1979.

3. O CORPO E O SER HUMANO

Num primeiro momento, é bom sublinhar que o tema do corpo é inesgotável. Ele será sempre o núcleo indevassável dos enigmas ou segredos do ser humano. Até aqui, neste capítulo, a questão esteve vinculada ao esforço da humanidade em definir sua identidade. Infelizmente, neste contexto, o corpo aparece como um elemento insuficiente para garantir o elemento humano da espécie humana.

Num segundo momento, não se pode esquecer que, se, de um lado, as ciências humanas prescindiram do corpo para compreender o ser humano, por outro lado, as ciências empíricas agiram como se a consciência nada ou pouco representasse.

Num terceiro momento, aspecto a ser tratado agora, é a “Ressurreição do Corpo”, para usar a expressão de Roy Porter⁶. O ponto central deste corpo ressuscitado está na perspectiva de olhar o corpo a partir do corpo mesmo. E o corpo se apresenta nas suas diferentes formas de manifestações. A visibilidade primeira parece ser a sexualidade, sendo que Porter começa seu artigo lembrando Leo Steinberg ao referir-se que a pintura renascentista retrata o Cristo, chamando a atenção para seu pênis. Na esteira deste debate seguem-se novas vivências da sexualidade com acento no prazer ou nos enfrentamentos de gênero. Seguem-se os conflitos da permissividade e do desnudamento do corpo, ressaltando suas formas e contornos, e exaltando suas potencialidades físicas ou sedutoras.

Esses recentes e atuais desdobramentos corporais são celebrados com muito entusiasmo em nome da tese de que estamos na era da libertação do corpo. Uma liberdade, entretanto, questionada por muitos. Entre eles, para ser breve, cito Michel Foucault e Jean-Marie Bruhm. Para eles, o corpo, proclamado livre, acaba por ser submetido a outras formas de controle e dominação⁷.

Esses pontos, certamente, são importantes para a fisioterapia e outras práticas terapêuticas, entretanto, os limites desta reflexão filosófica não permitem maior atenção, e, também, porque o objetivo primeiro está na filosofia.

O espaço, para que o corpo se tornasse objeto da reflexão filosófica, surge durante o século XX. Os filósofos existencialistas, não foram os únicos, retiraram o ser humano das estratosferas metafísicas e o trouxeram para a esfera da existência. O ser humano não pode ser compreendido pelos conceitos abstratos e metafísicos, mas nos limites de sua existência, que vai do nascimento à morte. A primeira palavra chave, marco desta nova antropologia filosófica, é o Dasein de Martin Heidegger (1889-1976)⁸. Portanto, o existir é o modo de ser do ser humano. Apesar da compreensão do ser humano ter decido das nuvens metafísicas, ele, enquanto existência, continua sendo focado como consciência. A consciência de si, isto é, de se reconhecer estando

⁶ Porter, Roy, História do Corpo. In Burke, Peter, A Escrita da História. Trad. Magda Lopes. São Paulo. EDUSP. P. 291-326, 1992.

⁷ Foucault, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1979. Brohm, Jean-Marie. Sociologie Politique du sport. Paris, Delarge, éditeur. 1976.

⁸ A tradução da palavra Dasein não é consensual. Alguns a traduzem como existência. Os franceses a traduzem por “L’être-la”. Baseados na tradução francesas, tradutores brasileiros a traduzem como “ser-a”. O significado seria: o ser humano existe num momento e num lugar.

num tempo e num lugar, e obrigado a se assumir nos seus limites existenciais, é, ainda, o referencial de identidade humana.

O passo seguinte, seguindo as perspectivas fenomenológicas e existencialistas, foi dado por Maurice Merleau-Ponty. Segundo ele, a presença e a visibilidade do ser humano acontecem graças ao corpo. O ser humano é corpo. O corpo é expressão da identidade de cada um. Portanto, antes do “eu penso” ou do “eu existo como autoconsciência”, há o “eu sou corpo”. Essa afirmação, com maior força e radicalidade, pode ser traduzida por o “eu é corporal”.

Aqui, é importante lembrar que o significado de corpo, em Merleau-Ponty, não é limitado às dimensões físicas ou materiais do ser humano, em oposição às dimensões mentais ou intelectuais, conforme as antropologias correntes. O corpo é o todo do ser humano. Ele abrange a totalidade do seu ser e das suas manifestações. Portanto, nenhuma faculdade psíquica está excluída do corpo. Tudo nele está enraizado. Tudo é manifestação corporal.

A expressão, “eu sou corpo”, entendida segundo o princípio de reversibilidade epistemológica em que o sujeito e o objeto podem trocar de posição, se transforma em “o corpo é eu”. Continuando o raciocínio, a mesma reversão pode ser feita em relação ao mundo. Assim, eu sou mundo, e o mundo é eu. Portanto, o sujeito e o objeto não se opõem, mas se confundem. Da mesma maneira o eu é o mundo, e o mundo é eu. O exemplo das mãos que se tocam, invocado por Merleau-Ponty, torna o fenômeno compreensível. Assim, a mão que toca é, ao mesmo, tocante e tocada. O corpo, que vê, é vidente e visto. A mesma idéia está expressa neste koan Zen: “Você pode produzir o som de duas mãos batendo uma na outra. Mas qual é som de uma das mãos?”⁹

Essas posições se converteram nos preâmbulos da proclamação da Unidade Cósmica, berço dos movimentos ecológicos e das teorias holísticas.

O avanço da biologia molecular e das neurociências se não confirmam a tese filosófica da identidade corporal do ser humano, pelo menos trazem um reforço inestimável. O neurobiólogo, Antônio Damásio, chefe do Departamento de neurobiologia da Universidade de Iowa, escreveu: “O primado do corpo como tema aplica-se à evolução: do simples ao complexo, durante milhões de anos, os cérebros surgem a partir dos organismos que os possuem”. Para Damásio os “acontecimentos mentais são o resultado da atividade nos neurônios do cérebro”. Assim, o “eu é uma função neural”. “Ter um eu, um eu único, é perfeitamente factível. Existe um eu para cada organismo. Essas três afirmações refletem, resumidamente, o pensamento de Damásio em relação às atividades mentais como manifestações cerebrais.”¹⁰

Humberto Maturana, biólogo chileno, segue a mesma trilha de Damásio, entretanto, na área da biologia molecular. Durante muito tempo pesquisou uma fórmula que lhe desse a compreensão da constituição dos seres vivos. A solução foi encontrada na palavra, autopoiese. Inspirado nesta palavra, escreveu Maturana: “A compreensão do caráter sistêmico dos fenômenos que abrangem o vivo, que a teoria da autopoiese faz possível, permite explicar a origem dos seres vivos na terra, ou em qualquer lugar do cosmos, como o surgimento espontâneo de um ser vivo como

⁹ Apud Capra Fritjof. O Tão da Física. São Paulo. Cultrix, 1983. p. 45.

¹⁰ Damásio, António. O Erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano. São Paulo. Cia. Das Letras. 1996, p.256-259. Conf. Damásio, António. O Mistério da Consciência. São Paulo. Cia. Das Letras. 2000.

entidade distinta, tão logo quanto se estabeleça a dinâmica autopoietica molecular enquanto fenômeno sistêmico”.¹¹ Pela autopoiese, insiste Maturana, é possível entender como funciona o ser vivo, de qualquer espécie, por ser um sistema autoreferido. Todo sistema autoreferido, exclusivo do ser vivo, se constitui como um processo autônomo autocriativo e auto-organizativo. Ele não precisa de operador externo para funcionar, como acontece com as máquinas, artefatos industriais, que são sistemas alioferidos. No ser vivo quem opera todas as manifestações, que começam pela gênese de sua própria constituição, é a vida.

Diante do exposto pode-se perceber dois cenários. O primeiro é desenhado na esfera do conhecimento tendo como dinâmica a tensão entre as partes e o todo. A ênfase nas partes tem sido sustentado pelo paradigma mecanicista. O privilegiamento do todo está na base do paradigma da complexidade ou ecológico.

O segundo cenário apresenta a compreensão do ser humano como um ser corporal. Um corpo, totalidade humana coletiva e individual, de tal maneira que a espécie humana pertence à rede dos seres vivos, e cada corpo individual, humano ou não, constroi sua própria corporeidade. Essa, certamente, pode ser identificada como o eu único de que fala António Damásio.

4. BIOÉTICA E BIOETICIDADE

A palavra bioética continua, ainda, sendo uma palavra nova, mas suas vertentes etimológicas são milenares. Inicialmente, ela expressou uma preocupação para definir as normas relacionais entre médicos e pacientes. Durou pouco essa circunscrição limitada. Em pouco tempo ela se fez presente no centro de muitos debates em diferentes áreas, tanto das práticas profissionais, quanto das pesquisas científicas.

Duas observações, ainda que rápidas, se tornam indispensáveis. A primeira se refere à etimologia. Junção de duas palavras gregas, bios (vida) e ethos (costume). Quanto ao segundo termo, ethos, Jean Bernard chama a atenção que pode ser grafado, em grego, de duas maneiras, com eta ou com épsilon,¹² com significados diferenciados. Éthos, grafado com eta, designa o conjunto dos hábitos, dos comportamentos cujo enraizamento faz deles uma “segunda natureza”. Quando grafado com épsilon, significa o “lugar correto de todas as coisas”. Exemplo, o lugar correto do sol é o Leste, quando se levanta. Antecipando a aplicação desta segunda acepção para a bioética, conclui-se que pertence à vida, presente na corporeidade, estabelecer o lugar correto do ser vivo.¹³

“A ética implica uma reflexão crítica sobre os comportamentos e começa a existir com Aristóteles”. E esta palavra sábia, em oposição ao seu equivalente latino “moral”, supõe que se interrogue sobre os princípios e que se discuta isso.¹⁴

A segunda observação refere-se à distinção conflituosa entre ética e moral. Etimologicamente, tanto ética, de origem grega, tanto moral, de origem latina, se referem aos costumes, Ethos e Mos-ris significam costume. Por isso, em geral, são

¹¹ Maturana. H.Varela, F. De Máquinas e Seres Vivos. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997. p. 24.

¹² As duas letras gregas, épsilon e eta têm a mesma pronúncia e a mesma tradução.

¹³ Bernard, Jean; Da biologia à ética. Bioética: Os novos poderes da ciência. Os novos deveres do Homem. São Paulo. Editorial PSY II. 1994, p. 25.

¹⁴ Bernard, Jean. Op. Cit. P. 25-26

tratados como sinônimos. Entretanto, para estudiosos mais exigentes, a ética seria o fundamento científico ou racional da moralidade. E a moral designaria as normas reguladoras do comportamento humano. Essa distinção, entre outras explicações, pode ser fundamentada no fato de que, com o surgimento do cristianismo e sua aproximação ao pensamento grego, o importante passou a ser o estabelecimento de normas práticas de se viver segundo valores morais, cuja fonte era a Divindade. Neste sentido se pode afirmar que a moral se tornou um código de normas ou preceitos. A Idade Moderna, colocando a Razão como a responsável pela verdade científica, também ficou com a tarefa de encontrar um fundamento racional para a definição de princípios universais da conduta humana. Na trilha das tentativas de assegurar a universalidade da eticidade, surgiram as chamadas éticas cognitivistas, sem alcançar o objetivo esperado.¹⁵

O desafio, atualmente, talvez, diante do fracasso das éticas cognitivistas, está nos enfrentamentos para se construir a Bioética como o referencial universal para se intervir nos seres vivos, em especial, nos seres humanos. Para ser breve, é possível lembrar três fundadores de bioeticidade.

No universo religioso e teológico, o fundador único da bioética só pode ser a Divindade. Deus é o autor e senhor da vida. Somente a Ele cabe decidir sobre a vida e a morte. Qualquer intervenção no ser vivo deve seguir os mandamentos contidos nos livros sagrados e controlados pelas autoridades eclesiais.

Para os intelectuais e cientistas da era Moderna, o fundador da bioética deve ser procurado no conhecimento racional e científico. Portanto, o tratamento ou manipulação dos seres vivos devem ser ditados pelas ciências. Henri Atlan resume em poucas palavras a posição sustentada por muitos: “Não acreditamos mais nas religiões, nem nas filosofias, somente na ciência, porque ela é bem sucedida. É, portanto, dever dos cientistas nos indicar como devemos viver.”¹⁶ P. 63.

Por fim, escutando o que diz etimologicamente a palavra bioética, a vida seria o legítimo fundador da bioeticidade. Bioética, então, significaria o costume ou o comportamento da vida. Ela aponta a cada organismo vivo o lugar correto de se desenvolver. Portanto, qualquer intervenção no ser vivo deve atender ao dinamismo de que é dotado. Ele é autopoietico, isto é, auto-organizável.

A bioética, assumida como o costume da vida, encontra fundamento no paradigma da complexidade que, por sua vez, busca inspiração nas idéias da Unidade Cósmica, do Holismo e da Ecologia.

Dentro das possibilidades de decifrar o enigma da complexidade referente ao ser vivo, é preciso evitar o isolamento do organismo vivo. Ele forma um todo com seu meio ambiente em toda sua abrangência, no caso do ser humano não se pode esquecer a dimensão sócio cultural. A fenomenologia nos oferece o termo *Lebenswelt* – o mundo da vida – como a síntese desta totalidade ser vivo e meio ambiente. O mundo da vida abrange o organismo vivo com todo seu entorno, onde residem os recursos para viver e se desenvolver. Cada organismo vivo, de acordo com sua corporeidade própria, sabe buscar os recursos de que precisa para satisfazer suas necessidades.

¹⁵ Cf. Freitag, Bárbara. *Itinerários de Antígona: A questão da moralidade*. Campinas SP. Papyrus. 1992.

¹⁶ Henri Atlan, *Teórico da Auto-Organização*. In. Pessis-Pasternak. G..*Do Caos à Inteligência Artiicial*. São Paulo, UNESP. 1993. p. 63.

Neste sentido é bom lembrar que determinados organismos vivos apresentam anomalias se comparados aos padrões de normalidade das ciências. Isto pode ocorrer no interior de um indivíduo ou numa coletividade. Por exemplo, alguns indivíduos, raramente, têm o coração no lado direito. Uma corporeidade humana pode colocar o coração no lado direito. Esse é *ethos* – o lugar correto – deste organismo, lembrando a expressão de Jean Bernard. A história da medicina nos mostra anomalias hereditárias presentes em todos os indivíduos de uma comunidade. Konrad Lorenz nos relata o fato de que em Gâmbia havia uma comunidade indígena que sofria de anemia falciforme. Essa doença hereditária era necessária para que a população permanecesse “sadia”. O mesmo princípio, avisa ele, pode ocorrer em qualquer outros espaço vital.¹⁷ O exemplo do polvo, retirado das águas poluídas do porto de Marselha e colocado num recipiente com água limpa, morreu em poucos minutos.¹⁸

5. FUNDAMENTOS HUMANOS

Duas palavras, apenas para justificar o emprego destas duas palavras, fundamentos humanos, e mostrar sua íntima relação com as interpretações, já expostas, de corporeidade e de bioeticidade, sem falar de toda linha desta reflexão.

De imediato, a palavra fundamento não é assumida como algo estável, seguro, imóvel, permanente, sinônimo de alicerce, sobre o qual se pode construir uma casa, uma torre, um castelo, uma catedral. Fundamento, aqui, é empregado com o significado de raiz. O alicerce sugere estabilidade e imobilidade. A raiz é algo em contínua atividade, que cresce e faz crescer, e que busca o equilíbrio do todo.

As raízes, componentes fundamentais dos vegetais, em geral, desenvolvem quatro funções básicas: a alimentam, regeneram, sustentam e harmonizam o ecossistema.

Portanto o fundamento-raiz pretende dar a idéia de que corporeidade e bioeticidade nunca serão realidades estáticas, mas em constante mobilidade por estarem entre as múltiplas manifestações da vida. Neste sentido será preciso rever e redefinir a nossa compreensão de corpo e bioética.. A raiz, bios (vida), jamais deixará de redesenhar o *ethos* (costume) para garantir a sobrevivência do ser vivo. Os “costumes” da vida não foram definidos para sempre. Se assim o fosse não teria havido evolução.

O adjetivo humano aparece para chamar a atenção sobre a possibilidade de se definir procedimentos terapêuticos ou fisioterapêuticos que são eticamente questionáveis. A esse respeito há uma vasta literatura mostrando que as infrações podem estar diretamente ligadas aos procedimentos terapêuticos ou às instituições e organizações destinadas ao cuidado dos doentes. Os temas mais significativos e polêmicos envolvendo a eticidade dos procedimentos terapêuticos estão estritamente relacionados às questões dos recursos oriundos de modificações genéticas.

Ivan Illich, ao lado de Michel Foucault, sem dúvida teceu críticas contundentes a todo sistema medical, baseado nas ciências e tecnologia, sem falar nos interesses

¹⁷ Lorenz, Konrad. *Der Abbau des Menschlichen*. München. Piper & Co. 1983. p. 196.

¹⁸ Exemplo apresentado pela televisão francesa em 1973.

corporativistas, econômicos e políticos. Nada melhor, sejamos a favor ou contra, do que transcrever algumas passagens de sua obra, *Némésis Médicale*:

“Le détachement professionnel, la négligence et la pure incompetence sont des formes de malfaçon vieilles comme le monde. Avec la transformation du médecin artisan exerçant son habilité sur des individus connus personnellement em médecin tecnicoien appliquant de règles scientifiques à des catégories de malades, les malfaçons ont acquis un nouveau statut, anonyme et presque respectable”.¹⁹

“Dans un hôpital où la technique est complexe, la négligence devient erreur humaine aléatoire, l’insensibilité, détachement scientifique et l’incompétence, manque d’équipements spécialisés. La dépersonnalisation du diagnostic et de la thérapeutique a fait passer les malfaçons du domaine éthique au rang de problème technique”²⁰.

“L’environnement en vient à être vu comme un milieu artificiel et le professionnel de la santé comme le bureaucrate qui assigne a chacun son coin propre.”²¹

Estas citações, embora tenham como referencial principal a área da medicina, não há dúvida que, em grande parte, podem ser transferidas para os demais profissionais da saúde, especialmente no que se refere aos comportamentos tecnocientíficos. Nem sempre a eficácia da tecnologia e da ciência parte da condição humana, mas do ponto de vista de uma suposta eficácia, inspirada em modelos científicos. A formação acadêmica fica muito mais sobre manuais e prontuários do que no contato com pessoas. Muitos pensam que a história científica de uma categoria de doentes corresponde à história real da cada pessoa doente.

6. POSSÍVEIS PROCEDIMENTOS FISIOTERAPÊUTICOS

Não se trata aqui de estabelecer um receituário dos procedimentos fisioterapêuticos por duas razões. Uma porque seria a negação de tudo o que foi dito. Outra porque não cabe a uma reflexão filosófica tal tarefa. Tudo começa pela adoção de um paradigma epistemológico e ético. Dele emergem diferenças de procedimentos junto com diferentes perfis de profissionais.

¹⁹ Illich, Ivan. *Némésis Médicale – L’expropriation de la santé*. Paris. Seuil. 1975. p. 41 Trad. O desinteresse profissional, a negligência e a pura incompetência são formas de malefícios velhas como o mundo. Com a transformação do médico artesão exercendo sua habilidade em indivíduos conhecidos pessoalmente, em médico técnico aplicando regras científicas a categorias de doentes, os malefícios adquiriram um novo estatuto, anônimo e quase respeitável.

²⁰ Idem, *ibidem*. Trad. Num hospital onde a técnica é complexa, a negligência se torna erro humano *aleatório*, a insensibilidade, *neutralidade científica* e a incompetência, *falta de equipamentos especializados*. A despersonalização do diagnóstico e da terapêutica transferiu as imperfeições do domínio ético para a classe de problema técnico.

²¹ Idem p. 62 Trad. O ambiente passa a ser visto como um meio artificial e o profissional da saúde como o burocrata que designa a cada um o seu canto.

Diante dos limites de espaço desta reflexão serão descritos, de maneira muito resumida, dois perfis de profissionais ou fisioterapeutas, a começar, aqui, pelo denominado fisioterapeuta executor.

O fisioterapeuta executor, apresentado aqui, talvez, caricaturizado, é o profissional egresso da universidade como um profissional formatado e blindado. Seu perfil formatado está antecipadamente traçado nos manuais do currículo e das disciplinas acadêmicas. Os conhecimentos e as competências de intervenção específica numa área da saúde. As doenças, as anormalidades, as lesões, etc. e as pessoas afetadas por elas já estão, também, pré-conhecidas. A tarefa profissional é só sair a campo e agir em nome deste formato científico, pois seu perfil está, também, blindado por um conjunto de normas, contido no código ético, mais conhecido como deontologia.

O segundo perfil é o do fisioterapeuta criador. Este é o profissional que deixa a universidade apenas com uma bagagem de conhecimentos com um conjunto de valores a partir dos quais cria seus procedimentos terapêuticos. O seu diploma não lhe garante que suas intervenções na realidade já estão pré-determinadas. O seu ponto de partida está na realidade concreta, e sua intervenção criativa respeita a formação científica e o conhecimento das normas morais, mas a decisão define como elemento principal a história de cada paciente. Não é preciso, para completar esse perfil, basta retomar o que foi exposto sobre o ser humano e a corporeidade.

O fisioterapeuta criador não confia cegamente nos conhecimentos construídos pelo intelecto raciocinante e veiculados por conceitos abstratos conforme o paradigma das lógicas lineares simplificadoras, ele procura outras formas de conhecer, cujo paradigma é o da complexidade ou, segundo Fritjof Capra, o paradigma ecológico “que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas”²². O mesmo pode ser transferido para a compreensão do ser humano.

A faculdade humana que se adapta ao paradigma ecológico é a intuição. Infelizmente ela foi excluída das faculdades cognitivas da cientificidade moderna pela razão que não funciona dentro das lógicas lineares e nem por conceitos abstratos. Henri Bergson (1859-1941) fundador do intuicionismo filosófico, define a intuição como a faculdade suprema do impulso vital. Somente pela intuição se atinge a interioridade profunda das coisas.²³

No campo da ética, o fisioterapeuta criador, além de respeitar os princípios das éticas cognitivistas, busca inspiração na ética da estética, isto é, a ética da sensibilidade, aliada próxima da intuição. No campo da sensibilidade, certamente, entram em cena as trepidantes questões do tocar e da pele. Para coroar esse espaço de criatividade, é importante repetir Konrad Lorenz: “A mais importante capacidade do ecólogo regional consiste no fato de perceber, inicialmente de modo não racional” (...) “É a esta característica que se costuma chamar de ‘olho clínico’ do médico (fisioterapeuta) experiente”. (...) “Seu esquecimento foi provocado pelo pensamento cientificista”.²⁴

Essas referências, acima expostas, constituem o laboratório onde o fisioterapeuta criador elabora os procedimentos terapêuticos aos seus pacientes.

²² Capra, Fritjof. *A Teia da Vida*. São Paulo, Cultrix. 1996. P. 24.

²³ Cf. Bergson, Henri. *Matière et Mémoire*. Paris. I vol. In-8º, Coll. B.P.C. 1963

²⁴ Lorenz, Konrad. *Op. Cit.* P. 197.

CONCLUSÃO

Uma conclusão sem concluir. A conclusão cabe a cada leitor. Aqui há lugar, apenas, para algumas curtas observações.

Cada fisioterapeuta é o que é pelas suas opções e decisões. Não se trata de dizer eu sou um ou outro, ou eu tenho este ou aquele perfil. Os pressupostos escolhidos definem o perfil. E esses pressupostos foram expostos ao logo de toda a reflexão.

Aquele que opta pelo perfil do fisioterapeuta executor goza da segurança e da proteção das instituições vigentes.

Aquele que opta pelo perfil do fisioterapeuta criador precisa ter consciência que vai enfrentar desafios e conflitos freqüentes. Por exemplo, as ciências não respaldam uma ação baseada na intuição. Os conhecimentos e os procedimentos intuitivos ainda que tenham, e certamente tem, inspiração na formação acadêmica e na sua experiência, em última instância são de responsabilidade plena do profissional.

Numa comparação entre os dois profissionais, em relação às suas decisões, as conseqüências são muito distintas. No caso do primeiro perfil, cuja ação terapêutica é científica, sempre que há um insucesso, este é atribuído ao remédio ineficaz ou ao paciente que não reagiu. Nenhuma responsabilidade do profissional. Em caso de sucesso, todo mérito fica para o profissional.

Para o segundo perfil, quando houver sucesso, graças a uma decisão intuitiva, há dois aspectos. A intuição não é reabilitada. Ela continua marginalizada. O mérito fica como resultado do acaso. Quando há insucesso o único vilão é o profissional.

Por fim, para resumir a mensagem deste capítulo, a seguinte citação de Gadamer não poderia ser mais adequada: "Essa é, como eu penso, nossa parte como ser humano, de fazer com que o futuro esteja sempre mantido novamente aberto e de abrir novas possibilidades".²⁵

²⁵ Gadamer, Hans-Georg. O Caráter Oculto da Saúde. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2006.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO:
DA COMPLEXIDADE AO DESAFIO DA INTERDISCIPLINARIDADE.
Universidade de Passo Fundo, 28,29,30. 04. 2010.

ENVELHECIMENTO HUMANO: CIÊNCIA, CULTURA E ÉTICA

OBSERVAÇÕES INICIAIS

O tema do envelhecimento humano possui abrangências em diferentes ramos do saber humano, da vida de cada pessoa, dos inúmeros sistemas culturais, apenas para citar alguns desses cenários em que o fenômeno acontece. Essas poucas referências são suficientes para acentuar o nível de sua complexidade.

A história da humanidade, nela presente a fase da chamada pré-história, revela que todos os povos definiam o ciclo da vida, de qualquer ser vivo, em três momentos: nascer, viver e morrer. Não foi resultado de especulação. Os fatos eram suficientes. A evolução mais significativa na compreensão da existência de cada pessoa se dá a partir de uma observação direta do operar da vida, do nascimento à morte. Durante muito tempo atribuiu-se ao desenrolar da existência, em três períodos distintos, significados sociais, mais que fases biológicas. O primeiro período é o do crescimento, entendido como uma preparação para o segundo período, culminando com o rito de passagem. O segundo período é o da fase adulta ou da plena participação em todas as atividades da ordem social vigente. O terceiro período é o da velhice, geralmente definido como o tempo da sabedoria.

É importante lembrar que essas interpretações do desenrolar da vida humana foram construídas sem os recursos de modelos teóricos de produção do conhecimento. Elas foram conclusões elaboradas pela observação e percepção imediata dos fatos. São os saberes ditados pela leitura visual da fenomenologia da realidade humana.

A grande e radical modificação da explicação da vida humana se dá com o surgimento do projeto do saber racional. Os sentidos podem enganar. A superfície da realidade é passageira. A realidade em si está posta além dessas aparências fugidias. O conhecimento verdadeiro é aquele que ultrapassa as aparências e alcança o permanente e universal. Foi com esse paradigma que se fundou a epistemologia grega, batizada pelos historiadores da ciência, como filosofia.

Os filósofos gregos, desde Tales, pesquisaram o princípio de todas as coisas, a partir do qual seria possível construir um paradigma confiável de produção de conhecimentos objetivos. Evidentemente, esses primeiros passos rumo à objetividade das ciências modernas foram ainda muito influenciados pelo comportamento externo das coisas. Assim, a vida humana foi explicada muitos mais pelos comportamentos das pessoas nas diferentes fases da vida do que pela dinâmica interna do ser vivo.

Neste sentido, Sócrates, Platão e Aristóteles, os três maiores mestres da era clássica grega, não falam de envelhecimento, mas tratam do fim da vida, do enfrentamento da morte com dignidade ou do elogio da longevidade. O processo de envelhecer ainda não fora desvinculado da velhice. A primeira obra dedicada ao envelhecimento é de Cícero, filósofo, tribuno e político romano, intitulada *Saber Envelhecer*. Nela não há, a rigor, uma teoria sobre o processo de envelhecer. Cícero mostra com fatos como pessoas da elite social em idade avançada ainda conservavam o vigor, as capacidades produtivas e, acima de tudo, eram fontes de alta sabedoria, paradigmas para os mais jovens..

Por fim, para completar essas observações, deve-se reconhecer que a escola filosófica greco-romana nos legou três bases do paradigma epistemológico científico atual, a saber: regulamentação da produção do saber, separação dos saberes em disciplinas e divisão da realidade em objetos.

ENVELHECIMENTO HUMANO, OBJETO DE ESTUDO

A constituição do envelhecimento humano, como um objeto distinto de estudo, é, relativamente, recente, incluído como uma parte importante da gerontologia e da geriatria. A gerontologia não trata apenas do velho ou da velhice, ela inclui os fenômenos que levam à velhice. A geriatria, por sua vez, não trata apenas das doenças dos idosos, mas se preocupa, também, com as prevenções destas doenças.

Cabe aqui apontar aspectos preliminares a respeito do envelhecimento a começar pelo termo. Envelhecimento, embora seja um substantivo, ele conota movimento. É o processo de chegar à velhice, ou de se tornar velho. A sua semântica não é unívoca. Depende a quem se aplica. Em relação ao seres vivos, envelhecimento significa aproximar-se do fim da vida. Quando referido a objetos pode significar a aquisição de uma qualidade superior. Por exemplo, um móvel envelhecido ou um vinho. Pode-se falar, também, em instituições ou países envelhecidos.

O que interessa para esta abordagem é a idéia de movimento em direção a uma fase futura da vida. Neste sentido pode ser tomado como a passagem da vida adulta ou madura para a velhice. O que chama a atenção é a única mudança de fase da vida humana que mereceu um tratamento especial e diferenciado em relação à passagem entre as outras fases, da infância para a juventude, da juventude para a maturidade. Não há a identificação do fenômeno, pelo menos enquanto a não existência de um termo específico, como é o caso do envelhecimento, como tempo e causas que levam à velhice.

Continuando, se o envelhecimento é movimento, quando começa? Pode-se estabelecer um critério cronológico ou biológico seguro para estabelecer o início de envelhecer? Para definir o envelhecimento devo partir de um conceito de velhice ou devo partir da evolução de um organismo vivo? Essas perguntas constituem o desafio a ser enfrentado, nesta reflexão, pela ciência, pela cultura e pela ética.

Um outro aspecto instigante gira em torno das razões porque o envelhecimento aparece entre as preocupações cada vez mais presentes na atualidade. E não é só privilégio das ciências da saúde. A questão do envelhecimento se estende em todos os níveis das ciências humanas, das ciências econômicas, das ciências jurídicas e das políticas sociais.

O título desta palestra aponta para a tarefa de desenvolver e pensar esses aspectos e questionamentos à luz da ciência, da cultura e da ética. Evidentemente, pelo tempo, pela extensão do tema e pelo tipo de abordagem, será impossível alcançar um maior grau de verticalidade. Diante destes limites o que se deseja é provocar debates e sensibilizar consciências sobre o fenômeno do envelhecimento e as possibilidades de re-significações.

CIÊNCIA E ENVELHECIMENTO HUMANO

Inicialmente duas palavras, apenas para lembrar, sobre os questionamentos que os estudiosos das ciências levantaram, num primeiro momento, a respeito da hegemonia do modelo epistemológico por elas praticado na explicação da natureza, e, num segundo momento, sobre a real capacidade deste modelo de estudar a estrutura dos seres vivos, em geral, e dos seres humanos, em particular. O número dos estudiosos da ciência, que não podem ser confundidos com os negadores das ciências, tem crescido consideravelmente, desde o final do século passado, em particular na defesa de formas alternativas de saber. Entre esses estudiosos figuram intelectuais de diferentes áreas, como Henri Atlan, Bruno Latour, Francisco Varela, Gregory Bateson, Humberto Maturana, Boaventura de Sousa Santos, cujas idéias podem ser resumidas na seguinte citação de autores nem tanto conhecidos: “Desde finais do Renascimento, a rainha das ciências tem sido a física. À semelhança de Napoleão em Notre Dame, os físicos tomaram a coroa, colocaram-na sobre as próprias cabeças e proclamaram a sua disciplina como o modelo de estudo da natureza”.¹

Dito isto, não resta dúvida que as ciências naturais ou exatas continuam dando as cartas no jogo epistemológico. A presente reflexão sobre o envelhecimento humano não poderia deixar de colocar em primeiro plano a forma como o fenômeno do envelhecimento está presente no conhecimento científico.

Os procedimentos da pesquisa científica começam por definir o objeto de estudo de acordo com o paradigma analítico. Cada objeto passa a ter uma identidade autônoma, distinto de outros objetos. E o tratamento também é específico. A tradição moderna mais antiga, herança cartesiana, determinou que o ato de conhecer se processa por partes. Para conhecer o todo é preciso começar pelo conhecimento das partes isoladamente. Das partes se chega ao todo. Neste cenário surgem as ciências e delas emana o regime das disciplinas. Hoje, lembrando os estudiosos da ciência, contestam esse método epistemológico. O todo deve ser o primeiro fator a ser observado na produção do conhecimento, em especial, quando se trata dos seres vivos. O tema central deste congresso mostra claramente esta mudança anunciando que a abordagem da questão do envelhecimento humano deve acontecer no caminho que vai da complexidade ao desafio da interdisciplinaridade.

Adotar o paradigma da complexidade, tema recorrente nos estudos da ciência, significa ultrapassar o paradigma da simplicidade, adotado pelas ciências empíricas.

¹ Cocho, Germinal e outros. Ciência e humanismo, capacidade criadora e alienação. In Santos, B. de S. Conhecimento Prudente para uma Vida Decente – Um Discurso sobre as Ciências Revisitado. P. 191.

Como consequência a interdisciplinaridade, (talvez, a transdisciplinaridade), é uma imposição inevitável. Neste sentido há uma excelente literatura².

Essas mudanças no paradigma epistemológico não neutralizam as contribuições das ciências empíricas. O ponto central que, praticamente, se tornou consensual é que a Física não pode ser o modelo universal de estudo da natureza, sendo que os fenômenos naturais não podem ser homogeneizados a partir dos fatos físicos. A consensualidade torna-se maior diante da vida. E da vida humana, há unanimidade. Tanto que a Biologia está, cada vez mais, ocupando o lugar da Física como ciência exemplar.

Para fortalecer estas posições muito contribuíram os avanços das pesquisas biológicas, em especial, a biologia molecular, a genética e as neurociências. Os resultados destas pesquisas podem ser observados nas mudanças de atitude dos cientistas ao investigar a organização dos seres vivos. Para ser mais breve basta lembrar o biólogo chileno, Humberto Maturana, haveria muitos outros, que define os seres vivos como sistemas auto-referidos ou autopoieticos, o que significa afirmar que são sistemas nos quais seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos, diferentes dos sistemas elaborados pelos homens, que, por seu desenho, fazem sentido somente em relação a um produto ou a algo distinto deles.³

A adoção da autopoiese (auto-criação), como explicação da organização (auto-organização) dos seres vivos, representou a ruptura com conceitos fechados ou definições delimitantes da abrangência de um determinado objeto, cujo objetivo principal é garantir sua manipulação isoladamente. A autopoiese do ser vivo sugere que todas as suas manifestações já estão inscritas desde o início. O viver é apenas a manifestação espaço-temporal das potencialidades e limites inscritos na estrutura vivente.

Para ser justo deve-se reconhecer que esta constatação pelos cientistas confirma o velho ditado de que as ciências comprovam, depois de um tempo maior ou menor, o que a filosofia e a arte já haviam anunciado. Antes de se falar em auto-organização ou autopoieses, a filosofia falava em poiese, em unidade substancial do ser humano e de sua natureza mundana, isto é, portador de mundaneidade, ou seja, o mundo faz parte de sua constituição viva. Por exemplo, as correntes existencialistas, desde a primeira metade do século passado, afastando-se dos conceitos racionalistas e metafísicos, defendiam a compreensão do homem como ser-no-mundo. Martin Heidegger resumiu esta compreensão com a palavra *Dasein*, traduzido por ser-aí. O “Da” (aí) significa a condição da manifestação do ser no espaço e no tempo, isto é, no mundo. O fato de estar lançado no mundo implica no destino de ser um ser-para-a-morte. A morte faz parte do destino do homem desde o nascimento. Maurice Merleau-Ponty entende o ser humano como um ser corporal. A expressão correta, para ele, é “eu sou corpo”. Portanto, deve substituir “eu tenho corpo”. E ser corpo significa estar encarnado no mundo. Há uma reversibilidade existencial entre corpo e mundo ou homem e mundo. Já para Jean-Paul Sartre, o ser humano é resultante de

² Morin, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Ou, Pena-Veja, A. e Nascimento, E. P. do (Org.) O Pensar Complexo – Edgar Morin e a crise da modernidade.

³ Maturana, Humberto. Varela, Francisco. De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese – a Organização do Vivo. P. 14.

suas escolhas. Cada um constrói sua existência que se estende do nascimento à morte. Cada um define seu modo de viver e de morrer.

As ciências, seguindo seu modelo metodológico, entre outras definições, entendem o envelhecimento como o “conjunto de fenômenos que caracterizam o enfraquecimento da vitalidade”. Como todas as definições, ela possui uma grande abrangência. Lembrando o que já foi dito, o envelhecimento conota movimento, portanto ele teria um início e um fim. Pelo método analítico e pela definição, acima citada, as ciências empíricas estabeleceriam o início do envelhecimento num momento determinado da vida humana, quando aparecem os sintomas de perda de vitalidade. E o final seria a chegada da velhice. O critério estabelecido, neste caso, seria de ordem biológica.

Aceitando as teses filosóficas e as teorias dos biólogos que sustentam a autopoiese, sem recusar o critério biológico, pode-se admitir o conceito de envelhecimento como um processo que ocorre durante o curso de vida do ser humano, iniciando-se com o nascimento e terminando com a morte. Alguns autores apontam que o processo de envelhecimento "começa no útero e termina no túmulo".

Há ainda um fator complicador porque, neste caso, o envelhecimento não seria claramente detectável – e seria necessário? – o que dificultaria assegurar que tal ocorrência biológica faz parte do envelhecimento. Certas partes do corpo envelhecem constantemente. As células são o exemplo mais fácil de se identificar. A sua regeneração, também, é constante. Mas chega um momento que perde seu vigor. Seria aí, por exemplo, o início do envelhecimento da pele? Ou o envelhecimento, por estar inscrito no DNA, poderia ser identificado, numa linguagem pouco científica, como defeito de fabricação e prazo de validade ou, talvez, desvio de conduta. No primeiro e último casos poderia haver solução. Entretanto, no segundo caso, o ser humano não tem outra atitude que assumir suas limitações intransponíveis.

As modificações biológicas acontecem em dois níveis. O aparecimento de rugas, queda ou branqueamento dos cabelos fazem parte do primeiro nível. No segundo nível estão as alterações das funções orgânicas que se processam no organismo. Junto com as alterações biológicas surgem também mudanças psíquicas e sociais. As primeiras são decorrentes das dificuldades de aceitar as modificações na auto-imagem e para adaptar-se a cada nova situação do cotidiano. As segundas surgem nos conflitos diante dos novos valores que modificam a convivência social

Além do critério biológico há o critério cronológico, mas este, na verdade concentra-se no conceito de velhice ou de idoso. Neste sentido é melhor recorrer a relatórios oficiais. “Para a Organização das Nações Unidas – (ONU 1982) – o ser idoso difere para países desenvolvidos e para países em desenvolvimento. Nos primeiros, são considerados idosos os seres humanos com 65 anos e mais; nos segundos, são idosos aqueles com 60 anos e mais. No Brasil, é considerado idoso quem tem 60 anos e mais. Ou ainda, para determinadas ações governamentais, considerando-se as diferenças regionais verificadas no país, aquele que, mesmo tendo menos de 60 anos, apresenta acelerado processo de envelhecimento (Brasil, 1996). Essa definição foi estabelecida pela ONU, em 1982, através da Resolução 39/125, durante a Primeira Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, relacionando-se com a expectativa de vida ao nascer e com a qualidade de vida que as nações propiciam a seus cidadãos”.

Parece que há certa confusão entre envelhecimento e velhice. Talvez se deveria estabelecer distinções, pois a velhice seria, apenas, o estágio mais avançado do envelhecimento, sob o ponto de vista cronológico. A atitude mais correta seria ver complementaridade entre os dois critérios, o biológico e o cronológico. O biológico estaria mais próximo às competências da gerontologia e da geriatria. O cronológico seria mais adequado para as políticas públicas. Na prática ele vem sendo utilizado para estabelecer o perfil do ser idoso, para delimitar a população de um determinado estudo, ou para análise epidemiológica, ou com propósitos administrativos e legais voltados para o planejamento e execução de políticas públicas, oferta de benefícios e de serviços.

É inquestionável que o processo de envelhecimento provoca no organismo modificações biológicas, psicológicas e sociais; porém é na velhice que esse processo aparece de forma mais evidente. Este fato faz com que haja certa confusão entre envelhecimento e velhice. Esta confusão está muito presente na linguagem popular, já que a velhice é mais notada do que o processo de envelhecimento. Por isso é mais fácil reconhecer o estágio final do envelhecimento, e, quase sempre nas aparências físicas.

Para completar este item é importante observar, no relatório da ONU, a referência a populações idosas e ao processo de envelhecimento de um País. Quando se fala de países envelhecidos ou de sociedades envelhecidas sempre se faz referência ao número de idosos naquele País ou sociedade. Não se fala da ordem social envelhecida, nem de um sistema político e econômico envelhecido. Não há estudos que analisem uma civilização ou cultura sob o ponto de vista de um envelhecimento de sua organização interna. Por exemplo, o sistema feudal desapareceu num processo de envelhecimento? O capitalismo, hoje em crise, seria um sinal de que está envelhecendo?

Bom, essas questões nos levariam para uma reformulação do tema central desta reflexão, entretanto elas podem abrir o caminho para pensar o lugar e significado do envelhecimento humano no interior de um sistema cultural.

CULTURA E ENVELHECIMENTO HUMANO

A palavra cultura tem uma abrangência quase ilimitada em relação às atividades humanas. No século passado foram desenvolvidos debates que, de uma parte, colocavam em oposição cultura e natureza, abordada, inclusive, pelo método de alfabetização de Paulo Freire; de outra parte, e aqui o debate foi mais polêmico, foram questionadas as classificações entre culturas primitivas e culturas superiores. Malinowski e Lévi Strauss foram grandes expoentes destes enfrentamentos. Hoje, graças aos movimentos holísticos e ecológicos, chegou-se à conclusão de que entre cultura e natureza não pode haver conflitos, mas harmonias. Da mesma forma, tornou-se difícil sustentar a teoria da inferioridade ou superioridade de uma cultura sobre outra. Cada cultura deve ser analisada no interior de seu sistema de significações e não em relação à outras culturas.

Nesta palestra, cultura é tomada como um sistema de significações que dá identidade a determinada organização social. O sistema de significações dá sentido para tudo o que acontece no interior daquela sociedade. Por exemplo, para entrar logo no assunto, o envelhecimento recebe uma valoração ou significado a partir do sistema de significações vigente na sociedade em observação.

Com o objetivo de facilitar uma síntese do vasto campo, existente em cultura e envelhecimento, recorreu-se à divisão entre dois tipos de culturas, ainda que não sejam excludentes, pois podem permanecer articuladas no interior de uma mesma sociedade. O que as diferencia, em maior ou menor intensidade, é a opção pelo fato fundador do sistema de significações. Assim, de maneira muito simplificadora haveria sociedades que fundam seu sistema de significações em entidades divinas ou em teses humanísticas, e haveria sociedades que privilegiam a razão e as ciências modernas como fundadoras do sistema de significações. No primeiro caso, todas as explicações e justificações devem ser buscadas ou em Deus, ou na religião, ou no ser humano. No segundo cabe às ciências explicar, justificar e decidir tudo o que acontece. Em ambos os casos o que está em jogo é a legitimidade de dar sentido a tudo o que se faz e o que não se pode fazer.

Novamente, na descrição destes dois sistemas de significações, será preciso adotar o estilo de simplificação e de resumo. O importante é que provoque e estimule o debate sobre o processo de significar, isto é, dar sentido a tudo o que ocorre na vida das pessoas, como indivíduos e como cidadãos, pertencentes a uma ordem social.

As culturas, cujo sistema de significações funda-se em Deus ou no ser humano, explicam e legitimam tudo o que acontece apela vontade da Divindade ou pelas determinações da vontade humana que, geralmente, é proposta como a expressão temporal da vontade eterna de Deus. Permanecendo nos limites do tema, a vida e o ser humano são criações de Deus. Portanto, nascer, crescer, envelhecer e morrer constituem o destino de todos os seres vivos. A única atitude é submeter-se a esses desígnios divinos.

Neste contexto, o idoso, ou a velhice, é a fase da vida em que se atinge a sabedoria, adquirida pela experiência cotidiana, mais do que pelo conhecimento. Conhecimento e sabedoria são distintos. O velho não é só sábio, mas é o sábio por excelência. Como tal deve ser reverenciado por toda a sociedade. O envelhecimento é a conquista da sabedoria pela meditação e pelas vivências cotidianas. As culturas orientais são exemplos mais eloqüentes desta significação do envelhecimento e da velhice. Não é exagero afirmar, apesar dos poucos estudos, que as comunidades indígenas brasileiras cultivavam esses mesmos valores. Os índios Tariano, residentes na região da Cabeça do Cachorro, no estado do Amazonas, concedem um papel fundamental aos seus anciãos, inclusive, no mito de origem os personagens principais são os Avós e três netos. Aos velhos cabe o zelo pela alma do povo – a sua cultura. Ainda na Amazônia, os índios Desana têm como Demiurga Yebá Buró, a Avó do Mundo. A Demiurga, enquanto aparecia, cobriu-se com os seus enfeites. Primeiramente, construiu um Quarto - o Quarto de quartzo branco, após, os Deuses a ajudaram a construir o mundo e a humanidade (Pãrõkumu;Kehíri:1995;14). Nesta tribo, o velho e a mulher ocupam um lugar privilegiado.

Em linhas gerais, as mesmas significações podem ser colhidas nas obras dos filósofos gregos e romanos. Envelhecer bem, para eles, consistia em construir uma velhice sábia, virtuosa e exemplar. Nesta tarefa, um aspecto novo aparece, a importância da atividade intelectual.

Essa distinção honrosa, sem dúvida foi predominante, entretanto, não excluiu necessariamente atitudes contrárias. As complicações eram geradas em momentos de doenças, que poderiam ser ameaça de contágios, da carência de mantimentos para alimentar a todos. E outros fatores específicos de tal cultura. O fator mais freqüente de

contestação aos envelhecidos, nas sociedades mais organizadas, aparecia na área econômica. Neste sentido é melhor transcrever as palavras de Cícero. “Quando já era bastante idoso, Sófocles escrevia ainda tragédias”. Esse mesmo fato garantiu a Sófocles evitar de ser destituído de gerir seu patrimônio diante das acusações de seus filhos que o acusavam de negligência. O velho Sócrates depois de ler a tragédia, Édipo em Colona, que acabara de escrever, perguntou aos juízes “se essa obra era obra de um débil”. Os juízes resolveram absolvê-lo.⁴

Depois desta rápida passagem pelas culturas teocêntricas e humanistas, chegou a hora da tarefa mais complexa, enfrentar a questão do envelhecimento a partir do sistema de significações, cujo fato fundador é a cientificidade moderna.

Vivemos na idade da ciência, escreveu Emmanuel Carneiro Leão, “porque é a ciência que determina o ser e a verdade do real”. Isto implica na presença inevitável da ciência moderna na esfera do mundo do homem. Fato anunciando pelo físico Alemão, Werner Heisenberg, no início do século XX, ao afirmar que “num futuro, não muito distante, os aparelhos e instrumentos técnicos serão partes integrantes do ser humano, como a teia é parte da aranha e a concha do caramujo”.⁵ Já estamos nesta época, pois pedimos à ciência que nos diga quem somos, como devemos nascer, viver e morrer, o que devemos fazer; pedimos que defina o verdadeiro e que estabeleça o que é bem e o que é mal. Portanto, o sistema de significações da quase a totalidade das sociedades humanas está enraizado e dependente da ciência.

A questão do envelhecimento recebeu da ciência uma atenção privilegiada. Para entender melhor, é preciso lembrar que o conhecimento se tornou protagonista maior no desenvolvimento industrial e comercial das sociedades modernas ocidentais. As revoluções industriais aconteceram porque confiaram às ciências as bases teóricas e técnicas para instaurar seu sistema de produção e de consumo. Em pouco tempo tudo virou objeto de investigação e de mercado. O último reduto a resistir foi o ser humano, blindado que estava pelas dogmas morais teológicos e por um humanismo religioso. No momento em que foi possível romper os limites da pele pela anatomia, o caminho se escancarou para os invasores da oikos humana. A vida humana passou a ser manipulada através do domínio dos corpos vivos. Tudo começou pelos animais para chegar aos humanos.

Para encurtar o caminho pode-se ir diretamente ao processo do envelhecimento. Uma observação preliminar indica que o envelhecimento somente se tornou alvo de maiores e eficazes preocupações diante da velhice e da morte. Tanto uma como outra, desde sempre, foram envoltas pelo manto do medo, que, no passado, adquiriam sentido diante da vontade divina. Na era da ciência o medo se transformou em negação da morte e da velhice, daí os grandes investimentos no fenômeno do envelhecimento como forma de afastá-las ou adiá-las o maior tempo possível. E o que é importante o sublinhar, não é o envelhecimento como um fenômeno em si mesmo o objeto direto das preocupações, mas a busca do rejuvenescimento. Parece possível dizer, parodiando Cícero, que saber envelhecer é saber rejuvenescer.

O rejuvenescimento se transformou no mote mágico para orientar o processo de envelhecimento, enquanto resistência e recusa da velhice. No passado, na era dos

⁴ Cícero. Saber Envelhecer. P. 21/22.

⁵ Carneiro L. Emmanuel. Aprendendo a Pensar. P. 11-17.

saberes pré-científicos, saber envelhecer era construir uma velhice de dignidade, enquanto nas sociedades da era das ciências, investir no envelhecimento é recuperar a juventude, nem que seja somente nas aparências e nas ilusões. Edgar Morin resume em poucas palavras, quase biográficas, este fenômeno dizendo, “hoje, se pode viver todas as idades precedentes. E agora, quando se misturam envelhecimento e rejuvenescimento, sinto em mim todas as idades da vida. Sou permanentemente a sede dialógica entre infância/adolescência/maturidade/velhice. Evoluí, variei, sempre segundo essa dialógica. Em mim, unem-se, mas também se opõem, os segredos da maturidade e os da adolescência” . (Morin, 2000b, p. 256)

O apelo à magia das ciências retoma os sonhos dos antigos navegadores medievais em busca do elixir e da fonte da eterna juventude. Em lugar de países longínquos a fonte da eterna juventude está no poder da ciência. Quanto aos recursos que a ciência oferece para satisfazer uma cultura generalizada de enfrentamento do envelhecimento são conhecidas do público. O que importa não é descrever o que a ciência oferece, mas lembrar os valores adotados para valer-se da magia da ciência. Em primeiro plano está a manutenção da juventude e da beleza a qualquer preço. A maioria reconhece que, para manter as aparências da juventude, não se recusa sacrifícios e esforços. Parece que envelhecimento, como já foi dito, não é envelhecer, mas rejuvenescer. E isto porque a grande virtude do homem na era da ciência é ser ou manter-se jovem. Em lugar de valorizar a experiência do passado valorizam-se as perspectivas do futuro.

Nesta ânsia de camuflar o envelhecimento recorre-se até à alteração da linguagem. Os verbos morrer e falecer foram substituídos por deixar. Ele nos deixou, em lugar de ele morreu. Os termos velho, velhice e idoso tornam-se pejorativos e são designados pelas expressões adocicadas: “terceira idade” e, mais recentemente, “melhor idade”. Esses recursos de linguagem sofreram uma crítica contundente e pouco elegante, mas verdadeira, do Prof. Georgis, que merece ser transcrita na íntegra. “Que coisa mais cabotina essa tal de ‘melhor idade’ É a grande falácia da atualidade, é afirmação retórica digna dos sofistas gregos: como pode ser ‘melhor’ quando se claudica, esbarra-se nas cadeiras, tem-se embaraço com os papéis que caem ao chão, acelera-se a chegada em casa para não molhar as calças, dói a cervical; o dentista nega o implante, o médico proíbe a cerveja, ovo nem pensar, expurgar a graxinha da costela, apenas frango insosso e peixe, léguas de verduras, manteiga só o rótulo; os olhos se repuxam para enxergar o lance televisivo, convenhamos: é a ‘melhor idade’”? (José C. T. Georgis)

Diante do ideal supremo de juventude, não é raro, testemunhar atitudes indelicadas, até certo ponto, grosseiras de quem não quer reconhecer que está envelhecendo ou envelheceu. Provavelmente, todos já assistiram fatos desta natureza. A escritora, Marta Medeiros, relatou alguns casos, em sua coluna dominical de Zero Hora. Segue a transcrição: “Comenta-se muito a falta de respeito de alguns jovens para com os mais velhos, principalmente na rua, quando há gente que entra na fila dos idosos para chegar mais ligeiro ao caixa. Mas também há pessoas idosas nada compreensivas diante de gestos de consideração por sua longa trajetória de vida”.

“Trago aqui o desabafo de uma jovem leitora da coluna, que ficou encabulada com a atitude de um senhor, quando dia desses, sentada num ônibus lotado, ela levantou-se para ceder o lugar a ele. Qual não foi sua surpresa ao ouvir, em vez de agradecimentos, uma ríspida reclamação”.

“É isso aí, a gente sabe que está velho quando querem nos dar lugar no ônibus. Não preciso disso, menina”.

Essa atitude de recusa fica ainda mais patética na análise que Luiz Fernando Veríssimo fez a respeito de Michel Jackson. “Por fim, escreveu L. F. Veríssimo, Michel Jackson nem se contentou em ser branco, como não se conformou em envelhecer como qualquer um. Ele foi, antes de mais nada, um trágico herói da insubmissão à vida”. (Zero Hora 02.07.2009)

E para completar, certamente, pode haver espaço para uma citação mais jocosa e irônica e pouco científica, infelizmente não foi possível recuperar o nome do médico, autor do comentário. "No mundo atual está se investindo cinco vezes mais em remédios para virilidade masculina e silicone para mulheres do que na cura do Mal de Alzheimer. Daqui a alguns anos, teremos velhas de seios grandes e velhos de membro ereto, mas eles não se lembrarão para que servem". (Correio Eletrônico).

ÉTICA E ENVELHECIMENTO HUMANO

Até agora foi apresentada a ciência como aquela instituição epistemológica que assumiu a tarefa de explicar a realidade fornecendo sua constituição interna e seu modo de operar. A cultura, por sua vez, foi descrita como um sistema de significações através do qual é possível estabelecer a identidade de todos os componentes no interior de uma ordem social. Cabe à ética apresentar os princípios que devem orientar as atividades científicas e assegurar a legitimidade de uma ordem social, mas somente poderá fazê-lo em nome de um valor absoluto e universal.

A ética, tanto quanto a ciência e a cultura, reflete uma complexidade resistente às lógicas simplificadoras. Além disso, ela ultrapassa as outras duas pelo nível de responsabilidade diante do ser humano. Em última instância caberia à ética traçar os caminhos do bem e do mal para a ciência e a cultura, e intervir sempre que o humano do ser humano está ameaçado. Ninguém duvida destas tarefas da ética. O impasse está em estabelecer em nome de quem ou de quem são definidos os princípios da ética, isto é, a realidade última dos conteúdos éticos.

A história das aventuras da ética em busca de suas raízes é longa e tortuosa. Houve uma longa época, nos primórdios da evolução da espécie humana, que não se tem notícias de questionamentos e divergências sobre a ética de cada sociedade. Aparentemente tudo estava naturalmente estabelecido em nome de tradições milenares. Coube aos gregos, diante de uma nova ordem social, constituída por vários povos com tradições diferenciadas e conflitantes, buscar uma base comum e universal para a ética. Assim, a ética se tornou um capítulo fundamental do filosofar grego. Nenhum filósofo deixou de dedicar parte de seus escritos aos temas éticos. Ética a Nicômaco, obra principal de Aristóteles sobre o tema, continua até hoje a referência indispensável para quem deseja penetrar no sinuoso labirinto que conduz ao centro das questões éticas no Ocidente até hoje. Por isso, esse espaço filosófico da ética continua até hoje com alterações nos aspectos que se estendem desde a preocupação pela questão de possíveis éticas regionais até a proposta de assegurar uma ética universal.

Os povos que viveram no período em que tudo estava expresso nas mitologias, que lhes conferiam identidade, a ética fazia parte destas tradições. Não se entrava em detalhes. Tudo era aceito como definitivamente estabelecido por instâncias superiores

aos mortais. A rigor, conforme o nosso paradigma epistemológico, o termo, ética, não se aplicaria a estes casos, já que se tratava de normas de comportamento, sem nenhuma base teórica, exigência indispensável para assegurar legitimidade a qualquer atividade.

Retornando aos gregos, autores da primeira teoria ética independente das mitologias, a *Physis* foi proposta como o fundamento da eticidade e, não só desta, mas de toda realidade. A *physis* é a fonte originária de todos os seres e princípio legitimador de suas manifestações. A natureza determina o ser, isto é, a natureza de cada coisa. A natureza presente em cada ser vivo determina o seu modo de agir. Agir conforme a natureza própria é eticamente correto.

Andando a passos largos pela história das construções teóricas da ética, com um olhar do presente ao passado, observa-se que a teoria da *physis*, digamos, naturalista da filosofia grega, foi acrescida pelas crenças teológicas do Cristianismo, especialmente durante a Idade Média. Na verdade, para a teologia cristã, Deus é o princípio primordial de toda a eticidade. A natureza, por sua criação, é a manifestação temporal da ética divina. O homem, com sua inteligência, pode intervir para tornar explícitos ou atualizar os desígnios imutáveis de Deus. A revelação, escrita nos livros sagrados, é a referência única para assegurar o que é ou não é ético. Portanto em toda a Idade Média cristã não houve preocupação com os fundamentos da ética, esta foi direcionada para estabelecer normas morais para assegurar o cumprimento da vontade divina.

Uma pergunta: será que atualmente a ciência está ocupando o lugar da Divindade?

O Iluminismo, que começa no século XVII e atinge o apogeu no século XVIII – o século das luzes – rompe com a tradição teológica cristã e proclama o antropocentrismo e elege a Razão como seu único guia. Desta época em diante coube à razão a tarefa de desenhar uma nova ética do homem para o homem. A ética racional não tem a eternidade como a finalidade última, mas o bem estar temporal.

Os esforços para estabelecer os fundamentos teóricos da ética antropocêntrica se multiplicaram sem o sucesso esperado. Três propostas podem ser colocadas como marcos desta busca do princípio universal da ética racional. A obra, *Ética Demonstrada Segundo o Costume dos Geômetras*, de Baruch Spinoza (1632-1677) certamente, é a primeira tentativa mais sistematizada sobre os fundamentos da ética racional.

Em seguida vêm a teoria do Imperativo Categórico, proposta pelo filósofo Alemão Emmanuel Kant (1724-1804) que teve e tem uma grande repercussão entre os filósofos europeus. A escola de Frankfurt reuniu os principais pensadores que, seguindo o pensamento ético kantiano da razão prática, apresentaram várias propostas, todas baseadas na esfera cognitiva. A bem da verdade, parece que Kant continua influenciando os intelectuais que persistem, no meio de novas tendências pragmáticas, em encontrar um fundamento ético científico-racional de caráter universal. Uma visão bastante abrangente sobre essas éticas cognitivistas está na obra, *Itinerários de Antígona – A Questão da Moralidade*, da filósofa Barbara Freitag,

Até o momento, é preciso reconhecer que as éticas cognitivistas não deram a resposta esperada. Enquanto esta resposta não chegar, o que vigora é uma ética pragmática, comandada por opiniões, quando não, por interesses, camuflados por intenções humanitárias em nome da proclamação dos direitos universais da humanidade.

Diante deste vazio ético, mais do que propostas concretas, surgem críticas ao conceito de universalidade da maneira como foi inventado. O filósofo francês, François Julien, é um dos representantes desta linha de pensamento. Em sua crítica ele afirmou numa entrevista recente: “O universal exprime um conceito da razão, emergindo da tradição européia, e se reclama como uma necessidade à priori, confundindo-se com a elevação do pensamento e com a própria ciência. Assinala, assim, uma intransigência inegociável”. E continua: “É o universal que se afirma na Declaração dos Direitos do Homem. O Ocidente tenta impô-la a todos os povos do mundo, independente de sua cultura, como um dever, exigindo subscrição incondicional”. Como solução deste problema ele reconhece que “o universal está em curso e pode agir como agente promotor, adaptando-se à especificidades culturais”. Para que isto aconteça, segundo Julien, é preciso incorporar outros dois conceitos, o de interculturalidade, que impede a imposição da ótica de uma cultura, e a transindividualidade, no sentido que todos os indivíduos estão ligados pela mesma essência. Aqui, certamente, pode-se introduzir a idéia de socialidade no amor de Maturana. O tema voltará mais adiante.

Chegou o momento de perguntar, e nisto tudo como fica o envelhecimento? Fica sem resposta ou com uma resposta parcial. Em princípio, adota-se uma ética pragmática a partir da idéia que o que se faz, ainda que sem provas cabais, é feito para o bem o ser vivo. Supõe-se que ninguém buscaria prejudicar a si mesmo. Acontece que, em certas atitudes, por razões diversas, o mal passa a ser visto como um bem porque satisfaz os objetivos do indivíduo.

Esta ética pragmática encontra seu fundamento maior no conceito de propriedade. O indivíduo se diz proprietário do corpo. E, todos sabem, o senhor dispõe a seu bel prazer o que lhe pertence. Com o meu corpo eu faço o que eu quero. Então o bem do corpo não é o bem dele, mas o bem do seu senhor. O senhor projeta a si mesmo um perfil de corpo ou um ideal de vida e passa a investir, não no seu corpo efetivo, mas num corpo idealizado. Para isso, não é preciso repetir, dispõe de enorme acervo de recursos científicos e técnicos, aliados com uma mássica propaganda mediática comercial. O corpo idealizado passa a ser o fundamento ético legitimando qualquer decisão.

Neste sentido, as éticas cognitivistas dificilmente se tornam convincentes com seus argumentos racionais diante da força dos argumentos emocionais. Alguns estudiosos começam a apontar um novo caminho, o da bioética.

Bioética

O conceito de bioética é recente, mas seus avanços estão em plena e rápida evolução. O termo bioética iniciou como designação e controle dos procedimentos éticos entre médico e paciente, em seguida passou a englobar um conjunto de iniciativas chegando à idéia que a vida poderia ser o fundamento da futura eticidade. Inicialmente, se falou em normas de tratamento da vida, não mais do paciente do médico, mas a vida em geral. Hoje, se fala que é a vida que deve nortear a ação intervencionista do homem sobre a vida ou os seres vivos. A bioética passou a designar a ética da vida. Portanto, o ser vivo, humano ou não, deve ser respeitado no interior de sua auto-organização. Ou, lembrando Maturana, o ser vivo é um sistema auto-referido, o que impõe que toda a intervenção deve estar a serviço do pleno

desenvolvimento deste sistema auto-referido, respeitando a especificidade de sua estrutura.

Não se pode antecipar a solução da eticidade pelo fato de privilegiar a bioética como a grande saída para superar o fracasso das éticas cognitivistas, porque, desde o início, pode apresentar desvios alarmantes. Ao tomar as ciências biológicas como informantes do conhecimento que autoriza a intervenção no ser vivo, falta garantir qual seria o conhecimento eticamente válido. Por exemplo, a engenharia genética tem recursos para aperfeiçoar um organismo vivo pode levar à eugenia, melhoramento da espécie viva. Quem estabelece os limites. Nos seres vivos vegetais e animais todos conhecem os melhoramentos, sempre em função de um rendimento econômico e comercial. Não para que o animal tenha uma vida melhor. Se fosse possível dizer, diríamos, “mais feliz”. Há movimentos questionando, por exemplo, a criação em confinamentos.

Para encurtar essa questão, é bom lembrar a conferência de Peter Sloterdijk, Regras para o Parque Humano. Nela pode-se entender que da mesma maneira como se instala um arca para a melhoria de cavalos de raça em função de interesses comerciais, seria possível criar um parque humano. Evidentemente, houve uma forte reação contrária, mas os argumentos não foram suficientes para eliminar a idéia.

Diante destas breves informações, talvez, o tema desta palestra poderia ter-se resumido a uma reflexão sobre as contribuições da bioética para entender o Processo do envelhecimento, não apenas no aspecto biológico, mas, também, nos aspectos psicológicos e sociais.

Fica claro que a ética, tomando como ponto de partida a bioética, precisa se distanciar dos conceitos racionais e, em parte, das manipulações científicas. O caminho que conduz a esse cenário, também, é muito novo e, o que o torna mais suspeito, é seu distanciamento das lógicas racionais. Trata-se da Ética da Estética.

Ética da Estética

Um dos primeiros intelectuais a falar em ética da estética, foi o atual filósofo francês Michel Maffesoli. Numa palestra, proferida em Belo Horizonte (1985), ele desenvolveu o raciocínio seguinte, reproduzido aqui não com as mesmas palavras. Há, segundo suas palavras, “um deslizamento entre a moral política e a ética da estética”. A moral política tem seu referencial maior nos direitos humanos, a ética da estética encontra sua maior expressão no culto do corpo, uma das maiores tendências do homem e das sociedades contemporâneas. O culto do corpo começa pela sua construção, mas, é uma construção em que, adverte Maffesoli, “um corpo é construído sob o olhar do outro e para que ele possa ser olhado pelo outro”. E conclui, “Creio que essa idéia de construção do corpo é, para mim, uma das primeiras manifestações dessa ética da estética”.

Para esclarecer melhor o seu conceito de ética da estética, Maffesoli apela para o sentido etimológico do termo grego *Aisthesi*, que significa sensibilidade, sentir. Em outras palavras: quer dizer experimentar com outros alguma coisa. Cria-se assim, explica Maffesoli, “um novo liame que se funda no que chamo de ‘o estético’ permanecendo o mais próximo possível do seu sentido etimológico, isto é, o fato de que vou experimentar emoções com outros em todos os sentidos”. A idéia de estética,

no sentido de sensibilidade, aparece com mais profundidade em seu livro, Elogio da Razão Sensível.

A proposta da Ética da Estética, sem dúvida nenhuma, pode-se afirmar que encontra eco na idéia de socialidade de Humberto Maturana, Esse elo do pensamento de Maturana com a ética da estética está nestas afirmações: “não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção. E a emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor – (...) – por isso digo que o amor é a emoção que funda o social”. As relações sociais e a vivência de si mesmo, insiste Maturana, não partem do racional e sim do emocional. A origem de todas as nossas decisões, em qualquer esfera, está na sensibilidade, isto é, na capacidade de viver emoções, inclusive quando se opta pela racionalidade. Proclamar o racional como a última instância da identidade humana, não é uma escolha racional, mas emocional. Os critérios do racional classificam e, por este procedimento, é possível diferenciar e excluir. A sensibilidade do amor não pode, em sua essência, produzir exclusões, porque o “amor é constitutivo da vida humana, e não é nada especial”. Nas obras de Maturana há uma insistência repetitiva sobre o emocional e sua manifestação primordial, o amor, como fundamentos da vida pessoal e da convivência social. Para documentar essa observação sobre o esforço insistente de redefinir o espaço do emocional na vida individual e nas relações inter-individuais, nada mais justo o que recorrer a suas palavras. “Repito: sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, sem aceitar o outro como legítimo outro na consciência, não fenômeno social”.⁶

PALAVRAS FINAIS

O anúncio das palavras finais não significa que sejam as últimas e, muito menos conclusivas, mas apenas um intervalo para realimentar diálogos e desafios futuros, especialmente. A conclusão não faz parte do discurso que entende a filosofia, não como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Portanto não tem a função de concluir, de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates.

A vida, em todas as suas manifestações e, de modo particular, a vida humana, continuará um mistério, não no sentido do não explicável, mas no sentido de algo que consegue preservar o núcleo central de sua dinâmica, pelo menos enquanto for olhada pelas lógicas das ciências empíricas, e no mesmo sentido em que, no dizer de Pascal, o coração tem razões que, em nenhum momento, a Razão poderá conhecer. Por enquanto, tudo indica que a ciência atual, dentro do paradigma epistemológico que utiliza, estaria fadada ao insucesso, pelo simples fato de que a vida segue outras lógicas. Certamente, a ciência moderna conseguiu avançar em relação aos seres vivos, mas em relação à origem da vida e o processo de sua evolução, pode estar tão próxima ou tão distante quanto as crenças religiosas.

Ciência cultura e ética não são compartimentos isolados. O conhecimento, no seu sentido mais amplo de saber, será sempre o responsável pelas tecituras culturais e éticas. Se a era atual é a idade da ciência, é ela que funda o sistema de significações de

⁶ Humberto Maturana. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. P.21 1 35.

nossa cultura e, em última instância, acaba determinando os princípios éticos, ponto de partida de qualquer código de ética profissional.

Para complementar as justificativas anti-conclusivas, fica coerente recorrer a duas situações provocantes e representativas de valores opostos. Cada leitor poderá verificar em qual delas se enquadra o perfil de seus ideais.

Primeira situação. Avaliem o sucesso de um evento se, no final, puder anunciar e subscrever com bases rigorosamente científicas uma propaganda deste teor: “imagine ir dormir com um pijama ou camisola que solta partículas de Vitamina A, E, F, de aloevera e jojoba? Sim, isso é possível com o lançamento da La Chatte Eco Fun, empresa do polo de moda de Nova Friburgo, do Rio de Janeiro, que mostra sua coleção no Rio-à-Porter, bolsa de negócios ligada ao Fashion Rio. As peças - calças saruel, shorts boyfriend, camisolas e camisetas - chegarão ao público custando entre R\$40 e R\$90”.

Segunda situação. Para contrapor a idéia acima exposta, vou dirigir aos que estão envelhecendo e, talvez, para todas as faixas etárias, as palavras que Nelson Mandela dirigiu à juventude da África do Sul, num encontro na Universidade de Johannesburgo: “Sejam os autores de seu próprio destino e representem a si mesmos como estrelas que clareiam o caminho de um amanhã melhor”.

|

Silvino Santin

Santa Maria, 20.04.2010.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA
VI JORNADA DE INVERNO
DESAFIOS DA CIÊNCIA DO ENVELHECIMENTO: INTERFACE ENTRE A ÉTICA E A
GERONTOLOGIA

Gramado: 26 a 28. 8. 2004.

Este texto foi publicado pela editora da UPF – Envelhecimento humano: saúde e dignidade

Bioética e o Envelhecimento

1. Observações iniciais

Inicialmente devo dizer que a formulação do tema proposto, bioética e envelhecimento, deixou-me um tanto perplexo diante da diversidade de possibilidades de compreensão do mesmo, certamente, por não dominar o discurso científico praticado na área da biologia e da medicina.

As ciências empíricas ou exatas costumam formular com clareza os elementos do problema. Aqui, esses elementos, expressos por dois substantivos, bioética e envelhecimento, e por um aditivo e um artigo. Não posso aqui me deter em fazer uma hermenêutica dos termos e nem da sintática. Quero lembrar, apenas, que a bioética ficou desprotegida, sem uma partícula ou predicado que a limitasse. Envelhecimento, ao contrário, é precedido de um artigo definido, este indicaria que se trata de um envelhecimento específico. O e é uma conjunção que pode ter duas funções, uma coordenativa, aditiva outra.

Pergunto: qual seria a mais adequada neste momento? Eu opto pela função coordenativa. Por isso, vou tentar coordenar bioética e envelhecimento baseado na minha formação acadêmica e na minha atividade docente.

Apenas para situar os ouvintes, devo dizer que sou graduado em filosofia e que no mestrado e doutorado desenvolvi temas da filosofia da linguagem nas linhas do pensamento europeu, particularmente alemão e francês, com maior ênfase no segundo.

Para completar a informação, preciso dizer que minha atividade docente sempre foi profundamente marcada pelo recurso da reflexão filosófica nos mais diferentes cursos universitários, de graduação e pós-graduação. Além do curso de filosofia, destacaria o curso de educação física, por mais 20 anos, o de medicina, durante 6 anos, e com várias atividades junto a cursos de enfermagem de diferentes Instituições..

A segunda observação diz respeito ao significado de bioética e envelhecimento. Vou começar pela bioética. Não pretendo adotar uma definição, nem entrar em detalhes sobre sua paternidade e idade cronológica. Vou adotar uma classificação, baseado em situações diferentes onde ela acontece.

Uma bioética, que poderia ser chamada de médica, seria a que se preocupa, não só das relações entre médico e paciente, mas de todos os procedimentos fundados nas práticas médicas, aqui incluído todo processo de produção de fármacos.

Uma segunda bioética, que eu penso ser a bioética propriamente dita, levaria em consideração toda forma de vida. No meu entender, aqui estaria o verdadeiro significado de bioética, isto é, a ética (o que se refere aos costumes) da vida. A bioética seria a ética imposta pela dinâmica da vida. A vida determina o ethos.

Uma terceira bioética, que eu chamaria de extensiva ou social, atingiria o mundo social. Ela incluiria no seu debate as questões das exclusões sociais. Os excluídos, não somente das condições de viver, mas de uma vida digna ou do direito de uma vida com qualidade.

Por fim, preciso entrar no mérito da questão do envelhecimento. Acredito que nas áreas de geriatria e da gerontologia não paira dúvidas sobre o sentido de envelhecimento, entretanto, para os leigos destes saberes, como é o meu caso, quando se começa refletir se percebe a complexidade do fenômeno. Numa observação hermenêutica superficial, envelhecimento é um termo que conota movimento. Ele exprime o processo de envelhecer. Envelhecer é estar a caminho para a velhice. O dicionário define envelhecimento como o “conjunto de fenômenos que caracterizam o enfraquecimento da vitalidade”. Nesta definição me parece que envelhecimento é confundido com velhice.

Três problemas:

1. Se o envelhecimento é movimento, quando começa? Pode-se estabelecer um momento cronológico ou biológico como o início de envelhecer? Para definir o envelhecimento devo partir de um conceito de velhice ou devo partir da evolução de um organismo vivo? Se tomarmos como base a corrente existencialista heideggeriana, que nascemos para morrer, fica claro que o envelhecimento já está inscrito no nascimento.

2. E fora da compreensão biológica, como fica o envelhecimento? Por exemplo, na ordem social, seria possível estabelecer o significado de envelhecimento? Indo mais para o particular, no interior do sistema produtivo pode-se encontrar uma gama muito ampla de envelhecimentos. Nas práticas esportivas, já que estamos ainda ouvindo o eco das olimpíadas, os atletas de alto de rendimento envelhecem no ritmo da modalidade esportiva praticada.

3. Por fim, acredito ser importante sublinhar a tendência analítica das ciências empíricas de isolar objetos para estudá-los em suas mínimas partes, que se tornariam base para uma ciência. Lembro, aqui, que no programa preliminar desta VI Jornada de Inverno, na folha de rosto há o mapa do Rio Grande do Sul com os dizeres: Desafios da ciência do Envelhecimento: Interface entre a Ética e a Gerontologia. Portanto, haveria uma ciência específica do envelhecimento. Assim, seria correto isolar o envelhecimento como um fato autônomo da vida de uma pessoa ou de qualquer ser vivo? É possível sustentar o dualismo de um envelhecimento físico ou biológico e outro mental? Ou o homem envelhece por inteiro?

A última observação é para dizer que este meu estudo não teve a pretensão de fazer ciência. Pela minha formação, como já foi dito acima, não teria condições de fazê-lo. Ele é, apenas, o resultado de uma reflexão filosófica na continuidade de atividades de pesquisa, de docência e de orientação, iniciadas há mais de três décadas.

2. A tarefa

A tarefa, se bem compreendi o tema, seria coordenar bioética com envelhecimento. A execução da tarefa seria fácil e simples se bioética e envelhecimento fossem duas realidades ou entidades plenamente definidas e conhecidas. A não ser que se defina a bioética como um código de condutas, procedimento que em certos cursos profissionalizantes ocorre quando se confunde ética com deontologia; e o envelhecimento como um processo biológico definido e controlado. Infelizmente, para mim, bioética e envelhecimento são realidades pouco precisas e indefinidas. Por isso precisei recorrer a artifícios que a reflexão filosófica permite.

Vou retomar as três instâncias da bioética apresentadas no início da minha fala. Quanto à primeira instância, referente às relações médico/paciente, devo confessar que não tenho condições para me pronunciar. Ousaria, talvez indevidamente, afirmar que não vejo muita diferença entre bioética e o código de normas. Sua característica básica seria a lei. Neste sentido, vou recorrer ao romance de Vercors, *Les animaux dénaturés*. O autor narra que um jovem etnólogo vai estudar na África uma população que não sabe se deve ser classificada com os grandes macacos ou com os seres humanos. Para decidir, o etnólogo se casa com uma fêmea do grupo. Dessa união nasce um filhote. O etnólogo, surpreendentemente, o mata. Posteriormente ele comparece, em Londres, diante de uma corte de justiça. A questão era saber se essa morte constituía um homicídio ou era uma simples partida de caça. Cabia à corte dar uma resposta à questão. Neste caso fica claro que a lei é a lei que decidirá sobre a natureza da vítima. (Jacob. P. 91).

A segunda instância propõe o respeito a toda e qualquer forma de vida, humana ou não. Aqui reside, no meu entender a questão central da bioética. A vida é a fonte da bioética. A bioética nada mais é que a ética da vida.

Neste momento me permito um rápido olhar sobre a história da ética para sublinhar alguns fundamentos adotados pela cultura ocidental para construir éticas. Como não poderia ser diferente vou começar pelos gregos.

A *Physis*, em seu sentido etimológico original, significa a fonte de toda a energia daquilo que existe e daquilo que vier a existir, e que os latinos traduziram por natureza. Desta maneira a *Physis* (natureza) define o modo de ser e de agir de cada ser. Ela se constitui, também, no fundamento da ética. Na obra de Platão encontramos uma ampla exposição mostrando a relação do agir próprio de cada ser segundo sua natureza.

Para falar metaforicamente sobre este ponto, vou lembrar uma lenda que está no livro, *O rato, a mosca e o homem*, de François Jacob (Prêmio Nobel de fisiologia e Medicina, em 1965 junto com J. Monod e André Lwoff). “À beira de um rio, um escorpião caminha nervosamente, procurando chegar à outra margem. Aparece uma rã. “Você quer me levar nas costas e me ajudar a atravessar o rio?”, pergunta o escorpião. “Não sou louca”, responde a rã, “para você me picar?” “Não, retoma o escorpião, “que interesse eu teria em pica-la? Afundaríamos os dois; além disso, eu pago bem!” Convencida, a rã aceita levar o escorpião em suas costas. Ela começa a nadar para a outra margem. Uma vez no meio da água, o escorpião pica a rã. Antes de morrer, ela pergunta: “Mas por que você fez isso?”. “Porque faz parte de minha

natureza”, diz o escorpião, e afundam os dois na água. (F. Jacob. O rato, a mosca e o homem p. 90)

Fica claro que a metáfora não explica, apenas transpõe a compreensão do fenômeno em outra dimensão.

Depois o Deus bíblico, comungado pelas três grandes religiões ocidentais, Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, substitui a *Physis* como fundamento da ética. Invocado constantemente na condenação do aborto, inclusive, em casos de anincefalias. E também para lutar pela posse da milenar Terra Prometida, presente no conflito israelo-palestino. Nesta mesma situação está a bula papal que garantia aos descobridores cristãos dos séculos XV e XVI, o domínio das terras e das gentes. (Cf. Sermões de Vieira)

Depois, na idade moderna, vem a Razão como a última instância de eticidade antropocêntrica. Neste esforço de construir uma ética da racionalidade cito, entre outros, apenas Baruch Spinoza (1632-1677) com sua obra, *A ética demonstrada segundo a ordem geométrica*; Emmanuel Kant (1724-1804) com o famoso Imperativo Categórico; e, por fim, não poderia deixar de lembrar Jürgen Habermas, talvez o mais importante defensor da Teoria da ética discursiva, com sua obra, *Consciência Moral e Agir Comunicativo*.

Para completar cito o livro, *Itinerários de Antígona*, de Bárbara Freitag como o mais lúcido resumo, que eu conheço, das diferentes correntes das éticas cognitivas.

A minha reflexão, referente ao papel da razão diante da ética, não para por aqui. Continuo lembrando, o que é de todos conhecido, de que a ciência, o grande produto da racionalidade moderna, deveria ser o fundamento da ética. Os próprios cientistas, diante desta possibilidade, se perguntam, teria a ciência as credenciais suficientes para assumir o papel fundante da eticidade?

Não há unanimidade de respostas. Por isso, vou conduzir a minha reflexão seguindo o desafio desta pergunta e das respostas. Para isso vou recorrer aos próprios cientistas. Inicialmente cito Humberto Maturana que parte do princípio de que somos nós que estabelecemos os valores. Assim, “a racionalidade ou a razão, essa que cultivamos como sendo o paradigma absoluto da verdade e do bem, foi elevada a essa dignidade, não por uma decisão racional, mas por uma decisão emocional. Porque nos agrada, porque gostamos, porque nos interessa”. (*Emoções e Linguagem na Educação e na Política*)

Essa decisão pela razão, como fundamento da verdade e do bem, como veremos a seguir, provocou uma crise profunda nos fundamentos éticos. Os pensadores de todas as áreas do saber, que se debruçam sobre este problema, são muitos, todos concordam que as ciências, em nome da verdade objetiva, sacrificaram a categoria dos valores. O postulado da objetividade “interdita”, como diz Monod, “de imediato toda confusão entre juízos de conhecimento e juízos de valor, por um processo de exclusão dos segundos”. (*O Acaso e a Necessidade* p. 193).

Bronowski, por sua vez, diante da atual crise da ética afirma: “A ciência não parou desde Hobbes, mas assuntos tais como a ética pararam. Em vida de Hobbes, Spinoza apresentou a sua obra ‘*Ethica ordine geometrico demonstrata*’, comprovada numa ordem geométrica”. E completa dizendo: “O sistema geométrico da ética esgotou as suas descobertas. Já não diz nada de novo e, pior ainda, nada de novo pode ensinar”. (*Ciências e Valores Humanos* p. 45-46). No mesmo sentido encontramos Einstein que, ao lamentar uma ciência sem juízos de valor, disse: “Sem cultura moral,

nenhuma saída para os homens”. (Albert Einstein *Mein Weltbild* – Trad. Como vejo o mundo p. 25).

Neste cenário cientificizado há aqueles que acreditam poder atribuir à ciência a prerrogativa de fundar a ética secular. Entre eles, está Jacques Monod, (Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, de 1965). Em seu livro, *O Acaso e a Necessidade*, ele propõe a ética do conhecimento com a seguinte argumentação: “o primeiro mandamento que funda o conhecimento objetivo, não é e não poderia ser objetivo: é uma regra moral, uma disciplina. O conhecimento verdadeiro ignora os valores. Para fundá-lo, porém, é preciso um juízo ou, antes um axioma de valor. É evidente que colocar o postulado da objetividade como condição do conhecimento verdadeiro constitui uma escolha ética e não um juízo de conhecimento, uma vez que, segundo o próprio postulado, não poderia haver conhecimento ‘verdadeiro’ anterior a essa escolha arbitral. O postulado de objetividade, para estabelecer a norma do conhecimento, define um valor que é o próprio conhecimento objetivo. Aceitar o postulado de objetividade é, portanto, enunciar a proposição de base de uma ética: a ética do conhecimento”. (Jacques Monod. *O Acaso e a necessidade* p. 194).

Na mesma linha de Monod, me parece, posso colocar Jean-Pierre Changeux, conhecido como o homem dos neurônios, é neurobiólogo, titular da cadeira de Comunicação Celular no Collège de France e no Institut Pasteur. (*Do Caos à Inteligência Artificial* p. 153). Ele faz uma biologia do espírito. Segundo ele as neurociências, através de trabalhos conjuntos com anatomia, análise funcional, bioquímica e biologia molecular, vão facultar um progresso no sentido dessa utopia freudiana. Freud tentou reconstruir o psiquismo sobre bases físicas. Desta maneira, escreve ele, “A faculdade da memória, como a do entendimento ou a da razão, é essencialmente um dispositivo neuronal que geralmente considero inato, e que é próprio à espécie”. O que leva a pensar num modelo de arquitetura neuronal. (Id. p. 155). Com base neste princípio, Changeux propõe que se tomem em consideração os dados da ciência e do conhecimento objetivo na construção de uma ética. “Com isso”, diz ele, “procuro justamente distinguir as ‘morais’, que se apresentam com uma grande diversidade, da ‘ética’, que é uma teoria geral das morais, e que deveria permitir apreender um certo número de traços comuns nessas morais, a fim de definir uma ética universal comum à espécie humana. Questionado, ele se defende dizendo que pensa não estar ultrapassando os seus direitos de neurobiólogo ao lançar a “hipótese de que possam existir bases neurais da ética”. Ele acredita que os “neurobiólogos, que conhecem a estrutura do cérebro, tenham mais aptidões para erigir uma ética do que um religioso ou um pensador”. (Id.p.163).

Há também autores que julgam que não se pode atribuir à ciência o poder de garantir uma ética. Por exemplo, Henri Atlan, (médico, biólogo, professor agregado à faculdade de Ciências de Paris e à Universidade Hebraica de Jerusalém), em sua obra, *A Tort e a Raison*, no meu entender, apresenta um contraponto às posições anteriores. Atlan afirma que a sociedade cobra ética por parte da ciência porque, paralelamente ao desenvolvimento das ciências exatas, as normas éticas tradicionais perderam a sua credibilidade. Para exemplificar ele cita a atitude de alguns ouvintes de uma rádio cultural em que diziam: “Não acreditamos mais nas religiões, nem nas filosofias, somente na ciência, porque ela é bem-sucedida. É, portanto, dever dos cientistas nos indicar como viver”. A posição de Henri Atlan, entretanto, é contrária. Ele afirma categoricamente: “Toda minha tentativa consiste em explicar que esta exigência

carece de fundamento”. (Cf. A Tort e a Raison e Do Caos à Inteligência Artificial p. 63 apud Guitta Pessis-Pasternak).

Para concluir este ponto, quero lembrar que o humanismo antropocêntrico, cuja base maior é o conhecimento científico, desde o início, sofreu para construir a tão sonhada ética secular. Neste sentido nada melhor do que invocar um dos maiores, senão o maior, teórico e crítico atual dos fundamentos da bioética, H. Tristram Engelhart Jr. Prof. Do Departamento de Medicina e do Departamento de Filosofia e do Centro de ética médica. As citações, tiradas de sua mais importante obra, Fundamentos da Bioética, trad. Edições Loyola, e aqui trazidas, não significa que sejam mais fundamentais, mas apenas porque se colocam na linha da presente reflexão.

A crise, por ele apontada, para encontrar o caminho da secularidade na ética, se dá porque “a incursão por posições filosóficas que caracterizariam uma bioética ‘secular’ foi incrementada, para ressaltar os desafios apresentados à bioética contemporânea, às políticas de assistência à saúde, à justiça social e à ética ambiental, pelo confronto com as normas morais que é preciso aplicar.” E ele continua, “muitos consideraram Fundamentos da bioética uma defesa do valor do individualismo, da liberdade ou da autonomia”. (...) “Assim, ele reconhece que os indivíduos que tentam resolver suas controvérsias morais e não ouvem a Deus com clareza não encontram argumentos racionais sadios para resolvê-las”. (Prefácio p. 16)

Diante desta situação Engelhart afirma que “a bioética enfrenta desafios, mas muitos não reconhecem a fraqueza do raciocínio secular, negam a existência de uma diversidade real entre as perspectivas morais”. (...) “Malgrado o projeto de formar uma moralidade secular geral sem compromisso com uma visão moral particular, o moderno projeto filosófico de justificar uma bioética secular fracassa.” E conclui, “o desafio da bioética secular é substancial: as tentativas de unir as diversidades por meio de uma moralidade secular canônica falharam”. (Id. 15-16)

Diante deste cenário de pouca visibilidade objetiva me parece que a humanidade continuará perseguindo, por quanto tempo ainda não se sabe, um fundamento seguro para construir a universalidade da ética. Isto possibilita uma pergunta: a vida poderia ser a nova tentativa de encontrar a justificativa para se falar em novo fundamento da ética?

3. A vida, fundamento da ética?

Um desdobramento do termo bioética poderia resultar em afirmar que se trata da ética da vida. Neste caso seria possível, também, concluir que a vida, isto é, sua organização seria o ponto luminoso da eticidade. Em palavras simples e claras, a vida funda a ética. Aqui, sem dúvida cabe citar o poema de Goethe Di natüreliche Tochter:

“A vida é da vida penhor,
só que, vinculada a si mesma,
a si própria põe em garantia”.

Proclamar a vida como o fundamento de eticidade, entretanto, não pode significar apenas uma troca ou substituição de elemento fundante. É preciso, em primeiro lugar, procurar respeitar a dinâmica da vida, o que exige que não seja explicada a partir de modelos a priori e arbitrariamente estabelecidos à maneira das ciências empíricas.

Uma bioética, pensada a partir do respeito à vida, coloca o grande desafio de saber como funciona a organização do vivente. Até pouco tempo o ser vivo, inclusive o ser humano, foi explicado como uma máquina regida por princípios mecânicos no estilo do *Homme Machine* de La Mettrie. Com o avanço da biologia molecular, é inaugurada uma nova maneira de entender a máquina viva. Monod admite, já na década de sessenta, que o ser vivo é uma máquina, mas uma máquina distinta das máquinas mecânicas, graças a três princípios que a regem: teleonomia, morfogênese autônoma e invariância reprodutiva. (*O Acaso e a Necessidade* p. 27). Com isso, certamente, estava dado um grande passo para se repensar a estrutura organizacional do ser vivo.

Está na mão dos biólogos, não mais dos físicos e dos químicos, ainda que possam colaborar, o compromisso de explicar o ser vivo. A pergunta de Maturana, “por que ou para que explicar o viver e os seres vivos?”, sem dúvida, pode ser tomada como a orientação para penetrar nos segredos da vida, inspiradores da bioética. Ele confessa “o que prematuramente me foi evidente neste processo foi que necessitava-se de uma palavra mais evocadora da organização do vivo que a expressão ‘organização circular’ que utilizava desde 1965”. E ele acrescenta: “a palavra que necessitava era autopoiese se o que desejava era uma expressão que captasse plenamente a conotação que eu dava ao falar da organização circular do vivo” (*De Máquinas e Seres Vivos* p. 17). Portanto, parece que a pergunta, acima feita, está, para ele, respondida ao dizer que: “o mais esclarecedor da teoria do vivente, é a teoria da autopoiese”. (*De Máquinas e Seres Vivos*. P. 24) Uma palavra que ele concebeu, depois de vinte anos de tentativas, como forma de sintetizar o que lhe parecia ser o “centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos”. (Id. P. 9).

A explicação autopoietica dos seres vivos tem uma história, em parte, um tanto casual, mas revela a necessidade de ultrapassar as explicações da física. Maturana conta que “ao passar todos os dias perto do laboratório de Inteligência Artificial, escutava as conversações dos mais eminentes pesquisadores em robótica da época, os quais diziam que o que eles faziam era usar como modelo os fenômenos biológicos. Marvin Minski era um deles. A mim parecia, ao escutá-los, que o que eles faziam não era modelar nem imitar os fenômenos biológicos, senão imitar ou modelar a aparência destes no âmbito de sua visão como observadores”. Essa constatação o levou a falar, segundo seu próprio depoimento, da autonomia dos seres vivos como sistemas auto-referidos, o que lhes garantia a sua própria auto-organização, o que significa dizer que o seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos. (Id. p. 13-14). O ser vivo é uma auto-criação porque é uma auto-organização.

Diante disto pode-se concluir que o ponto de partida da bioética está no respeito e no acompanhamento deste processo original e autônomo de auto-criação e auto-gerenciamento.

A teoria da autopoiese, não pode ser explicada pelo modelo mental linear das ciências modernas, em que o princípio da circularidade, já trabalhado filosoficamente por Heidegger, é automaticamente excluído. Somente através de um novo paradigma epistemológico, torna-se possível compreender a organização circular do ser vivo. É neste contexto que se torna possível falar no paradigma da complexidade. O pensamento complexo, segundo seus defensores, entre eles Edgar Morin, afirmam que ele permite entender os processos autopoieticos (auto-construtores, auto-

sustentadores, auto-gestionários), dos quais todos os seres vivos, humanos ou não, se constituem como exemplos.

Para não me estender demasiadamente com considerações complementares, creio ser mais convincente lembrar Jean-Pierre Dupuy. Diretor de pesquisas no CNRS, diretor do Centre de Recherches en Épistémologie Appliquée (CREA) de l'École Polytechnique à Paris, professor da Universidade Stanford, Califórnia. É partir “das teorias da auto-organização que se pode, efetivamente, considerar como um subcapítulo da teoria da complexidade, e que nasceram no domínio da Biologia. Todos ouviram falar do “programa genético” – essa hipótese de que o desenvolvimento e a história de um organismo vivo estariam de antemão escritas nos genes. É exatamente o que quer dizer, do ponto de vista etimológico, a palavra programa. Mas os biólogos foram obrigados a precisar que esse programa genético é um programa bem curioso na verdade, pois ele “programa-se a si mesmo”. (p.105).

Seguindo esta linha de raciocínio chega-se à ecologia. Autopoiese, complexidade e ecologia estão intrinsecamente fundidas. Uma não sobrevive sem as outras. Diz Fritjof Capra, Físico de Berkeley, Califórnia: “Eu chamaria o novo paradigma de “paradigma ecológico”, pois a ecologia insiste sobre a interdependência fundamental de todos os fenômenos e sobre a natureza intrinsecamente dinâmica do Universo.” (Do Caos p. 128

Preciso retomar um ponto que estava quase esquecido, a terceira instância da Bioética, que eu chamei de extensiva ou social.

4. A bioética extensiva ou social

A bioética extensiva é apenas uma conseqüência natural da bioética que respeita todas as formas de vida, não apenas a vida biológica, mas também, em se tratando do ser humano, da vida social, afetiva, cultural, etc. Neste sentido a bioética deveria se preocupar, também, em promover o direito de uma vida de qualidade para todas as pessoas e, em contrapartida, trabalhar para que não haja exclusões de nenhuma ordem. Se não for redundante dizer, e isto para todas as pessoas, não apenas para uma parte privilegiada da humanidade.

No interior desta extensão da bioética, cujo centro é a ordem social, quero lembrar o livro, ainda que polêmico, de Ivan Illich, (fez estudos de Cristalografia, de história e de filosofia), Nêmesys Medicale - L'Expropriation de la santé. (1975). O livro, como todos sabem, faz uma denúncia da exploração mercantil da medicina e dos produtos farmacêuticos. Não vou insistir neste ponto. Quero, apenas, focar as três dimensões da iatrogênese que ele denominada de iatrogênese clínica, de iatrogênese social e de iatrogênese estrutural.

Destas três, sublinho as duas últimas por achar que nelas completam de maneira decisiva a idéia da bioética extensiva ou social e, para esta reflexão, também, em relação ao envelhecimento.

Mais uma vez vou me omitir de interpretar as palavras de Illich, não por comodidade, mas por emprestar mais autenticidade ao debate sobre a bioética social. E, por muita felicidade encontrei uma passagem que se refere ao tema deste painel, embora não use o termo envelhecimento mas velhice. Vamos ao que ele diz: “Quitter sa famille, ou même le lit dans lequel on a dormi depuis une decennie, c'est pour le vieillard un facteur important de déclenchement des processus morbides. Encore plus

remarquables sont les études qui indiquent que la mortalité est supérieure dans le cas où le déclenchement de la maladie est associé à la séparation du domicile.” (Nêmesys Medicales p. 63)

A bioética social, portanto, vai além do envelhecimento como um fenômeno biológico, mesmo além da geriatria e da gerontologia, pelo menos como eu as entendo, talvez, erroneamente, para alcançar todas as dimensões da existência humana. Hoje sabemos que há fortes investimentos que contemplam o idoso sob múltiplos aspectos e formas. Não quero me deter neste assunto, mas não posso deixar de dizer que há momentos em que sou levado a relacionar todos esses movimentos em direção à terceira idade, com aquilo que Jean-Marie Brohm diz a respeito da glorificação do corpo na atualidade. Segundo Brohm, a apologia do corpo na cultura contemporânea não passa de uma sublimação e dessublimação ao mesmo tempo.

Por fim, quero acentuar mais uma vez que a bioética social se preocupa com todas as formas de exclusão social, seja em relação aos indivíduos, seja em relação a grupos e, mesmo, países.

Se, neste momento, uma conclusão parcial é possível, eu afirmaria com muita segurança que a bioética, entendida como respeito à auto-organização do ser vivo, somente será sustentável quando for construída sobre a teoria da autopoiese, sobre o paradigma da complexidade e sobre os princípios da ecologia. Um gesto que nos obriga, no mínimo, a rever as lógicas matematizadas e geometrizadas.

5. Bioética: Ciência ou arte – Ciência e arte

Ao me aproximar do final, com o objetivo de traçar algumas perspectivas, gostaria de perguntar: Seria possível construir uma bioética ultrapassando o modelo das ciências modernas? Possível, parece que sim. Resta saber se há interesse de fazê-lo.

Então vejamos o que nos ensinam os pensadores, cientistas ou não, a esse respeito. Inicialmente algumas constatações sobre o vazio ético. Haveria muitas, mas vou ater-me a duas, mais recentes. A primeira de Maturana: “Os seres humanos modernos vivemos em conflito, perdemos a confiança nas noções transcendentais que antes davam sentido à vida humana sob a forma de inspirações religiosas, e a ciência e a tecnologia, que nos ficam em troca, não nos dão o sentido espiritual que necessitamos para viver.” (Maturana, De Máquinas e seres vivos p. 32.) O sentido espiritual, a que se refere aqui Maturana, certamente, não é o espiritual religioso, mas no sentido do divino de Henri Atlan.

Einstein aponta um possível caminho ao mesmo tempo que sublinha o pecado de omissão. “A compreensão de outrem somente progredirá com a partilha de alegrias e sofrimentos. A atividade moral implica a educação destas impulsões profundas, e a religião se vê purificada de suas superstições. O terrível dilema da situação política explica-se por este pecado de omissão de nossa civilização. Sem cultura moral, nenhuma saída para os homens”. (Albert Einstein Mein Weltbild. Trad. Como Vejo o Mundo p. 25).

A seguir pretendo desenvolver as possibilidades de pensar a bioética. Encontrei em Einstein, a meu ver, a direção mais encorajante, mas fora das teorias que o consagraram como cientista. “A arte”, diz ele, “mais do que a ciência, pode desejar e esforçar-se por atingir o aperfeiçoamento moral e estético” (Id. *ibid.*) Feyerabend,

(historiador e filósofo das ciências), embora acredite na possibilidade da arte, apontada por Einstein, entretanto, parece duvidar de que haja vontade de assumi-la ao afirmar que: “O meu único temor é ver os cientistas, que sempre tentaram eliminar a poesia como incompatível com a realidade, dispor de meios ainda melhores para fazê-lo”. (p.102).

Nada de novo se acrescenta ao afirmar que a arte, sob suas diferentes formas, foi excluída dos modos de conhecimento científico e das práticas do agir produtivo. Apesar disso encontramos, em todos os tempos, pessoas que reivindicam para a arte um lugar entre os saberes.

É este ponto que vou aprofundar um pouco mais.

Quem estuda lógica, mesmo que seja só a formal, sabe que, há muito tempo, ela se tornou a base estrutural dos raciocínios científicos, e foi transformada no instrumento dos mais respeitáveis para a descrição dos sistemas lineares de causalidade. Um pequeno exemplo deste modelo mental linear: A só pode ser igual a A. Tudo o que não se ajusta a essa dinâmica fica excluído. Se surgir B em seqüência a A com uma determinada freqüência, conclui-se que B é efeito e que A é a causa. A seqüência poderia continuar assim: se A, depois B, se A e B, então C etc.

Embora esse modelo linear tenha sido consagrado pela sua eficácia mental e prática, segundo Gregory Bateson, (biólogo e antropólogo, morreu em 1980) “nunca ficou totalmente esclarecido se a lógica poderia ser utilizada para a descrição de padrões e eventos biológicos. De fato está bastante claro que ela é inaplicável, pelo menos na descrição de tais sistemas causais circulares e sistemas recursivos, porque vai gerar paradoxos”.(Conferência gravada por Gregory Bateson para a abertura inaugural do encontro anual da Lindisfarne Felows - Sociedade Lindisfarne dos Amigos da Ciência, em 9 julho de 1980. Não foi ao evento porque estava doente, tendo morrido cinco dias antes de iniciar).

Gregory Bateson segue uma lógica baseada num silogismo que os cientistas não aceitam. Na conferência, acima citada, ele se refere a dois silogismos: O primeiro, do tipo BARBARA, foi assim estruturado pelos gregos:

Os homens morrem.

Sócrates é homem.

Sócrates morre.

Esse foi privilegiado pelos cientistas modernos.

Mas há um segundo silogismo que tem o nome de “A afirmação do consequente”. Sua formulação é a seguinte:

A planta morre.

Os homens morrem.

Os homens são plantas.

Este segundo silogismo trabalha na equação e identificação dos predicados, ao contrário do primeiro, que se ocupa de classes de sujeitos e de sentenças.

Frente aos dois tipos de silogismo, Bateson declara: “O meu pensamento toma a forma do segundo tipo de seqüência e que seria aceitável se eu fosse um poeta, mas se torna imprevisível para ser usado por um biólogo”. E isto acontece porque, dizem os

contrários: “Esse é ruim, permite vazamentos, não é bom para uso em testes, Não é uma lógica aceitável”. Um crítico de Bateson, von Domarus, declarou que “isso era ruim, e era a maneira como os poetas pensavam, era a maneira como os esquizofrênicos pensavam, e nós deveríamos evita-la”. (Os Homens são como a Planta. In GAIA: uma teoria do conhecimento, Org, por William Irwin Thompson, p. 42)

A tais críticos, Bateson responde: “conquanto o ‘silogismo planta’ nem sempre aceitável do ponto de vista da lógica, ele deve ser uma contribuição bastante útil para os princípios da vida. A vida, provavelmente, nem sempre estará interessada em saber o que é logicamente aceitável. Eu ficaria realmente surpreso se ela estivesse”. (id.ibid.)

Neste contexto, acredito, caberia voltar a citar com muita propriedade Henri Atlan com sua dupla metodologia de pesquisa. Uma investigação baseada na tradição talmúdica que tem por objetivo, segundo ele, o conhecimento da estrutura do Universo, que não quer identifica-la com as tradições espiritualistas. Nela é contemplada a idéia do divino, mas, sublinha ele, com uma função precisa, diferente daquilo que a consciência religiosa imagina. A outra é a investigação através do método experimental científico. O mérito da investigação talmúdica consistiria em permitir “colocar e recolocar os problemas da significação da estrutura do universo relativamente ao homem, a sua vida interior e social.” (Cf. Entrevista in Do Caos à Inteligência Artificial p. 52-53).

Depois destas rápidas referências de autores, um ponto fica evidente, a vida é um fenômeno que as ciências exatas não conseguem abranger. Segundo Henri Bergson: “a inteligência racional é um instrumento de conhecimento especialmente adaptado ao domínio da matéria inerte, mas totalmente incapaz de apreender os fenômenos da vida. Só o instinto, consubstancial ao elan vital, pode oferecer uma intuição direta e global deles” (Bérgson apud Monod p. 38)

Os elementos que escapam são exatamente aqueles que o viver manifesta. O primeiro e o mais importante é o processo evolutivo manifesto na capacidade de auto-criação. Henri Bergson publicou em 1907 sua obra *L’Évolution Créatrice*, no capítulo dois, descreve longamente as direções divergentes da evolução da vida, onde, além de mostrar que não há teleonomia, afirma que “o homem é o estágio supremo a que a evolução chegou, mas sem tê-lo procurado ou previsto. É muito mais a manifestação e a prova da total liberdade do elan vital”. (*L’Évolution Créatrice* p. 99-186). Idéia que reaparece em Henri Atlan com a teoria do acaso organizador.

O segundo elemento que o processo homogeneizante das ciências não consegue controlar é o da diversidade biológica. Além de não controlar parece que suas intervenções seguem o caminho inverso, o da homogeneidade. Albert Jacquart, Engenheiro politécnico, diretor de genética do Institut National d’Études Démographique (INED), proclama com muita ênfase que “a nossa riqueza coletiva é constituída por nossa diversidade, o outro, indivíduo ou sociedade, é precioso para nós na medida em que é diferente de nós. Pois entre os homens, entre as populações, não há desigualdade, mas diferença, complementariedade mesmo. Já dizia Saint-Exupéry que ‘Se defiro de ti, longe de te fazer mal, torno-te maior’”. (A. Jacquart, Entrevista In, *Do Caos à Inteligência Artificial*, p. 144)

Para completar esse esforço em direção à arte, vou arriscar um passo mais arrojado, talvez muito menos válido cientificamente, que consistiria numa aproximação dos procedimentos de Henri-Cartier Bresson, o consagrado fotógrafo mundialmente conhecido, há pouco falecido. Como dizem os analistas de sua obra, ele

fotografava o “momento decisivo”. E ele conseguia detectar esse momento decisivo, porque “ele sabia ver”. E para saber ver, é preciso que o espectador consiga saber ver o momento de se fazer presente. Se deixar ver. E isto pertence ao poder da intuição. Há aqueles que pensam que se valendo de altas tecnologias podem intervir na realidade, mas lhes falta a capacidade de ver o “momento decisivo” que exige sua presença. Descobrir o momento luminoso de uma realidade supostamente opaca. Cristiano Mascaro, um discípulo de Bresson diz: “Se você vê, você tem a imagem, seja com uma digital, uma analógica ou uma lata de leite ninho furada”. (Entrevista a Carta Capital 11.08.2004 p. 21).

Para concluir essa minha reflexão, vou recorrer a três imagens através de transparências. A interpretação é livre, mas eu suponho que possa utiliza-las como seqüência da minha exposição, especialmente para dizer que julgo falsa a oposição de que a bioética ou é ciência ou é arte, e que sustento a tese de que ela pode ser a síntese da ciência e da arte. Portanto, ela é ciência e arte.

A primeira mostra uma cirurgia intra-uterina. O feto estende a mãozinha pela incisão e agarra o dedo do cirurgião. O que significa? Muitas coisas. Eu diria que a vida aceita o auxílio da técnica, mas pede para exercer o controle sobre essa intervenção externa.

Essa primeira imagem julgo explicitá-la com mais clareza na segunda imagem. Aqui temos duas mãos, uma mecânica, a outra viva, de carne e osso. Significa, na minha compreensão, o encontro necessário entre a técnica e a vida como dinâmicas complementares. Juntas produzem o ponto luminoso, talvez, idêntico ao “momento luminoso” que Bresson conseguia pela fotografia: graças à técnica da máquina e a expressão da realidade, mas que somente acontece se alguém souber ver.

A conseqüência do ponto luminoso da imagem anterior, e do encontro da técnica e da vida na primeira imagem, seria esta terceira imagem: O rosto da bailarina Toni Petzold com seu rosto ornado de rugas e iluminado pela vivacidade dos olhos e, sobretudo, do seu olhar.

Silvion Santin

Santa Maria, 22 de agosto de 2004.